MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

ANAIS

DA

BIBLIOTECA NACIONAL

DO

RIO DE JANEIRO

PUBLICADOS SOB A ADMINISTRAÇÃO

DO

DIRETOR

RODOLFO GARCIA

Litterarum seu librorum negotium concludimus hominis esse vitam.
(Philobiblion. Cap. XVI).

1938

VOLUME LX

SERVIÇO GRÁFICO DO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
RIO DE JANEIRO
1940

ANAIS

DA

BIBLIOTECA NACIONAL

RIO DE JANEIRO

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

ANAIS

DA

BIBLIOTECA NACIONAL

DO

RIO DE JANEIRO

PUBLICADOS SOB A ADMINISTRAÇÃO

DO

DIRETOR

RODOLFO GARCIA

Litterarum seu librorum negotium concludimus hominis esse vitam.
(Philobiblion. Cap. XVI).

1938

VOLUME LX

SUMÁRIO: Maria Graham no Brasil: — I — Correspondência entre Maria Graham e a Imperatriz Dona Leopoldina e cartas anexas. II — Escorço biográfico de Dom Pedro I, com uma notícia do Brasil e do Rio de Janeiro. — Diário do Capelão da esquadra de Lord Cochrane, Frei Manoel Moreira da Paixão e Dores. — Autos de exame e averiguação sobre o autor de uma carta anônima escrita ao Juiz de Fora do Rio de Janeiro, Dr. Baltazar da Silva Lisboa (1793). — Índice dos Anais da Biblioteca Nacional. Relatório da Diretoria.

SERVIÇO GRÁFICO DO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
RIO DE JANEIRO
1940

MARIA GRAHAM NO BRASIL

EXPLICAÇÃO

Por diligência do prestimoso Sr. Erich Eichner, da Livraria Kosmos, desta Capital, adquiriu a Biblioteca Nacional, em 1938, do Sr. Walter T. Spencer, Livreiro-antiquário de Londres, uma parte do espólio literário e artístico de Maria Graham, constante da correspondência epistolar entre ela e a Imperatriz Maria Leopoldina, acompanhada de algumas cartas do Barão de Mareschal, de Sir Charles Stuart, de Sir Robert Gordon, e outros mais; de um escorço biográfico do Imperador D. Pedro I, e de sessenta e uma pequenas aquarelas de sua autoria, representando aspetos, tipos e costumes do Brasil.

Essa feliz aquisição proporciona aos *Anais da Biblioteca* a oportunidade de inserir no presente volume a Correspondência e o Escorço biográfico, que são escritos absolutamente inéditos e de particular interesse para a história dos primórdios do Brasil independente.

Da tradução para o vernáculo encarregou-se gentilmente o jovem e ilustrado Professor Américo Jacobina Lacombe, Diretor da Casa Rui Barbosa, que se desempenhou da tarefa com o zelo e a inteligência que todos lhe reconhecem, oferecendo uma versão tão elegante e fiel quanto era justo exigir.

Maria Dundas, pelo primeiro casamento Maria Graham e pelo segundo Lady Callcott, nasceu em Papcastle, perto de Cockermouth, Inglaterra, em 19 de junho de 1785. Seu pai,

George Dundas, era Vice-almirante e Comissário do Almirantado britânico. Desde criança revelou Maria Dundas inteligência, muita aplicação aos estudos e acentuado interesse pelas narrativas de viagens, — informa um dos seus biógrafos. Com tais disposições de espírito recebeu excelente instrução, consolidada pela convivência que mantinha com literatos e artistas, como Rogers, Thomas Campbell, Lawrence e outros, que frequentavam como hóspedes a residência de seu tio Sir David Dundas, em Richmond.

Aos vinte e dois anos, nos princípios de 1808, em companhia de seu pai, empreendeu a sua primeira grande viagem a India. No ano seguinte contraiu matrimônio com o Capitão Thomas Graham, da Marinha de guerra inglesa, e logo depois, com o marido, fez outra viagem à volta do Continente indiano. Estavam de regresso a Inglaterra em 1811, e passaram algum tempo na Itália em 1819.

A bordo da Fragata *Doris*, que o Capitão Graham comandava, vieram para a América do Sul em 1821. Nessa ocasião Maria Graham visitou Pernambuco, Baía e Rio de Janeiro; de 21 de Setembro a 14 de Outubro, enquanto a Fragata esteve no porto do Recife, foi hóspede do Governador Luiz do Rego Barreto, assistiu as primeiras lutas constitucionais, — a organização e vitória da junta de Goiana. Luiz do Rego era casado com uma filha do Visconde do Rio-Seco, figura preeminente na Corte do Rio de Janeiro; a viajante teria conhecido aquela senhora, e esse conhecimento valeria depois para aproxima-la da Imperatriz Leopoldina, por intermedio da Viscondessa.

Maria Graham chegou ao Rio em 15 de Dezembro de 1821. Nas *Noticias Marítimas*, da *Gazeta do Rio de Janeiro*, de 20 do mesmo mês, lê-se: — "Entradas. Dia 15 do corrente: Bahia, 7 dias, F. ingl. *Doris*, Com. Graham". A 24 de Janeiro de 1822, saía a Fragata para a Baía, e voltava a 24 de Fevereiro; a 10 de Março zarpava de novo a cruzar e rumava para o Sul. Em Abril, na altura do Cabo de Horn, fa-

lecia o Capitão Graham; sua viuva recolhia-se a Valparaiso, onde estava Lord Cochrane, ao serviço do Chile, para em seguida passar ao do Brasil. Das *Notícias Marítimas* do *Diário do Governo*. de 15 de Março de 1823, consta: — "Entradas. Dia 13 do corrente: Valparaiso, 60 dias, B. ingl. *Colonel Allan*, M. Bartholomew, equipagem 8, carga carne salgada, a May & Lukin; passageiros Lord Cochrane com 6 criados, 11 officiaes Ingleses e Hespanhóes, e 1 mulher". Essa mulher era Maria Graham. Um dos oficiais ingleses era seu primo, Glennie, chamava-se; vinha gravemente enfermo e sob seus cuidados; com ele desembarcou no dia 15, e esteve a princípio na casa de Sir Thomas Hardy, até que May, da firma May & Lukin, lhe arranjou uma casa no Morro da Glória, perto da sua e não muito longe da que o governo havia posto temporariamente à disposição de Lord Cochrane. A 22 de Março já se achava instalada em sua casa; o primo doente, a 15 de Abril, já estava restabelecido e recebia ordem para juntar-se ao Chefe da Divisão naval na Baía.

Nessa segunda estadia no Rio de Janeiro, que demorou até Outubro de 1823, Maria Graham viveu em contacto com a melhor sociedade fluminense, que a recebia em seu seio com distinção e simpatia. Foi nessa situação que, por intermédio de seu compatriota Sir Thomas Hardy e da Viscondessa do Rio-Seco, ofereceu seus serviços à Imperatriz D. Leopoldina para governante da princezinha D. Maria da Glória, com o desejo expresso de ir a Inglaterra antes de assumir o encargo. O oferecimento foi imediatamente aceito pela Imperatriz, e o Imperador não poz dúvida em permitir a viagem à Inglaterra. Em 23 de Outubro, a bordo do Paquete inglês *Chichester*, Comandante William Karkney, com destino a Falmouth, tomou passagem Maria Graham, como se lê nas *Notícias Marítimas* do *Diário do Governo*, de 27 do mesmo mês e ano. Até meados de Julho de 1824 ficou na Inglaterra. Em 4 de Setembro chegava de novo ao Rio de Janeiro, a bordo do Paquete inglês *Reynald*, Comandante Mora, saido de

Falmouth pela Madeira, Tenerife, Pernambuco e Baía, com cincoenta dias de viagem, de Pernambuco quinze, e da Baía seis, como consta das mesmas *Notícias do Diário* de 7 de Setembro.

Em Pernambuco encontrou o porto bloqueado pela Esquadra Imperial comandada por Lord Cochrane, por motivo da Confederação do Equador. O Almirante, sabendo de sua presença no Recife, foi visita-la e almoçar com ela a bordo, encarregando-a de entender-se em terra, onde ia hospedar-se em casa do inglês Stewarts, com Manuel de Carvalho Paes de Andrade, chefe da Rebelião, no sentido de aconselha-lo a submeter-se ao governo do Imperador. Maria Graham, da primeira vês que esteve em Pernambuco, havia travado conhecimento com Manuel de Carvalho, cavaleiro educado na Inglaterra, e que falava bem a lingua inglesa.

Oliveira Lima, em artigo sob o título *Mrs. Graham e a Confederação do Equador*, na *Revista do Instituto Arqueológico Pernambucano*, vol. XII, ps. 306/310, Recife, 1907, documentado em notas inéditas deixadas pela viajante, dá conta de seus trabalhos para cumprir concienciosamente a missão de que fôra incumbida. Procurou convencer o chefe rebelde a ceder de sua empresa, uma vês que as forças legais eram absolutamente superiores às suas, fazendo-lhe ver que do conflito só podiam resultar "a derrota e a miséria, e um desperdício de vidas humanas, que eu estava segura de que ele e qualquer homem de bem devia desejar evitar".

"Disse-lhe (resam as notas) que sem embargo da sentença antecipadamente pronunciada contra ele e seus partidários, das proclamações espalhadas pelo exército, ela contava como certo que se Manuel de Carvalho confiasse no Almirante poderia ter por garantidas a salvação e a fuga de todos".

"E' mais que provavel (comenta Oliveira Lima) que a emissária não fizesse mais do que repetir o que pensava o Marquês do Maranhão, pouco afeiçoado por temperamento e educação a represálias políticas de tal natureza, que por de-

mais repugnavam à sua qualidade de estrangeiro. Se o conselho houvesse sido seguido, o primeiro Reinado teria poupado aos seus anais uma página cruel de repressão, que nunca ofereceu o segundo Reinado".

Maria Graham recorda que Manuel de Carvalho se fizera rebelde em consequência da dissolução da Assembléia Constituinte, ocorrida "quando ele aconselhava o Imperador, em proclamações e outros documentos públicos, a excluir de seu conselho e valimento todos os Portugueses europeus, e a modelar uma Constituição liberal com a assistência da Assembléia Constituinte. Entretanto, a dissolução da Assembléia, de modo arbitrário, veio exacerbar os sentimentos do partido a tal gráu que o poz fóra dos eixos, e acabou com toda deferência para com o Imperador. Este e seu poder entravam a ser desafiados, ao mesmo tempo que eram chamadas as Províncias vizinhas a ajudar os Pernambucanos na defesa de seus direitos de homens e de cidadãos".

D. Pedro I (observa Maria Graham) era geralmente tido por português, e a situação imperial não aparecia muito lisongeira, com a espectativa de adesão das Províncias do Norte à causa republicana federativa : José Pereira Filgueiras marchava do Ceará, segundo no Recife avisavam à viajante ; a Paraiba estava sob o influxo da força democrática de Goiana, e o Piauí manifestava-se bem disposto a favor da revolução.

Foi em 20 de Agosto de 1824 que Maria Graham teve sua segunda entrevista com Manuel de Carvalho, "esperando que as minhas representações pudessem ainda poupar o derramamento de sangue". O presidente da Confederação do Equador recebeu-a muito amavelmente, apresentou-lhe as filhas, fez servir frutas e vinho, e comunicou-lhe suas esperanças, referindo-se às suas forças, — tropa, na expressão da visitante, composta em parte de meninos de dez anos e de negros de cabeça branca — "afirmando que jamais cederia diante do poder central, a não ser que a *mesma* Assembléia

Constituinte fosse convocada de novo, não, porém, no Rio de Janeiro, mas em qualquer outro lugar, fóra do alcance dos regimentos imperiais. Ele, pessoalmente, achava-se resolvido a tornar o Brasil livre, ou a morrer no campo da Glória (sic)".

"Tomei a liberdade (continua Maria Graham) de contradize-lo e mostrar-lhe quão imprudente havia sido a Assembléia, e como cabia ao Soberano o direito de dissolve-la, pela circumstância de declarar-se ela permanente. Nossa conversação versou longamente sobre política abstrata".

Não deixou Maria Graham de apontar os riscos que corria o chefe da rebelião, e as grandes e graves responsabilidades que assumira, ao que Manuel de Carvalho se mostrou sensivel, conforme ela relata, declarando que se visse perdida a causa que encarnava, se colocaria nas mãos de Lord Cochrane, e em tal situação se julgaria seguro. Acrescenta a medianeira que deixou Manuel de Carvalho com um sentimento de pena. Ao regressar para bordo, procurou-a de novo o Almirante, a saber dos resultados de suas entrevistas; disse-lhe ella quanto se passara, mostrou-lhe as gazetas e proclamações que trouxera de terra, e nas quais Frei Caneca deixava transbordar seu lirismo republicano, seu ardor antidinástico, e desenganou-o de alcançar uma solução pacífica do movimento. "Almirante e escritora (escreve Oliveira Lima) jantaram juntos em frente ao Recife, percorrido pelos troços maltrapilhos de Manuel de Carvalho; palestraram horas, recordaram a luta da independência do Pacífico, em que ele fôra ator e ela espectadora, e cada um seguiu seu rumo: Mrs. Graham para o Rio, onde a chamara tão honroso convite, Lord Cochrane para sua náu capitânea, a preparar-se para um ataque que desejaria poupar".

Com outros pormenores, Maria Graham conta, no Escorço Biográfico agora publicado, uma das entrevistas que teve com Manuel de Carvalho, em conselho e cercado do povo, para não ser suspeitado de comunicações secretas.

Havia sido espalhada, poucos dias antes, uma proclamação imperial em termos severos, que se acreditava ter sido redigida por Lord Cochrane, e causara grande alarme, principalmente pela ameaça de fazer afundar jangadas carregadas de pedras no único canal que dava acesso ao porto, e desse modo arruinar o comércio da praça. Manuel de Carvalho ingadou dela se o Almirante era capaz de praticar tal crueldade, ao que respondeu que estando ele ao serviço de Sua Magestade o Imperador, dirigindo a guerra por mar, não tinha dúvida em que havia de executar todas as ordens e em realizar todas as ameaças, a não ser que as condições em que a Cidade pudesse ser poupada fossem cumpridas. Todo o conselho exclamou que isso nunca se daria. Manuel de Carvalho, quando ela ia despedir-se, disse-lhe em particular que não estava certo de que talvês para o futuro seus concidadãos não achassem necessário aceitar as propostas do Imperador, sendo uma das primeiras a sua entrega; quanto a ele, estava satisfeito de sofrer por uma boa causa. Mas que era filho de uma mãi idosa e pai de duas filhas orfãs de mãi, e que suplicava, no caso de lhes faltar sua proteção, que empregasse qualquer influência que pudesse ter junto a Lord Cochrane para recomendá-las à sua misericórdia. Maria Graham prometeu prontamente, certa, porém, de que tal recomendação era desnecessária, porque talvês jamais tivesse existido comandante tão terrivel para o inimigo antes da vitória, como tão misericordoso após ela.

Saindo de Pernambuco, o *Reynald* parou na Baía por algumas horas somente, para aportar ao Rio seis dias depois, a 4 de Setembro, como ficou dito. No Rio Maria Graham dirigiu-se logo que desembarcou ao Paço de São Cristóvão, onde a primeira pessoa que encontrou, ao transpor o portão, foi o próprio Imperador, de chinelos sem meias, calças e casaco de algodão listado, e um chapéo de palha forrado e amarrado de verde; recebeu-a agradavelmente, conversou um pouco, e indicou-lhe como havia de ver a Imperatriz, subindo

à varanda, onde devia estar um camarista de serviço, que a conduziria aos aposentos de Sua Magestade. Acolhida como amiga, perguntou logo a Imperatriz se não havia recebido em Londres uma carta sua, em que a induzia a adiar a viagem, em vista do propósito do novo Ministério, ao qual estava inclinado o Imperador, de fazer o casamento de D. Maria da Glória com seu tio D. Miguel, projeto que ela não apreciava, principalmente pelo parentesco próximo entre as partes. Por isso, considerando o tempo que deveria decorrer até à conclusão do negócio, havia escrito naquele sentido, julgando que talvês no ano seguinte a Princesa pudesse ir para Portugal, e que se a chegada fosse adiada até às proximidades de sua partida, ela confiaria com prazer sua filha aos cuidados da governante, acostumada às viagens por mar. Parecia que duvidava da possibilidade de manda-la à Europa, quando já tivesse assumido o cargo de governante das quatro princesinhas. Essa carta Maria Graham não recebera.

Instalada no Paço, melhor será deixar à Autora a narrativa singela e plausibilíssima dos dias melancólicos e atormentados que ali passou, a sofrer as hostilidades e as impertinências daquela côrte grosseira, mal-educada, mexeriqueira e *intrigante*. Ela era a segunda *estrangeira* : a primeira era a Imperatriz ; tambem somente dela recebia demonstrações de civilidade e simpatia. Do Barbeiro Plácido (Plácido Antônio Pereira de Abreu, *factotum* do Imperador, seu confidente, alem de mordomo e tesoureiro da Casa Imperial, diretor da Cozinha e almoxarife da Casa das Obras, que com todos esses empregos figura na lista dos criados do Paço), teve desde o princípio surda oposição, agravada depois pelo fato de não ter consentido que, à noite, ele e outros amigos subissem pelas escadas particulares à ante-câmara da Princesa, quando ela estivesse na cama, para ali poderem jogar cartas confortavelmente. Quando na manhã seguinte contou a Imperatriz esse incidente, ela elogiou e agradeceu sua conduta,

mas sacudiu a cabeça, dizendo que daí por diante deveria contar como inimiga toda aquela súcia ; e assim aconteceu. Desde aquele dia não mais viu as damas, senão raramente, e quando as encontrava, mostravam-se insolentes, malcriadas e zombeteiras.

Outros incidentes desagradaveis se deram. O Barbeiro e as damas tramavam contra a governante e haviam de leva-la de vencida. Uma delas, que dispunha de influência sobre o Imperador, foi escolhida para instrumento de vingança comum : certo dia irrompeu pelo quarto imperial, chorosa e desgrenhada, para interpelar a D. Pedro se era justo que aquelas que tinham deixado suas famílias e lares felizes em Portugal para acompanhar a família dos Braganças, estivessem sendo consideradas como criadas, enquanto estrangeiros, que não tinham ligações com a família real, e cuja capacidade de falar diversas línguas poderia facilitar-lhes a cabala contra os interesses de Sua Magestade, já que nenhum dos fiéis aderentes podia saber o que diziam, fossem tratados como grandes personagens, e tivessem permissão para dar ordens aos velhos servidores da família. O Imperador, que dormia a sesta, saltou do leito num paroxismo de aborrecimento, e quiz saber por que motivo havia ela ousado perturba-lo ; a resposta foi que ela e todas as antigas damas, inclusive sua velha ama, estavam dispostas a deixar o Paço e a recolher-se a Lisboa; a causa era que a governante inglesa havia tomado a si tiranizar a herdeira do trono, pois havia até se sentado no lugar de honra numa das carruagens imperiais, e os preceitos que inculcava à Princesa eram destinados a faze-la esquecer a diferença entre seu sangue real e o do mais despresivel de seus súditos. O Imperador, impulsivo como era, exclamou : — "Que ela sáia imediatamente do Paço ! Não quero minha família abalada, nem meus velhos aderentes afrontados, nem os herdeiros de minha casa insultados !"

Um recado verbal, objetou a dama, não teria efeito sobre a vaidade da governante, mesmo que fosse transmitido pelo Plácido. O Imperador pediu então pena, tinta e papel,

e escreveu uma carta lastimavel, que fez a Imperatriz entregar à suposta culpada. D. Leopoldina, com muitas lágrimas, desempenhou-se da ingrata missão, e combinou com a amiga os termos da resposta, que foi altiva e digna.

Assim deixou Maria Graham o lugar de governante da Princesa, ocupado por pouco mais de um mês, de 5 de Setembro a 10 de Outubro de 1824, em que se deu o estranho rompimento. Ainda nessa ocasião procurou o Barbeiro afligi-la com pequenas pirraças, fazendo sequestrar suas bagagens na Alfândega e sonegando-lhe em proveito próprio os ordenados devidos.

A Imperatriz lamentou a separação, que para ela foi enorme sacrifício; Mareschal escreveu-lhe: — "Não poderieis ser feliz no Rio de Janeiro, porque estaveis numa falsa posição, da qual devieis apressar-vos em sair".

Maria Graham permaneceu no Rio até Setembro de 1825, a princípio na rua dos Pescadores, e ultimamente nas Larangeiras, em correspondência epistolar com a Imperatriz, que continuou após seu embarque para a Europa. Nesse tempo algumas veses encontrou-se com o Imperador, que a tratava com a maior delicadesa, como se nada houvesse acontecido entre ambos. Só uma vês voltou à presença da Imperatriz, no Paço da Cidade, a um seu chamado urgente para negócio importante. Recebendo esse chamado pela manhã, partiu de caleça pela hora marcada; ao chegar à Cidade, o cocheiro, guiando o carro desastradamente, atirou-o de encontro a escada de um convento, o da Ajuda, talvês, quebrando-o em pedaços e atirando a passageira do outro lado da rua; na queda, sobre o pulso da mão esquerda, teve pequena fratura. Socorrida prontamente e com o braço bandado, partiu para o Palácio, onde a esperava a Imperatriz, que se mostrou assustada com o estado da visitante até que esta pudesse explicar o que lhe acontecera. Entrou logo no assunto para que a chamara. Queixou-se "de que os Ministros eram todos Portugueses de coração; que seus interesses comerciais, quasi idênticos aos de Portugal, os tornavam tímidos

quanto aos resultados da guerra naval em curso no Norte; que as propriedades confiscadas como presas de guerra, dos velhos Portugueses, eram geralmente, de fato, se não a metade, de Brasileiros, e ainda que os Ministros se envergonhassem de alegar isso como razão de friesa com que olhavam o sucesso da Esquadra no Maranhão e Pará, não poderia haver dúvida quanto aos seus sentimentos com relação ao presente estado".

O plano dos Ministros (revelou a Imperatriz) era, em primeiro lugar, a devolução das presas, com indenização pelos danos causados no curso da guerra. Os chefes da Esquadra, depois disso, deveriam ser declarados traidores, por terem atacado as propriedades de súditos de D. João VI, protestando-se que as ordens haviam sido dadas simplesmente para vigiar as costas; suas propriedades seriam confiscadas e eles aprisionados ou submetidos a punição. Esse plano correspondia a dois fins, que os Ministros tinham em mente: agradar a Rainha de Portugal, D. Carlota Joaquina, e verem-se livres de estrangeiros, cuja presença lhes era uma dôr e um agravo, alem de aliviar o tesouro do Brasil de uma quantia que teriam prazer em recolher. Em suma, o que a Imperatriz queria da amiga era que escrevesse a Lord Cochrane, prevenindo-o do que se passava. Maria Graham prometeu faze-lo e naquela mesma noite, apesar das dores que sofria, cumpriu a promessa. D. Leopoldina escreveu-lhe depois: — "Fico socegada, e cai-me um grande peso do coração por saber que fizestes chegar a vossa opinião ao vosso insuperavel e respeitavel compatriota, o qual, creio que infelizmente só tarde de mais será estimado como merece. Ao menos fica-me, a mim, a satisfação de não te-lo jamais prejudicado".

A carta teve portador seguro, o Capitão Grenfell; Lord Cochrane devia recebe-la, e isso explica por que sem mais formalidades se retirou do serviço do Brasil, embarcando no navio do Capitão Shepherd para a Inglaterra.

Pelo que pudesse acontecer aos dois oficiais, interessou-se Maria Graham junto a Imperatriz e a Mareschal. Foi este

quem primeiro a tranquilizou, escrevendo-lhe que seus desejos quanto a Shepherd e oficiais da *Piranga* tinham sido atendidos, já que ele conservou o comando daquela unidade; quanto a Lord Cochrane, falava-se aqui nele tanto quanto se jamais houvesse existido, o que provava que não havia ressentimentos. De Grenfell transmitia a notícia de que ia se distinguindo: recebera mais um posto e uma condecoração, isso por 1828. Ainda sobre Shepherd, escrevia a Imperatriz: — "Estou à vontade para poder certificar-vos que o bom Shepherd foi aproveitado no mesmo posto em que o Marquês o enviou".

Nas Larangeiras, Maria Graham enchia suas horas trabalhando: escrevia, pintava e herborizava pelas matas em redor. E' desse tempo a interessante introdução que redigiu para o livro *Voyage of H. M. S. "Blonde", to the Sandwich Islands in the years* 1824-25, London, 1827, in-4, por pedido de Lord Byron, que era o comandante daquele navio. E' ainda do mesmo periodo a excursão que fez a uma fazenda do Macacú, da qual deixou uma bela descrição, com interessantes observações botânicas nas páginas *infra*.

A 10 de Setembro de 1825 Maria Graham retirou-se definitivamente do Brasil. Nas *Notícias Marítimas* do *Diário Fluminense* de 13, lê-se: — "Saidas. Dia 10 do corrente: Portsmouth, F. Ingl. *Sibilia*, M. James Corbitte, passageira a Ingl. Maria Graham, com Passaporte da Secretaria de Estado dos Negócios Estrangeiros".

De Londres continuou a escrever a D. Leopoldina. Mareschal era o medianeiro da correspondência entre sua augusta compatriota e sua amiga inglesa. A última carta daquela é de 22 de Outubro de 1826 e a última desta é de 2 de Novembro do mesmo ano, que não chegou a ser entregue pelo falecimento da destinatária, ocorrido a 11 de Dezembro; devolveu-a, bem como a anterior, de 17 de Setembro, o Ministro austríaco, que traçou este rápido necrológio da Imperatriz: — "Sua morte foi chorada sincera e unanimemente. Ela deixa um vácuo perigoso..."

Nessa carta de 2 de Novembro Maria Graham participava a sua imperial amiga que estava resolvida a convolar para novas núpcias, com um pintor, Augustus Callcott, que a amava há muito tempo; estava cançada de viver só neste mundo. Seus parentes clamavam pela *mésalliance*, mas classificava-os de tolos, "como se um honesto nascimento e talentos superiores, com probidade e vontade, não valessem mais que o privilégio de dizer-se prima, em não sei que gráu, de certos Lords, que não se incomodavam comigo mais do que com a rainha dos peixes!" Mareschal alegrou-se com a notícia e com ela congratulou-se espirituosamente: "Fizestes muito bem, muito bem mesmo. O homem não foi feito para viver só, e a mulher ainda menos. De minha parte desejo-vos toda a prosperidade e felicidade possiveis". O casamento realizou-se a 20 de Fevereiro de 1827, quadragésimo oitavo aniversário natalício de Callcott, que nascera em 1779; em Kensington Gravel Pits. O noivo estudou pintura na Academia Real e começou sua carreira artística como pintor de retratos, sob a direção do célebre Hoppner. O primeiro quadro que expoz foi o retrato de Miss Roberts, em 1799, e o sucesso obtido na Academia foi decisivo para a escolha de sua profissão. Tornou-se pintor famoso; visitou a França, Espanha, Holanda e, depois de casado, a Itália; com a ascensão da Rainha Vitória ao trono da Inglaterra, em 1837, teve o título de Cavaleiro e logo depois foi nomeado conservador das Coleções Reais. Seus principais quadros são: *Vista do Tamisa cheio de navios, Vista de Pisa, Vista do Norte da Espanha, Vista do Escalda perto de Antuérpia*, etc. Em 1837 expoz o quadro *Rafael e a Fornarina*, fóra de seus assuntos habituais, com personagens em tamanho natural, e acabado com grande esmero, o qual foi gravado por Lumbs Stocks para a London Art Union, em 1843. Sua produção artística é consideravel, composta de avultado número de retratos de personagens da alta sociedade inglesa, muitas paisagens a óleo, *sketches* em aquarelas, etc. Depois da viagem

à Itália o casal fixou-se em Kensington Gravel Pits, onde a morte os colheu, ela em 28 de Novembro de 1842, ele dois anos depois, menos tres dias, em 25 de Novembro de 1844. Foram ambos sepultados no Cemitério de Kensal Green.

A bibliografia de Maria Graham é bastante volumosa e interessante; podem ser aqui arroladas as seguintes obras de sua autoria:

— *Journal of a Residence in India*. Illustrated by engravings. — Edinburg, G. Ramsay and C°, 1812, in-4. — 2ª edição, 1813. — Tradução francesa por A. Duponchel, in *Nouvelle Bibliothéque des Voyages*, vol. X, 1841.

— *Letters on India*. — With etchings and a map. — London, Longman, Hurst, Rees, Orme and Brown, 1814, in-8.

— *Three months passed in the Mountains east of Rome during the year* 1819. — London, Longman, Hurst, Rees, Orme and Brown, 1820, in-8 — 2ª edição, 1821.

— *Journal of a Residence in Chili during the year* 1822, *and a Voyage from to Brazil in* 1823. — London, Longman, Hurst, Rees, Orme and Brown, 1823, in-4. — Tradução castelhana por José Valenzuela. Santiago, Imprenta Cervantes, 1902, in-8.

— *Journal of a Voyage to Brazil and Residence there during Part of the years* 1821, 1822, *and* 1923. — London, Longman, Hurst, Rees, Orme and Green, 1824, in-4.

— *Voyage of H. M. S. "Blonde", to the Sandwich Islands in the years* 1824-25. *with an Introduction by Maria Graham*, London, 1827, in-4.

Alem desses livros de viagens, Maria Graham compoz várias obras de literatura infantil, que tiveram largo sucesso, e fez muitas traduções do Francês. Entre aquelas a mais conhecida é a *Little Arthur's History of England*, primeiro publicada em 1835, em dois volumes, sob as iniciais M. C., e repetidas vezes reeditada.

A citar ainda :

— *Memoirs of the Life of Nicholes Poussin*, tradução do Francês, de De Rocca. London, 1820, in-8.

— *History of Spain*. — London, 1828, in-8.

E mais :

— Uma carta à Sociedade de Geologia a respeito do terremoto de que foi testemunha no Chile, em 1822.

— Uma descrição da Capela di Giotto, em Pádua, com desenhos de Sir Augustus Callcott, em 1835.

— *Essays towards the History of Printing*, 1836.

— Prefácio a *Seven ages of Man* (Coleção de Desenhos de Sir Callcott), 1840.

— *The little Brackenburners and little Mary's from Saturdays*, 1841.

— *A Scripture Herbal*, 1842.

Maria Graham figura entre os coletores da *Flora Brasiliensis*, de Martius, com a lista de seus trabalhos botânicos e o itinerário de suas herborizações, que abrangeram em 1821 Pernambuco, Baía e Rio de Janeiro, e em 1823 Rio de Janeiro, caminho para Santa Cruz, *op. cit.*, vol. I, parte I, ps. 30. Não se mencionam aí as suas contribuições de 1824 e 1825, ainda no Rio de Janeiro, Larangeiras e fazenda do Macacú, de que há noticia no escrito agora publicado.

O Escorço biográfico de D. Pedro I foi começado logo após a morte desse monarca, em 24 de Setembro de 1834, e concluido em Julho do ano seguinte. E' antes uma memória ou narrativa de sua permanência no Brasil, principalmente do que diz respeito às pessoas do Imperador, de sua primeira e admiravel mulher e de sua filhinha primogênita.

A avaliar pelos trechos cancelados no manuscrito, é de supôr que aquela memória não tivesse alcançado redação definitiva, com a disposição das matérias que devia prevalecer e a divisão em capítulos que se fazia necessária. Ainda assim a escritora era tão senhora de sua arte, que a obra lhe saiu perfeita. São páginas de formoso acabado, que mesmo vertidas para outra língua, como foram fielmente, demostram de modo flagrante o fino lavôr da primitiva escrita.

D. Pedro ela descreve como um temperamento sujeito a explosões repentinas de paixão violenta, logo sucedidas por uma generosa e franca delicadesa, pronta a fazer mais do que o necessário para desmanchar o mal que pudesse ter feito, ou a dôr que pudesse ter causado nos momentos de raiva. A natureza dotara-o de fortes paixões e de grandes qualidades. As circunstâncias revelaram estas, mas nem a educação, nem a experiência, quando sua conduta, como principe soberano, se tornou importante aos olhos do velho e do novo mundo, conseguiu domar as outras. O seu *casamento secreto* com uma dançarina francesa, que D. Carlota Joaquina só poude desfazer quando D. Leopoldina já estava embarcada a caminho para o Rio, vem à colação para explicar a friesa com que a recebeu D. Pedro, que chegou a ser notada quando pela primeira vês apareceram juntos em público no Teatro Real, fazendo-se preciso que a Rainha estivesse a todo momento a chamar sua atenção para que cuidasse da esposa.

Sobre D. Leopoldina, seu juizo repassado de piedosa simpatia, é de tocante exaltação dessa mulher extraordinária, sua amiga queridíssima e às vezes sua confidente. Todo esse complexo de qualidades superiores de espírito e de coração, de inteligência e de bondade, a escritora salienta e analisa com palavras de comovida eloquência. Para ela o que se refere à Imperatriz é a parte mais interessante de sua narrativa.

De D. Maria da Glória, sua discípula e pupila por espaço de um mês e dias, conta alguns incidentes denunciadores de sua vivacidade. De certa vês, em que lhe chamou a

atenção para que imitasse as maneiras delicadas de sua mãi, a criança saiu-se com esta réplica : — "Oh ! todo o mundo diz que eu sou como Papai, muito parecida !" Em outra ocasião, quando foi apresentada no Paço uma filha de D. Domitília de Castro, a Princesinha recusou sentar-se à mesa com a que chamava a *Bastarda* ; o Imperador insistiu e ameaçou-a com uma bofetada, ao que ela se voltou orgulhosamente e disse : — "Uma bofetada ! Com efeito ! Nunca se ouviu dizer que uma Rainha, por direito próprio, fosse tratada com uma bofetada !"

E' severo, mas tem todos os visos de verdadeiro, o quadro que traça da vida do Paço de São Cristovão, animada por uma porção de intrigantes e aduladores, obedientes ao mando do Barbeiro Plácido, indivíduo sobre todos antipático, e até deshonesto, como alega ; dos hábitos dessa gente sem a educação compativel com as funções que tinha, da *canalha*, como a qualificara a Imperatriz, sua descrição é bastante viva, mas deve merecer fé. Entre as damas do Paço salva-se apenas a Camareira-mór, Marquesa de Aguiar, — de família nobre, de excelente carater, e para portuguesa, de boa educação. Excetua tambem o confessor, Frei Antônio de Arrábida, mas não conceitua bem o Padre Boiret, mestre de francês de D. Maria da Glória. Com relação a D. Domitília de Castro, depois Viscondessa e Marquesa de Santos, narra por informações o seu primeiro encontro com D. Pedro, e sua nefasta influência sobre o Príncipe, que chegou a fazer da concubina camareira-mór da Imperatriz, quer dizer — conferia-lhe o direito de estar presente a todas as reuniões, acompanhar a Imperatriz por toda parte, assumir lugar de honra logo após Sua Magestade nas ocasiões públicas, festividades de igreja, teatros, etc. Onde falham venialmente suas informações, é na parte em que se referem à loja ou venda que tinha em São Paulo o pai de D. Domitília, e que fôra nessa venda, espécie de café ou de taberna, que se hospedara D. Pedro, quando andou em excursão política pela Província. D. Domitília, no Paço, contava com o Barbeiro contra os Andradas,

que eram amigos da Imperatriz. A autora alude à carta forjada pelo grupo oposicionista, que determinou o afastamento de José Bonifácio e seu irmão Martim Francisco do Governo; no que não acertou foi em dizer que a carta tinha assinaturas, quando, de fato, era anônima. Foi o caso que o Barbeiro figurou ter recebido essa carta, que denunciava uma conjuração do Apostolado contra o Imperador, juntamente com outra, em que se lhe dizia que sua vida corria iminente perigo, se não entregasse a primeira a Sua Magestade, em mão própria, no mesmo dia. No *Diário do Rio de Janeiro*, de 16 de Julho, apareceu a seguinte declaração: — "Plácido Antônio Pereira de Abreu faz saber que entregou a S. M. Imperial a Carta que recebeu para lhe entregar no dia 15 de Julho de 1823. — *Plácido Antônio Pereira de Abreu*".

O plano diabólico surtiu o efeito esperado, como se sabe. Na mesma noite o Imperador, ainda maltratado da quéda de cavalo que déra quinze dias antes, fechava em pessoa o Apostolado, e no dia subsequente os Andradas, José Bonifácio e Martim Francisco, eram demitidos de Ministros. Os decretos de exoneração são dignos de ser rememorados, pelos termos elogiosos com que são referidos os serviços dos dois patriotas:

"Hei por bem Conceder a José Bonifácio de Andrada e Silva a demissão, que Me pedio, de Ministro e Secretário d'Estado dos Negócios do Império e Estrangeiros; e Terei sempre em lembrança o seu zelo pela Causa do Brasil, e os distinctos serviços, que tem feito a este Império. Paço em desasete de Julho de mil oitocentos e vinte e tres, segundo da Independência e do Império. — Com a Rubrica de Sua Magestade o Imperador. — *Caetano Pinto de Miranda Montenegro*". — (Do *Diário do Governo*, Suplemento n. 18, de 21 de Julho de 1823).

"Hei por bem Conceder a Martim Francisco Ribeiro de Andrada a demissão, que Me pedio, de Ministro e Secretário d'Estado dos Negócios da Fazenda, e de Presidente do

Tesouro Público; e Terei sempre em lembrança o seu zelo pela Causa o Brasil, e a exactidão com que administrou a Fazenda Pública. Paço em desasete de Julho de mil oitocentos e vinte e tres, segundo da Independência e do Império. Com a Rubrica de Sua Mágestade o Imperador. — *Caetano Pinto de Miranda Montenegro*". (*Ibidem*).

A José Bonifácio refere-se Maria Graham mais de uma vês como seu bom amigo, com palavras de amisade e admiração. Era um homem de raro talento, que à educação européia acrescentara o que a experiência podera proporcionar pelas viagens; estudou todas as ciências que imaginou seriam vantajosas aos interesses locais e comerciais do Brasil. Lia a maior parte das modernas línguas da Europa e falava várias delas com correção. Quando o conhecera, sua estatura naturalmente mediana, diminuira ainda, em parte pela idade e em parte por uma curvatura habitual. O segundo irmão Andrada, Martim Francisco, era um alto e belo homem, apaixonadamente orgulhoso de sua pátria, que havia estudado tudo o que pertencia ao departamento militar nas melhores escolas da Europa. O terceiro, Antônio Carlos, estudara Direito nas universidades portuguesas; era moreno, e tinha mais do que os outros irmãos, o aspeto de português ou brasileiro.

Com a família de José Bonifácio mantinha Maria Graham relações amistosas antes de embarcar para a Inglaterra, nomeada governante de D. Maria da Glória; quando se despediu foi por ela delicadamente tratada, com o voto de que reduzisse a metade o tempo de sua ausência. Era pessoa de sua particular estima D. João Carlos de Sousa Coutinho, veador da Imperatriz; ao despedir-se dela tambem insistiu para que voltasse logo, dizendo-lhe que a falta de uma dama européia nos aposentos da Princesinha se tornava cada vês mais sensivel. Infelizmente, em seu regresso, já não existia D. João de Sousa, o que lamentou sinceramente, porque era o seu melhor amigo no Paço. Essa perda e a expulsão dos Andradas do Ministério e do País, foram os acontecimentos

mais desastrosos que se haviam verificado, enquanto esteve fóra do Rio, tão ponderaveis que, se deles tivera notícia na Inglaterra antes de embarcar, de certo não arriscaria outra vês a travessia do Atlântico.

Da sociedade brasileira conheceu algumas famílias distintas, cujas relações teria cultivado mais diligentemente, se não fossem certos temores e ciumes da colônia inglesa do Rio. Suas mais antigas amisades seriam com a família do Visconde do Rio-Seco. Uma filha do Visconde, cuja formusura e educação impressionara o francês Tolenare das *Notas Dominicais*, casada com Luiz do Rego, Governador de Pernambuco, conhecera ali, em 1821, em sua primeira viagem; no Rio ter-se-ia apresentado à Viscondessa, que, como se viu, concorreu para sua entrada no Paço. À Viscondessa refere-se ela algumas veses neste escrito.

Outra sua amiga, qualificada de excelente, era Mme. Lisboa, que lhe emprestara a casa de campo das Larangeiras para sua residência, quando deixou o Paço. Mme. Lisboa, D. Maria Eufrásia de Lima, era mulher do Conselheiro José Antônio Lisboa, e mãi de Miguel Maria Lisboa, diplomata, depois Barão de Japurá, e de Joaquim Marques Lisboa, Marquês de Tamandaré. Quando a família Lisboa estava na chácara das Larangeiras, nunca a escritora ficou sem a possibilidade do contacto diário com algumas pessôas das mais importantes da sociedade fluminense. Com Mme. Lisboa, marido e filhas, empreendeu uma agradavel excursão à fazenda do Macacú, de propriedade de uma irmã daquela senhora, na província do Rio de Janeiro. A descrição desse estabelecimento rural e da viagem feita para alcança-lo, é das páginas mais interessantes que aqui se deparam.

Para demonstrar, principalmente aos seus patrícios, que não estava em desgraça na Côrte, frequentava com assiduidade a casa da família do Ministro dos Negócios Estrangeiros, Luiz José de Carvalho e Melo, Visconde de Cachoeira; avistava-se muitas vezes com a filha do Visconde, D. Carlota Ce-

cilia Carneiro de Carvalho e Melo, a quem confessou dever um maior conhecimento da Literatura portuguesa, que de outra maneira não teria obtido. D. Carlota distinguia-se por seu talento e cultura: falava e escrevia bem o Francês e fazia muitos progressos no Inglês; desenhava corretamente, cantava com gosto e dançava com graça. Havia na família algumas senhoras gentis e amaveis, cujo convívio lamentou não haver melhor cultivado; eram as irmãs da Viscondessa — D. Mariana Eugênia, D. Maria Josefa, D. Luiza Rosa, D. Rosa Eufrásia e D. Francisca Mônica, da ascendência ilustre de Braz Carneiro Leão, desfrutante de grande prestígio social.

Da colônia estrangeira no Rio de Janeiro, visitava eventualmente tres ou quatro famílias inglesas e uma ou duas francesas. Ao Consul Britânico Henry Chamberlain não manifesta neste escrito simpatia muito viva; o Consul, aliás, no caso da apreensão de sua bagagem pela Alfândega, por pirraça do Barbeiro e sua súcia, apesar de solicitado, excusou-se de assumir a atitude que lhe competia, com uma resposta fria e não demasiado polida. Seus principais amigos eram o Barão de Mareschal, o Almirante Grivel, Comandante da Estação francesa do Brasil, e o Consul dos Estados Unidos, Condy Raguet e família; mantinha tambem boas relações com cerca da metade dos oficiais ingleses da estação. Outros notaveis personagens estrangeiros, residentes no Rio, como Sir Charles Stuart, Sir Robert Gordon, o Almirante Sir George Eyre, comandante da estação, ou simplesmente de passagem, como Lord e Lady Amherst, Lord e Lady Byron, tributavam-lhe todos testemunhos de amisade.

Sobre a leviana Mme. de Bonpland, mulher do famoso Botânico francês prisioneiro do Dr. Francia, do Paraguai, que com seus encantos pessoais e suas intrigas políticas pretendia suplantar a favorita D. Domitília de Castro, os episódios que relata são em parte ainda desconhecidos nos pormenores aqui esplanados; que não logrou sucesso em suas pretenções, informa Maria Graham, que a última cousa que ouviu a seu res-

peito foi que estava viajando no Pacifico com um oficial complacente.

Por tudo quanto fica sumariamente apontado nestas linhas o que se vai ler nas páginas seguintes apresenta aos estudiosos minúcias e novidades dignas de despertar sua atenção para essa fase da História do Brasil que, embora bastante versada, não dispensa para sua maior claresa os depoimentos que lhe possam trazer testemunhas fidedignas, com mais fortes razões quando o depoente, que vem a juizo, pertence à sublimada categoria de Maria Graham.

Algumas notas de pé de página se tornaram necessárias à explicação dos textos, por parte da própria Autora, do Tradutor e do Editor. Quando seguidas da sigla A se devem entender que são da Autora ; de T, do Tradutor, e de E, do Editor, que é o *infra* assinado.

Biblioteca Nacional, Janeiro, 1940.

RODOLFO GARCIA
Diretor

CORRESPONDÊNCIA ENTRE MARIA GRAHAM
E A
IMPERATRIZ DONA LEOPOLDINA
E CARTAS ANEXAS

NOTA

(*Do punho de Maria Graham, em inglês*).

Maria Leopoldina, Imperatriz do Brasil, signatária da maior parte das cartas deste volume, era filha de Francisco, Imperador da Austria. Sua irmã, Maria Luiza, foi entregue a Napoleão, que, em má hora para si próprio, resolveu ligar-se a uma das antigas famílias reinantes da Europa, fortalecendo assim a opinião de que somente elas tinham direito de reinar. Pela mesma época havia ele compelido a Família Bragança a exilar-se. Aconteceu que uma das primeiras consequências da sua queda, foi o casamento da irmã de sua mulher com o herdeiro dessa casa expropriada.

Dom João VI era Rei nominal de Portugal e soberano do Brasil, quando Dona Maria Leopoldina chegou ao Rio de Janeiro, sua capital. Quando a Família Real deixou Lisboa, a Rainha, mãi de Dom João (que era Rainha por direito próprio) ainda era viva, posto que alienada. O governo havia sido assumido por Dom João como Príncipe Regente, em nome de sua mãi.

Havia, pois, motivos mais fortes do que usualmente para manter o herdeiro, Dom Pedro, afastado e em absoluto ignorante de todos os negócios do Estado.

CORRESPONDÊNCIA ENTRE MARIA GRAHAM E A IMPERATRIZ DONA LEOPOLDINA E CARTAS ANEXAS

I

Carta de Maria Graham à Imperatriz Leopoldina, a 13 de Outubro de 1823 — no Rio de Janeiro

Senhora,

Ainda que vivamente interessada em falar a Vossa Magestade Imperial com referência ao importante negócio iniciado hontem pela Viscondessa de Rio-Seco, (1) por sugestão, segundo ela me informa, do meu conterrâneo Sir Thomas Hardy (2), não sei se terei coragem de propôr-me para uma tão árdua e importante posição.

Desde que se tratou disso, peço licença para assegurar a Vossa Magestade Imperial que é minha maior ambição tornar-me governante das Imperiais Crianças do Brasil. Que me seja perdoado agora falar de mim. Meu mais caro, direi mesmo, minha única ligação terrena se partiu quando perdi meu excelente e amado esposo na passagem entre o Rio de Janeiro e a costa do Chile. Gosto imensamente de crianças

---

(1) D. Mariana da Cunha Pereira, segunda mulher do Visconde do Rio-Seco, depois Marquês de Jundiaí. Era filha do Marquês de Inhambupe. — (E.)

(2) Sir Thomas Marterman Hardy (1769-1839), Almirante inglês. Teve celebridade nas campanhas de Nelson, a cujas ordens imediatas serviu. Foi desde Agosto de 1819 comandante em chefe da estação naval na América do Sul. Em Abril de 1834 foi nomeado governador do Hospital de Greenwich; Vice-almirante em 10 de Janeiro de 1837. Faleceu em 20 de Setembro de 1839. — (E.)

e dedicaria todos os meus pensamentos e sentimentos ao meu encargo, se ele me fosse confiado, com o maior ardor, porque não tenho agora nem mesmo os apelos do dever para dividir meu coração ou pensamento.

Ofereço-me a Vossa Magestade Imperial, certa de que uma princesa tão perfeita deve ser a verdadeira diretora dos pontos principais da educação de suas filhas: mas posso prometer ser uma zelosa e fiel assistente. Vossa Magestade Imperial tem o direito de fazer as mais minuciosas investigações a meu respeito, de minha família, relações e carater, e envaideço-me de que, na Inglaterra, onde sou realmente conhecida, tais investigações darão resultado satisfatório. Nada direi das aptidões e conhecimentos que deve possuir a pessoa tão altamente honrada em ser colocada tão perto das pessoas das jovens princesas: Vossa Magestade Imperial é um juiz competente e eu, de bom grado, confio na opinião de Vossa Magestade Imperial, e se houver algum ponto em que eu seja deficiente, ouso crer que o compensarei com o estudo, a que me levam os meus hábitos.

Caso o grande desejo de meu coração se realize, de ficar com as princesinhas, talvez seja vantajoso que eu vá à Europa escolher os livros e outras cousas essenciais para o desempenho da minha interessante missão, satisfazendo, assim, não só aos Ausgustos Pais de minhas discípulas, mas às esperanças desta nação, que olha para a Família Imperial como o Paládio do Estado, e que há de considerar como um encargo da maior responsabilidade a direção, em qualquer grau, da educação de seus filhos.

II

Carta da Imperatriz Leopoldina a Maria Graham, em inglês.

São Cristóvão, 15 de Outubro de 1823.

Senhora Graham.

Recebi vossa carta de ontem, à qual tenho o prazer de responder que Eu e o Imperador estamos ambos muito satisfeitos em aceitar o vosso oferecimento para ser governante de

minha Filha ; e como expuzestes que desejais ir a Inglaterra antes de começar a servi-la, o Imperador não poz dúvida em permitir-vos esta ida e diz que sereis nomeada governante de minha Filha ; e como expuzestes que desejais ir à Inglaterra para agradar-vos e mostrar-vos minha grande estima.

Vossa muito afeiçoada

MARIA LEOPOLDINA

No sobrescrito :

Para a Senhora Graham.
Rua dos Pescadores.

III

Carta de Maria Graham à Imperatriz Leopoldina. (*Sem data*)

Senhora

Tenho a honra de remeter com esta carta, um exemplar do *Jornal de uma Residência na India,* que Vossa Magestade Imperial se dignou desejar possuir. Espero que não há de demorar muito a impressão de minha viagem ao Brasil. Terei então a honra de remeter um exemplar ao Rio de Janeiro para Vossa Magestade Imperial e espero que encontrará a aprovação de uma pessoa tão perfeitamente qualificada para julga-lo. Eu tudo farei de modo a apresentar-me na côrte Imperial no mês de Outubro, quando termina a licença que gentilmente me foi concedida pelo Imperador. Entrementes, aplicar-me-ei com afinco em obter um perfeito conhecimento da linguagem portuguesa e em coligir todos os elementos, tais como livros em português, inglês e francês, que me permitam empreender a instrução das princesas imperiais com as melhores esperanças de ser bem sucedida, para satisfação de seus augustos pais. Estou plenamente conciente da grave incumbência que me foi confiada, e ouso prometer que farei tudo o que o zelo e o desencargo conciencioso do meu dever possam exigir, contando firmemente que Vossa Magestade

Imperial me conceda a confiança que me dará autoridade aos olhos de minhas alunas. Isso é absolutamente necessário para que a pessoa incumbida da sua instrução possa ensinar com proveito.

Não consegui encontrar livros elementares de português, mas comecei a tradução de um, de lições bem faceis para minha ilustre aluna, que pretendo fazer imprimir em bons tipos, pois penso que é exigir demais da criança que lute com mau papel e má impressão, além das naturais dificuldades do ensino.

Estou certa de que não precisarei desculpar-me, perante tão amorosa mãi, por escrever de mais a Vossa Magestade Imperial sobre o assunto da primeira instrução. Ninguem estará mais convencida de que a beleza e utilidade do edificio dependem principalmente das fundações.

Permita-me exprimir minhas sinceras congratulações a Vossa Magestade Imperial e a Sua Magestade o Imperador pela crescente prosperidade do Brasil, de que ouço falar por toda parte. Que o Império progrida em todos os sentidos, de modo a ser digno de seus ilustres fundadores, são os mais vivos votos de...

IV

Carta da Imperatriz Leopoldina a Maria Graham.
(*Em português*).

São Cristóvão, 10 de Maio 1824.

Milady!

Com muito gosto recebi as suas duas cartas e ainda mais a certeza que está gozando de perfeita saude e ocupada a escolher todos os objetos que são precisos para os estudos de minhas muito amadas filhas. As despesas que lhe são precisas a fazer com muita satisfação eu lhe pagarei à sua chegada no Rio; que se é preciso prolongar a sua ausência mais de um ano, o Imperador o concedeu.

Eu comecei a ler a sua obra sobre a vasta e interessante India, que certamente é muito interessante e ocupa a intenção particular de todas as pessoas que amam as belas letras e história.

Esteja persuadida da minha particular estima e amisade, com as quais eu sou

Sua muito afeiçoada

LEOPOLDINA

No sobrescrito :

A Milady Graham
A Londres

(Com um selo em lacre com as armas imperiais do Brasil e da Áustria unidas)

V

Carta de Maria Graham à Imperatriz Leopoldina

NOTA (de Maria Graham) — *A carta da Imperatriz, datada de 10 de Maio de 1824, foi, por um motivo ou outro, retida, ou pelo Sr. May* (3) *ou pelo Senhor Young* (4), *que se atribuiram a culpa mutuamente, até muito tempo depois de minha chegada ao Brasil pela segunda vez. Se a tivesse recebido, teria retarda-*

---

(3) Esse senhor May era um dos sócios da firma May & Lukin, agentes e procuradores bastantes de Lord Cochrane, Primeiro Almirante e Comandante em chefe das Forças navais do Império, quanto às questões das presas marítimas. — *Diário Fluminense*, de 10 de Julho de 1824. — A firma figura nas relações dos negociantes estrangeiros do *Almanack do Rio de Janeiro*, nos anos de 1823 a 1827; era estabelecida à rua do Ouvidor, n. 77. — (E).

(4) Guilherme Young era banqueiro e negociante inglês no Rio de Janeiro. Residia no Morro do Inglês, nas faldas do Corcovado, o qual a essa circunstância deveu a denominação. Young foi estabelecido nas ruas do Ouvidor, Detrás do Carmo e Detrás do Hospício, como se vê nas relações dos negociantes estrangeiros do *Almanack do Rio de Janeiro* nos anos de 1823 a 1827. — Por aviso da Repartição dos Negócios da Marinha, de 22 de Dezembro de 1824, foi aprovada a compra de coronadas e balas feita pelo Vice-Almirante Intendente da Marinha ao negociante Guilherme Young, que as tinha em depósito na Ilha das Cobras. — *Diário Fluminense*, de 5 de Janeiro de 1825. — (E.)

do minha viagem e, com toda a probabilidade, teria declinado dela tambem, pois os dois enviados que me procuraram neste paiz, foram tão indelicados que eu comecei a sentir-me pouco confortavelmente deante da idéia de ir para a terra deles. Mas, ignorando a completa mudança da politica e o exilio dos Andradas, não podia prever certas dificuldades com que teria de lutar. Remeti a nota seguinte, juntamente com o meu *Chile* e *Brasil* e embarquei pouco depois, como prometera:

Senhora.

Tenho a honra de remeter a Vossa Magestade Imperial pelo paquete deste mês os dois trabalhos que foram o fruto de minhas últimas viagens, na esperança de que, indignos embóra da atenção de Vossa Magestade Imperial, possam ser recebidos com indulgência, como uma oferta do meu grato respeito. Pretendo embarcar da Inglaterra pelo paquete de Julho, de modo a cumprir o meu compromisso para com Vossa Magestade Imperial e o Imperador. Confio que Vossa Magestade Imperial achará em mim, ao menos, uma fiel e diligente professora para a princesa imperial. Sou, Senhora, com o mais profundo respeito (5).

Carta de John London a Maria Graham (Em inglês).

Rio.

Presada senhora

Lamento ter que dizer-vos com referência aos vossos desejos quanto ao Capitão Mends, que ele considera o negócio envolvido em muitas dificuldades. Além da sua completa falta de acomodações apropriadas para uma senhora e de toda conveniência para a bagagem, sente ele grandes embaraços da parte do governo deste paiz, não somente aqui, mas no porto

(5) Seguem-se várias páginas em branco, em que provavelmente devia Maria Graham narrar a sua chegada ao Rio e, em seguida, explicar os motivos pelos quais exerceu por tão pouco tempo as suas funções junto à Familia Imperial — (T.)

em que quizerdes desembarcar, à vista do que, após ter dedicado à matéria madura consideração foi ele obrigado. mau grado sua boa vontade, a desejar que eu apresentasse suas desculpas. Desejaria, de coração, que o resultado de meus esforços fosse diferente e o Capitão Mends não deixa de estar bem penosamente sentido com o fato, mas como pareceu que a vossa intenção era ver Lord Cochrane, imagino o desapontamento que terieis na vossa chegada a Baía ou Pernambuco, ao descobrir que ele havia partido para o Rio, já que corre com insistência que foi reconvocado. Eu estou ocupado mais que de costume, aliás ter-me-ia honrado em procura-la, como prometi, sendo,

presada senhora,
muito sinceramente vosso

JOHN LONDON

— 11 de Outubro — [1824].

Carta de Maria Graham a John London

NOTA (de Maria Graham) — Minha resposta, demasiado áspera, foi a seguinte :

Presado senhor —

Nunca fiquei tão surpreendida como ao receber vossa nota. O Capitão Mends (6) que trouxe o Sr. e a Sra. Hayne e suas bagagens, sem acomodações para uma senhora e sua bagagem para um logar tão distante quanto a Baía !

Um oficial inglês *temeroso*, relativamente *a qualquer governo*, de proteger uma filha de oficial e viuva de um seu colega — Que vergonha ! Se fosse possivel imaginar isso em vida de *meu* marido ou de *meu* pai !

---

(6) Esse Capitão Mends comandava a Fragata inglesa *Blanche*, que entrou no porto do Rio de Janeiro em 21 de Agosto de 1824, procedente de Plymouth por Lisboa, com 35 dias de viagem, passageiros 1 inglês e sua mulher, — *Notícias Marítimas* do *Diario Fluminense*, de 4 de Setembro. Permaneceu aqui até 20 de Outubro, quando saiu para Baía e Pernambuco. — *Diário* citado, do dia 22. Nessas notícias o nome *Mends* ocorre erradamente *Minder*, corrigido em outra viagem da *Blanche*. — *Diário* citado de 20 de Agosto de 1825. — (E.).

Não vos preciso lembrar que não sou uma fugitiva, correndo do paiz, — mas uma súdita britânica, retirando-se de um serviço que não lhe convem.

Mas nada mais direi, para testemunhar à Providência, qué até agora me protegeu, que enquanto merecer proteção, esta nunca me faltará.

Sou, senhor, etc.

Cartas da Imperatriz Leopoldina a Maria Graham, no Rio de Janeiro — (Em francês)

I

Minha querida amiga!

Recebi vossa amavel carta, e crede que fiz um enorme sacrifício, separando-me de vós; mas meu destino foi sempre ser obrigada a me afastar das pessoas mais caras ao meu coração e estima. Mas, ficai persuadida que nem a terrivel distância, que, em pouco vai nos separar, nem outras circunstâncias que eu prevejo ter de vencer, poderão enfraquecer a viva amisade e verdadeira estima que vos dedico, e que procurarei sempre, com todo o empenho, as ocasiões de as provar. Ouso ainda renovar-vos meus oferecimentos, se é que vos posso ser util. Aceitando-os, vireis ao encontro dos meus desejos e contribuireis para me fazer feliz.

Assegurando-vos toda a minha amisade e estima, sou,

vossa afeiçoada

MARIA LEOPOLDINA

São Cristóvão, 10 de Outubro de 1824

P. S. — Neste momento entregam-me livros que me serão de grande utilidade para minha bem amada Maria. Tereis a bondade, em Londres, de me obter os gêneros e espécies que faltam no catálogo de conchas que vos envio, comunicando-me os objetos de história natural que quizerem do Brasil, para fazer a permuta.

No sobrescrito:

A Madame Graham

II

NOTA (7) *Cópia da carta n. 2 da Imperatriz (O original foi dado ao Sr. Dawson Turner).*

Minha queridissima amiga!

Fiz dizer ao Juiz da Alfândega (8) que vos remetesse vossas malas e que ele havia obrado muito mal, e contra todas as leis que garantem a propriedade particular de ser apreendida. Assegurando-vos toda a minha amisade e estima, sou

vossa afeiçoada

MARIA LEOPOLDINA

São Cristóvão, 11 de Outubro de 1824.

P. S. (9) — Se quizerdes, incumbirei meu Secretário Sr. Flack, que mora à rua da Misericórdia, de vos remeter no momento vossas cousas (10).

III

Minha queridíssima amiga!

Apresso-me em informar-me de vosa saúde e ao mesmo tempo de vos dizer como estou satisfeita por vos ter sido util o meu Secretário. Eis que não se passa um momento sem que eu não lamente vivámente ter-me privado de vossa com-

---

(7) Do punho de Maria Graham — (T.)

(8) O Juiz da Alfândega era o Conselheiro José Fortunato de Brito Abreu Sousa e Meneses, que exercia o Cargo interinamente, por ordem de S. M. o Imperador; residia em Matacavalos, como tudo se vê no *Almanak do Rio de Janeiro*, nos anos de 1824 e 1825. — (E.)

(9) Do punho da Imperatriz. — (T.)

(10) No original: "Si vous voulez (sic) chargée mon secretaire Mr. Flack... de vous faire remettre dans l'instant vos effets". (sic) — (T.)

panhia e amavel conversação, meu único recreio e verdadeiro consolo nas horas de melancolia, à qual infelizmente tenho demasiados motivos para estar sujeita.

Assegurando-vos toda a minha amisade e estima,

sou

vossa afeiçoada

MARIA LEOPOLDINA

No sobrescrito:

A Madame Graham.

Rua dos Pescadores

IV

Minha queridíssima amiga!

Eis um periodo de tempo bem penoso para mim. Não pude seguir os impulsos de meu coração e saber notícias de vossa saúde. Mas aqui, infelizmente, *certas pessoas* não satisfeitas de me terem privado de uma amiga que me era duplamente cara, educando-me as filhas adoradas, e dessa maneira aliviando meu coração e meu espirito de um fardo, para sustentar o qual não sinto nem forças nem instrução para cumprir eu mesmo este doce dever, sendo vós tão capaz de auxiliar-me a suporta-lo, fazendo de meus queridos filhos membros uteis à sociedade pelos seus talentos e qualidades morais; ainda acham de me espionar para me amofinar e provocar-me aborrecimentos. E' preciso resolver-se a ser uma mártir de paciência.

Quantas vezes, com saudades, penso em vossas conversas diárias, persuadindo-me com a esperança de vos rever ainda na Europa, onde nenhuma pessoa no mundo será capaz

de me forçar a deixar de vos ver diariamente e dizer, de viva voz, que sou, para toda a vida,

vossa amiga afetuosa e dedicada

MARIA LEOPOLDINA

São Cristóvão, 4 de Novembro de 1824.

P. S. — Peço-vos que me perdoeis, com vossa indulgência do costume, a má letra. Mas minha pobre cabeça anda confusa e escrevo estas palavras no jardim, onde não sou observada.

No sobrescrito :

A Madame Graham
Rua dos Pescadores

V

Minha queridíssima amiga. Se eu estivesse persuadida de que a vossa permanência pudesse ter alguma consequência aborrecida para vós, seria a primeira a vos aconselhar a deixar o Brasil. Mas, crede-me, minha delicada e única amiga, que é um doce consolo para meu coração, saber que habitais ainda por alguns meses o mesmo país que eu.

Ao menos, quando uma imensa distância, que o meu destino não permite transpôr, me separar de vós, eu me resignarei, com a doce certeza que a nossa maneira de pensar é a mesma, e a nossa amisade constante para sempre. Ficai tranquila quanto a mim ; estou acostumada a resistir e a combater os aborrecimentos, e quanto mais sofro pelas intrigas, mais sinto que todo o meu ser despreza estas bagatelas. Mas confesso, e *somente a vós*, que cantarei um louvor ao Onipotente, quando me tiver livrado de certa *canalha*.

Assegurando-vos toda a minha amisade, que vos seguirá por toda parte onde eu estiver.

vossa afeiçoada

MARIA LEOPOLDINA

São Cristóvão, 6 de Novembro de 1824

No sobrescrito :

A Madame Graham
Rua dos Pescadores

VII (11)

Minha delicadíssima amiga! Não gosto nunca de lisongear, mas posso assegurar-vos que somente em vossa cara companhia, torno a encontrar os doces momentos que deixei com minha amada e adorada pátria e família. Só as expansões no coração de uma verdadeira amiga podem promover a felicidade.

Aguardo com a maior impaciência a certeza de que estais completamente restabelecida ; ouso rogar-vos, como amiga que se interessa realmente por tudo que vos diz respeito, espereis que eu promova uma ocasião em que possais ver meus filhos, pois, por tudo deste mundo, quero vos evitar serdes tratada grosseiramente por certas *pessoas*, que cada vez me são mais insuportaveis.

Fico socegada, e cai-me um grande peso do coração, por saber que fizestes chegar a vossa opinião ao vosso insuperavel e respeitavel *compatriota*, o qual, creio que infelizmente só tarde demais será estimado, como merece. Ao menos fica-me, a mim, a satisfação de não o ter jamais prejudicado.

Minha cara e muito amada Amiga, jamais, credeme, ousaria ofender vossa delicadesa. Mas, como amiga, e amiga que partilha sinceramente vossos prazeres e tristesas, podendo imaginar que sofreis privações, ouso rogar-vos que aceiteis como

(11) Há uma folha em branco, onde deveria estar colada a carta VI. — (T.)

um presente de amisade esta pequena ninharia de dinheiro que provem de meu patrimônio na minha cara Pátria. E' pouca cousa, mas, infelizmente minha situação não me permite, tanto quanto desejo, ajudar-vos a obter algumas comodidades.

Ouso rogar-vos, já que tendes mais possibilidades que eu, que fui exportada para este paiz de ignorância, que me cedais as *Memórias de Literatura Portuguesa* e os *Documentos sobre Cristovão Colombo* (12), que seriam de grande utilidade para mim mesma.

Eis que me chamam. Deixo-vos com muito pesar, assegurando-vos toda a minha amisade.

Sou vossa muito afeiçoada

LEOPOLDINA

São Cristóvão, 1 de Março de 1825.

A Madame Graham
nas l'Arangeiras (sic)

VIII

Minha querida amiga! Apresso-me em saber notícias de vossa saúde, que é para mim tão preciosa e rogar-vos que me envieis pelo mesmo rapaz que vos leva esta carta, os livros.

Assegurando-vos minha amisade inalteravel, sou

vossa muito afeiçoada

LEOPOLDINA

(*Nota de Maria Graham* : RECEBIDA E RESPONDIDA — 2 de Março de 1825)

---

(12) *Memorias de Litteratura Portugueza*, publicadas pela Academia Real das Sciencias de Lisboa. — Lisboa, na Off. da mesma Academia, 1792 a 1814, 8 tomos in-4. — Columbus : *Memorials on a Collection of authentic Documents of that celebrated Navigator, now first published from the original Manuscripts, by order of the Decurion of Gensa : preceded by a Memoir of his Life, translated from the Spanish and Italian.* — Londres, 1824, in-8 gr. — (E).

IX

Minha querida e delicada amiga !

Não posso furtar-me ao prazer de vos afirmar ainda, toda a minha amisade, rogando-vos acreditar que estimaria dar-vos sempre provas de quanto vos quero e estimo. Tende a bondade, chegando à nossa querida e adorada Europa, de fazer chegar a carta junto à minha bem amada irmã. Quanto aos livros, fio-me em vossa escolha, sabendo vós, sábia que sois, apreciar-lhes melhor o mérito. Se virdes o digno *Cary*, rogo-vos encomendar, em meu nome, uma *balança mineralógica* para saber o peso das pedras preciosas.

Assegurando-vos minha inalteravel amisade, sou
vossa afeiçoada

LEOPOLDINA

São Cristóvão, 8 de Setembro de 1825

P.S. — Dos cabelos de minhas filhas mandei fazer uma pequena medalha, que remeterei quando estiver pronta, para a Inglaterra.

No sobrescrito :

Para Madame Graham

Carta de Sir Charles Stuart a Maria Graham (*Em inglês*)
8 de Setembro de 1825

Minha cara Sra. Graham [13]

Remeto-lhe os dois papagaios e a Senhora Chamberlain lhe remeterá alguns *presentes* para Lady Elisabeth [14].

---

(13) Estão coladas antes umas folhas em branco, onde provavelmente Maria Graham pretendia narrar a sua saída do Brasil. — (T.)

(14) Esposa do signatário desta carta, Lady Elisabeth Margaret, filha de Philipe Yorke, Conde de Hardwicke. Em uma passagem dos *Récits d'une Tante — Mémoires de la Comtesse de Boigne, née D'Osmond*, publicados segundo o manuscrito original por Charles Nicoullaud, vol. II, ps. 148/151 (3.ª edição, Paris, Plon-Nourrit & Cie., 1907), — a Condessa narra o *traitement* de que foi objeto Lady Elisabeth, cerca de 1820, quando seu marido era Embaixador da Inglaterra na Côrte

Se desenhardes pelo caminho juntai a vista do Rio à vossa excelente coleção, que ficará completa.

Espero que quando a virdes dir-lhe-eis que o clima do Rio não é o que parece.

Desejo-lhe boa viagem.

Muito grato,

C. Stuart (15)

Carta de R. Gordon a Maria Graham. (s. d.)

Presada Sra. Graham (16)

Esperei encontrar-vos em casa antes de deixar estas plagas afim de agradecer-vos pelos vossos amaveis votos e para dizer-vos que tomarei aos meus cuidados vossas cartas e bagagens.

---

de Luiz XVIII. O Rei de França não podia baixar-se até receber uma Embaixatriz, mas consentia, conforme tradição, em encontra-la, como por acaso, durante a visita que fizesse às Tulherias: era isso o que, em linguagem da Côrte, se chamava um *traitement*. Convencionou-se que Lady Elisabeth visitasse a Duquesa de Angoulême, que na ocasião estaria acompanhada de uma dúzia de senhoras tituladas; o Rei devia chegar e, aparentando surpresa, dizer à sobrinha: — "Madame, je ne vous savais pas en si bonne compagnie". — Tal era a necessidade (escreve Madame de Boigne, testemunha da cena pela situação de seu pai na Inglaterra), que se repetia, em semelhantes circunstâncias, desde os tempos de Luiz XIV... A Embaixatriz, em companhia do marido, de algumas damas inglesas e das francesas, que tinham assistido à recepção, jantou nessa tarde na Côrte das Tulherias, mas em mesa à parte das pessôas reais, separada por um biombo. A Condessa de Boigne não podia conceber a razão por que, quando os soberanos estrangeiros recebiam à sua mesa os embaixadores de França, consentiam que seus representantes suportassem a esse ponto a arrogância da família Bourbon. — (E.).

(15) Sir Charles Stuart (1779-1845), diplomata inglês. Encarregado de negócios em Madrid em 1808; em 1810, Enviado extraordinário em Portugal, onde teve por seus serviços os títulos de Conde de Machico e Marquês de Angra; Conselheiro privado em 1812, ministro na Haia em 1815-1816. Em 1825 foi Ministro mediador por S. M. Britânica e Plenipotenciário por D. João VI para o reconhecimento de Independência do Brasil. Foi feito Barão Stuart de Rothesay da Ilha de Bute. Faleceu em 6 de Novembro de 1845.

Foi apaixonado bibliófilo; seus livros e manuscritos, dos mais raros e seletos, de particular interesse para a Espanha, Portugal e Brasil, estão descritos no *Catalogue of the valuable Library of the late right honourable Lord Stuart de Rothesay, including many illuminated and important Manuscripts*, etc., para a venda pública em leilão, que começou em 31 de Maio de 1855 e continuou pelos dias seguintes, excetuando os domingos. O exemplar desse *Catalogue*, pertencente à Biblioteca Nacional contém à margem, por letra manuscrita, os preços por que foram os livros vendidos. A *Arte de Grammatica da Lingua Brasilica da Naçam Kariri*, do Padre Luiz Vincencio Mamiani (n. 3903), com a nota **very scarce**, foi vendida por £ 5, 15 s. — (E.)

(16) Foi escrita a lapis e, posteriormente, coberta com tinta. — (T.)

Considerai-me sempre às vossas ordens no Rio e crede-me sempre fiel.

R. GORDON [17]

Carta de Mareschal a Maria Graham (*Em francês*)

Senhora

Recebi regularmente, de Portsmouth, as tres cartas com que houvestes por bem honrar-me, e apressei-me em remeter as que elas continham ao seu alto destino. Tenho o prazer de remeter-vos a resposta que, envaideço-me, vos será agradavel. A Imperatriz incumbiu-me de acrescentar que Ela ficou muito sensibilizada com vossa lembrança, e que não deveis atribuir a brevidade de sua carta senão aos embaraços da partida.

Vossos desejos com referência ao Sr. Shepherd e aos oficiais da *Piranga*, foram atendidos, já que ele conservou o comando daquela unidade [18]. Quanto a L. C. fala-se aqui nele, tanto quanto se ele jamais houvesse existido, o que prova que não há ressentimentos.

Estou encantado por saber que vos encontrais enfim feliz e contente. Estava certo de que isso aconteceria e é por isso que vos vi partir com prazer, apesar do vácuo que nos ficava aqui. Não poderieis ser feliz no Rio de Janeiro, porque estaveis numa falsa posição, da qual devieis apressar-vos em saír. Estou persuadido de que agora concordareis em que eu tinha razão. O Palácio não poderia vos convir e o resto da sociedade ainda menos.

---

(17) Sir Robert Gordon (1791-1847), diplomata inglês. Em 1810 foi nomeado Adido à Embaixada da Pérsia e logo depois Secretário da Embaixada na Haia. Com o Duque de Wellington, Ministro plenipotenciário, serviu em Viena em 1815, 1817 e 1821. Em Outubro de 1826 veio para o Brasil como Enviado extraordinário e Ministro plenipotenciário, e serviu de Mediador na negociação do Tratado de 27 de Maio de 1827, entre o Brasil e as Províncias Unidas do Rio da Prata. Passou depois para Constantinopla e para Viena, como Embaixador extraordinário. Faleceu subitamente em Balmoral, em 8 de Outubro de 1847. — (E.)

(18) James Shepherd chegou ao posto de Capitão de Fragata, e na expedição a Carmen de Patagônia perdeu a vida em combate, no dia 7 de Março de 1827. — (E.)

S.S. M.M. e a Princesinha foram à Baía. A Viscondessa de Santos (Domitília) faz parte do séquito ([19]). Todo o mundo está assim contente, sobretudo eu, por lá não estar. Aborreço-me à vontade, esperando. E' uma função para a qual fui feito.

Os Ch. estão quasi estabelecidos na Tijuca. Após os calores, são evitados na casa dos Lesieurs. Tenho-os visto muito pouco de dois meses para cá, e a pupila não a vejo absolutamente. O que me contastes por ocasião da excursão ao Corcovado me poz ainda um pouco mais de sobre-aviso, ainda que, na verdade, o perigo seja nulo. Todo o resto do mundo vai na mesma, não há realmente nada que contar.

Quanto a mim, senhora, estou ainda numa incerteza assás dolorosa quanto ao meu futuro e ignoro ainda o que será feito

---

(19) Do *Diario Fluminense*, de 4 de Fevereiro de 1826:

"Hontem, 3 do corrente, ficou esta Capital privada temporariamente de nossos Adorados Soberanos, que, na fórma por nós já annunciada, partirão para a Provincia da Bahia a bordo da Náo *D. Pedro I*, levando em sua companhia S. A. I. a Sra. Princeza D. Maria da Gloria. SS. MM. II. embarcárão no dia 2, pelas 5 horas da tarde. Acostumados desde longos annos os habitantes desta Capital a gosarem de Sua vivificante presença hum grande numero de pessôas das classes mais distinctas, antes de romper a Aurora se dirigirão a bordo da Náo, que leva em seu seio todas as nossas esperanças, e os Objectos mais caros a nossos corações, para terem a honra de beijar a Mão Tutelar a quem devemos não só o repouso de que gosamos, como nossa existencia politica; e a seus pés manifestar o sentimento que lhes causa esta temporaria separação. Se alguma cousa he capaz de augmentar a magestade, e a ternura desta scena, he sem duvida o lugar em que ella se passou, e a magnificencia do quadro animado que a arte dos homens de balde tentaria imitar.

"Apenas rompeu a Aurora, a Esquadra, Commandada pelo Vice-Almirante Barão de Souzel, com as Gávias largas esperava ordem de partida. A Tolda da Náo estava cheia das principais personagens da Côrte; huma multidão de escalleres a cercavão; o Estado Maior do Exercito, Commandantes de Brigadas, e Corpos, grande numero de Empregados Publicos, e mais pessôas distinctas consideravão com ternura, e respeito a depositaria de hum tão precioso Thesouro. S. M. o Imperador, Sua Augusta Esposa, e Filha de pé, em cima do tombadilho parecião deleitar-se com as provas de amor, e fidelidade que lhes dava seu querido povo. O estrondo das salvas de todas as fortalezas, as brilhantes symphonias que simultaneamente tocavão as bandas de musica, contribuião sobre maneira á belleza, grandeza, e magnificencia deste spectaculo. Appareceu finalmente o Sol com toda a sua pompa, deu-se o signal da partida, e de pronto á Náo largou a amarração sobre que estava, com tal presteza, e boa ordem que jámais deixará de fazer honra aos Officiaes disso encarregados: logo pegárão os reboques, e ajudada de maré, e ligeiro vento: rapidamente passou a Fortaleza de Santa Cruz, onde se postou toda a guarnição, que rompeu em grandes acclamações de vivas a SS. MM. II. Entre tanto se fez de véla a Fragata Franceza — *Arethusa* — commandada pelo Comodore Gautier, que ambicionando dar mais huma prova da bem conhecida polidez Franceza havia pedido a S. M. I. a honra de o acompanhar nesta digressão. S. M. o Imperador, sensivel a huma tal demonstração de justo respeito, se Dignou Annuir aos desejos do Comodore Gautier. Ao mesmo tempo as duas Fragatas Nacionaes *Pirangé*, e *Paraguassú* se fizerão de véla, e pela boa execução de suas manobras, e apparencia verdadeiramente militar provárão o que he já, e virá a ser a Marinha do Imperio.

"Têm a honra de acompanhar a SS. MM. II. as seguintes pessoas:

de mim. Se estiver destinado a rever a Europa, a primeira cousa que farei ao chegar a Londres será certamente procurar-vos, onde quer que estiverdes e agradecer-vos pessoalmente todas as provas de amisade que houvestes por bem me fornecer.

Sir Ch. Stuart fez uma viagem a Pernambuco, Baía, Santa Catarina, Santos, São Paulo, etc. e voltou a tempo de chegar atrazado, duas horas após a partida da corte. Mas vai segui-la imediatamente. L. M. (*) joga o *Whist* e prefere o Sr. Rio-Seco a todos os belos olhos do mundo.

Damas:

Exmas. Viscondeças de Santos, de Itagoahi, e Lorena, e Baroneza de Itapagype.

Gentis Homens:

Exmos. Barão de S. Simão, e José de Saldanha da Gama.

Vedor:

Exmo. Visconde de Lorena.

Capitão da Imperial Guarda de Archeiros:

Exmo. Visconde de Cantagallo.

Viadores:

Exmo. José Alves Ribeiro Cirne.
Ildefonço de Oliveira Caldeira.
O Exmo. Tenente General Visconde de Barbacena às ordens de S. M. o Imperador.

Ajudantes de Campo:

Exmo. Barão do Rio Pardo.
Exmo. Brigadeiro José Joaquim de Lima e Silva.
3 Açafatas.
3 Guarda Roupas.
O Mestre de S. A. I. o Illmo. Commendador Boiret.
O Official do Gabinete de S. M. I. o Illmo. Francisco Gomes da Silva.
O Conselheiro Cirurgião Mór do Imperio.
O Coronel Manoel Ferreira de Araujo Guimarães, ás Ordens de S. M. I.
O Medico da Imperial Camara.
O Official da Secretaria de Estado dos Negocios da Marinha Padre José Cupertino.
30 Soldados da Imperial Guarda de Honra.
3 Retretas.
6 Officiaes, e 60 Soldados do Batalhão de S. Paulo que fazem a Guarda de Estado.
2 Creados particulares.
4 Resposteiros.
3 Porteiros da Cana.
1 Boticario.
5 Ordenanças.
1 Correio do Gabinete.
2 Varredores.
16 Creados da Mantearia.
1 Sargento, e 12 Soldados da Imperial Guarda de Archeiros.
20 Creados da Ucharia.
15 Creados das Cavalhariças". — (E.).

(*) Lord Marcos Hill —, secretário de Stuart. (?) — (T.).

Eis muita conversa fiada. Mas, que quereis que escreva daqui, senão temos nem mesmo Cole para distrair-nos? E' melhor, pois, terminar, rogando-vos, senhora, que creiais em minha sincera e inalteravel dedicação.

MARESCHAL (20).

Cartas da Imperatriz Leopoldina a Maria Grahar — (Em francês)

Para a Europa.

I

Minha queridíssima amiga!

Fui muito agradavelmente surpreendida quando o nosso excelente amigo o Barão de Mareschal me entregou duas amaveis cartas vossas. É o único consolo que me resta no isolamento. Crede-me, minha dedicada e digna amiga, que sinto vivamente o sacrifício que impuz ao meu coração, que sabe apreciar as doçuras da amisade, separando-me de vós. É um verdadeiro consolo para minh'alma, e me ajuda a suportar mil dificuldades que se me opõem, saber que tenho tantas pessoas que se interessam pela minha sorte.

Estou à vontade para poder vos certificar que o bom Shepherd foi aproveitado no mesmo posto em que o Marquês o enviou. Minha cara amiga, ficai persuadida de que desejo

(20) Mareschal, Felipe Leopoldo Wenzer, Barão von (1784-1851). Descendente de antiga familia da Turingia, foi educado na Academia Militar de Viena. Fez a campanha de 1805, na qual se distinguiu e alcançou o posto de Capitão; foi em seguida adido à Legação austríaca em São Petersburgo: militou de novo na campanha de 1813, como Major de Hussardos, sendo adido ao Quartel-general da Prússia; até Abril de 1819 conservou-se em Paris, junto ao Duque de Wellington. Nomeado Encarregado de negócios da Austria no Brasil, chegou ao Rio em 23 de Setembro daquele ano; foi elevado a Ministro plenipotenciário a 17 de Fevereiro de 1827, e aqui permaneceu até Junho de 1830; em 1832 foi promovido a General e nomeado Enviado extraordinário em Parma, de onde foi removido para os Estados Unidos. Em 1840 promovido a Tenente-general e no ano seguinte nomeado Ministro plenipotenciário em Lisboa, onde ficou até 1847, retirando-se nesse ano à vida privada. Faleceu em Marburgo, a 28 de Dezembro de 1851. Sua correspondência diplomática com o Príncipe de Metternich, relativamente aos acontecimentos brasileiros, que de perto precederam à Independência e aos que a ela se seguiram até 1830, é das melhores fontes da História desse período. — (E.)

Eis muita conversa fiada. Mas, que quereis que escreva daqui, senão temos nem mesmo Cole para distrair-nos? E' melhor, pois, terminar, rogando-vos, senhora, que creiais em minha sincera e inalteravel dedicação.

MARESCHAL (20).

Cartas da Imperatriz Leopoldina a Maria Grahar — (Em francês)

Para a Europa.

I

Minha queridíssima amiga!

Fui muito agradavelmente surpreendida quando o nosso excelente amigo o Barão de Mareschal me entregou duas amaveis cartas vossas. É o único consolo que me resta no isolamento. Crede-me, minha dedicada e digna amiga, que sinto vivamente o sacrifício que impuz ao meu coração, que sabe apreciar as doçuras da amisade, separando-me de vós. É um verdadeiro consolo para minh'alma, e me ajuda a suportar mil dificuldades que se me opõem, saber que tenho tantas pessoas que se interessam pela minha sorte.

Estou à vontade para poder vos certificar que o bom Shepherd foi aproveitado no mesmo posto em que o Marquês o enviou. Minha cara amiga, ficai persuadida de que desejo

(20) Mareschal, Felipe Leopoldo Wenzer, Barão von (1784-1851). Descendente de antiga familia da Turingia, foi educado na Academia Militar de Viena. Fez a campanha de 1805, na qual se distinguiu e alcançou o posto de Capitão; foi em seguida adido à Legação austriaca em São Petersburgo: militou de novo na campanha de 1813, como Major de Hussardos, sendo adido ao Quartel-general da Prússia; até Abril de 1819 conservou-se em Paris, junto ao Duque de Wellington. Nomeado Encarregado de negócios da Austria no Brasil, chegou ao Rio em 23 de Setembro daquele ano; foi elevado a Ministro plenipotenciário a 17 de Fevereiro de 1827, e aqui permaneceu até Junho de 1830; em 1832 foi promovido a General e nomeado Enviado extraordinário em Parma, de onde foi removido para os Estados Unidos. Em 1840 promovido a Tenente-general e no ano seguinte nomeado Ministro plenipotenciário em Lisboa, onde ficou até 1847, retirando-se nesse ano à vida privada. Faleceu em Marburgo, a 28 de Dezembro de 1851. Sua correspondência diplomática com o Príncipe de Metternich, relativamente aos acontecimentos brasileiros, que de perto precederam à Independência e aos que a ela se seguiram até 1830, é das melhores fontes da História desse período. — (E.)

encontrar ocasiões para dar-vos provas de minha amisade e sincera estima.

O pobre Cary! A ciência da mecânica teve a maior perda neste bravo e habil mecânico. Será dificil substitui-lo (21). Espero com bastante impaciência a balança mineralógica que me é indispensavel para examinar o peso das pedras preciosas, único meio de saber a que classe elas pertencem.

O *Macaco do Brasil*, representado em Paris, parece-me provar a leviandade do carater da nação francesa, que dá tanta importância a tais ninharias (22).

Remeti a lista de conchas para que os professores saibam quais as que possuo, poupando-vos o incômodo de vo-las enviar uma segunda vez. Desejo principalmente as da India, Ilha de Ceilão, Nova Holanda e Molucas.

Sir Charles Stuart deixou-nos para visitar as Províncias do Norte, mas nos fez um pouco ouvir as novidades da Europa. Chegaram tres paquetes com despachos destinados à sua pessoa, que não podem ser abertos senão quando voltar, Deus sabe quando isso se dará. Depois de amanhã embarco para a Baía com o meu bem amado esposo e minha adorada Maria, que faz as minhas delícias pelo seu excelente carater e aplicação nos estudos. Pretendemos voltar ao Rio de Janeiro pelos meiados de Abril, já que o Imperador prometeu instalar a Assembléia Constitucional no dia 3 de Maio.

---

(21) William Cary (1759-1825), fabricante de instrumentos matemáticos. Foi discípulo de Ramsden, de quem logo se separou para trabalhar por conta própria. Em 1791 construiu para o Dr. Wollaston um trânsito circular, de dois pés de diâmetro, provido de microscópios graduados, que foi o primeiro que se fabricou na Inglaterra. Em 1805 enviou para Moscou outro trânsito, desenhado e descrito na *Practical Astronomy*, de Pearson, vol. II, ps. 362/365. Um circulo de 41 centimetros encomendado por Feer, cerca de 1790, é ainda conservado no Observatório de Munich. De sua fábrica são ainda os instrumentos de altitude e azimut, de 2 ½ pés, com os quais Bessel iniciou suas experiências em Königsberg, bem como um sem número de sextantes, microscópios e telescópios refletores e refratores. Em posse da Naturforschende Gesellschaft, de Zurich, está o Catálogo dos instrumentos por ele vendidos, em Strand, 182, Londres. Seu nome aparece na primeira lista dos membros da Astronomical Society. — Conf. *The Dictionnary of National Biography*, vol. III, ps. 1162, Oxford University Press, s. d. (1917). — Na carta de 8 de Setembro de 1825, a Imperatriz se refere a Cary; na de 2 de Fevereiro de 1826 lamenta sua morte, ocorrida em 16 de Novembro do ano transato; na de 22 de Outubro acusa a recepção da balança mineralógica, por intermédio de Sir Robert Gordon. — (E.)

(22) Essa peça, a que a Imperatriz se refere com indignação, deve ser: — "*Sapajou, ou le Naufrage des Singes* — folie en deux actes, mêlée de pantomine et de dance. — Représentée sur le Théâtre de la Gaité, le 3 août 1825. — Paris, Bezou, 1826, in-8. — O autor é Frédéric du Petit-Mèré (1785-1827), que apenas nessa peça, naturalmente encomendada para satirizar o Brasil, usou o pseudonimo de *Monckey*, que significa macaco em inglês. — Conf. J. M. Quérard, *Les Supercheries littéraires dévoilées*, tome II, ps. 1182, Paris, 1870. — (E).

Adeus, minha muito cara e respeitavel amiga. Ficai persuadida da sincera e inalteravel amisade com que sou,

vossa afeiçoada

MARIA LEOPOLDINA

São Cristóvão, 2 de Fevereiro de 1826.

P. S. Deveis ter recebido minha carta, em que vos dou a notícia de feliz nascimento de um filho que correspondeu a todos os meus anceios (23).

No sobrescrito :

A Madame
Madame Graham

II

Minha delicadíssima amiga.

Ainda que extremamente emocionada pela morte de meu respeitavel e bem amado sogro (24), que foi sempre para mim mais delicado e afetuoso que o melhor dos pais, não me posso furtar ao doce prazer de vos agradecer as duas amaveis cartas e explicar-vos os motivos que me impediram de vos escrever pelo último paquete. Uma viagem bem penosa à Baía e uma permanência naquela província de dois meses eternos, privaram-me da única satisfação que me resta num enorme afastamento, sem uma amisade delicada e espiritual. Eis-vos em vossa querida e esclarecida Pátria, entre bravos e virtuosos compatriotas. Como vos invejo esta felicidade ! O único consolo que me resta é de seguir sempre o caminho da virtude e da retidão, com firme confiança na divina Providência, que não abandonará jamais um coração sincero e religioso.

---

(23) D. Pedro de Alcântara, depois D. Pedro II, nascido ás 2 ½ horas da manhã do dia 2 de Dezembro de 1825, no Palácio da Boa Vista (São Cristovão) — (E.)

(24) D. João VI faleceu às 4 horas da manhã do dia 10 de Março de 1826, no Real Palácio da Bemposta. A notícia de sua morte chegou ao Rio de Janeiro a 24 de Abril seguinte, pelo Brigue *Providência*. — (E.).

Meus filhos fazem rápidos progressos tanto no moral, como no físico. Maria promete ter muito talento e me enche das mais felizes esperanças pela sua docilidade e vivacidade.

Ralhei com o Barão, que me prometeu escrever-vos, dizendo *que tem tanto trabalho que não dispõe, para si, de nenhum momento* — as desculpas de costume dos diplomatas. Como sei que sois sua amiga, tereis prazer em saber que ele foi nomeado Encarregado de Negócios (25). Como o estimo sinceramente, isto me alegra. Assegurando-vos a minha inalteravel amisade e estima, sou

vossa muito afeiçoada

LEOPOLDINA

São Cristóvão, 29 de Abril de 1826.

No sobrescrito :

A Madame
Madame Graham — Londres (26).

III

Minha cara amiga.

Começo por dizer-vos que a vossa última carta me causou bem doce prazer, e que posso tambem assegurar-vos, quanto à minha amisade, que penso mil vezes em vós, minha delicada amiga, e nos deliciosos momentos que passei em vossa amavel companhia.

Todos nós gozamos perfeita saúde. Dentro em pouco serei obrigada a fazer um novo sacrifício, além do de deixar uma família e pátria que adoro. E' o de me separar de uma filha que adoro, e que o merece, que revela a cada momento novas e excelentes qualidades, tendo uma aplicação extraordinária em sua idade, para os estudos, e um coração piedoso e

(25) Marechal apresentou credenciais como Encarregado de Negócios em 24 de Abril de 1826. — (E.).

(26) *Nota de Maria Graham* : "Escrita depois da viagem à Baía". (T.)

delicado para com seus amigos. O que deve consolar uma mãi afetuosa é a firme esperança, e posso dizer, certeza, de que ela fará a felicidade de uma nação fiel e brava e habitará em nossa querida Europa, que espero ainda rever, pois ao Tempo nada é impossivel.

Espero com bastante impaciência que o Sr. Gordon arranje agora meu gabinete de mineralogia. Tenho uma coleção para a cunhada de Sir Charles Stuart e espero enviar pelo próximo paquete. Seu cunhado deixou-nos para ir a Lisboa, de modo que não poude incumbir-se deste encargo.

Assegurando-vos toda a minha amisade e estima,

sou

Vossa Afeiçoada

LEOPOLDINA

São Cristovão, 7 de Junho de 1826

P. S. — Perdoai-me a má letra, mas depois de minha viagem por mar apanhei umas dores reumáticas nos dedos da mão direita, que me dificultam muito a escrita.

No sobrescrito :

A Madame

Madame Graham

Em Londres.

IV

Minha queridíssima amiga !

Eis que neste momento me dizem que o paquete parte em poucas horas, de maneira que só me resta a oportunidade de vos dizer que nem a imensa distância que nos separa, nem qualquer outro motivo poderão diminuir o vivo carinho e amisade que vos dedico. Recebi com indizivel prazer vossa última e ama-

vel carta, afirmando-me que gozais de uma perfeita saúde e tranquilidade.

Assegurando-vos toda a minha amisade e estima,

sou
vossa afeiçoada
LEOPOLDINA

São Cristóvão, 16 de Agosto de 1826

No sobrescrito :

A Madame
Madame Graham
Em Londres.

V

São Cristóvão, 17 de Setembro de 1826

Minha delicada amiga.

Crêde que todos os detalhes que tivestes a amisade de me fornecer sobre vossa pessoa, como sobre a política européia me foram extremamente caros e agradaveis. Há muitas cousas neste mundo que se desejariam mudar por vários motivos e que um sagrado dever ou a amarga política impedem. Estas mesmas razões me forçam a ficar no Brasil, tão firmemente persuadida de que na Europa gozaria de maior repouso de espírito e de muita consolação, achando-me perto de minha família e de vós, a quem estimo e a quem dedico carinhosa amisade, além de não ser forçada a me separar de uma filha, que por suas raras qualidades morais e físicas merece meus mais carinhosos cuidados. Mas deixemos de falar sobre este tema. Continuando a escrever e pensar nisso poderia me deixar levar por uma negra melancolia.

Todos nós gozamos de saúde perfeita e tenho o prazer de ver muitas vezes o Barão de Mareschal, que tem por vós um bem grande interesse, cara amiga.

Assegurando-vos toda minha amisade e minhas carinhosas lembranças,

sou
vossa afeiçoada

LEOPOLDINA

No sobrescrito :

A Madame
Madame Graham
Em Londres.

VI

Minha cara amiga!

Estou desde há algum tempo numa melancolia realmente negra, e somente a grande e terna amisade que vos dedico me proporciona o doce prazer de escrever estas poucas linhas. O Sr. Gordon me fez uma surpreza bem agradavel, remetendo-me a balança mineralógica e os encantadores livros que me enviais. O que me fez ficar bem contente foi a afirmação que ele me fez de que gozais de perfeita saúde, que vistes um pouco o jardim da Europa, a incomparavel Itália, e pudestes talvez ver minhas bem amadas irmãs. Como vos invejo, do fundo desse deserto, essa doce felicidade !!!!

Assegurando-vos toda minha amisade e estima, sou

vossa muito afeiçoada

LEOPOLDINA

São Cristóvão, 22 de Outubro de 1826

No sobrescrito :

A Madame
Madame Graham
Em Londres.

Carta de Maria Graham à Imperatriz (*Em francês*)

Londres, 2 de Novembro de 1826

Minha augusta e bem amada amiga.

Acabo de receber neste momento a amavel carta que V. M. teve a bondade de me remeter a 16 de Agosto. A distância que me separa de V. M. não poderá jamais alterar a viva amisade que me inspirou vossa condescendente bondade e doçura. E é um verdadeiro alívio para meu coração sentir que eu conservo vossa estima e vossa afeição — Deixei de escrever pelo último paquete, por ter estado, na ocasião de sua partida, perigosamente doente — Foi um ataque nos pulmões e a febre foi tal, e por tantos dias, que nem as copiosas sangrias, nem os mais eficazes medicamentos de costume, puderam reduzir o pulso a menos de *140*. Graças a Deus, eis-me restabelecida, ainda que dificultosamente e sentindo-me ainda bem fraca para evitar os ventos de Leste, que são a praga de nosso clima septentrional durante a primavera. Espero ir à Itália no mês de Fevereiro para lá passar algum tempo. Mas é preciso dizer a V. M. como e porque eu devo ir acompanhada. Estando cansada de viver só neste mundo, não me recusei a consentir em *casar-me novamente* — mas não será senão no mês de Fevereiro que isto se dará. O homem que escolhi é um pintor e não faltam parentes que clamam pela *mésalliance*. Que tolos! Como se um honesto nascimento e talentos superiores, com probidade e vontade, não valessem muito mais que o privilégio de dizer-se prima, em não sei que grau, de certos *Lords* que não se incomodam comigo mais do que com a rainha dos peixes! Chama-se Callcott. E' um belo homem, de 47 anos que muito me ama e me amou há muito tempo. Vi várias veses Sir Charles Stuart desde sua volta e V. M. não póde duvidar que eu lhe tenha feito muitas perguntas sobre o Brasil e, sobre tudo, sobre V. M. e a jovem Rainha de Portugal. Ah! se V. M. viesse à Europa, um dia visitar Sua Augusta Filha, com que prazer eu iria a Lisboa!

Espero que V. M. já tenha recebido os livros que remeti pelo Sr. Gordon. Pensei, com prazer, que ele poderá falar a V. M. sobre sua família, que ele conheceu toda em Viena. Perece-me que há sempre um grande prazer em ver e conversar com aqueles que acabam de estar com as pessoas que amamos.

Parece que podemos quasi perceber-lhes nos traços alguma cousa de parecido com as pessoas que eles acabaram de ver.

Não temos no momento, nada de novo na literatura, salvo um pequeno livro de viagens, escrito pelo Capitão Head. Ele fez a viagem de Buenos Aires ao Chile, pelos *pampas* e depois pelas montanhas, para visitar as minas de ouro (27). Há algumas descrições naturais e agradaveis. Nossas livrarias têm uma estranha mania — a de que não se devem publicar livros novos durante o verão. De modo que, salvo as gazetas e jornais periódicos, desde o mês de Maio até Novembro há míngua de novidades, e depois de Novembro até o fim de Maio há tantas viagens, romances, histórias e poemas, que ninguem se lembra, na segunda-feira, do que foi publicado no sábado. Quanto às notícias públicas, estamos tambem tranquilos e tão indiferentes como se não tivesse havido nunca desgraças no mundo. Comtudo, ainda que os nossos operários estejam em melhor estado que há cinco meses, ainda teremos de pensar na situação deles durante o inverno que vem. A verdade é que temos habitantes demais na nossa pequena ilha e acotovelamo-nos para encontrar logar.

Perdoe, Senhora, toda esta bisbilhotice, e aceite os votos que faço pela felicidade de V. M. e de todos que V. M. ama. Ninguem no mundo pode amar, estimar e respeitar mais V. M. do que a amiga fiel, afectuosa

e serva dedicada

MARIA GRAHAM (28)

No sobrescrito :

A' Sua Magestade Imperial
Maria Leopoldina,
Imperatriz do Brasil.

---

(27) Capitão Francis Bond Head — *Rough Notes taken during some rapid Journeys across the Pampas and among the Andes.* — Londres, 1826, in-8. Publicou em seguida : *Reports relating to the Failure of the Rio de la Plata Mining Association, formed under an Authority signed by his Excellency Don Bernardino Rivadavia.* — Londres, 1827, in-8. As *Rough Notes* tiveram segunda edição, Londres, 1846. — O Capitão Head (1793-1875) descendia de familia judaica, os Mendes de Portugal. Foi aluno da Real Academia Militar, Woolwich, saiu segundo e primeiro tenente de engenharia em Maio de 1811 ; esteve presente na batalha de Waterloo e comandou depois uma divisão de pontoneiros que marchou sobre Paris. Em 1825 retirou-se do serviço ativo e aceitou o lugar de administrador da Rio de la Plata Mining Association, formada em Londres em Dezembro de 1825. Viajou então pelos países americanos do Sul, quando escreveu os livros acima indicados. Foi membro do Conselho Privado e faleceu em 20 de Julho de 1875. — (E.)

(28) Esta carta não chegou a ser entregue, como se verá pela carta seguinte de Mareschal. (T.)

Carta de Mareschal a Maria Graham (Em francês)

I

Rio de Janeiro, 10 de Março de 1827

Minha presada senhora.

Espero que todas as complicações de que fui vitima nos últimos tempos e que podeis facilmente imaginar, me servirão de desculpa para um tão longo silêncio. Começo por devolver junto vossas duas últimas cartas à Imperatriz. Ela não existia mais quando me chegaram às mãos (29). Sua moléstia foi curta e dolorosa. Não a perdi de vista durante todo seu curso. Ela desesperou desde o princípio; tendo em vista sua idade, sua constituição e a fatal complicação de uma gravidez, fez-se o que foi possivel para salva-la. Sua morte foi chorada sincera e unanimemente. Ela deixa um vácuo perigoso. Nada até agora indica nem que se pretenda preenche-lo, nem por que pessoa. Tudo corre na forma do costume, da maneira que conheceis. Eis o bastante sobre um assunto tão aflitivo. Falemos de casamento. E' mais alegre e convem melhor, Senhora, a vós que estais *noiva*. Fizestes bem, muito bem mesmo. O homem não foi feito para viver só, e a mulher ainda menos. De minha parte, desejo-vos toda a prosperidade e felicidade possiveis; e que eu a possa rever com boa saude, gozando a vossa nova existência, quando isso se der. Eis o que ignoro, pois eis que estou de novo amarrado aqui por anos. Fizeram-me Ministro. E' preciso calar-me e ficar contente. No entanto, minha existência aqui não corre muito agradavel. Temos, comtudo, no momento, um corpo diplomático assás numeroso, mas tudo isto está tão descosido que não se poderá fazer um juizo certo.

---

(29) A Imperatriz D. Maria Leopoldina faleceu pelas 10 horas e um quarto de 11 de Dezembro de 1826. Foi este o 17.° boletim diário de sua doença:

"Pela maior das desgraças se faz público que a enfermidade de S. M. a Imperatriz resistiu a todas as diligências médicas, empregadas com todo o cuidado por todos os Médicos da Imperial Câmara. Foi Deus servido chama-la a si pelas 10 e um quarto. — *Barão de Inhomirim*" — (E.).

Adeus, Senhora, passai bem, ficai satisfeita, e, sobretudo, conservai em vossa lembrança um lugar para o mais sincero, mais devotado, mas tambem o mais preguiçoso de vossos amigos.

MARESCHAL

II

Rio de Janeiro, 18 de Agosto de 1828

Senhora,

Recebi a carta com que me quizestes honrar na data de 5 de Junho, assim como uma inclusa, de que junto aqui a resposta. Não temos aqui absolutamente nada de novo : Uma assembléia, de que ninguem parece se ocupar ; uma guerra, em que as duas partes se cobrem de glórias sem se bater ; heroismo, lealdade, uma profunda sabedoria, nem sombra de senso-comum, mas tédio em abundância ; e eu vos envio vosso quinhão, em vos escrevendo.

Lord Ponsonby é o homem mais amavel, mais simples de maneiras que existe sob o ceu, mas como se levanta às duas horas da tarde e janta das sete à meia noite, ainda não tive ocasião de gosar de sua companhia (30). Os restantes vossos patrícios passam alegremente. O Sr. Chanceler dá uma audiência uma vez ou outra. Quanto a amigos, Senhora, não sou tão feliz quanto vós. Não tenho nem velhos nem novos. Se isto continua, será melhor amarrar uma pedra ao pescoço e atirar-me a um rio.

Perguntais-me notícias de Grenfell. Ele se tem distinguido ; recebeu um posto e uma condecoração, e isto o levará para diante, eu o espero. Mas, emquanto se espera, faz-se

---

(30) Lord Ponsonby (John), Visconde Ponsonby of Imokilly (1770?-1855), diplomata. Foi Enviado extraordinário e Ministro plenipotenciário da Gran-Bretanha na Corte do Rio de Janeiro. Começou a servir esse cargo em 22 de Agosto de 1828 e foi o mediador nas negociações da Convenção de paz entre o Brasil e as Provincias do Rio da Prata, de 27 dos mesmos mês e ano. Faleceu em Brighton, em 21 de Fevereiro de 1855. — (E.)

dele boa opinião e com perseverança ele acabará por fazer carreira (31).

Li *Vivian Grey, Han d'Islande* (32), etc. Nada disso me agradou, e a dissolução de nossa sociedade de leitura é uma verdadeira desgraça para mim. Por isso penso em solucionar esse caso, se estiver destinado a ficar neste paiz encantador ; e sabeis como, Senhora ? Servindo-me de vós, com vosssa permissão, para a escolha de algumas novidades de tempos a tempos. Espero que me queirais dizer preliminarmente a quanto isso poderia se elevar por ano e qual seria o melhor meio de faze-las chegar aqui.

Tenho atualmente por única companhia dois papagaios, duas araras, uma cacatua, um urubú-rei e dois macacos. Estão todos às vossas ordens, Senhora, assim como o dono. Temos ainda uma companhia de velhas dançarinas e cantoras francesas e cantores italianos (33). Mas ainda não pude assistir a um espetáculo dessas novidades, porque eu estou de luto de meu pai. Sua morte, de que tive conhecimento pelo último paquete, muito me acabrunhou. Era o único amigo que eu tinha. Contanto que tambem não vos deixeis morrer, porque

---

(31) John Pascoe Grenfell atingiu ao almirantado, perdeu um braço na campanha naval da Císplatina e faleceu a 29 de Março de 1869, em Liverpool, como Consul geral do Brasil. — (E.)

(32) *Vivian Grey,* novela de Lothair Disraeli, 5 vols. in-4, Londres, 1825. Há dessa novela tres edições até 1827. — *Han d'Islande,* romance de Victor Hugo, 4 vols. in-12, Paris, chez Persan, E'diteur, 1823. Segunda edição, Lecomte et Durey, mesmo número de volumes, mesmos formato, lugar e ano. — (E.)

(33) No Teatro São Pedro de Alcântara funcionava então uma Companhia de artistas italianos e franceses, músicos e dançarinos, em cujo elenco figuravam Falcoz, primeiro dançarino, Majoranini, primeiro baixo-cantor. Mme. Dargê, dançarina, Fabricio Piaccentini e suas filhas Justina e Elisa, o casal Fasciotti, o casal Henry, o casal Toussaint, Mlle Adèle Paillier, etc. O repertório constava das peças *Joconde ou o Principe Troubador,* o *Mercador de Escravos,* o *Barbeiro de Sevilha,* a *Italiana em Argel,* a *Timonela,* o *Aio em embaraço,* etc. Os atos eram entremeados de danças, que rematavam o espetáculo. As funções nem sempre eram pacíficas. O cronista do *Jornal do Comércio,* de 19 de Agosto de 1828, escreveu a respeito : "Nunca a illusão theatral foi levada ao ponto em que a vimos antes de hontem á noite. Tres ou quatro dos Srs. Figurantes se gratificárão mutuamente com huma roda de chicote, e isto com hum vigor, ou para melhor dizer, com huma brutalidade realmente perfeita. Não queremos tratar seriamente huma indecencia tão escandalosa. A policia apoderou-se immediatamente dos culpados, aos quaes sem duvida inculcará que huma conducta tão grosseira he prevista pelos regulamentos ; que o unico meio para não tornar a cahir no mesmo erro he de refletir maduramente, e que em parte nenhuma se reflecte melhor do que na Cadeia".

Por esse tempo falava-se na formação de uma Companhia Nacional que viria trabalhar no Theatro São Pedro de Alcântara. O *Jornal do Comércio,* de 7 de Agosto, publicava a lista dos artistas portugueses, engajados em Lisboa, que deviam compor essa Companhia. Chamava-se *nacional,* entenda-se, por que suas representações eram dadas na lingua do País... — (E.)

vós e minha avó de Paris, sois minhas únicas correspondentes do velho mundo... Adeus, Senhora, tudo tem um fim. Isto prova a folha de papel em que vos escrevo. Permiti, porém, que exceptúe dessa regra geral os sentimentos de amisade e de respeito que vos dediquei.

MARESCHAL

Cartas de Maria Graham a Palmela (Minutas, em francês)

1828 — Londres

I

Senhor

Devo desculpar-me perante vós pela responsabilidade de tomar-vos um momento. Estive, há atualmente mais de quatro anos, no Brasil, porque S. M. o I. e a finada Imperatriz me ordenaram que assumisse a direção de suas bem amadas filhas, principalmente a de S. M. a Rainha de Portugal. E' inutil ocupar-vos com os motivos que me fizeram deixar o honroso serviço que me estava destinado e para o qual fui convidada por Suas Magestades o Imperador e a Imperatriz.

Voltando à minha pátria contraí novas núpcias e nunca mais pensei em reingressar numa corte. Mas a chegada de S. M. a joven rainha me fez recordar todo o afeto que eu nutria para com essa amavel criança e o meu respeito, — mais que respeito — a verdadeira amisade que subsistia entre sua Augusta Mãi e eu. Pensei, pois, que não erraria apresentando-me em casa de S. M. a Rainha com o meu antigo nome. Antes de o fazer, pedi os conselhos de meus amigos Mylord e Milady Holland [34], que me afirmaram que, dirigindo-me

---

(34) Lady Elisabeth Holland, filha do milionário Vassal, da Jamaica, foi casada em primeiras núpcias com Sir Godfrey Webster, de quem se divorciou escandalosamente para casar-se com Lord Holland (Veja *Escorço biográfico*, nota 1, *a*).

Sua casa em Londres, a famosa *Holland's House*, foi um dos mais vivos centros intelectuais e politicos da Inglaterra; seus salões eram frequentados por personalidades como Macaulay, Sydney Smith, Talleyrand e muitas outras; mas, pelas circunstâncias do divórcio já aludido, não eram procurados pela alta aristocracia, de costumes rígidos, e poucas senhoras ali apareciam. Napoleonista exaltada, empregou esforços para salvar o vencido de Waterloo. Escreveu o seu *Journal*, publicado recentemente. Lady Holland morreu em 1845. — (E.)

a V. Excelência e explicando que o motivo da minha visita seria demonstrar a afeição que conservei pela joven rainha e o meu respeito pela memória de sua excelente mãi, poderia, sem temor, confiar-vos o desejo, que tinha, de ver, ao menos uma vez, esta criança tão querida daquela que não deixarei jamais de lamentar e que até os últimos dias de sua vida, não cessou de me demonstrar, por meio de cartas, sua afeição ([35]).

Resposta de Palmela (*Em francês*)

Londres, 27 de Outubro de 1828

Senhora

Estou realmente tão envergonhado quanto possivel por ter adiado por tanto tempo a resposta à carta que me fizestes a honra de enviar. O fato é que eu a recebi estando doente, preso ao quarto, e passaram-se alguns dias antes que tivesse ocasião de informar S. M. a Rainha da lembrança que conservaveis do tempo em que estivestes junto a ela e da doce dedicação que lhe consagrais. Fiz referência à vossa visita ao Sr. de Barbacena, que é a pessoa encarregada pelo Imperador Dom Pedro da guarda de sua filha, e vos afirmo, Senhora, que vossa intervenção muito longe de parecer descabida, não póde senão provocar o reconhecimento de todas as pessoas que se interessam pela joven Rainha.

Eu vos pedirei, Senhora, permissão para vos procurar em vossa casa, afim de conversarmos a respeito de tudo o que se refere à vossa Pupila, e não desespero que ela possa retomar

---

(35) Tendo demorado a resposta de Palmela, parece que a então Mrs. Callcott começou a afligir-se. A este respeito escreve-lhe Lady Holland o seguinte bilhete:

"Estou certa de que fizestes muito bem — e quero contar a Palmela que foi principalmente por sugestão minha que procurastes a Rainha. Acho que o Sr. Callcott faz bem em rir de vossas apreensões. Desejo-os bôa sorte. — *E. Holland.* — Domingo". — (T.).

este título, se um dia sua posição consolidar-se na Europa e ela se separar das pessoas que trouxe consigo provisoriamente do Brasil.

Apresento-vos, Senhora, minhas homenagens muito vivas.

PALMELLA (36).

No sobrescrito :

Mrs.
Callcott
4, Kensington Gr.

II

Senhor

Neste momento acabo de receber a sua carta de hoje. Fico muito sensibilizada pela honra que V. Ex. me quer fazer vindo à minha casa, e não ficarei senão demasiado satisfeita se, na menor cousa ou em qualquer circunstância, eu puder ser util a S. M. a joven Rainha, não somente pela dedicação que Lhe conservo, como pelo reconhecimento do verdadeiro afeto que me manifestava sempre sua excelente mãi.

Estou sempre em casa de manhã. Assim, em qualquer dia ou hora conveniente a V. Ex., encontrar-me-á. Se conviesse a V. Ex. avisar-me do momento em que deseja encontrar-se comigo, tomaria as medidas necessárias para ficar só.

---

(36) D. Pedro de Sousa Holstein (1781-1850). Conde de Palmela em 12 de Abril de 1812 ; Marquês em 3 de Julho de 1823 ; Duque em 13 de Junho de 1833. Ao recolher-se do Brasil a Lisboa com a Familia real, em 1821, recebeu ordem de desterro para vinte léguas afastadas da Côrte, o que cumpriu em Borba. Chamado a ocupar o Ministério dos Negócios Estrangeiros na contra-revolução de 1823, viu-se implicado e preso no movimento infantista de Abril de 1824. Em 5 de Fevereiro de 1825 foi nomeado Embaixador de Portugal na Côrte de Londres. Faleceu em Lisboa, em 12 de Outubro de 1850. — (E.)

ESCORÇO BIOGRAFÍCO DE DOM PEDRO I, COM UMA NOTÍCIA DO BRASIL E DO RIO DE JANEIRO EM SEU TEMPO

II

ADVERTÊNCIA

(De William Hutchins Callcott)

Mr. Hallam (1) considerava este manuscrito valiosíssimo.

Lord Holland(a) tinha em grande apreço esta narrativa.

---

(1) Henry Hallam (1777-1859). Notavel historiador inglês. Escreveu, entre muitos outros livros, os seguintes:

— *A view of the State of Europe during the Middle Ages.* — Londres, 1818, 2 vols. in-4.

— *The Constitutional History of England from the Accession of Henry VII to the Death of George II.* — Londres, 1827, 2 vols. in-4.

— *Introduction to the Litterature of Europe in the fifteenth, sixteenth, and seventeenth centuries.* — Londres, 1837-39, 4 vols. in-8. (E).

(a) Henry Vassall Fox, Lord Holland (1773-1840). Notavel político, um dos mais convictos *Whigs* da Inglaterra. Formado pela Universidade de Oxford, em 1792, foi colega e amigo de Canning. Visitou Paris e aí conheceu Lafayette e Talleyrand; logo depois esteve na Espanha e na Itália, voltando à Inglaterra com a mulher de Sir Godfrey Webster, com quem se casou após o rumoroso divórcio desse último. Entrou em 1798 para a Câmara dos Lords, onde combateu a união da Irlanda e procurou abrir o Parlamento aos Católicos. Em 1800 adotou o nome de Vassall Holland; em 1802 foi de novo a Paris, e frequentou o Primeiro Consul; em 1805 esteve em Madrid. Foi um dos Plenipotenciários ingleses no acordo com os Estados Unidos, em 1806. Abolicionista ardoroso, posto que grande proprietário na Jamáica, sustentou todas as medidas contra o tráfico. Membro do Conselho Privado, em 1806; Lord do Selo Privado no Gabinete chamado "dos talentos", organizado no mesmo ano. Na Câmara dos Lords combateu o *bill* que considerava Napoleão prisioneiro da guerra; manifestou-se pela independência da Grécia e pela *intervenção em* Portugal a favor de D. Maria II. Não falhou, pois, em nenhuma das grandes causas liberais de seu tempo. Com a volta dos *Whigs* ao poder, foi Chanceler do Ducado de Lancaster, cargo em que se manteve, com pequenas interrupções, até morrer.

A fama de Lord Holland é singularmente ampliada pela brilhante vida social que manteve, paralela à sua ação política. Todos os contemporâneos são unânimes em atribuir-lhe as grandes qualidades de homem de salão, boa conversa, finura, uma inesgotavel reserva de anedotas e, acima de tudo, uma capacidade inaudita de ouvir e tolerar as opiniões alheias, por mais contrárias que fossem às suas idéias. A aven-

— Vide as cartas da Hon. Carolina Fox a Lady Callcott e a carta de Miss Edgeworth (b) no final.

---

tura de seu casamento fez, porem, com que sua casa, a célebre *Holland's House*, onde se reunia a fina flor da intelectualidade britânica, fosse olhada um tanto de sosláio pelas altas e severas camadas da aristocracia inglesa.

Lord Holland escreveu uma biografia de Lope de Vega e traduziu várias peças espanholas e italianas; escreveu ainda muitos panfletos politicos, um projéto de Constituição para o Reino de Nápoles, alem de suas *Memórias*, de edição póstuma por seu filho Henry Edward, sucessor do titulo e da casa. Sobre ele há um belo ensáio de Macaulay. — (E).

(b) Maria Edgeworth (1767-1849). Romancista inglesa. Escreveu histórias para crianças, e ainda *Castle Rockrend* (1800), *Belinda* (1801), e outros romances em séries. Não se casou para fazer companhia ao pai. Grande conhecedora da vida irlandesa, tema principal de sua obra. Era amiga íntima de Walter Scott. Muito conhecida em Londres e em Paris. Sua carta a Maria Callcott vem no final, mas a de Carolina Fox, que deve ser de familia de Lord Holland, não aparece aqui. — (E).

NOTA PRÉVIA

(do punho da autora)

As páginas seguintes foram escritas logo após a morte do Imperador do Brasil, Dom Pedro I, Duque de Bragança, etc. Deveria antes dizer que foram começadas nessa época, visto como foi então que narrei alguns de seus episódios a Miss Fox, que entendeu de tomar nota de tudo que eu dizia. Em vista disso, comprometi-me a escrever não somente o que sabia de ciência própria sobre Dom Pedro, como o que havia aprendido, de bom ou de mau, a respeito dos seus primeiros tempos. Está visto que, à medida que a narrativa vai prosseguindo, muita cousa relativa ao paiz se mistura com ela. Sua filhinha e a sua primeira e admiravel mulher serão tambem citadas com frequência. Para mim, o que se refere à última é a parte mais interessante da narrativa. Para aquele em cujas mãos este manuscrito provavelmente ficará, talvez as passagens referentes à minha pessoa, não sejam totalmente sem valor.

Maria Callcott

Kensington Gravel Pits —
(Começado em 1834.
Terminado em Julho de 1835).

ADITAMENTO

Caso esta memória seja um dia examinada por alguem que esteja escrevendo a vida de Dom Pedro I, tudo o que se refere a mim, pessoalmente, será naturalmente posto de lado.

Aliás, eu mesmo não deveria ter narrado senão aquilo que possa esclarecer, não somente o **seu** carater, mas o estado social do Brasil no seu tempo. Cancelei um grande episódio, e teria mesmo arrancado e queimado este trecho. Mas existem os documentos originais, e assim deixei aqui as cópias. A história de Mme. Bonpland foi incluida somente para mostrar algumas das variedades de armadilhas a que estava exposto Dom Pedro.

M. C.

(Cópia feita por Samuel Allen, Cav.)

ESCORÇO BIOGRÁFICO DE DOM PEDRO I, COM UMA NOTÍCIA DO BRASIL E DO RIO DE JANEIRO EM SEU TEMPO

A natureza dotou Dom Pedro de fortes paixões e grandes qualidades. As últimas foram reveladas pelas circunstâncias, mas nem a educação, nem a experiência, havia domado as primeiras, quando sua conduta, como príncipe soberano, se tornou importante aos olhos do velho e do novo mundo. Daí os depoimentos contraditórios que dele temos, partidos de várias pessoas, que poderiam supor terem estado em excelentes condições para julgá-lo.

Foi levado da Europa e seus requintes com a idade de 11 anos, para uma colônia remota, terrivelmente corrompida pela escravidão, e acompanhado no exílio por alguns nobres portugueses, cujos hábitos e moralidade não poderiam ser da menor vantagem na formação do seu carater, e por um bando dos mais despreziveis e degradantes agregados do Palácio de Lisboa. O chefe destes (2) devia sua posição à fortuna (ganha de maneira que dificilmente poderá ser averiguada), e havia sido inicialmente servente das Reais Cavalariças. Sua mulher, outrora uma irlandesa extremamente bela, era a filha de uma lavadeira.

Na ocasião da chegada da Família Real ao Brasil, seguiu-se o sistema do costume entre os Braganças: os jovens príncipes foram afastados, quanto possivel, de todo conhecimento dos negócios públicos e casos do Estado. Passavam o tempo principalmente no apartamento da velha aia, que os acompanhara de Portugal, ou numa espécie de caçadas ligeiras que se permitem aos Príncipes do Sul da Europa, ou em divertimentos, dos quais o único respeitavel era a música.

---

(2) Este cavaleiro fundou o Banco Nacional do Brasil. — (A.).

Quando cresceram, empenharam-se em pô-los em contato com cenas de vício e deboche. Em resumo: a educação dos príncipes foi, em geral, tão desprezada que, eles próprios, se queixavam, quando crescidos, de mal saberem ler e escrever.

Houve uma tentativa fracassada de dar-lhes um tutor na pessoa do Padre Boiret (3), francês residente por muito tempo em Lisboa, mas suas maneiras e moralidade eram tais que Dom Pedro, escandalizado e aborrecido, disse francamente a seu pai que não receberia instrução de tal mestre. Estava destinado a dever sua primeira educação a pessoa muito diferente. A beleza de uma graciosa dansarina de teatro, filha de um artista francês, impressionou o jovem príncipe, desde a primeira vez que a viu. Procurou logo uma apresentação. Em breve ficou apaixonado por ela e o seu amor foi correspondido. Os que o cercavam, bem como as pessoas da corte, viram nisto uma aventura que poderia acostumá-lo a certas relações, e a afastá-lo de certa sociedade, de que eram ciumentos, e assim não somente animaram, como incrementaram sua paixão. Foram ao ponto de dar uma vultosa quantia à mãe da dansarina para que ele podesse gozar do privilégio exclusivo de visitá-la. Mas a honra e os escrúpulos que esta tinha não puderam ser vencidos; Dom Pedro, incapaz de dominar sua paixão, desposou-a secretamente. Ela era extremamente educada e empreendeu a educação de seu real apaixonado.

Foi isto pelo tempo da paz geral na Europa, quando sem conhecimento de Dom Pedro, se fizeram negociações, em seu nome, no sentido de lhe obter a mão de uma Arquiduquesa austríaca. Nada poderia egualar o desespero do jovem príncipe, quando veio a saber que a arquiduquesa já estava embarcada, em caminho para o Rio. Recusou desfazer-se de **sua mulher**, como teimava em chamá-la. Recusava despedi-la apesar das ordens, das ameaças de ser desherdado, feitas pelo seu tolo pai, sua imperiosa mãe e por toda a côrte e ministério. A Rainha ainda condescendeu em confiar na dansarina, achando que as ameaças não davam resultado sobre ela e só exasperavam o príncipe. Tentou suborná-la com

---

(3) A autora escreve *Boirée* — (T.) Padre Renato Pedro Boiret, mestre das Princesas, Capelão-mór do Exército Imperial. Fez parte do *Apostolado*, onde tinha o nome de *Sócrates*. Foi nomeado Comendador da Ordem de Cristo, no despacho de 4 de Abril de 1825, — *Diário Fluminense*, de 6 do mesmo mês e ano.

Era Cônego e faleceu em 23 de Julho de 1828. — Melo Moraes, *Brasil Historico*, 2.ª série, tomo II, ps. 166, Rio, 1867. — (E).

riquezas superiores a seus desejos e com as mais preciosas joias, impondo a única condição de ir gozar delas na Europa. Prontificou-se além disso a obter-lhe casamento com um homem de condição elevada, cujo carater e conduta seriam uma segurança para sua futura felicidade. Mas tudo foi recusado, pois a dansarina era moça e estava muito apaixonada. Afinal, estava tão próxima a chegada da arquiduquesa que a Rainha se viu obrigada a fazer mais um esforço e desta vez foi bem sucedida, tendo falado à moça na vantagem e felicidade do próprio Príncipe e não de seu próprio interesse, acenando com a possibilidade de ser ele desherdado se ela continuasse a teimar. Consentiu, pois, ela, em abandona-lo, com a condição de lhe ser permitida a ida para alguma região do Brasil, não estando longe o seu parto, antes de atender a quaesquer outras propostas. Não lhe deram tempo de voltar atraz. Foi imediatamente posta a bordo de um navio e enviada a Pernambuco, onde foi entregue aos cuidados de Luiz do Rego, então governador, e sua bondosa esposa. Foi tratada com grande carinho e teve, talvez prematuramente, uma criança sem vida. Estando rompido qualquer laço com Dom Pedro, consentiu ela em casar com um oficial francês, que a levou para Paris, onde viveu muitos anos e talvez ainda viva, modesta e respeitosamente.

Após este episódio da sua vida, poderá alguem surpreender-se com ter sido sua recepção a Maria Leopoldina mais fria do que deveria ser, e que pessoas que reparam nestas cousas, tenham observado que no Camarote Real no Teatro em que pela primeira vez apareceram juntos em público, a Rainha estivesse constantemente chamando a atenção do Príncipe para que cuidasse de sua esposa, e que ele obedecesse aos seus sinais com tal relutância e mau geito que fizessem cair lágrimas dos olhos da Arquiduquesa? Não obstante, o bom senso da Arquiduquesa, que foi logo informada, por uma pessoa qualquer da côrte, a respeito da história da dansarina, em breve reconciliou Dom Pedro com o seu dever. Ela se tornou sua companheira constante nos seus passeios e excursões pelas florestas selvagens que envolvem o Rio por todos os lados, e nos estudos que ele prosseguiu com maior ardor que antes, sob a direção da esposa. A determinação desta, de não magoar ou chocar uma alma recem ferida, obteve, senão a mais calorosa afeição do marido, ao menos sua total confiança e completa estima.

Entrementes, as intrigas do Palácio e seus habitantes, ciumentos de qualquer estrangeiro, tornaram de tal maneira dificil a situação das damas que haviam acompanhado a Arquiduquesa, que elas se dirigiram, incorporadas, a Dom João VI, e insistiram em ser recambiadas para a Europa, seis meses depois de chegadas. Tendo morrido de repente o jovem que havia acompanhado a Arquiduquesa como secretário, provavelmente devido à mudança de clima, essa morte foi atribuida a envenenamento e, desde aí, Maria Leopoldina não teve mais o conforto de uma companhia e de uma notícia de sua própria terra.

A primeira vez que Dom Pedro teve ocasião de manifestar seu espírito como homem público, foi no dia em que a Constituição foi imposta a Dom João VI, juntamente com a igualdade de direitos do Brasil e Portugal. No meio dos gritos de alegria do povo, Dom João e a Rainha concertaram secretamente os meios de uma rápida volta a Portugal, de modo a reinar em uma côrte mais absolutista, e então, pela primeira vez, chamaram Dom Pedro a tomar o lugar que lhe competia como segunda pessoa no governo. Resolveram deixa-lo como Regente no Brasil até que pudessem mandar da Europa tropas suficientes para abafar o que chamavam — o espírito revolucionário — que lhes havia imposto uma Constituição.

Entretanto, algumas pessoas no Palácio (segundo se cochichou — a própria Rainha) haviam autorizado alguns guardas a atirar sobre a *Assembléia da Cidade*, onde os cidadãos estavam pacificamente reunidos. Mas Dom Pedro, reunindo alguns milicianos na cidade, com outras tropas, marchou em defeza da assembléia, e o fez com tal eficiência que o dano causado pelos atacantes foi pouca coisa mais do que janelas quebradas.

Na tarde do mesmo dia, a população tirou os cavalos da carruagem de Dom João e arrastou o Rei, a Rainha e a corte, para assistirem sua ópera favorita — *La Cenerentola* ([4]). Na manhã seguinte toda a comitiva real, tanto quanto permitiram as acomodações dos navios, saía barra fóra em demanda de Lisboa, deixando Dom Pedro como regente num

---

(4) *La Cenerentola* (em francês *Cendrillon*) que é uma opera bufa em dois atos, libreto de Ferreti e música de Rossini, representada em Roma, pela primeira vês, no Teatro Valle, em 26 de Dezembro de 1816. O libreto da *Cenerentola* nada tem de comum com a *Cendrillon*, conto de Perrault. — (E).

território que continha mais graus de latitude e longitude que toda a Europa reunida e cujos habitantes acabavam de alcançar um grau de densidade e civilização que não podia dispensar um governo local A necessidade de Tribunais de Justiça na terra, para evitar a remessa das menores causas para serem decididas alem do Atlântico ; o desejo natural de ver alguns compatriotas ocupar cargos de confiança até então exercidos somente por estrangeiros e os clamores anômalos de uma população mixta de livres e escravos, tornavam a posição do príncipe de uma dificuldade fora do comum.

Em fins de Setembro de 1821 a Fragata britânica *Doris* chegou a Pernambuco e verificou que o partido brasileiro, resolvido a separar-se da Mãe-Pátria, havia se aproximado da cidade com uma força consideravel, obrigando o governador Luiz do Rego a cortar as pontes de comunicação com o interior e a erguer uma estacada alem dos subúrbios para proteger os habitantes.

A Fragata ficou muitos dias ancorada e deixou o Governador Realista e o Comandante das forças da terra em tão bons termos, que o último até permitiu a entrada de mantimentos na cidade e o Governador desistiu de hostilidades ativas até que pudesse receber uma resposta do Príncipe, no Rio, às propostas dos patriotas. Alguns dos oficiais do navio tiveram então ocasião de visitar os comandos dos sitiantes, em consequência de ter sido capturada uma cesta de roupa. Claro é que o aspecto dos soldados era um tanto curioso para pessoas recem-vindas da Europa. O comandante em chefe era um português-brasileiro, moreno e gordo, de aspeto um tanto pesado, mas com uma testa e um olhar que às vezes se iluminavam e mostravam que ele mereceria ser colocado à frente de um empreendimento honroso (5). Sua vestimenta e seus apetrechos eram os que um fazendeiro estúrdio podia ostentar de volta de uma inspeção às suas terras recem-lavradas e o seu Estado-Maior ou Conselho consistia em onze ou doze pessoas reunidas na sala em que ele recebia os oficiais, diferençando-se dele somente no vestirem-se algumas delas

(5) O Presidente da Junta do Recife, eleito em 26 de Outubro de 1821, era Gervasio Pires Ferreira. — (E).

de preto. Pertenciam evidentemente ao clero e à classe dos legistas. Quanto à guarda de honra, nunca se viu talvez, uma tal mistura de cores, seja de pele, seja de vestuário — havia o louro refugiado irlandês, o pálido português e todos os tons de branco e de castanho-claro que se poderiam obter entre aqueles e o negro. Quanto ao vestuário, ao lado de um roupão verde, vinha um algodão estampado, seguido por uma jaqueta verde com calças vermelhas ; uniformes abandonados das velhas tropas portuguesas alinhavam-se com as cores mais brilhantes que Manchester pode produzir para o mercado de escravos ; meias de todos os matizes alternavam com muitas pernas nuas ; sapatos de todos os feitios que se podem imaginar para evitar o *bicho de pé*, desde a bemfeita bota de Londres até a sola de pele crua e a sandália leve, de madeira, do lavrador. Os armamentos estavam em relação com o vestuário. Umas poucas espingardas, espadas e pistolas alternavam-se com lanças de bambú, algumas sem ponta de ferro. Instrumentos agrícolas, remos e ganchos de navios, e até mesmo instrumentos mecânicos, mostravam cómo todos haviam estado alerta em obedecer ao grito de independência.

Os proprietários das terras das vizinhanças de Pernambuco não haviam limitado os convites às famílias, e à descendência dos primeiros colonos portugueses. Haviam apelado tambem para os negros, livres ou escravos, com a promessa de libertação dos últimos, em nome do grande chefe Camarão (?), para que se mostrassem dignos dos grandes heróes dos tempos de Maurício de Nassau !

Quando a fragata chegou à Baía, a cidade estava perfeitamente tranquila, mas, não muitos dias depois, apareceram tambem os patriotas, vindos do interior ; tinham uns poucos oficiais experimentados a mais que os pernambucanos e tambem alguma artilharia, mas o grosso das tropas era tão misturado de cores quanto as do norte.

Era uma cena curiosa de ver-se, dos navios no cais, a artilharia da cidade, assestada no largo do teatro, que se ergue exatamente na borda da elevação em que fica a cidade. O dia e mesmo a hora para uma batalha parecia fixar-se. Os patriotas deviam avançar do fundo da cidade ; estavam já armados, à margem do pequeno lago, a menos de um quarto de légua de distância. Mas o tempo não estava a propício ; as chuvas tropicais convertiam as estradas em rios de lama vermelha, e, como em Pernambuco, os baianos tambem con-

cordaram em esperar até que ouvissem do Príncipe Regente, se ele iria ficar à testa do Brasil Independente e Igual, ou submeter-se aos termos assás degradantes propostos pelas Cortes de Lisboa.

A fragata seguiu ainda para o Sul e ancorou na Baía do Rio de Janeiro. Mal haviam os oficiais feito os seus preparativos a bordo e iniciado suas relações com os comerciantes da praia, quando rompeu um motim entre os soldados, mas com intuitos muito diferentes dos patriotas do norte. No Rio os soldados haviam determinado forçar o príncipe a obedecer às Cortes de Lisboa e colocar o Brasil no pé em que estava antes dos Braganças nele se haverem refugiado, afim de voltar a Lisboa para começar sua educação pessoal. Dizem os que estavam presentes quando Dom Pedro abriu os despachos das Cortes, que nada poderá dar idéia da indignação que ele exprimia em cada trecho deles. Tendo passado sua vida, desde os onze anos, no Brasil, estava a ele fortemente ligado e desposara calorosamente seus interesses. Protestou em altas vozes contra a injustiça de remover os Tribunais de novo para o outro lado do Atlântico, exatamente quando a nação estava começando a colher o benefício de uma rápida e certa administração da justiça, e, quanto ao que se referia a ele pessoalmente, está claro que protestou por ser tratado como estudante, quando já era marido e pai, e havia exercido as funções de Príncipe Soberano.

Numa das primeiras noites em que os oficiais da Fragata conseguiram ir ao Teatro, não tanto por causa da música quanto para ver o Príncipe e a Princeza que lá deviam estar, sendo noite de gala, notaram que havia uma grande animação na conversa em uma parte da platéia e que os oficiais portugueses, de um determinado regimento estavam ausentes da casa. Quando a Opera estava aproximadamente para mais da metade, parece ter havido um alarme repentino, não somente nos principais camarotes, mas na platéia, e todos os olhos estavam anciosamente voltados para o Príncipe, que, na parte posterior de seu próprio camarote falava energicamente, parecendo dar ordens ao comandante da cidade, emquanto, ao mesmo tempo, uma cara nova aparecia a cada instante à porta do camarote, como se estivesse trazendo notícias desagradaveis. Em muito pouco tempo o falatório dos camarotes e o levantar da assistência preparando-se para

deixar a casa (6), quasi abafava as vozes dos atores. Neste momento Dom Pedro veiu à frente e com sua voz forte apelou para a assistência, declarando que todos os amigos da paz, do Brasil e d'Ele, deveriam conservar-se nos lugares; que era verdade que dois regimentos portugueses se haviam revoltado e haviam deixado seus quarteis em direção ao Morro do Castelo, mas que ele havia dado ordens ao Comandante da guarnição que assegurariam a proteção das casas e propriedades dos habitantes, desde que ficassem socegados e não embaraçassem o movimento das tropas, precipitando-se pelas ruas antes de se terem tomado as necessárias medidas para a segurança do povo. De sua parte, Ele pretendia permanecer onde estava, até o fim da ópera e a Princesa havia resolvido ficar com ele. Ela então avançou e deu a mesma segurança ao povo que, vendo-lhe firmeza (especialmente tendo em vista a sua condição, muito adiantada em gravidez) aquiesceu e elevou um **Viva** que pareceu abalar o edifício. Em consequência, o espetáculo continuou e quando caíu o pano, a princesa foi conduzida do camarote por um dos oficiais de serviço de sua Casa e colocada em uma carruagem de viagem, para Ela preparada, com uma escolta, para conduzi-la à Quinta de São Cristovão. Dom Pedro ficou no Teatro até que todos saíram, e então, montando a cavalo, dirigiu-se ao Jardim Botânico, a cerca de seis milhas de distância, onde estava postado o principal do Corpo de Artilharia e depois de colocar os Paiois de Pólvora e a Fábrica em segurança, trouxe os canhões grandes para a defesa da cidade e passou a noite

---

(6) Esse edifício, mais tarde incendiado, era maior do que o Teatro Real (King's Theatre), no Haymarket. — (A.) — Sobre o Real Teatro de São João, veja *Cartas de Luiz Joaquim dos Santos Marrocos* in *Anais da Biblioteca Nacional*, vol. LVI, ps. 160. Foi construido no antigo Campo dos Ciganos, por Fernando José de Almeida, o Fernandinho, que fora cabeleireiro do Vice-Rei D. Fernando José de Portugal, segundo planta do Marechal de Campo João Manuel da Silva. Informa Pizarro, *Memórias Historicas*, vol. V, ps. 78, que acomodava na platéia, sem vexame, 1.020 pessoas, tendo 112 camarotes, distribuidos em quatro ordens: a primeira, com 30 camarotes, a segunda e a terceira com 28, cada uma, e a quarta com 26. Foi inaugurado em 12 de Outubro de 1813. Depois de um espetáculo de gala para solenizar o juramento da Constituição Política do Império, em 25 de Março de 1824, foi, em poucas horas, devorado por violento incêndio, ficando apenas de pé as paredes laterais. Para sua reedificação o decreto de 26 de Agosto daquele mesmo ano autorizou a extração de loterias e concedeu outros favores; outro decreto, de 15 de Novembro, outorgou ao teatro, que se estava reconstruindo, o título de Imperial Teatro São Pedro de Alcântara.

Sua inauguração efetuou-se a 22 de Janeiro de 1826, com um espetáculo de gala para solenizar o aniversário natalício da Imperatriz D. Leopoldina.

Depois da abdicação de D. Pedro I o teatro teve o nome mudado para Teatro Constitucional Fluminense. — (E).

toda reunindo os diferentes corpos da Milícia e das tropas nativas brasileiras para proteger a praça da ameaça de saque pelos portugueses.

Ao raiar o dia, uma força avaliada em oito mil homens estava reunida, pela mor parte postada no Campo e Sant' Ana, a maior praça do Rio, e ocupando o caminho entre o Morro do Castelo e a grande estrada para o interior, e também dominando o aqueduto que fornece ao Rio quasi toda a água potavel. Os oficiais portugueses haviam se esquecido de que o Morro do Castelo não era abastecido de água e que qualquer sucesso que eles pudessem esperar dependeria de um gólpe de mão. Mas desapontaram, não somente com a natureza da posição que haviam ocupado, como porque um estratagema muito engenhoso por eles planejado para obter armas e munições da Ilha das Cobras, foi frustrado pela rapidez do Capitão do Porto que lhes tomou o barco exatamente no momento em que iam realizar o intento. Nada poderá exceder a excitação que reinava na cidade. Comerciantes trataram de colocar seus papeis, dinheiro e joias a bordo dos navios no porto. Madame do Rio-Seco afirmou a uma amiga, que logo que chegou em casa, de volta do Teatro, tirou todas as suas joias, pô-las no vestido de sua criada, e procurando toda a roupa suja da casa, poz um colar de brilhantes, dentro de uma meia, outro dentro de uma touca de noite e assim por deante, e então, amarrando tudo junto numa trouxa, resolveu, se a casa fosse arrombada, deixar bastante prata pelas salas para ocupar os saqueadores, emquanto ela, como se fosse uma lavadeira branca, procuraria fugir com a roupa suja na cabeça e atirar-se ao primeiro barco de pesca, remando para o navio inglês mais próximo. Felizmente, porém, todos estes preparativos e alarmes foram em vão. O Príncipe e seus conselheiros tomaram as suas providências tão judiciosa e eficientemente que, no início da tarde, os ocupantes do Morro do Castelo se renderam ; a última guarda portuguesa marchou para fora do palácio e a primeira guarda brasileira tomou-lhe o lugar, para nunca mais ser substituida nem por uma hora. Os regimentos rebeldes portugueses foram mandados para o outro lado da baía, onde ficam os armazens públicos chamados Estabelecimentos de Bragança (7). Muito poucos

(7) Sobre os acontecimentos dos dias 11 e 12 de Janeiro de 1822, veja *Revista do Instituto Histórico*, tomo XXXVII, parte 2.ª, ps. 341-366. — (E.).

dias foram necessários à obtenção de transportes que os levassem para Lisboa. Os oficiais, comtudo, ameaçavam abertamente voltar ao Rio, ou descer na Baía ou Pernambuco e punir seus inimigos. Mas parece que ou mudaram de idéia ou os comandantes dos Transportes foram inflexiveis, porque chegaram a seu destino e tiveram que comunicar a presença a contragosto, às Cortes, sem o Príncipe que eles se haviam comprometido a levar para o colégio!

Ainda que tudo tenha terminado tão bem politicamente, Dom Pedro teve que lamentar a perda de seu único filho, em consequência da desarrazoada conduta da ama, a cujo cargo a criança foi mandada, juntamente com as princesas e suas damas, de São Cristovão para Santa Cruz, a *cincoenta milhas* para o interior, antigo estabelecimento dos Jesuitas, mas então um palácio de campo favorito.

Foi nesta crise que deixei o Brasil e não voltei a ele senão ao cabo de doze meses... *Durante este tempo, as diferentes* capitanias concordaram em reconhecer Dom Pedro como Imperador, com a condição dele declarar o Brasil separado e independente de Portugal, renunciar por si e por seus herdeiros *no Brasil, para sempre, a todas as pretenções ao trono* de Portugal, e no caso de qualquer ramo de sua família ser chamado ao trono português, exigir, da parte dele, um solene ato de renúncia ao Brasil.

A Constituição devia ser, pois, representativa e modelada muito mais pela dos Estados Unidos do que pela da Inglaterra e o Poder Imperial, alguma cousa entre o Presidente Americano e o Soberano limitado da Inglaterra. As principais pessôas que aconselhavam Dom Pedro por esse tempo e que eram, de fato, seus autores, eram os tres irmãos de nome Andrada. O mais velho, José Bonifácio, era um homem de raro talento. A uma educação européia ele havia acrescentado o que a experiência poderia fornecer pelas viagens. Havia estudado todas as ciências que imaginou poderiam ser vantajosas aos interesses locais e comerciais do Brasil. Lia a maior parte das modernas línguas da Europa e falava várias delas com correção. Quando o conheci, sua estatura naturalmente mediana ainda diminuira, em parte pela idade e em parte por uma curvatura habitual. Seu segundo irmão era um alto e belo homem, longe de com ele ombrear em carater ou em cultura, mas apaixonadamente orgulhoso de sua pátria. Havia estudado tudo que se refere ao sector

militar nas melhores escolas da Europa. O terceiro irmão estudara direito nas Universidades portuguesas; era moreno e tinha mais o aspeto de português ou brasileiro que qualquer dos outros.

Esses irmãos eram, naturalmente, apoiados por muitos proprietários, mas eram os verdadeiros dirigentes do Estado. Dom Pedro, a conselho deles, havia visitado todas as capitanias do sul, onde se tornara extremamente popular, em parte pelas suas maneiras francas e alegres e em parte pela sua resistência em suportar a fatiga, as vicissitudes do tempo e toda incomodidade pessoal. Frequentemente, após cavalgar durante um dia inteiro por estradas ínvias e perigosas, e molhado até os ossos com as chuvas tropicais, havia se contentado em jantar um bocado de toucinho e farinha de mandioca e descansar, durante a noite, protegendo-se do barro úmido, somente com uma porta ou uma janela arrancada do portal.

As capitanias do Norte, posto que as primeiras a reclamar Independência, estavam então de novo unidas a Portugal, não porque os sentimentos dos habitantes houvessem mudado, mas porque as condições físicas e geográficas destas colônias as tornavam, no momento, impossibilitadas de romper os grilhões de Portugal. Só as capitanias do Sul possuem cidades no interior, comércio interior e um tráfico não dependente inteiramente da costa marítima. Os governos do Norte, pelo contrário, não tinham cidades a não ser as que ficavam junto ao mar e que, por esse tempo, quasi não serviam senão para comércio, recebendo mercadorias manufaturadas, vinhos e escravos, em troca dos produtos nativos do interior. Apesar de possuirem algumas das melhores madeiras de construção naval, poucos navios haviam sido lá construidos até a emigração dos Braganças de Portugal. Nas terras secas alem de Pernambuco e Ceará, os habitantes, em muitas ocasiões, são obrigados a demandar a costa, pela falta d'água nas vilas e fazendas dos plantadores de açucar e algodão. Daí, as cidades costeiras, e, consequentemente, os distritos delas dependentes, ficarem à mercê do que tiver o domínio do mar, até que surjam cidades no interior e as planícies e vales se tornem bastante habitados para creàr uma circulação interna, suficiente pàra viver sem proteção, e, em caso de necessidade, para resistir à influência dos portos. Dom Pedro e seus ministros estavam suficientemente ao par tanto de suas fraquezas quanto de suas forças. Daí ter o príncipe

pago sua primeira dívida aos distritos sulinos, menos dependentes do mar, e ter deixado, temporariamente, as regiões do norte ocupadas pela frota de Dom João VI, e pelos poucos soldados portugueses que ainda permaneciam no paiz. Entretanto, o Governo enviou uma mensagem ao Chile, onde Lord Cochrane acabava de chegar, após destruir o último navio que a velha Espanha havia conseguido enviar atravez do cabo Horn, para opôr-se à recem obtida Independência do Oeste da América do Sul. Convidaram esse grande capitão a vir para o Brasil, para assumir o comando da nova Esquadra Imperial e servir a Dom Pedro, que havia sido aclamado primeiro Imperador do Brasil Independente, não para conquistar as Províncias do Norte, mas para liga-las ao Imperador e ao Sul independente, devolvendo à Europa esquadras e exércitos, por meio dos quais o governo beato dos Braganças da Europa, pensava manter o Brasil na condição vergonhosa de nação conquistada.

Não é do nosso intuito agora dizer de que maneira as promessas feitas a Lord Cochrane e aos oficiais e soldados que o quizeram acompanhar, foram cumpridas ou por que foram quebradas. Basta dizer que Lord Cochrane aceitou o convite e trouxe vários oficiais prestantes para o serviço. A' sua chegada ao Rio de Janeiro, a primeira dificuldade surgiu do desejo, bem natural no Imperador, de que o título de **Comandante em Chefe** ficasse com um Oficial seu, que havia seguido sua sorte e abandonado a da Corte Portuguesa. Lord Cochrane, porem, estava muito bem prevenido, pela sua experiência, de que seria inutil tentar qualquer serviço estrangeiro, especialmente da magnitude do que ele era chamado a realizar, enquanto fosse deixado a qualquer outro oficial uma sombra de pretenção a intervir e insistiu em ser Comandante em Chefe, para todos os efeitos, enquanto seus serviços fossem necessários para libertar as regiões do Norte do Brasil do poder dos portugueses. O bom senso de José Bonifácio de Andrada havia compreendido desde o início, que isto era absolutamente necessário. Mas foi inacreditavel a dificuldade que encontrou em convencer o resto do Conselho de sua opinião. Afinal foi conseguido e em cerca de quinze dias estava ele embarcado no navio de guerra **Pedro Primeiro,** armado e equipado para o serviço ativo e saindo fora do porto do Rio com um número conveniente de fragatas para bloquear a Baía.

Durante o tempo em que as Fragatas estavam se preparando, a atividade do Imperador era antes a de um jovem oficial recentemente nomeado do que um soberano que iria nomear os outros chefes. Chegava a bordo dos navios todas as manhãs às seis horas, apressava os armadores, intervinha nos navios de provisão, exigia o impossivel dos tanques de água, balançava-se pelas cordas de convés em convés até as mais baixas partes do porão, recusando todo auxílio de escadas ou outras comodidades e, na sua alegria, trazia a Imperatriz para bordo, afim de compartilhar do novo prazer que Ela apreciava cordialmente. E' verdade que o defeito de que Dom Pedro foi muito acusado, — inspeção demasiado minuciosa, que não é uma qualidade de rei, o gosto de governar cousas pequenas, — se revelou aqui e ali. Mas se considerarmos as circunstâncias do paiz, a novidade que apresentava o exame da eficiência dos subordinados em atividade, e ainda a falta completa de experiência por parte de Dom Pedro I, a falta parecerá bem venial.

Depois que a frota partiu, algumas pequenas cousas que o Imperador havia percebido ao tempo em que estava inspecionando os navios, mas que não tinham sido espalhadas, tanto na alfândega como nas tesourarias da alfândega, foram então por ele reformadas. Por isso foi ele visto por muitos dias, logo que salvava o canhão da madrugada, saindo os portões de S. Cristóvão para fazer uma visita inesperada a uma ou outra das repartições públicas. Aí chegado, corria de mesa em mesa com um caderno na mão, tomando nota do nome de cada funcionário ausente e deixando ordens para que esta ausência fosse satisfatoriamente justificada. Algumas vezes seus esforços eram mais visiveis. Um dia, por exemplo, tendo sabido que os comerciantes de roupas e artigos de algodão na rua principal usavam medidas deseguais, dirigiu-se pela madrugada à Alfândega, pediu a medida padrão do Império, seguiu com ela pela rua, entrou de loja em loja, e onde encontrava uma medida abaixo ou diferente do padrão, tomava-a sob o braço. Antes de alcançar seu cavalo e ajudante de campo, no fim da rua, já havia reunido um feixe de réguas suficiente para um litor romano.

Não foi muito depois da partida da esquadra que a primeira Assembléia Legislativa se reuniu. A época era de ex-

traordinária excitação. O Imperador, a Imperatriz e a filha mais velha estiveram presentes. Era o acontecimento mais importante para o Brasil desde que Cabral havia chegado às suas praias. Realizou-se a 3 de Maio de 1823. Na Fala do Trono de abertura o Imperador discriminou os males da forma de governo do Brasil no momento e falou com grande ênfase das ordens injustas e arbitrárias das Cortes de Lisboa, assegurou à assembléia que tendo, após madura deliberação com o ministério, chegado à conclusão de que a sua presença no Brasil era necessária para realizar a grande medida da Independência, ele aqui permaneceria. Prosseguiu, então, mencionando as várias medidas benéficas que haviam sido tomadas desde que o povo o havia escolhido para Imperador e concluiu ratificando do modo mais solene, na presença da Assembléia, a promessa que havia feito na coroação (1.º de Dezembro de 1822).

Após ter falado o Imperador, o Bispo da Diocese, na qualidade de Presidente da Assembléia, fez uma curta resposta, e quando o Imperador deixou o edifício da Assembléia as aclamações do povo, que estava reunido na praça pública, estrugiram e pareciam repetir-se até São Cristóvão pelos grupos de pessoas que se alinhavam pelo caminho em que passou com a Imperatriz e a filha.

O dia se encerrou como todos os dias importantes no Brasil — com um espetáculo de gala [8]. A peça, que foi montada para a ocasião, chamava-se o *Descobrimento do Brasil*. Apareceu o Estandarte Imperial com as palavras inscritas: "**Independência ou Morte**". Isto era completamente inesperado e provocou as mais longas e vivas manifestações e palmas que eu jamais vira. Dom Pedro escondeu o rosto

---

(8) O espetáculo em honra à instalação da Assembléia Geral Legislativa e Constituinte, em 3 de Maio de 1823, foi assim descrito pelo *Diário do Governo*, de 5 do mesmo mês:

"...Esteve á noite illuminada toda a Cidade com profusão de luzes extraordinarias, e pelas oito horas da noite appareceo S. M. I. no Theatro, onde foi recebido com iguaes acclamações. Ali achavam-se tambem quatro camarotes a cada um dos lados do de S. M. I., ornados com o maior aceio, e destinados para os nossos Deputados. Principiou o espectaculo pelo recitação de um excellente elogio dirigido a S. M. I. e á Assembléa: seguio-se-lhe a representação da Peça intitulada *Os Tartaros na Polonia*, concluindo o divertimento uma soberba dança allegorica, em que se representou o *Descobrimento do Brasil por Pedro Alvares Cabral*, de que o dia de hoje he anniversario. Quando baixou o Genio com a Bandeira do Imperio e a desenrolou sobre o Theatro, todos os espectadores subitamente se pozeram de pé, e as acclamações, os vivas ao Imperio do Brasil, á nossa Independencia foram, e com tal enthusiasmo, pronunciados, que seria impossivel á mais habil penna descrevel-os". — (E).

por um momento. — Observou-se então que ele estava extremamente pálido e as lágrimas corriam-lhe pelas faces. Pelo final da peça, as aclamações se repetiam e os gritos de *"Viva a Pátria"*, *"Viva o Imperador"*, *"Viva a Imperatriz"* e *"Vivam os deputados"* se ouviram dos espectadores. Um dos ministros avançou então e propoz um viva ao *leal povo do Brasil*, que foi secundado entusiasticamente. E assim se encerrou este importantíssimo dia.

Por muitas semanas após a abertura da assembléia, as deliberações se processaram tão bem quanto possivel. As notícias dos portos do Norte eram favoraveis. A esquadra de Cochrane havia feito muitas presas, especialmente de armas e munições, que os portugueses estavam tentando contrabandear para a Baía. O Ministério dos Andradas parecia ser tão justo e sábio que ninguem duvidava de sua longa permanência e de que ele obteria para o Brasil uma Constituição que tornaria a Independência do Brasil uma benção, e permitiria ao país progredir mais rapidamente que os Estados Unidos, abolindo não somente o comércio de escravos, mas a própria escravidão. De minha parte fui obrigada a me satisfazer com a leitura dos relatórios, tais como foram publicados no *Diário da Assembléia*, pois que fiquei confinada em minha casa, durante muitas semanas, com uma grave moléstia. Durante esta doença, recebi mais de uma carta da Imperatriz, dizendo que lhe tinham falado de minha situação de isolamento e de minha doença; que ela desejaria que eu me considerasse sob a sua especial proteção emquanto permanecesse no Brasil e que apelasse para ela se precisasse de qualquer espécie de assistência. Quando fiquei boa, não pude deixar de dizer a José Bonifácio, o Ministro, por quem haviam sido enviados os recados, que ficaria muito satisfeita com qualquer oportunidade de apresentar-me a ela e agradecer-lhe pessoalmente. Aconteceu que Lord e Lady Amherst haviam parado no Rio, (9) na viagem que fizeram à China nessa mesma oca-

---

(9) William Pitt, Conde de Amherst d'Arakan (1773-1857). Foi Embaixador da Inglaterra na China, onde se recusou ao ceremonial do *Ko-tou;* foi em seguida Governador Geral da India, e conquistou uma parte da Birmânia. Nessa viagem para a India, Lord e Lady Amherst pararam no Rio de Janeiro. Das *Notícias Marítimas*, do *Diário do Governo*, de 14 de Maio de 1823, verifica-se: — "Entradas do dia 12 — Inglaterra pela Madeira e Tenerife, 54 dias, Não ingl. *Jupiter*, Com. o Cap. de Navio Kaestyohalem, passageiro o Vice-Rei de Calcutá e mais Indias, com sua familia".

Do *Diário citado*, de 24 de Maio de 1823:

são, e não havendo protocolo então no Rio, Sua Magestade marcou minha visita para o mesmo dia em que Lady Amherst lhe devia ser apresentada pela mulher do consul inglês, em São Cristovão, de modo que me vi sosinha com estas duas senhoras, no grande salão de recepção da Vila Imperial, durante os dez minutos (pois não foi por mais tempo) em que a Imperatriz nos deixou esperando. Depois de ter acabado sua pequena conversa com Lady Amherst, sem esperar pela minha aproximação, nem mesmo que a Camareira-Mór me apresentasse, como eu esperava certamente que ela faria, a Imperatriz avançou rapidamente para mim e tomando-me pela mão falou-me de maneira delicada e afetuosa; desejou que eu não deixasse logo o Brasil e contou-me que o Imperador desejava muito ver-me, que ele havia conversado com seu médico sobre meu caso ; que pensava que o meu médico me havia dado calomelanos de mais e pouco óleo de rícino. Este foi, creio eu, o principal assunto da conversa que durou bastante para que a *Senhora Consulesa* imaginasse que se havia tratado mais de política do que eu jamais pensara. Creio realmente que ela, e várias outras pessoas me julgaram, por algum tempo ao menos, uma segunda Afra Behn.

E' estranho, mas verdadeiro : nunca soube como ou quando surgiu a idéia de me tornar governante das princezinhas. Quem primeiro me perguntou se eu aceitaria o cargo foi Sir Thomas Hardy, que então comandava a esquadra inglesa da região da América do Sul. Sem imaginar que ele estivesse no segredo, eu respondi : "certamente". E acrescentei :

"Sahidas do dia 22 — Cabo de Boa Esperança, Não ing. *Jupiter*, Com. Westphal, transporta o governador dos Estados Inglezes na India Lord Amherst, com sua comitiva".

Canning, para evitar a atenção da Europa, incumbira Lord Amherst, seu amigo particular, de entender-se reservadamente em sua passagem pelo Rio de Janeiro, com Dom Pedro e José Bonifácio a respeito do reconhecimento da Independência do Brasil, ligando esse negócio à abolição do tráfico de escravos. — Conf. Tobias Monteiro, *Historia do Imperio — O Primeiro Reinado*, tomo I, ps. 331, Rio, F. Briguiet & Cia., 1939

A entrevista de Lady Amherst com a Imperatriz, de que trata Maria Graham, foi assim noticiada pelo *Diário do Governo*, de 23 de Maio :

"Rio de Janeiro, 22 de Maio. — S. M. I. foi para Santa Cruz. Lady Amherst, Esposa do Lord deste titulo, governador da India, foi introduzida á Augusta Presença da Imperatriz pela Camareira Mor, segunda feira passada, ao meio dia.

"No mesmo dia deu um grande chá em casa do Consul de Inglaterra e entre os convidados Brasileiros vio-se o Exmo. Ministro de Estado dos Negocios Estrangeiros".

A Lady Amherst foi dedicado o genero *Amherstia*, de Leguminosas cesalpináceas, cuja única espécie que se conhece é uma das mais admiraveis producções da Flora indiana. — (E).

"que cousa deliciosa, salvar esta linda criança das mãos das creaturas que a cercam, educa-la como uma dama européia — ensinar-lhe, já que ela terá de governar este grande paiz, que o Povo é menos feito para os Reis, que os Reis para o Povo". Se estas palavras foram repetidas a algum dos Andradas como um sério plano de minha parte, não sei. E' certo que desde então recebi da parte deles uma grande consideração, e finalmente, através de algumas de suas relações, uma intimação direta. O Imperador e a Imperatriz esperavam que eu requeresse formalmente o cargo que eles já haviam predeterminado conceder, afim de nomear-me sem demora governante das Princesas Imperiais. Confesso que fiquei arrebatada pela idéa de educar uma pessoa de cuja educação e qualidades pessoais a felicidade de todo o Império devia depender. Imaginei que o Brasil poderia, sob um melhor governo, atingir o que nenhum paiz, salvo o meu, jamais alcançara. Nunca tive muita fé em novas constituições, feitas para se despirem como vestidos, sempre que os homens se sentem cansados das antigas formas, e sabia que o melhor de nossas próprias instituições havia crescido juntamente com a nação, como a casca do nosso carvalho, se vai ajustando em tamanho e em feitio, à medida que a árvore avoluma o seu tronco, seus ramos e sua raiz. Comtudo, pensei ser possivel que, livre das Ordenações Portuguesas e do direito colonial costumeiro, auxiliada pelas determinações da Igreja (a qual, posto que corrompida, ainda não posso deixar de considerar perfeitamente adaptada às necessidades do povo, como a mais simples forma de religião), uma tal Constituição podesse ser mantida, já que não interferia demais com o que tinha até então sido olhado com veneração, e pudesse regular tudo o que o país estava necessitando: criação de tribunais imparciais, impulsionamento da indústria e do comércio, abolição da escravidão e seus males consequentes, e acima de tudo, manutenção da paz. Se posso ser lamentada por ter afagado essas esperanças, posso desculpar-me dizendo que os Andradas afinal, pensavam comigo no assunto, e que, até então, o próprio Imperador se havia manifestado, ainda mais entusiasticamente do que eu jamais ousara fazer, a respeito das perspectivas do Brasil independente da Mãe Pátria e livre internamente. Destas idéias, ele se havia embebido, para grande escândalo dos poucos velhos nobres portugueses que permaneciam no paiz, em cer-

tas sociedades deliberantes, a que comparecia incógnito e eram então estigmatizadas com o nome de *Clubes Jacobinos*. Foram estas sociedades fomentadas no Rio, durante a última campanha que a Europa fez a Napoleão, mas os restauradores, de ambos os lados do Atlântico, as destruiram desde que atingiram seu objetivo.

Comtudo, antes que podesse mesmo pedir ou aceitar meu cargo, um acidente se deu que, com certeza, produziu afinal, os mais graves efeitos para o Brasil e para Portugal. O Imperador, ao passear por umas florestas virgens, não muito longe do Rio, caiu do seu cavalo e quebrou a clavícula ([10]). Isto necessariamente prendeu-o em casa. O seu médico, temendo, como disse, a febre, proibiu-o de ver seus ministros ou de tratar qualquer negócio de importância. Pode-se imaginar como a estrada entre o Rio e São Cristovão ficou todos os dias cheia de pessoas que iam perguntar pelo Imperador. Num dia, ninguem sabe como, uma carta foi dirigida ao Palácio, contendo acusações contra os tres Andradas, atribuindo-lhes injustiça, crueldade, pelas prisões de muitos cidadãos de São Paulo, e outras medidas opressivas, tanto direta como indiretamente, ligadas principalmente com os relatórios dos membros da nova Assembléia Geral. Os signatários desta carta, foram, comtudo descobertos : uma Senhora, cujo nome havia sido até então sussurrado no tom mais suave do mexerico, havia ultimamente se mudado de São Paulo, onde o Imperador a havia visto pela primeira vez, para a povoação junto à Quinta Real de São Cristovão. Seu pai, posto que português de boa família, mantinha o que se chama, tecnicamente, uma loja em São Paulo. Devo explicar que uma venda, em geral na América do Sul, além de ser realmente uma

---

(10) Sobre a queda de cavalo que deu Dom Pedro I, em 30 de Junho de 1823, pelas 6 horas da tarde, vindo de sua chácara Macaco, e ao chegar à ladeira do Paço de São Cristovão, publicou o *Diário do Governo*, de 10 de Julho, uma longa *Descripção historica da molestia de S. M. o Imperador, e Diario do seu estado, e tratamento successivo até ao dia* 9 *do corrente*. O relatório do Médico de Semana Dr. Antônio Ferreira França, acusa o seguinte :

"1.° Fractura direita na 7.ª costella sternal ou verdadeira do lado direito, no ponto de reunião do seu terço médio com o posterior ;

"2.° Fractura indirecta ou por contra-pancada na terceira costella sternal do lado esquerdo, comprehendendo o seu terço anterior ;

"3.° Diasthese incompleta na extremidade sternal da clavicula esquerda ;

"4.° Emfim, grande contusão no quadril, com forte tensão nos musculos, que cercam a articulação femoro-iliaca, e com dôr gradativa, principalmente no nervo schiatico, que, ao depois, ganhou intensidade notavel com explicação de dores agudissimas, e de caracter convulsivo". — (E).

loja para o varejo da maioria de mercadorias européias, ainda tem o carater de um café e de uma taberna. Foi nesta venda que Dom Pedro se hospedou quando fez sua excursão política às capitanias do sul. As quatro filhas solteiras do hospedeiro foram chamadas para entreter o Real visitante com música e dansa. Alguem observou que a pérola da família, ou antes da cidade, estava ausente e se chamava Madame de Castro. Seu marido era oficial da Milícia local. O pai foi polidamente solicitado a mandar buscar a pérola. Veiu e foi julgada irresistivel! Seu marido recebeu um emprego muito acima de suas esperanças, numa província distante, com uma combinação no sentido de não ser acompanhado pela mulher. O marido de uma outra irmã recebeu ordens de partir para São Cristovão, onde recebeu um emprego, com uma pequena casa. Foi-lhe sugerido que nada poderia fazer de melhor do que convidar sua bela cunhada a viver com ele. Não é extraordinário que com tal encorajamento as outras irmãs se casassem.

Não sei exatamente o momento em que nasceu uma meninazinha, filha de Dom Pedro e da Senhora de Castro. Ela foi, mais tarde, a causa de um grande agravo à Imperatriz e ocasionou uma explosão de mau humor de Dona Maria, agora Rainha de Portugal, que posso bem registrar aqui. Quando alguns anos depois esta meninazinha foi apresentada no palácio, o Imperador determinou que ela deveria jantar com Dona Maria. A Princesa recusou a sentar-se à mesa com a que ela chamava — a *Bastarda* — O Imperador insistiu e ameaçou dar em D. Maria uma bofetada, ao que se voltou ela orgulhosamente para ele e disse: — "uma bofetada! Com efeito! Nunca se ouviu dizer que uma Rainha, por direito próprio, fosse tratada com uma bofetada!"

Uma criança mais velha, tambem filha da Madame de Castro, foi imediatamente anunciada pelo Imperador e posta na melhor escola do Rio de Janeiro. Várias das melhores famílias retiraram seus filhos do colégio. Muitas falaram abertamente da ofensa que lhes havia sido feita com o enviar uma filha de tal pessoa entre seus filhos, e é certo que, em parte pelo sentimento geral sobre a situação, mas principalmente por um verdadeiro respeito pela Imperatriz, as relações com Madame de Castro eram encobertas quanto possivel, nem ela se apresentava em público senão com suas irmãs e seu cunhado.

Mas voltemos ao Imperador. Acreditava-se geralmente, e creio que era verdade, que durante seu isolamento em razão do acidente, ficara sem ver Mme. de Castro em pessoa, mas na família de Bragança, alguns Oficiais Menores, ou como nós chamariamos, *criados*, têm o privilégio de aproximarem-se de seus senhores em qualquer tempo e em quaisquer circunstâncias. Por muitas gerações, o Barbeiro era a figura principal no Palácio de São Cristovão. Alem de suas ocupações normais de criado incumbido da barba, era mordomo da casa, tesoureiro particular, diretor da cozinha, e até pagava as empregadas da Imperatriz e as várias amas portuguesas e outras velhas que haviam acompanhado de Lisboa a Família Real. Este homem era inteiramente do partido **da Castro**, e as reuniões de tagarelices em torno da cama do Imperador, eram conduzidas sob sua direção e compostas, pela maior parte das relações de família de Madame. Essas pessoas tambem não estimavam a Imperatriz, porque era, como diziam, **estrangeira** — Aborreciam-se por que o Imperador não tinha casado com uma tia ou prima, portuguesa ou espanhola, e, ainda que não manifestassem abertamente os sentimentos, tambem de boa vontade favoreciam as pessoas que eles esperavam poder diminuir a influência da Imperatriz. Todos concordavam em odiar os ministros, que já haviam reduzido algumas das prerrogativas do palácio e ameaçado reformas mais adiantadas. Essas manobras e outras da mesma natureza, enfraqueceram naturalmente a influência dos Andradas junto ao Imperador. Eles ainda dirigiam os negócios públicos, é verdade; presidiam a Assembléia Geral e recebiam os relatórios dos sub-secretários, mas em vez do acesso facil de que gozavam junto ao Soberano, tudo agora devia passar pelos canais oficiais. Se os relatórios não podiam ser suprimidos ou alterados, ao menos tomavam-se providências para apresenta-los em horas e circunstâncias mais ou menos agradaveis, de modo que o Imperador podesse seguir o partido anti-ministerial. Em vez da quasi infantilidade e bom humor com que o Imperador recebia geralmente José Bonifácio, este homem respeitavel era visto agora esperando numa antecâmara durante horas, ainda que os mais importantes negócios do Estado estivessem parados. Mas ele, e sua família, eram ainda muito necessários para poderem ser dispensados, e assim as coisas caminharam até que o Imperador se restabeleceu. Voltou, então, aos costumes antigos de confiança

em seus **verdadeiros amigos**. Aprovou o que nunca devia ter hesitado : a remessa de navios e recursos para a Esquadra da Baía e o exército se tornou mais eficiente.

Foi neste ponto das relações entre o Dom Pedro e seus ministros, que deixei o Brasil pela segunda vez, tendo prometido ao Imperador voltar no fim de um ano, para dirigir a educação das princesas, e recebido tambem várias encomendas da Imperatriz. Ambos manifestavam-me o desejo de que não poupasse esforços nem despesas na obtenção dos livros e outras cousas que julgasse necessárias para os nossos futuros estudos. A família de José Bonifácio despediu-se delicadamente de mim e manifestou o desejo de que encurtasse minha estadia na Inglaterra para seis meses em vez de doze. Dos principais cavalheiros pertencentes ao Paço, Dom João de Sousa, que se pensava ter mais influência que qualquer outro português junto ao Imperador e a Imperatriz, insistiu comigo para que voltasse cedo, pois a falta de uma dama européia nos aposentos da Princesa, tornava-se dia a dia mais visivel. Com todas essas animações a voltar e assumir a responsabilidade que havia aceito, estando a meu favor o Imperador, a Imperatriz e os ministros, com uma forte esperança de ser util numa escala muito mais vasta do que pudera haver esperado, não compreendi que seria tão importante e arriscado voltar ao Brasil, como muitos disseram, especialmente depois do fracasso das minhas esperanças. Embarquei para a Inglaterra, mas fui imprudente até o ponto de não deixar nenhum correspondente que me contasse as cousas que eu quizera saber. Mas talvez isso de nada valesse, pois uma carta que a própria Imperatriz me escreveu, de próprio punho, dizendo que o Imperador me concederia outro ano de licença, nunca me chegou às mãos. Só muito depois da minha volta ao Brasil, a Imperatriz compreendendo que nunca a havia recebido, insistiu em que ela fosse encontrada. Se esta carta me tivesse alcançado a tempo de evitar o meu embarque, eu teria sabido da mudança dos negócios públicos, tanto com referência ao Imperio quanto ao Palácio, e, provavelmente, não teria nunca atravessado de novo o Atlântico.

Enquanto estava em Londres, dois cavalheiros, que eu havia conhecido ligeiramente no Rio, e que certamente eram representantes do governo brasileiro neste paiz, procuraram-me e não somente instaram pela minha ida o mais depressa possivel, como sugeriram a vantagem de levar comigo várias

cousas para uso das princesas, que não julguei necessárias de maneira alguma, e que, felizmente para mim, deixei para traz. Finalmente, decidi voltar e cheguei a Pernambuco em trinta e dois dias.

Parece que era uma fatalidade encontrar eu aquela cidade sitiada. Mas desta vez o chefe independente, teria que combater um inimigo muito mais poderoso do que aquele que cercava Luiz do Rego na minha primeira visita. Lord Cochrane e sua frota estavam bloqueando a praça, após haver subjugado a Baía e aumentado a frota de Dom Pedro, tomando vários dos principais navios portugueses. O navio inglês, está claro, era neutro, e após eu ter recebido as visitas da maior parte da esquadra imperial fóra da barra, a primeira casa em que entrei ao chegar à cidade foi a de Manuel de Carvalho, comandante em chefe do inimigo. Encontrei-o à mesa, almoçando ou jantando, não posso dizer exatamente, com todo o seu conselho, 12 ou 14 pessoas ; toda a escadaria e o páteo estavam cheios do que chamariamos de multidão, parte da qual espiava pelas várias portas, de tempos em tempos, pensando que, como o nosso paquete havia sido visto em entendimentos com a esquadra de bloqueio, poderiamos ter trazido algumas propostas do Almirante para a libertação da cidade. Creio que Carvalho nos recebeu na sala, em conselho e cercado pelo povo, para não ser suspeitado de comunicações secretas. Uma proclamação imperial de carater severo havia sido espalhada poucos dias antes ; de algum modo havia conseguido entrar na cidade. Acreditava-se que tivesse sido redigida por Lord Cochrane e causou grande alarma por causa da ameaça que continha, de afundar jangadas carregadas de pedras no único canal pelo qual se penetra no cais, e assim arruinar o comércio da praça. Carvalho perguntou-nos se realmente julgavamos o Almirante capaz de fazer cousa tão cruel. Respondemos que estando ele a serviço de Sua Magestade e dirigindo a guerra por mar, não tinhamos dúvida que ele haveria de executar todas as ordens e realizar todas as ameaças, a não ser que as condições em que a cidade pudesse ser poupada fossem cumpridas. Todo o Conselho exclamou que isso nunca se daria e como não era de nossa conta saber a esse respeito mais do que aquilo em que pudessemos ser uteis, já nos preparávamos para deixar a sala quando Carvalho se dirigiu a mim particularmente e disse que não estava certo de que talvez, para o futuro, seus concidadãos não

achassem necessário aceitar as propostas do Imperador, sendo uma das primeiras a sua entrega. Quanto a ele, estava satisfeito de sofrer por uma boa causa. Mas que era filho de uma mãe idosa e pai de duas filhas órfans de mãi, e que me suplicava, no caso de lhes faltar sua proteção, que empregasse qualquer influência que pudesse ter junto a Lord Cochrane para recomenda-las à sua misericórdia. Prometi isto prontamente, certa, porem, de que tal recomendação era completamente desnecessária, pois que talvez nunca tivesse havido comandante tão terrivel para o inimigo antes da vitória, como tão misericordioso depois dela.

Não estivemos senão poucos dias em Pernambuco. O bloqueio continuou por algumas semanas (11). Carvalho planejou fugir a bordo de uma fragata inglesa, na qual foi para os Estados Unidos, com o que a praça se rendeu e a esquadra partiu para o norte, contra Ceará e Maranhão, deixando Pernambuco entregue ao governador nomeado por Dom Pedro.

Chegando à Baía, ainda que encontrasse o lugar oficialmente submisso ao governo imperial, era impossivel deixar de perceber que uma grande dose de descontentamento existia e um grande desejo de formar uma república federativa, imitando a dos Estados Unidos. Nossa estadia aí foi, porem, de poucas horas e alcançamos rapidamente o Rio de Janeiro e aí, quando o Capitão do Porto veio a bordo soubemos que durante os meus doze meses de ausência, dois acontecimentos, dos mais desastrosos para mim se haviam verificado: o primeiro — e maior — a expulsão dos Andradas, não somente do Ministério, mas do paiz; o segundo havia sido a morte de Dom João de Sousa (12), meu melhor amigo no palácio e a

---

(11) Este mesmo Carvalho é hoje (1834), presidente de Pernambuco sob Sua Magestade Imperial o Sr. Dom Pedro II — (A.) — Manuel de Carvalho Paes de Andrade não foi presidente da Província de Pernambuco; mas foi senador pela Província da Paraíba do Norte, de 1834 a 1855, quando faleceu. — (E.).

(12) O *Diario do Governo*, de 31 de Janeiro de 1824, estampou a seguinte necrologia de D. João de Sousa:

"O Illmo. Sr. D. João Carlos de Sousa Coutinho, Viador de Sua Magestade Imperatriz, falleceu no dia 29 de Janeiro. Huma violenta pulmonia foi a causa da sua morte na idade de 32 para 33 annos. S. Ex. frequentava a Universidade de Coimbra na época das mudanças politicas de Portugal; d'ali veio para esta Corte em companhia do Conde de Palmella, e foi nomeado Conselheiro da Fazenda. As bellas qualidades, as virtudes moraes, e Religiosas deste Illustre Joven farão sempre mui sensivel a sua perda entre todos aquelles que o conhecião mais de perto. Applicado ao estudo desta sublime Filosofia amiga dos Reis, e dos Povos; S. Ex. fazia apparecer

pessoa a quem a Imperatriz havia desejado que, na minha volta, eu me dirigisse. Tive, comtudo a satisfação de saber pelo piloto que o próprio Imperador havia dado ordens no sentido de que fosse dado aviso ao palácio logo que eu chegasse. E, sendo assim, o capitão do navio fez os sinais, mas em vez de esperar pelo barco imperial, que provavelmente não apareceria antes do pôr do sol, fui para terra com um amigo inglês que havia vindo ao paquete para dar-me as notícias, más como eram, e oferecer-me sua casa na cidade até que eu me tivesse estabelecido no Palácio, tomar conta da minha bagagem e fazer mais o que me fosse necessário. Dirigi-me logo a São Cristovão para esperar a Imperatriz, mas qual não foi minha surpreza, chegando ao portão, ao encontrar o Imperador, vagando sózinho, evidentemente de propósito para me ver primeiro, ainda que primeiro se tivesse voltado, timidamente, como se não tivesse intenção de me falar. Estava como se se tivesse levantado da sesta, de chinelos sem meias, calças e casaco leve de algodão listado, e um chapeu de palha forrado e amarrado de verde; apoiava-se com uma mão na barra de ferro que conduzia à porta principal e a outra mão apresentou para um "shake-hands" *à moda inglesa*, com ele disse. Fiquei muito satisfeita com a recepção que me foi feita. Felicitei-o pelo seu aspeto de boa saude, ao que me respondeu interrogando-me sobre o enjôo de bordo. Disse-me então que subisse à varanda, onde encontraria um camarista da Imperatriz de serviço, que me conduziria aos seus aposentos particulares, enquanto ele próprio entraria por uma porta dos fundos para avisa-la de minha visita. Minha caminhada ceremoniosa pelo Palácio levou muito mais tempo que o passeio em baixo com Sua Magestade Imperial, pois encontrei a Imperatriz sentada numa ante-câmara, onde me disse que havia ficado alguns minutos esperando-me. Perguntou-

---

em todas as occasiões obvias o seu amor á Sagrada Pessoa de S. M. I., e a sua firme adhesão á causa do Brasil, em cuja prosperidade, como verdadeiro politico, se interessava. A moderação do seu caracter era como hum distinctivo particular da madureza dos seus talentos, e realçava o brilho de todas as suas relações com os seus iguaes, soão com huma nova força quando se referem a pessoas de tanto merecimento como S. Ex.; sobrevivirá sua memoria para receber os tributos da saudade, que lhe pagarão os seus amigos: he tudo quanto resta do homem moral sobre o theatro de sua existencia".

D. João de Sousa era irmão do Conde de Linhares, e por sua morte a administração dos bens desse passou, em 17 de Fevereiro do mesmo ano a D. Francisco de Sousa Coutinho. — *Diário* citado, de 23 daquele mês e ano. — Conf. *Revista do Instituto Histórico*, XXIX, parte 2.ª ps. 278. — (E.)

me logo se não havia recebido em Londres sua carta. Vendo que não, explicou-me que sua finalidade era adiar minha vinda. Que desde que o novo ministério havia subido, o Imperador se inclinara a dar ouvidos ao casamento de Dona Maria da Glória com seu tio Dom Miguel; que ela própria não apreciava o projeto, principalmente devido ao parentesco próximo entre as partes, ainda que, ficasse eu prevenida, entre portugueses e brasileiros, isto não era considerado um obstáculo. Ela, prevendo o tempo que deveria decorrer até esta negociação chegar a uma conclusão, me havia induzido a adiar minha viagem, pensando que talvez no ano seguinte Dona Maria pudesse estar indo para Portugal; que se a minha chegada fosse adiada até as proximidades dessa partida, ela confiaria com prazer sua filha aos meus cuidados, já que eu estava acostumada às viagens por mar e poderia cuidar de sua saúde durante a travessia, que não podia encarar sem pavor. Ela parecia duvidar da possibilidade de me mandar a Europa quando já tivesse assumido o cargo de governante das quatro princesas. A Imperatriz contou-me então que o meu apartamento não estava pronto, ainda que o Imperador houvesse dado ordens particulares sobre o assunto, logo que calculou que o paquete em que eu devia vir estava para chegar. Despediu-se então de mim, ou antes, despediu-me e manifestou vontade de ver-me no dia seguinte. Pouco antes de deixa-la, entrou o Imperador, vestido para o seu passeio da tarde, e de bom humor. Ofereceu-se a subir comigo ao sobrado, para mostrar-me os quartos, honra que eu, naturalmente, declinei, mas para não parecer ingrata às suas atenções, respondi, atendendo às suas perguntas sobre os meus gostos, que esperava que houvesse muitas estantes de livros. Não vi mais Dom Pedro até que me tornei moradora do Paço. No dia em que aí me apresentei, fui conduzida aos meus quartos pelo Barbeiro favorito e servida por minha própria negra, não havendo sido designado nenhum criado para mim, senão uma espécie de aguadeiro, escravo cujo serviço era carregar água duas vezes por dia, levar recados em geral, mas especialmente comunicar-se com uma espécie de vivandeiros que haviam formado uma colônia em torno do Palácio para fornecer a seus habitantes (especialmente as senhoras) todas as delicadezas e prazeres que a real ucharia não podia oferecer.

Encontrei meu apartamento bem no alto da ala ocupada pela Imperatriz e sua filha mais velha. Moravam elas no

andar mais alto (antes do sótão). Ocupava eu o sótão que ficava sobre os quartos de Dona Maria; as damas do Guarda-Roupa, ocupavam o que ficava sobre os quartos da Imperatriz. Naquele clima é um grande prazer morar nos altos. Nunca esquecerei o prazer de minha primeira manhã, quando abrindo minhas janelas, em vez do barulho e do sujo da cidade deparei com os lindos jardins do palácio e as plantações de café que revestiam as montanhas da Tijuca, e senti o aroma das flores de laranjeiras, trazido por cada sopro da brisa matutina. Dispunha de sete pequenos quartos, tres de um lado de um longo corredor e quatro do outro. De um lado estavam os quartos de dormir para mim, para minha criada e nossa cozinha. Do outro lado, verifiquei que o Imperador havia cumprido sua promessa e mobiliado as paredes de um quarto com estantes de livros de alto a baixo. Havia ainda uma pequena sala de jantar e duas pequenas salas de estar, bem suficientes para as nossas necessidades.

Recebi pelo Barbeiro um recado para aguardar ordens no apartamento da Imperatriz, quando ela e o Imperador estivessem de volta do passeio da tarde. Entrementes as damas da guarda-roupa e o próprio Barbeiro, sob o pretexto de oferecer-me auxílio, permaneceram em grupo em volta de mim, olhando cada uma das cousas que a preta Ana e eu desarrumávamos. Muitas críticas eram feitas acerca de cousas de moda inglesa, de que as senhoras portuguesas e brasileiras não tinham noção e que, mesmo que o Barbeiro fosse um inglês, eu não teria ousado mostrar, nem tambem a preta Ana, que conhecia os costumes ingleses. Suas observações sobre a pequenez de minha cama divertiram-me. Era uma cama de campo que se dobrava dentro de uma mala. A pequenez e a modéstia do meu guarda-roupa foi outra cousa que os espantou, pois ainda que, de acordo com as suas noções, como viuva, eu só devesse andar de preto fora de casa, e de branco dentro de casa, esperavam enfim modas novas, laços e setins em vez das minhas sedas lisas, musselinas e cambraias. Salvei minha honra, comtudo, com a forma de um chapeu que foi copiado em cincoenta côres diferentes antes do fim de uma semana. Alegraram-se tambem não pouco com algumas gravuras que eu havia tido tempo de enquadrar no Rio e que pendurei em vários quartos; chegaram a gritar de alegria ao ver uma **Assunção da Virgem,** que declararam ser um presságio de boa sorte, pois que havia sido por causa

dela que minha aluna mais velha Dona Maria da Glória havia recebido esse nome. Quanto ao erro de confundir o *Retrato de Rafael* com o Arcanjo Rafael, foi por demais interessante para que eu o corrigisse. O último caixote que pude abrir deante deles, já que a volta da Imperatriz se aproximava — e eu confesso que o escolhi maliciosamente — foi um pacote contendo um par de globos Cary, de dois pés, lindamente montados, e num canto do caixote, alguns instrumentos para fazer observações sobre o tempo e o clima, como um higrômetro de Leslie, cianômetro, etc. Os gritos de maravilhoso ! Maravilhoso ! só foram interrompidos pelo ruido das patas dos cavalos do Imperador e eu não fiquei pouco satisfeita pela abertura de meus livros ter sido reservada para as horas sossegadas da noite ou a manhã cedo, quando resolvera que a a preta Ana e eu, arranja-los-iamos nas estantes antes que pudessem ser vistos por qualquer dos nossos companheiros da tarde.

Desci, como estava combinado, para os apartamentos da Imperatriz, onde encontrei ambas as Imperiais Magestades e Dona Maria, que me foi formalmente apresentada como minha pupila, ainda que eu já a tivesse visto. Vários membros da corte estavam presentes, mas especialmente os que pertenciam à casa de Dona Maria. O Imperador, de maneira bem delicada e falando em tom um tanto alto, desejou que eu tivesse gostado de meus apartamentos e que o Barbeiro tivesse dado toda o necessário auxílio no desfazer das malas, etc. Deu-me então uma carta, que, disse ele, tinha resolvido que eu recebesse somente de suas próprias mãos, anunciando ao mesmo tempo o seu conteúdo, com altas vozes, para conhecimento dos presentes e, certamente, se as palavras transmitissem poder, eu teria, desde esse momento, a absoluta direção de tudo que se referisse às Princesas (apara usar as palavras de Sua Magestade) **moral, intelectual e fisicamente**. Se a minha situação e conforto dependessem de boas palavras, de expressões delicadas, de intenções de Sua Magestade ou de manifestações de perfeita confiança da Imperatriz ou de ordens dirigidas a todos do Paço, contidas no documento escrito que o Imperador poz em minhas mãos, eu deveria ser de fato uma grande Dama ; e se essa importância e autoridade pudessem produzir bem estar — ocuparia uma das mais confortaveis posições ! Mas, ai de mim, o Barbeiro estava atraz do palco e em breve apareceria.

Entretanto, estava eu extremamente satisfeita com os meus Imperiais Amos e pequena Pupila que, por vontade de sua mãe, me mostrou todos os seus aposentos e disse que me esperaria às 7 horas na manhã seguinte, e após ter lhe beijado as mãos, como me haviam prevenido, pulou e passou seus braços pelo meu pescoço, beijando-me, pedindo-me que gostasse muito dela. Voltando ao meu quarto, li a carta do Imperador. Era muito cortez e se ele, ou qualquer outra pessoa, tivessem tomado medidas para garantir a situação, seja de acordo com os meus desejos, seja com as condições estabelecidas na ordem, que era de seu próprio punho, tudo teria corrido bem. Mas logo na manhã seguinte, nossos aborrecimentos começaram. Em primeiro lugar, quando fui para os apartamentos da Princesa, encontrei as criadas lavando-a, não no banheiro, mas numa sala aberta, por onde passavam os escravos, homens e mulheres, e onde a Guarda da Imperatriz sempre estacionava. Não pude achar direito que ela fosse assim exposta, completamente nua, aos olhos de todos os que aparecessem. As criadas recusaram-se a mudar esta prática imprópria, até que eu obtivesse uma ordem escrita do Imperador, dizendo que era muito difícil usar o banheiro. Realmente elas haviam-no utilizado para um fim diferente. A próxima cousa aborrecida foi o almoço. Serviram-lhe uma coxa de galinha cozida em óleo com alho. Ela tomou o alho do prato com os dedos e comeu-os. Um copo de vinho forte e água seguiu-se, e depois, com surpresa minha, café, torradas e doces. Nada disse no momento, mas resolvi falar particularmente e seriamente à Imperatriz, sobre as provaveis consequências de tal alimentação, para a saude de sua filha. As horas de aula foram mais satisfatórias. Ela tinha aprendido a ler francês com o Padre Boiret ([13]) e a repetir uma das fábulas de La Fontaine (*O Corvo e a Raposa*) com grande graça, mas nunca esquecerei seu enlevo quando descobriu que as mesmas letras que lhe permitiam ler francês, lhe serviriam para o português, e quando lhe apresentei o *"Little Charles"* da Senhora Barbauld, ([14]) traduzido para seu uso

---

(13) A autora escreve sempre Boirée. — (T.).

(14) Ana Letícia Aykin Barbauld (1743-1825), escritora e poetisa inglesa. Publicou muitos livros em prosa e verso, destacando-se entre eles *Hymns in prose* e *Early Lessons*, que destinou à instrução infantil, com traduções em diversos idiomas.

Sua sobrinha Lucia Aykin publicou uma edição de suas obras, precedida de sua biografia. A versão portuguesa, *ad usum Delphini* do *Little Charles*, a que a Autora se refere, é desconhecida. Mrs. Barbauld faleceu em 9 de Março de 1825. (E).

e li-o com ela, exclamou: "Todas estas palavras são portuguesas!" Pulou de repente da cadeira ,tomou o livro e correu para o quarto de sua mãe para mostrar-lhe que deliciosa novidade havia descoberto, e sem se querer deter para uma observação, correu para os quartos de seu Pai. Foi preciso a maior rapidez de um alto Ajudante de Campo para apanha-la antes que ela entrasse na sala do Conselho. Depois disso, a leitura do português progrediu gradualmente, e o Padre ficou, creio eu, um pouco ciumento pela preferência que minha Pupila dava ao "Little Charles" sobre seu livro de fábulas francesas. Tambem não ficou ele muito satisfeito pelo fato, segundo ela própria disse, de aprender as fábulas que eu escolhia na metade do tempo em que aprendia com ele. Ela se deliciava extremamente às tardes, em ir ao meu quarto dos livros e ter permissão de procurar figuras. Uma vez, depois de ver no globo, o tamanho do Brasil comparado com o de Portugal, dificilmente pude conte-la tão àvida estava ela em mostrar esta maravilhosa diferença a todas as damas que se alojavam no meu andar, que ela fez reunir para esse fim. Narro estas pequenas circunstâncias para mostrar que a criança, ainda que pequena, tinha uma mente viva e inteligente, que por uma educação européia poderia ser dirigida para tudo que é util e nobre. Se disser ainda que ela era extremamente sensivel, posto que capaz de um grande domínio sobre si, espero que não terei sido muito afoita, formando as mais altas esperanças no futuro. Dessa última qualidade devo dar um exemplo. Ela tinha sido sempre acostumada não somente a ter pequenos escravos negros para brincar e bate-los e judiar com eles, mas a tratar do mesmo modo uma pequena menina branca, filha de uma das damas. Observei que, nos seus muitos folguedos, ela não somente dava pontapés e batia nos negrinhos, mas esbofeteava sua companheira branca (uma pequena e timida menina), com a energia e com o ânimo de uma tiranazinha indiferente. Eu havia falado, particularmente, à mãe desta menina, esperando que ela cooperasse comigo na correção deste costume impróprio, mas ela me respondeu que daria a morte a um filho que não julgasse uma honra receber uma bofetada de uma princesa. Vendo-me sem esperanças, portanto, de obter qualquer auxílio deste lado, procurei ver o que poderia fazer com a própria princesa, e, assim, na primeira ocasião, chamei-a e disse-lhe que não gostava que ela desse pancada em suas companheiras.

perguntando-lhe, ao mesmo tempo, se ela não admirava as maneiras delicadas de sua mãe, melhores que as de qualquer outra Dama que ela houvesse visto, e a qual delas ela preferia antes assemelhar-se. — "Oh! disse ela, todo o mundo diz que eu sou como Papai — muito parecida!" — "Sim, respondi eu, mas as mulheres não devem mostrar sua vivacidade como os homens, e eu afirmo que sua mãe foi ensinada a ser delicada quando era uma princesinha como você mesma. Na nossa terra nenhuma pessoa grande tem permissão de bater em seus companheiros. Além disso, das mulheres espera-se que sejam delicadas, especialmente as princesas, que, não o sendo, podem talvez fazer muita gente infeliz. Portanto, não quero que bata mais em companheiras. Não fica bem a uma dama ou a uma Princesa".

Confiei no tempo para ver o efeito do meu pequeno sermão, mas não tive que esperar muito. Vi o seu fruto pelo menos logo na primeira vez que a Princesa teve as companheiras de jogo. Ouvi-a, como de costume, gritando muito e zangada ao falar com elas. Fui logo ao grupo e olhei para ela. Vi que sua face se tornara excessivamente rubra e que estava a pique de deixar que a paixão a dominasse. De repente caíu em si, deixou cair os braços estendidos e, correndo para mim, disse-me contente: — "Não me portei agora como uma Dama ou uma Princesa".

Que havia muitas causas para contrariar estas boas intenções, não será preciso explicar, principalmente depois de haver narrado a resposta da mãe portuguesa, às minhas tentativas no sentido de me ajudar a defender sua própria filha das violências da princesa.

Mas voltamos a Dom Pedro. Ainda que fosse regra do Paço que a parte em que morávamos a Imperatriz, Dona Maria, com todo seu séquito, eu inclusive, devesse se fechar cada tarde muito cedo, e não abrir senão pouco depois do nascer do sol, o resto do palácio poderia considerar-se aberto tanto de dia como de noite. Aí o Imperador, seus auxiliares pessoais, as princesas mais moças, com toda a multidão de criadas portuguesas e agregados, tinham sua morada, e se posso confiar no meu nariz, os pequenos fogões, montados junto à porta de cada apartamento, funcionavam até tarde da noite, pois que muito tempo depois de me ter sentado quieta para ler, a fumaça de óleo e de alho costumava subir pelos ventiladores, infiltrando-se pelas janelas para alegria da preta

Ana, que costumava parar, aspirar e dizer: — "Como é gostoso, Senhora!"

Não era raro que o primeiro som que ouvisse pela manhã fosse a voz de Dom Pedro, gritando aos colonos ou aos escravos na roça particular, para saber se estavam prontos a serem revistados. Raramente ele deixava de conta-los e examina-los pessoalmente e era extremamente atento às suas necessidades e cuidadoso com a saude deles. Pouco tempo depois de revistar os escravos, Sua Magestade dirigia-se à nossa ala do Palácio e chamava a Imperatriz para o passeio da manhã, e eu os reconheci muitas vezes, a meia milha do palácio pelos tiros de espingarda. Se havia alguma cousa relativa ao governo a ser feita, tal como armar navios ou equipar tropas, os passeios eram dirigidos ao cais, ou ao arsenal, e eles passavam frequentemente horas em barcos ou em navios, antes de voltar; nesse caso dignavam-se comer um rápido almoço de galinha fria com ovos, de qualquer dos oficiais, em cujo departamento estivessem interessados. Às vezes visitavam as repartições públicas, ou mesmo as lojas particulares, como já mencionei. O passeio favorito era ao Jardim Botânico, onde o Padre... (15) tinha sempre uma galinha fria ou guisada, arroz, ou, ao menos, café e queijo para os Imperiais Visitantes. O objetivo do Imperador em ir tantas vezes a este estabelecimento era a esperança, hoje quasi realizada, de que o cultivo do chá, introduzido no reino de seu pai, durante o ministério do Conde Sousa (16) se es-

---

(15) O diretor do Jardim Botânico da Lagoa Rodrigo de Freitas era Frei Leandro do Sacramento, nomeado por decreto de 10 de Fevereiro de 1824, em atenção aos serviços ali prestados. — *Diário do Governo*, de 21 do mesmo mês e ano. (E.).

(16) D. Rodrigo de Sousa Coutinho, Conde de Linhares. O Chefe de Divisão Luiz de Abreu, na *Relação das Plantas exoticas e de especiarias cultivadas no Real Jardim da Lagoa Rodrigo de Freitas*, publicada no *O Patriota*, n. 3 (1813), ps. 16-29, escreveu que "pedindo eu ao meu particular amigo Raphael Botado de Almeida, Senador de Macáu, me remettesse as sementes dos arbustos do Chá, elle me mandou o anno passado hum grande numero dellas..." O Conselheiro Miguel de Arriaga Brum da Silveira foi quem mandou de Macáu os Chins para o serviço do Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro, conforme consta do aviso de 15 de Janeiro de 1815. — Nabuco, *Legislação Brasileira*, II, ps. 149. — O aviso de 5 de Novembro de 1823, com relação aos escravos empregados no Jardim Botânico, assim determina: "Constando a S. M. o Imperador, que os escravos que se acham empregados no serviço do Jardim Botânico da Alagoa de Freitas, pertencentes á Fabrica da Polvora, não têm sido contemplados com o respectivo vestuario nas occasiões em que os outros da dita Fabrica o têm recebido; e sendo outro-sim de absoluta necessidade, que os 4 escravos, que desde o estabelecimento do referido jardim forão nelle empregados, não sejão dali distrahidos, pela aptidão, com que já desempenhão a preparação do chá, Ha S. M. o Imperador por bem que os mencionados escravos sejão suppridos do vestuario necessario pelo Cofre da sobredita Fabrica; e que os

tendesse de modo a tornar-se de importância para o Brasil. Nunca deixou de inspecionar a plantação e os alojamentos dos chineses, que alí se haviam instalado para seu cultivo. ([17])

Alem do chá, o Imperador estava preocupado com a fruta pão que parece adaptar-se ao clima admiravelmente. Cada ano, um certo número de mudas era cultivado e distribuido gratis a quem se interessasse seja pela fruta pão, seja pelas especiarias ou outras frutas importadas da China ou das Indias Ocidentais para melhoria dos jardins brasileiros. Dificilmente se conheceria um modo mais aceitavel de se lisongear o imperador do que interessar-se pelas plantas do Jardim Botânico.

Além do Jardim ficam os paiois e a fábrica de pólvora e um importante quartel de artilharia. O cenário em que ambos estes estabelecimentos estão colocados é magnífico. Uma lagoa quasi cercada de montanhas, parcialmente fechada por florestas virgens, que se abre em diferentes direções para o mar ou forma vales que conduzem a montanhas mais distantes, é tentadora para qualquer cavaleiro, mesmo pelos caminhos perigosos, pelos quais gostavam os Imperadores de voltar à casa.

Após o passeio, se o grupo tinha almoçado, o Imperador geralmente recebia seus ministros e recebia despachos até a hora do jantar, que era ao meio-dia.

A Imperatriz e Dona Maria jantavam separadamente, cada uma em seu apartamento, cerca de meia hora antes. A criança após ser empanturrada com uma quantidade de comida altamente temperada, escolhida mais pela substância do que pela delicadeza, era geralmente levada para cama pelo menos por duas horas. O jantar da Imperatriz era-lhe servido, prato por prato, numa mesinha pequena, numa espécie de quarto de passagem, mobiliado todo em volta com malas

---

4 indicados, como mais habeis, sejão effectivamente conservados nos trabalhos do jardim. O que manda pela Secretaria de Estado dos Negocios da Guerra, para que nesta conformidade se expeção por aquella repartição as ordens necessarias. — Palacio do Rio de Janeiro em 5 de Novembro de 1823. — *José Joaquim Carneiro de Campos*". *Diário do Governo*, de 19 de Novembro de 1823. — O china Antônio José era um dos empregados na cultura e preparação do chá, no Jardim Botânico; por aviso de 21 de Maio de 1824 teve seu salário aumentado de 640 para 800 réis diários, por proposta do diretor, Frei Leandro do Sacramento. — *Diário Fluminense*, de 26 mesmo mês e ano. — (E).

(17) Hoje, 1835, toda a esquadra brasileira, é fornecida, para uso dos marinheiros, com chá crescido e preparado no Brasil. — (A.).

fechadas que ela havia trazido de Viena. Estas malas continham vestidos que a sociedade do Brasil não exigiam, livros, que ela não tinha nem oportunidade nem espaço para arrumar com vantagem e instrumentos para prosseguir no estudo de filosofia natural e experimental que ela muito apreciava, mas que ninguem naquela terra entendia senão ela. Logo depois do seu jantar passava ela ao apartamento do Imperador para estar presente durante o jantar dele. No mesmo momento eu costumava ser então servida. Dom Pedro havia dado ordens para que a minha mesa fosse servida como a sua, e da mesma cozinha. Posso, pois, com razão afirmar que se, como se disse, o apetite de Sua Magestade era grande, não era de certo delicado. O principal elemento, era o toucinho da terra, uma cousa entre a carne de porco e o porco salgado, sem nenhuma parte magra. Era geralmente servido com arroz, uma espécie de couve, batatas, inglesa ou doce, pepinos cozidos, e às vezes, um pedaço de carne assada, cada cousa arranjada separadamente no mesmo prato. A sopa, em que tudo isto fora fervida, com a adição de alho, pimenta e verduras era um prato permanente, tal como a carne assada, que *é a parte interna de um filé, tão dura que poucas* facas poderiam corta-la. Isso, contou-me o Barbeiro, era especialmente feito para mim, por ser inglesa. Depois havia massas, feitas ora com miolos, ora com carne de porco, galinha oú figado, cortada e temperada como para um *Haggis* ([18]). As aves são sempre boas no Brasil. Quanto ao carneiro, tenho motivos para pensar que Sua Magestade raramente o comia. Pelo grande respeito que o Barbeiro e seus auxiliares manifestavam pela limpeza de minhas roupas de mesa, poderia supor que o seu Augusto Amo raramente gozava deste luxo.

Depois do jantar Sua Magestade Imperial regularmente retirava-se para descansar e era durante sua sesta que eu tinha usualmente o prazer de conversar com a Imperatriz. A princípio ela costumava mandar-me chamar ao seu apartamento, mas como lá não podiamos ficar sem alguns acompanhantes, cujas narrativas da familiaridade com que ela me tratava, excitavam violentos ciumes entre as damas, ela preferiu, após tres ou quatro dias, que eu ficasse depois do jantar em meu próprio quarto até que ela pudesse procurar-me. Natural-

(18) Prato escossês, muito complicado. — (T.).

mente perguntei-lhe em qual das minhas salinhas deveria recebe-la. Ele preferiu a biblioteca e assim fiz com que Ana a preparasse da melhor maneira e colocasse somente uma cadeira nela. Ela veiu ainda mais cedo do que eu esperava no primeiro dia de nossa nova combinação. Quando viu a única cadeira, perguntou apressadamente se eu não desejava que ela se sentasse em minha casa. Minha resposta foi, naturalmente, que ali estava sua cadeira, mas que era de meu dever ficar de pé. Mas não houve meio de faze-la sentar-se enquanto eu não tivesse obtido uma outra cadeira para mim. Narrei este traço de simplicidade, como um de cem que poderia citar desta espécie de afabilidade da mais amavel das mulheres. Talvez, tendo em vista uma longa estadia no Paço, tivesse sido mais prudente que nossas horas de conversa tivessem sido menos frequentes e menos longas, mas mesmo que eu pudesse, não poderia ter agido de outra maneira. Teria que obedecer. Pode-se compreender, e não é extraordinário, que Dona Maria Leopoldina, não tendo damas de sua nacionalidade em torno dela, nem mesmo a mulher de um Embaixador ou de um Encarregado de Negócios com quem falar ocasionalmente e sendo todas as suas servidoras portuguesas, que não falavam senão a própria lingua, e cuja educação se resumia nas regras de etiqueta da corte, com a instrução suficiente para ler e escrever para conduzir uma intriga doméstica ou política, se tivesse aproveitado avidamente da possibilidade de conversar em linguagem mais familiar com uma pessoa que podia ao menos tratar de assuntos de interesse europeu ; que havia visto seu pai e a maior parte de seus outros parentes depois que ela os havia deixado e que era familiar mesmo com os lugares que ela própria havia frequentado. Estas considerações, mesmo que houvessem ocorrido às nossas damas, não as teriam tornado um átomo mais caridosas. Elas haviam sempre lamentado a política que havia casado o jovem chefe da Casa de Bragança com uma estrangeira, em vez de uma tia ou uma prima, como havia sido o costume invariavel nas casas reais de Espanha e Portugal. Começaram então a murmurar contra a introdução de uma *segunda estrangeira,* como me chamavam, no Paço, como se nenhuma dama portuguesa fosse competente para instruir as princesas. Os murmúrios em breve produziram seus efeitos.

Nossa conversinha sossegada durava até a Imperatriz ir-se preparar para o passeio da tarde com o Imperador, o que geralmente se dava uma hora depois de acordar ele da sesta. Era esta geralmente a melhor parte do dia para o Imperador, desde que o seu sono não houvesse sido perturbado. Era dificil que o seu gênio se contivesse se ele tivesse sido prematuramente despertado nessa altura do dia. Ai do infeliz, que, compelido pela necessidade ou traído por um acidente, interrompesse seus sonos. Isto sabiam bem o Barbeiro e o resto do grupo, e disso se aproveitaram oportunamente.

Os passeios a cavalo ou de carro pela tarde eram muito parecidos com os da manhã e frequentemente duravam até muito tarde, a menos que houvesse espetáculo de gala no teatro, caso em que os passeios se encurtavam, já que o Imperador fazia questão de assistir ao espetáculo e a Imperatriz não raramente o acompanhava. Em noites de aniversário, ou quando fosse preciso causar qualquer impressão particular sobre o público, a pobre Dona Maria era adornada com um diadema de diamantes, ficava acordada e acompanhava os pais à cidade, onde ficava à frente do camarote oficial. Havia ela sido ensinada a portar-se como uma rainhazinha, com uma graça e maneiras que me espantaram a primeira vez que as vi.

Estas visitas ocasionais ao teatro não interrompiam muito frequentemente nossas horas socegadas do Paço, enquanto eu era sua habitante. Em geral, enquanto Suas Magestades passeavam, eu levava as crianças para o jardim com as amas e, com grande prazer delas, não somente permitia, mas animava-as a correr pela sombra, a atirar flores, observar os insectos sem gritar e, mesmo, a sujar suas roupas com a terra do jardim. A Imperatriz, querendo educa-las à moda européia, havia encomendado pequenos jogos de ferramentas mas estes haviam sido mantidos escrupulosamente em desuso, porque, como diziam as damas, não ficava bem a princesas estarem revolvendo a terra suja como negros, e as ferramentas eram consideradas uma pilhéria européia da Imperatriz, que não sabia o que convinha nem ao clima do Brasil nem à dignidade dos Braganças.

Afim de que não se perdesse tempo com a alimentação das Reais Crianças, a merenda era geralmente tomada no jardim e não obstante as duas pesadas refeições de carne e galinha com que haviam sido empaturradas ao almoço e ao

jantar, cada criança poderia ser vista com uma perna de capão ou de perú na mão para comer, após o que recebiam um pedaço de bolo doce ou de fruta. Era uma felicidade para as crianças terem boas e fortes compleições, aliás teriam sido prejudicadas pela superalimentação. Talvez se diga no futuro, e eu não me espantarei, que as infelizes doenças, tanto físicas como mentais, com que a miseravel família Bragança foi perseguida, foram causadas pela alimentação.

Só depois das crianças terem voltado para casa e ceiado (ceia muito semelhante ao jantar) seus pais voltavam do passeio. Então, cada dama que pudesse dar uma desculpa para livrar-se do serviço, corria para cima pelas escadas particulares, afim de participar do *Beija-mão* da tarde. As crianças tomavam a benção em primeiro lugar e as damas seguiam-se com mais ou menos fervor, na medida em que esperassem ou não alguns desses favores sem importância que o Barbeiro havia sido induzido a pedir durante o dia. Depois todo o mundo se retirava e a nossa ala fechava-se por toda a noite.

A Imperatriz, regularmente, ceiava e retirava-se para os seus apartamentos particulares durante todo o tempo que estive com ela. O Imperador ia para a sua ala do palácio, onde às vezes, recebia algumas pessoas e, não muito raro, conferenciava com seus ministros sobre negócios públicos.

Não tenho certeza se no seu tempo havia muito jogo no Palácio, mas antes da volta da velha corte para a Europa, o jogo e toda espécie de vícios eram animados pela velha Rainha, pela sua filha mais idosa e pelo infante de Espanha Dom Sebastião.

Tal era a vida ordinária no Paço e nossas variantes eram poucas. Uma vez ou outra o Padre Boiret costumava vir ao quarto da princesa sob o pretexto de dirigir seus estudos de francês, mas seus hábitos aborrecidos e familiares, induziram-me a obter da Imperatriz que suas visitas fossem restritas a dias e horas regulares. Uma vez ou duas o respeitavel Frei Antônio de Arrábida, confessor ordinário do Imperador, procurou-me e conversamos sobre a espécie de educação que melhor conviria à provavel situação da princesa mais velha, que ele encarava de fato, como todo o mundo, como possivel herdeira do Brasil, supondo que qualquer filho do Imperador seria chamado ao trono português pela morte de Dom João VI.

Quanto à instrução religiosa da princesa, deu-me o livrinho de Belarmino ([19]) sobre a Doutrina Cristã, resumido, que ele queria fosse por ela aprendido como um catecismo e ficou encantado quando lhe mostrei uma edição italiana do mesmo, e tambem o trabalho completo, que eu havia comprado aos Padres do Oratório, a quem estavam entregues as escolas paroquiais em Roma. Disse-me tambem o confessor que seria de grande conveniência que eu, por algum tempo ao menos, acompanhasse minha Pupila às orações de Domingo pela manhã no palácio, quando ela não fosse com seus pais à Igreja de Nossa Senhora da Glória, que eles geralmente frequentavam, pois, disse ele, a Dama que geralmente acompanhava a princesa nestas ocasiões permitia que ela corresse pela capela e interrompesse a cerimônia e que, na verdade, quando Suas Magestades não estavam presentes, a capela era pouco melhor que um lugar de conversa, para as damas pertencentes ao palácio e as mulheres dos oficiais aquartelados nas redondezas.

Uma tarde fiquei muito surpreendida com um pedido de uma dama da princesa, uma das que dormiam no quarto, no sentido de permitir que o Barbeiro e um ou dois outros amigos subissem pelas escadas particulares à ante-câmara da princesa para poderem jogar cartas confortavelmente, quando ela já estivesse na cama. Disse-lhe que não poderia dar tal permissão, havendo prometido tanto ao Imperador quanto à Imperatriz solenemente, que nunca permitiria nada que se parecesse com jogo à vista da princesa. Quando contei isto à Imperatriz na manhã seguinte, ela me elogiou e agradeceu, mas sacudiu a cabeça, dizendo que daí por deante deveria olhar toda a cambada como inveterada inimiga, e penso que assim foi, porque depois dessa vez, com uma ou duas exceções,

---

(19) Roberto Francisco Rômulo Belarmino (1542-1621). Nasceu em Montepulciano e faleceu em Roma. — Pertenceu à Companhia de Jesus e ao Sacro Colégio, e foi um dos maiores humanistas e teólogos de seu tempo. O Papa Urbano VIII declarou-o Veneravel em 1627, e várias vezes se tratou de sua beatificação, uma delas no pontificado de Bento XIV; mas o processo não teve seguimento, para não ferir susceptibilidade da côrte de França, contra cujo regalismo defendeu o Cardeal Belarmino o poder depositivo do Papa. Deixou uma obra imensa, que teve edição completa em Colônia, 1617, e posteriormente em Nápoles e Paris. A edição italiana resumida do *Compêndio*, a que o texto se refere, saiu em Mantua, 1704, outra em 1722 e ainda outras em anos seguintes. Traduzido em português existe o *Compendio de Doutrina Christã*, por João Vellez Barbudo, Lisboa, na Officina de Joseph da Costa Coimbra, 1751, in-8, reeditado muitas vezes. (E).

não vi as damas senão raramente, e, quando as encontrava, elas se mostravam impertinentes, malcriadas e zombeteiras. Um pequeno incidente em breve revelou em plena luz a indisposição delas para comigo.

Era costume irem as Reais Crianças, acompanhadas de suas aias do dia, beijar a mão do Imperador após o seu regresso do passeio matinal. Com esta cerimônia eu nada tinha que ver, ficando assim no quarto da princesa, ou no meu, a menos que a Imperatriz me quizesse junto dela durante o seu almoço, durante a ausência de Dona Maria. Aconteceu que a menina foi gravemente mordida num pé por um mosquito, e tendo coçado a mordidela até se tornar uma ferida, o médico quiz que ela ficasse de cama, que era grande e larga, e de nenhum modo andasse. Logo que o Imperador soube disso adotou o costume de vir todas as manhãs ver Sua filhinha. Fiquei surpreendida de ver as Damas, Amas e toda a multidão em volta dele, tomaram-lhe as mãos e quasi devora-las de beijos. Não me pareceu que esta ceremônia correspondesse a qualquer parte de meu dever, e assim, contentei-me simplesmente em levantar-me e ficar de pé junto à cama da criança até que o próprio Imperador me notasse, o que ele fez em breve, de muito bom humor; logo que ele deixou o quarto, comtudo, sussurros, suficientemente altos para que eu os pudesse ouvir, levantaram-se de todos os lados; pensava-se ser uma monstruosidade que uma estrangeira — heréje — danada — era tudo quanto elas sabiam — não demonstrasse o respeito devido à Casa de Bragança e não beijasse aquela querida mão quando havia uma oportunidade. Realmente, tanta cousa se disse sobre o assunto que achei bom consultar a Imperatriz sobre o que devia fazer. — "O'! "disse Ela, "é bom viver em Roma como os romanos". Em consequência, quando o meu Imperial Amo apareceu na manhã seguinte, fiz-me mais grave que foi possivel e avancei para tomar uma das maiores mãos que vi na minha vida com a intenção de beija-la. Ele, comtudo, arrebentou de rir, e sacudiu-me cordialmente a mão dizendo: — "Esta é que é a maneira inglesa de dizer bom dia". Conduziu-me para o lado da cama de Dona Maria e começou a examinar os livros que haviamos percorrido entre estudo e brincadeira, e encontrando sobre a mesa o "Little Charles" de Mrs. Barbauld traduzido em português, leu alto alguns dos maiores períodos e depois perguntou-me se Ele não era um "bom menino" e se

lia tão bem quanto Dona Maria. Este bom humor do Imperador, foi-me sem dúvida muito prejudicial. Foi narrado ao Barbeiro e ao Padre francês e foram tomadas providências, cujos detalhes me foram sempre desconhecidos, para evitar qualquer interferência de minha parte no prestígio de que eles dispunham sobre Sua Magestade Imperial.

Melhorando o pé da Princesa, fomos mandadas, algumas vezes passear de carro, em vez de a pé, pela tarde. A criança gostava principalmente de sentar-se sobre meu joelho, mas como todas as crianças espertas, subia algumas vezes ora de um lado do carro ora de outro. Isto, soube mais tarde, foi reparado e guardado para ser utilizado. Parece que havia uma maneira certa e outra errada mesmo de sentar-se em um carro de um só assento, e, — é terrivel dizer, — eu tinha sido vista, no lugar em que a Princesa de Bragança deveria estar, enquanto ela tinha sido vista no meu lugar, divertindo-se em arrancar os grampos do meu chapeu. Contudo, foi tudo se passando calmamente até que se aproximou o aniversário do Imperador. Percebi então que havia grande emoção nos próprios alicerces de S. Cristovão. Soube depois, que devido à idade tenra de Dona Maria, suas *amas-governantes* costumavam sempre comparecer à corte nesse dia, em traje de corte, de setim branco bordado, com uma cauda de setim verde bordada a ouro, com plumas verdes e brancas, e ficavam junto ao trono a postos para quando a criança, que ficava entre seus pais nessas ocasiões, precisasse do lenço ou demonstrasse qualquer sinal de fraqueza. As duas *aias-governantes* procuravam evitar que este honroso pequeno serviço fosse por mim reclamado, nem supondo que eu havia estipulado que me seriam livres os dias de gala, afim de pode-los passar como preferisse, com meus amigos ingleses, franceses, russos e americanos. E o Imperador, não somente concordou, como me prometeu ceder um dos carros do palácio para conduzir-me nestas ocasiões. De acordo com o que pensavam, pois, nada deixaram de fazer para descobrir se eu havia encomendado um vestido de corte e a quem havia encomendado. Uma delas abordou-me, perguntando-me se queria experimentar o seu vestido e afirmou que iria muito bem em meu corpo. Respondi que não pretendia ter uniforme, porque não sendo *Criada do Paço*, se quizesse ir ao *Beija-mão*, iria de certo com meu vestido à moda inglesa.

O fato de protestar não ser um criado doméstico ([20]), poz todos os seguidores dos Bragança em ebulição e na manhã seguinte iniciaram o que pretendiam ser uma severa punição à insolência de uma estrangeira que ousava regeitar a servidão, mesmo no Palácio Imperial. Quando desci, como de costume, na hora do jantar da princesa, fiquei espantada pelo fato da criança não se mostrar alegre de me ver; como sempre, e em vez da gentileza com que suas damas haviam até então me recebido, mostraram-se carrancudas e descontentes. Logo após a refeição todo o mundo desapareceu, até mesmo a velha que geralmente limpava os quartos, deixando-me completamente só com Dona Maria. Daí a pouco quiz ela um lenço, mas não havia ninguem às ordens para chamar uma criada de quarto ou para trazer o que ela queria. Não ousei deixa-la por um momento enquanto iria em pessoa, porque ela tinha o hábito de se debruçar às janelas e as de seu quarto ficavam, pelo menos, a sessenta pés do chão e não tinha meios de fecha-las. Não podia leva-la comigo para fora de seu apartamento. Indo ao quarto da Imperatriz soube que ela e o Imperador haviam deixado o palácio antes da madrugada e não era certo nem mesmo voltarem nesse dia. Por fim, um dos oficiais da guarda passou pela ante-sala e a própria princesa deu-lhe ordens, no sentido de chamar uma de suas criadas, de tal maneira, que ele não ousou desobedecer. Quando esta chegou perguntei como se explicava aquela desobediência às ordens do Imperador, que nem ela nem as outras criadas da Princesa estivessem a postos. Respondeu que as ordens imperiais exigiam apenas uma criada de cada vez; ao observar eu que não havia vindo uma só nesse dia, olhou-me de face, cuspiu no chão e disse-me que estava olhando para a "mais indigna de suas criadas". Disse-lhe que fosse como fosse, ela devia ficar onde estava até chegar a Imperatriz. Então ela bateu no chão e ora resmungando, ora cantando, fez um tal barulho, que a lição foi quasi inutilizada. Quando chegou o jantar da princesa não apareceu ninguem para pôr a mesa, lavar-lhe as mãos ou trazer-lhe o bife, até que depois de repetidos recados, consegui uma preta para pôr a mesa; depois, não havia nem faca, nem garfo, nem colher.

(20) A designação — criados domésticos da Casa Imperial — abrangia todos os cargos palacianos, mesmo os mais honrosos. Em 1859, dirigindo-se ao seu Mordomo Paulo Barbosa (que era Brigadeiro do Exército, antigo Deputado e Ministro plenipotenciário), D. Pedro II, sem nenhum intuito ofensivo, antes com intenção de elogia-lo, ainda o chama *criado* fiel. — (T.).

A criança tinha fome, o jantar cheirava saborosamente e ela começou a chorar afinal, depois de esperar meia hora. Resolvi ir ver se encontraria, ao menos, alguns dos servidores do Imperador jantando e pedir a assistência deles. Mas apenas estava em meio de meu caminho vi por uma porta aberta, a sala de jantar das princezinhas mais moças. Lá estavam as meninazinhas, cada uma em sua mesa separada, suas amas dando-lhes de comer, e a um canto, todas as criadas do serviço de Dona Maria, juntamente com várias da Imperatriz, a velha ama do Imperador, e, ainda que de início não o tivesse visto, o Barbeiro, detestado pela minha Pupila, pulando para dentro da caixa do relógio. Nunca vi ninguem mais espantado. A rebelde, que deveria estar à espera, foi salva da hesitação em obedecer a minha ordem de ir para seu lugar pela súbita notícia de que o Imperador e a Imperatriz haviam sido forçados pelo tempo a voltar para casa. Não preciso dizer quão depressa foi servida a mesa da Princesa, nem quão rapidamente foi posta na cama para sua sesta. Pela minha parte estava tão aborrecida com a tolice que não tive ânimo para comer o meu jantar que foi mal servido e estava frio. Tinha passado as iguarias imperiais à preta Ana e estava sentada em frente a uma rosca e um copo de vinho, meditando numa carta à Imperatriz, pedindo-lhe que me fosse dado o tão prometido auxílio do Padre... ([21]), e algumas regras escritas para as criadas da princesa, afim de evitar a renovação da loucura daquele dia, quando de repente, ouvi na minha escada, o ruido das botazinhas de montaria da Imperatriz subindo com violenta pressa. Seus olhos estavam vermelhos de chorar e após me ter beijado, com muito afeto, e de me ter chamado "caríssima amiga", poz-me na mão um papel escrito pelo próprio Imperador — a tinta estava ainda húmida — ordenando-me que me confinasse ao meu próprio apartamento, a não ser quando fosse chamada a dar a lição de inglês à princeza, ou a passear com as irmãs pelo jardim. Era demais. Meu ânimo esgotado pelas desagradaveis ocorrências do dia, foi completamente ultrapassado; sentei-me e chorei tão sinceramente quanto a Imperatriz, que me disse estar certa da minha inocência, que não tinha nenhuma dúvida de que eu poderia me explicar e uma série de outras cousas, que

---

(21) Em branco, no original. Deve ser Frei Antônio de Arrábida, depois Bispo de Anemúria. — (T.).

me provaram que o conciliábulo pilhado por mim no apartamento das princezinhas havia inventado alguma história destinada a irritar o Imperador. Perguntei-lhe o que poderia e o que deveria fazer, que passo ela aconselharia, como amiga, que eu devesse dar. Disse-lhe perceber que me era impossível exercer a função que pretendera, a menos que algumas medidas decisivas se tomassem para me dar o apoio e segurança que a grande importância de minha posição como governante de sua filha exigia, e que, se não fosse a minha amisade por Sua Magestade, nada me tentaria a permanecer onde o meu carater era tão pouco compreendido e meus serviços tão mal apreciados; que ela deveria estar tão sentida quanto eu poderia estar; que, exceto as horas agradaveis que ela me permitia passar em sua companhia, minha vida havia sido a de um prisioneiro de estado e ainda submetida a todas as espécies de impertinências e insolências por parte de pessoas da mais baixa extração, pois como tal certamente considerava o barbeiro Plácido e as criadas do Paço. Respondeu-me muito delicada e gentilmente. Disse-me que, como amiga, punha todos os seus desejos fora de cogitação; que enquanto ela havia tido a esperança de que Frei Antônio de Arrábida tivesse permissão para superintender nossas aulas e me dar seu forte prestígio, ela me havia encorajado em todas as nossos pequenos contatos. Mas que estava agora convencida de que não lhe permitiriam fazer tal cousa, e que inimigos dela, tanto quanto os meus, estavam utilizando alguma influência secreta, mas muito poderosa; que o seu apoio não me proporcionara nenhum bem, antes pelo contrário, tornara minha situação ainda mais aborrecida do que poderia prever; que para a causa de nós ambas, temia que a melhor cousa a fazer fosse eu deixar o Palácio. Ela não pretendeu queixar-se; amava seu marido e seus filhos e esperava ter forças para nunca se queixar do que fosse seu dever suportar; que era sua sina estar separada de todos de quem mais gostava e afastando-se de mim, que ela considerava como a amiga que deveria guardar suas filhas dos malefícios da ignorância e da grosseria de todos em volta delas, só se preocupava em saber se não seria a última separação.

Foi então combinado que eu deveria escrever ao Imperador e pedir a minha demissão. Deixou-me ela então, prometendo voltar dentro de uma hora para levar minha carta.

Não perdi tempo e comecei a escrever. Antes que ela voltasse, estavam espalhadas sobre minha mesa meia dúzia de cartas. Nenhuma delas, temo eu, deixando transparecer um espírito muito amavel. Leu-as todas alto a Imperatriz, e após termos debatido em conjunto, escolhemos a seguinte :

"Senhor.

E' com sentimentos indiziveis que recebi a ordem de hoje, assinada por Vossa Magestade Imperial.

Não deveria nunca ter deixado a Inglaterra nem uma família honrada mesmo naquele distinto paiz, para ser uma simples professora de Inglês ! Se não sou a Governante das Imperiais Princezas, nada tenho que fazer neste paiz. A pessoa honrada com o título e o emprego de governante em tal familia, deveria ter sido garantida contra as impertinências que eu encontrei desde que estou aqui. Nunca me submeterei a elas. Quanto a mim, não tenho amor próprio, mas quanto às minhas alunas havia uma necessidade absoluta de não ser eu tratada como uma criada. Peço com empenho que Vossa Magestade me conceda licença para retirar-me. Deixarei o Brasil para sempre pelo primeiro navio que partir.

Lamentando minhas pupilas, lamento tambem que não tenha podido preencher os desejos manifestados por Vossa Magestade e a Imperatriz, quando VV. MM. me convidaram aqui como Governante.

Quanto a estas Damas, que inventaram tantas falsidades a meu respeito, eu as perdôo e espero que Vossa Magestade nunca encontre razão por ter ouvido demasiado vivamente as suas queixas".

Isto era o corpo da carta que terminava com desejos de prosperidade para sua família e para o Brasil.

Fechei esta carta na presença da Imperatriz. Ela imediatamente levou-a ao Imperador e logo voltou com uma permissão, não desgraciosa, de retirar-me quando quizesse. A tinta ainda não estava seca quando ela a trouxe. Disse ela que havia tido ordem de levar de volta a despedida e tambem todas as cartas anteriores, não só de nomeação para o meu cargo, como de promessa de salário, sem mais demora. Se eu tivesse tido um momento de reflexão, não me teria desfeito destes documentos. Mas que poderia fazer ? A Imperatriz, que eu realmente estimava, estava em lágrimas,

e eu compreendi claramente que ela teria que temer alguma impolidez se não levasse de volta tudo que havia sido pedido. Dei-lhe assim tudo, e afinal, creio que fiz bem.

Ela voltou ao meu quarto quasi imediatamente e ficou até que o Imperador a chamou para passear, quasi uma hora mais tarde que de costume. Comecei a arrumar minhas cousas, já que devia partir na manhã seguinte. A Imperatriz disse ao deixar-me que voltaria para ajudar-me a arrumar, o que quasi me fez rir no meio da minha desgraça. Pediu-me tambem que lhe deixasse alguns livros elementares para suas filhas e disse-me que gostaria de comprar os meus globos. Quando a Imperatriz me deixou comecei a ponderar sobre o modo de deixar o palácio. Não tinha criado para mandar recado aos meus amigos no Rio, afim de que me arranjassem uma carruagem ou uma carroça para minhas cousas, e convenci-me de que Plácido, o barbeiro, poria todos os obstáculos no caminho de minha saída confortavel, e assim se deu. Muito antes que eu a esperasse, voltou a Imperatriz. Não tinha, creio, saído, mas trabalhando por mim, perguntando em que carro eu devia me retirar, viera a saber que Plácido havia destinado cada um a uma cousa, de modo que se tornava impossivel utilizar-me de qualquer deles, e que ele próprio e a sua súcia, haviam se divertido na ante-câmara com a idéia de me ver saindo a pé para o Rio, com a preta Ana carregando uma trouxa, no meio de uma terrivel chuva, que eles previam pelas nuvens que estavam de novo se aproximando. A Imperatriz ouviu o bastante para compreender o plano e então disse que encomendaria seu próprio carro. Plácido disse que não havia cavalos, o que a exasperou de tal maneira que levantou a voz e disse-lhe que usasse os seus próprios cavalos de montaria. Isto chegou aos ouvidos do Imperador, que estava então, em parte, arrependido da decisão apaixonada que a cabala havia obtido para realizar seus objetivos. Saíu de seu quarto furioso. Contou-lhe a Imperatriz todo o plano de Plácido e sua conduta quanto à minha saída. A raiva do Imperador tomou então uma outra feição. Ordenou a Plácido que fosse imediatamente cancelar a licença que havia dado a uma das mulheres, de se utilizar do carro de Dona Maria da Glória e que o puzesse à minha disposição por uma semana, se eu quizesse, e após ter feito isso, ele próprio queria ir me perguntar que barco ou carroça preferia para levar minha bagagem para a cidade e ainda levar o car-

pinteiro do Paço com ele para dirigir a embalagem ou ser responsavel por ela.

Disse então à Imperatriz que era muito tarde para passear e ela nisso viu uma tácita licença para voltar ao meu quarto, o que fez logo. Imperatriz do Brasil e Arquiduqueza d'Austria, nada poude impedi-la de usar suas pequenas e brancas mãos para embrulhar livros e roupas, ocupando-se de tudo que podia. Mandou uma criada sua, com cartas, a dois ingleses amigos meus, pedindo que qualquer deles me arranjasse um quarto às 12 horas do dia seguinte.

Contarei agora como Dom Pedro foi levado ao acesso de raiva que foi a causa imediata da minha saída do palácio, tal como ouvi, algumas semanas depois por pessoa que sabia de quasi todos os acontecimentos passados dentro das paredes do Palácio e que pagava bom dinheiro para ser informada.

Dona Maria Cabral era a mulher mais bem nascida de todas as damas de Dona Maria da Glória e foi escolhida como instrumento para me atacar. Era desagradavelmente feia, de pele gordurosa e suada — muito marcada de bexigas — grande boca, de labios finos — nariz chato — olhos pequenos, pretos e vivos, cabelos longos e pretos penteados para o alto. Sua inteligência era mais estreita que a de qualquer creatura que conheci e sua ignorância proporcional à inteligência. Comtudo, esta mulher dispunha de uma grande influência sobre o Imperador. Era uma perfeita aduladora. Aproveitando-se das fraquezas do temperamento do Imperador, irrompeu pelo seu quarto meia hora antes do costume de seu acordar da sesta. Com os cabelos descompostos, a face banhada em lágrimas, e soluçando violentamente, clamou por ele para que dissesse se era justo e direito que aqueles que haviam deixado suas famílias e felizes lares em Portugal para acompanhar a família Bragança atravez do terrivel oceano, para viver numa terra que não prestava senão para macacos e negros, pudessem ser tratados como criados, enquanto estrangeiros, que não tinham ligação com a família real e cuja capacidade de falar diversas línguas poderia facilitar-lhes a cabala contra os interesses de Sua Magestade, já que nenhum dos fieis aderentes podia saber o que diziam, pudessem ser tratados como grandes personagens e ter permissão para dar ordens aos velhos aderentes da Família! O Imperador saltou do seu leito num paroxismo de aborrecimento e quiz saber imediatamente por que motivo havia ela ousado perturba-lo.

A resposta foi que ela e todas as antigas damas, inclusive sua velha ama, haviam decidido deixar o Paço imediatamente e voltar a Lisboa, desde que percebiam que só os estrangeiros podiam ser tolerados no Paço da Boa Vista. Sua Magestade perguntou a razão dessa estranha resolução. Respondeu que não podiam nem queriam admitir que qualquer pessoa pudesse insultar a Casa de Bragança! Que a governante inglesa havia tomado a si tiranizar a herdeira dessa nobre Casa, pois havia até se sentado no lugar de honra numa das carruagens imperiais e os preceitos que ela inculcava à princesa eram destinados a faze-la esquecer a diferença entre seu sangue real e o mais desprezivel de seus súditos. O Imperador não tendo tido tempo de caír em si, exclamou logo: "Que ela saia do Paço, imediatamente!" Não quero minha família abalada, nem meus velhos aderentes afrontados, nem os herdeiros de minha casa insultados!"

Disse então Dona Maria que um recado verbal não teria nenhum efeito sobre minha vaidade, mesmo que fosse transmitido por Plácido! O Imperador pediu então pena, tinta e papel e, enquanto escrevia o recado que acima mencionei, mandou um criado chamar a Imperatriz, afim de que ela própria o entregasse à sua favorita.

Tal é a história, tal como a ouvi da Viscondessa do R... (22) e não tenho dúvida de que seja a verdadeira na maior parte, pois é caracteristica da maneira de conduta no Palácio e, particularmente, do temperamento de Dom Pedro, sujeito a explosões repentinas de paixão violenta, logo sucedidas por uma generosa e franca delicadeza, pronta a fazer mais do que o necessário para desfazer o mal que pudesse ser feito, ou a dor que pudesse ter causado nos momentos de raiva. Disso tive provas, mais de uma vez, antes de deixar esse paiz.

Como saí do Palacio e o que aconteceu a mim depois que o deixei, é de pouca importância, excepto algumas passagens que poderão lançar alguma luz sobre o temperamento e a disposição do Imperador e da Imperatriz.

Nesta mesma noite ela me procurou e pediu-me que não comesse cousa alguma que me fosse mandada pelas vias do costume para minha ceia, porque, ainda que esperasse não existir, havia muito, no Palácio pessoas tão malvadas, era cer-

---

(22) Deve ser a Viscondessa do Rio-Seco. (T).

to que ela havia perdido o seu secretário alemão, no qual tinha muito grande confiança, por envenenamento. Prometi então não comer senão uns biscoitos que um de meus amigos ingleses me havia enviado alguns dias antes. Pouco depois, porem, mandou-me um recado dizendo que tinha feito algumas adições à ceia de Dona Mariana ([23]) de que eu poderia compartilhar e, de algum modo, compensar a falta do jantar. Como delicadeza ajuntou a promessa de me ver de manhã, antes que eu deixasse São Cristovão.

Na manhã seguinte correu ao meu quarto por alguns minutos antes do seu passeio e foram muitas as lágrimas derramadas —, dos dois lados. Ficou combinado que eu recorreria a ela, se quaisquer dificuldades ocorressem a mim depois que a deixasse. Disse-me ela que me lembrasse de que podia confiar na justiça do Imperador e na sua proteção, enquanto permanecesse em seus domínios. Atribuí isto inteiramente à sua bondade e fui bastante injusta para prometer-me, secretamente, nunca experimentar a justiça de Sua Magestade ou procurar sua proteção.

Antes que o grupo Imperial tivesse voltado de seu passeio matutino, já estava eu a meio caminho da cidade. Tendo visto minha bagagem a salvamento longe da enseada da Boa Vista, pensava que chegaria em segurança aos meus velhos aposentos da Rua dos Pescadores.

Antes de partir, tinha feito um pequeno pacote de livros para a Imperatriz e havia-lhe escrito uma carta de despedida, de que recebi a seguinte resposta antes de estar uma hora em minha residência :

"Minha querida amiga !

Recebi vossa amavel carta e crede que fiz um enorme sacrifício separando-me de vós. Mas meu destino foi sempre ser obrigada a me afastar das pessoas mais caras ao meu coração e que estimei. Mas ficai persuadida de que nem a terrivel distância que em pouco vai nos separar, nem outras

---

(23) Uma das damas da Guarda-Roupa (A). — D. Mariana Laurentina da Silva e Sousa Gordilho, Marquesa de Jacarépaguá, filha de João Francisco da Silva e Sousa, senhor da quinta de Mata da Paciência, no Rio de Janeiro, e de sua mulher D. Mariana Eugênia Carneiro da Costa, que era filha de Braz Carneiro Leão e de sua mulher, a Baroneza de São Salvador de Campos dos Goitacazes. A Marquesa era brasileira, nascida no Rio de Janeiro, em 1796. (E.).

circunstâncias que prevejo ter de vencer, poderão enfraquecer a viva amisade e verdadeira estima que vos dedico e que procurarei sempre, com todo o empenho, as ocasiões de vo-lo provar. Ouso ainda renovar-vos meus oferecimentos, ([24]) se é que vos posso ser util. Aceitando-os, vireis ao encontro dos meus desejos e contribuireis a me fazer feliz.

Assegurando-vos toda a minha estima e amisade sou.

vossa afeiçoada

Maria Leopoldina".

S. Cristovão, 10 de Outubro de 1824.

P. S. — Neste momento entregam-me os livros que me serão de grande utilidade para minha bem amada Maria. Tereis a bondade, em Londres, de me obter os gêneros e espécies que faltam no catálogo de conchas que vos envio, comunicando-me os exemplares de história natural do Brasil que quizerem, para permuta".

O mensageiro da Imperatriz estava ainda esperando pela resposta, quando um tal Antônio, da casa em que eu estava hospedada irrompeu pelo quarto para dizer-me que todos os meus bens e moveis, salvo a cama, haviam sido apreendidos na alfândega ([25]). Acrescentei, então, um *post-scriptum* à minha carta já escrita e disse-lhe o que havia acontecido, pedindo, ao mesmo tempo sua interferência. Achei conveniente narrar o caso ao consul britânico e recebi dele uma resposta fria e não demasiado polida. Mas, na manhã seguinte, recebi o seguinte bilhete da Imperatriz :

---

(24) A Imperatriz, sabendo que Plácido, ainda que recebesse de seu amo a quantia que me era devida pela minha estadia no Paço, nunca me havia dado o montante, e que nem os livros que eu trouxera, nem qualquer outra despesa, me havia sido paga; ainda que lhe fizesse muita falta, ofereceu-me dinheiro, que eu recusei aceitar. — (A.).

(25) Parece que Plácido mandou uma mensagem secreta a algum dos subalternos para me pregar esta peça! Talvez esperando que eu não me queixasse e que eles pudessem assim repartir a presa. — (A.).

"Minha caríssima amiga.

Fiz saber ao Juiz da Alfândega que vos remetesse vossas malas e que ele havia obrado muito mal e contra todas as leis que garantem a propriedade particular de ser apreendida.

Assegurando-vos toda a minha amisade e estima

Maria Leopoldina.

P. S. — Se quizerdes, incumbirei meu secretario, Sr. Flack, que mora à rua da Misericórdia, de vos remeter no momento as vossas cousas".

Juntarei ainda mais uma carta desta amavel mulher, escrita somente tres dias após minha partida, para mostrar que sua gentileza não se confundia com as damas do paço. A amisade que me foi demonstrada por ela justifica-me plenamente por não ter jamais respondido a qualquer pergunta relativamente ao que se tinha passado no palácio, nem (conhecendo o estado do correio do Rio) ter escrito uma única linha sobre minha saida do serviço imperial. Deixei que o tempo me justificasse e conhecendo eu própria a verdade, podia e ousava rir deante das razões absurdas com que todo o mundo se aprestava a explicar à minha súbita mudança de residência. Mas, voltando à carta da Imperatriz:

"14 de Outubro de 1824

Minha queridíssima amiga!

Apresso-me em informar-me de vossa saúde e ao mesmo tempo em vos dizer como estou satisfeita por vos ter sido util o meu secretário. Eis que não se passa um momento sem que eu não lamente vivamente ter-me privado de vossa companhia e amavel conversação. Meu único recreio e verdadeiro consolo nas horas de melancolia à qual, infelizmente, tenho motivos demais para estar sujeita.

Assegurando-vos toda a minha amisade e estima,

sou vossa afeiçoada

Maria Leopoldina".

Creio que uma das causas da inveja sentida, e que atuou contra mim, foi a *honra* de me fantaziarem como uma intrigante política, e isso não só os portugueses, como meus próprios compatriotas. Mas, em primeiro lugar, não tenho talento para tal mister e, depois, abomino este papel, tanto no homem como na mulher, mas principalmente nesta última.

Tudo que ouvi sobre política da terra de Dom Pedro, durante minha curta residência no Paço, o soube pelo próprio Imperador, que às vezes oralmente, e às vezes emprestando-me jornais, me informava dos sucessos da esquadra no Norte e do progresso da Assembléia Legislativa nos bem intencionados, mas nem sempre bem conduzidos, planos de melhoramentos do paiz.

Não muitos dias depois que deixei o Palácio, o Almirante francês Grivel ([26]) fez-me uma visita em minha quente e bulhenta residência na Rua dos Pescadores e propoz-me gentilmente fazermos um passeio, já que havia tanto tempo que eu não fazia nenhum exercício racional. Em consequência, concordamos em que ele, um outro cavalheiro francês, meu senhorio, e eu, fizessemos uma excursão nessa mesma tarde, certamente sem desejar passar perto de nenhum passeio em que houvesse qualquer possibilidade de encontrar a comitiva imperial. Contudo, não haviamos ainda caminhado duas milhas do Rio, quando numa encruzilhada, toda a cavalgata imperial surgiu ao nosso encontro por detraz de um barranco abrupto. De acordo com a etiqueta costumeira, paramos nossos cavalos e puzemo-nos na beira da estrada. Os homens desmontaram e descobriram-se, enquanto o grupo passava por nós. Mas tudo não se passou tão rápido como esperavamos, pois o Imperador gritou para a Imperatriz que ia um pouco adiante, que a mulher a cavalo era *Madame* (como ele geralmente me chamava), e dirigindo-se a mim depressa, cortezmente desmontou-se, estendeu-me a mão e ficou, descoberto, conversando comigo durante vários minutos. Esta gentileza, estou certa, que me dispensou, na presença do numerosíssimo séquito que trazia nesse dia, teve o propósito de me dar importância e contraditar algumas das muitas

---

(26) Jean-Baptiste Grivel (1778-1869). Almirante francês. Era comandante da Estação naval no Brasil. Foi promovido a Contra-almirante em 1825, quando estava no Rio de Janeiro. Feito Barão em 1846, e Senador em 1858. Deixou um livro sobre sua profissão e tiveram publicação póstuma suas *Mémoires* : — *Revolution, Empire.* — Paris, Plon-Nourrit & Cie., 1914, in-8. — (E.).

e absurdas narrativas, relativas à causa de minha saida do Palácio. Teve este efeito sobre o Almirante Grivel, que exclamou: "Digam o que quizerem, mas não houve nisso briga pessoal". Registrei esta anedota pessoal não tanto por minha causa quanto por causa de Dom Pedro, cujos sentimentos retos e generosos ela demonstra com vantagem. Exasperado como ele tinha sido, e julgando-se com razão, e asperamente como me tinha tratado, nos primeiros momentos de raiva, se fosse um homem de idéas mais estreitas, teria conservado alguns sinais de ressentimento. Mas agora ele me considerava uma estrangeira na sua terra, que poderia precisar dele e não poderia deshonrar sua atitude de protetor.

Teria sido bem melhor para ele e para o Brasil que ele não tivesse tido maus conselheiros nem aduladores profissionais que, valendo-se de suas paixões, esperavam governa-lo, senão ao próprio estado.

Antes de mudar-me da Rua dos Pescadores para o vale das Laranjeiras ([27]) tive uma oportunidade de julgar da qualidade das pessoas que imaginavam agradar, mas antes aborreciam, Dom Pedro e esta oportunidade me foi singularmente oferecida, porque se pensava que eu tencionava voltar para o Serviço Imperial, ou, ao menos permanecer no Rio para qualquer finalidade particular.

Uma tarde, recebi um cartão muito elegante, com o nome de Adèle de Bonpland, escrito em bela letra francesa, intimando-me a recebe-la ali mesmo ou a procura-la, como me fosse mais cômodo. Como meus quartos estivessem então na desordem das mudanças, preferi procura-la, e em consequência pedi a meu bom amigo Dr. D... que me acompanhasse à sua casa. Aí encontrei uma bela francesinha que poderia passar por espanhola, tão delicadas eram suas mãos, tão longos e brilhantes os seus cabelos. Chamaria sua conversa de agradabilíssima, se ela não parecesse muito desejosa de impressionar-me com o vasto plano de sua habilidade em manejar os negócios, tanto públicos como privados. Disse-me que quando os Srs. Bonpland e Humboldt haviam vindo pela primeira vez à América do Sul, ela tinha permanecido algum tempo em Londres, onde se havia tornado íntima de todos os

---

(27) A excelente Mme. Lisboa e seu digno marido (pais do Cavaleiro Lisboa, Miguel Maria Lisboa, agora, 1835, Encarregado de Negócios em Londres) emprestaram-me uma casa de campo na sua bela chácara, à entrada do vale, durante todo o tempo de minha estadia no Brasil. — (A.).

grandes politicos liberais, que ela imaginara obter um tal ascendente sobre eles que poderia representar o papel do homem que move os fantoches num espetáculo de cordéis, e falou de H. H. (*), como o principal palco de seus triunfos ! ! !

Minhas observações frias sobre tudo o que ela dizia de enxurrada desconcertaram-na ; mas para usar a expressão dos marinheiros, "tentou nova quilha" e disse que queria apresentar-se a mim em nome de Lord Cochrane, cujas generosas delicadezas para com ela, a haviam ligado a ele para sempre, e tambem em nome dos dois capitães Spencer, que ela havia conhecido em Buenos Aires e cujas amaveis atenções para com ela, em sua triste situação (28), a haviam animado quando nada mais o poderia fazer. Estas atenções ela aprazia-se em considerar aprovações à sua *politica !*

Em seguida gabou-se de ter salvo a vida de Lord Cochrane, pois por meio de sua influência pessoal sobre um dos Ministros e o namoro que ela consentia que sua filha mantivesse com o chefe de secretaria de outro ministério para esse fim, ela havia descoberto uma atroz conspiração contra sua pessoa, de que Dom Pedro estava avisado, estando desejoso de se libertar, de qualquer maneira da necessidade de lhe pagar a quantia prometida quando assumiu o comando ou o prêmio monetário ao qual ele tinha uma conhecida pretenção ; que a maneira mais pronta de se ver livre deste embaraço era o assassinato (29) e se isto falhasse, o plano era prende-lo

---

(*) Deve ser *Holland's House* — V. nota 1.ª. — (T.).

(28) Quando Bonpland se instalou, ostensivamente, para estudar a Botânica do país, entrou tambem em uma especulação para exploração do Mate nas margens do Rio da Plata, dentro dos limites de Buenos Aires. Para esse fim havia formado uma colônia com várias familias indigenas, práticas na colheita e preparo das folhas, e teve algumas boas possibilidades de sucesso. Em uma bela manhã, comtudo, o Dr. Francia, autocrata do Paraguái, não aprovando um empreendimento que poderia interferir com o seu cômodo empório, enviou alguns barcos pelo rio Paraguái abaixo, e antes que o pobre Bonpland tivesse almoçado, saquearam-no, cortaram seus pés de Mate, conduziram os Indios para as selvas, queimaram as barracas, escapando Mme. Bonpland e sua filha, porque estavam então em Buenos Aires, sem poderem viver fora da sociedade, na empresa de seu marido. Vieram então para o Rio, ostensivamente com o fim de entender-se com Dom Pedro, pessoalmente, ou por escrito. Entretanto, algumas pessoas de Buenos Aires disseram-me que o governo daquela República entendeu que essa Senhora era demasiada ativa para aquela cidade, e a havia, delicadamente, convidado a residir em outro qualquer lugar. — (A.).

(29) O assassinato não é o crime do brasileiro, nem a vindita pessoal foi jamais permitida e muito menos animada por Dom Pedro.

Ainda que essa mulher houvesse persuadido Lord Cochrane a acredita-la, estou convencida de que tal conspiração jamais existiu. (A.) — O caso foi o seguinte, relatado pelo próprio Lord Cochrane, na *Narrativa de Serviços ao libertar-se o Brasil da Dominação portugueza prestados pelo Almirante Conde de Dundonald*, ps. 146/149, Londres, 1859 :

"Um caso de vexação dirigida ainda contra mim, no dia 4 de Junho, vale talvez a pena de referir-se. Tinha sido falsamente dito ao Imperador pelos seus ministros,

nas prisões de Estado na Ilha das Cobras, sob o pretexto de ter ele tido entendimento com o inimigo durante o cerco da Baía e deixado escapar alguns barcos. Esta história pareceu-me monstruosa na hora, mas enquanto eu a ouvia quieta, ela continuava, mais que insinuando que o Bispo e mais uma ou duas pessoas de influência, estavam inclinadas a derrubar o ministério e livrar-se da influência secreta de Madame de Castro e do Barbeiro Plácido, e, por meio de um ministério mais liberal (de que faria parte o meu patrício Lord Cochrane), dar à Imperatriz maior parte no Governo. Expoz todos estes planos deante de mim, contando com o meu ressentimento de Dom Pedro e esperando que isto fosse suficiente para induzir-me a entrar para o grupo afim de mortifica-lo, *sua amante* e seus ministros. Fez-me tantos e tão grandes elogios que despertou a minha desconfiança e contentei-me em agradecer-lhe o bom conceito que de mim fazia e dizer-lhe o que dizia a todo o mundo que procurava descobrir o que se passara no Palácio: tendo comido o pão e o sal do Imperador sob o seu teto, e sendo honrada abertamente com a amisade da Impe-

---

que, alem dos 40,000 duros que eu recusei de entregar, havia escondido larga somma de dinheiro a bordo do *Pedro Primeiro*, e suggeriu-se a Sua Magestade, que, visto estar eu vivendo em terra, seria facil dar busca ao navio na minha ausencia, por cujo meio podesse o Imperador apossar-se do dinheiro encontrado. Este deshonroso insulto estava a ponto de ser posto em execução, quando um accidente me revelou a trama; cujo objecto era deprimir-me na estimação publica, pela accusação que implicava machinação vil, que, desprezivel como era, apenas podia deixar de prejudicar-me a mim, contra quem se dirigia.

"Um serão já tarde recebi uma visita de Madame Bonpland, a talentosa mulher do distincto naturalista Francez. Esta senhora, que tinha singulares opportunidades para vir a saber segredos de estado, veio de proposito dar-me parte de que a minha casa estava n'aquelle momento cercada por uma guarda de soldados! Perguntando-lhe se sabia a razão de tal procedimento, informou-me de *que sob pretexto de* uma revista que devia ter logar da outra banda da barra na madrugada seguinte, os ministros tinham feito preparativos para se abordar a capitânia, que devia ser completamente esquadrinhada emquanto eu era detido em terra, tomando-se posse de todo o dinheiro que se achasse!

"Agradecendo á minha excellente amiga o aviso tão opportuno, saltei por cima da parede do meu quintal, o só caminho desembaraçado para a cavalharice, escolhi um cavallo, e não obstante o tardio da hora, parti para S. Christovão, palacio de campo do Imperador, onde, assim que cheguei, requeri fallar a Sua Magestade. Sendo o meu pedido recusado pelo camarista de semana de maneira tal que confirmava o que me annunciára Madame Bonpland, disse-lhe que visse ao que se arriscava recusando-me entrada; acrescentando, que "o negocio por que eu alli vinha podia ter "as mais graves *consequencias para* "*Sua Magestade e para o* imperio". — "Mas, "— tornou elle — "Sua Magestade já se foi deitar ha muito tempo". — "Não importa", respondi eu, "deitado, ou não deitado, quero vel-o, em "virtude do meu privilegio de "ter accesso a elle a qualquer hora, e se V. recusa permitir-m'o, lembre-se das "consequencias".

Porém, Sua Magestade não estava a dormir, e como a camara real era immediata, reconheceu elle a minha vóz na altercação com o camarista. Sahindo á pressa do seu quarto n'um *deshabillé* que em circunstancias ordinarias houvera sido incon-

ratriz, deixava a Eles o encargo de explicar minha saida do serviço imperial. E assim terminou minha primeira entrevista com Madame de Bonpland. A segunda foi egualmente notavel. Apareceu-me um dia coberta de lágrimas, trazendo sua filha e dizendo-me que havia então ouvido a notícia do fracasso de sua última tentativa de libertação do marido das mãos de Frância; que dificuldades haviam sido lançadas no caminho, de modo que ela tinha agora motivos para pensar que mesmo suas cartas particulares não chegavam às fronteiras, onde os funcionários de D. Pedro tinham ordem de passa-las ao domínios de Frância. Vinha implorar minha interferência. Não pude deixar de sorrir a isto, mas disse-lhe que quando a Imperatriz conhecesse o seu caso, haveria de compreende-la como mulher e que promoveria por certo qualquer pedido ao Imperador. Não era isso, porém, que ela queria. Respondeu que não havia nada como uma entrevista pessoal, e que ela havia aprendido, como uma autoridade incontestavel, que eu estava em grande favor junto ao Imperador e poderia voltar ao palácio quando quizesse requerer. Rogou-me que lhe obtivesse a desejada entrevista, tão ne-

---

gruente, perguntou-me: — "Que caso havia podido alli trazer-me a taes horas da "noite?" A minha resposta foi — "que constando-me serem as tropas com ordem "para uma revista destinada a ir á capitânia em busca de suppostos dinheiros, vinha "requerer a Sua Magestade o nomear immediatamente pessôas de confiança para me "acompanharem a bordo, onde as chaves de quantas caixas a não continha se lhes "entregariam e se lhes abriria tudo para sua inspecção; mas que se alguem da sua "Administração anti-Brasileira se aventurasse a bordo em perpetração do tencionado "insulto, os que o fizessem seriam certamente olhados como piratas e tratados como "taes". Acrescentando ao mesmo tempo — "Esteja Vossa Magestade certo, que não "sam mais inimigos meus do que o sam seus e do Imperio, e uma intrusão tão injus- "tificavel, é obrigação dos officiaes e da tripulação resistir-lhe". — "Bem", respondeu Sua Magestade, "pareceis estar informado de tudo, mas a trama não é minha; "estando, quanto a mim, convencido de que se não acharia mais dinheiro do que o "por vós mesmo já declarado".

"Suppliquei então a Sua Magestade quizesse tomar para minha justificação taes "medidas que satisfizessem o publico. — "De nenhumas ha precisão", respondeu elle; "a difficuldade é como hade a revista dispensar-se. Estarei doente pela manhã, assim "ide para casa, e não penseis mais n'isso. Dou-vos a minha palavra de que não "será ultrajada a vossa bandeira pelo procedimento contemplado".

"O desfecho da farça é digno de relatar-se. O Imperador cumpriu a sua palavra, e durante a noite achou-se de improviso doente. Como Sua Magestade era realmente amado por seus subditos Brasileiros, toda a gente de bem nativa do Rio de Janeiro estava na manhã seguinte em caminho de palacio por saber da Real saude, e, fazendo pôr a minha carruagem, parti para o paço tambem, afim de não parecer singular a minha ausencia. Entrando no salão, onde o Imperador, cercado de muitas pessôas influentes, estava no acto de explicar a natureza da sua doença aos anciosos perguntadores, occorreu um estranho incidente. Dando com os olhos em mim, desatou Sua Magestade, sem poder-se conter, n'uma risada, em que eu mui á vontade o acompanhei; julgando sem duvida os circunstantes, pela gravidade da occasião, que ambos tinhamos perdido o miolo. Os Ministros pareceram atonitos, mas nada disseram. Sua Magestade guardou segredo, e eu calei-me". — (E.).

cessária para seu conforto e seu interesse. Ao dizer-lhe eu que não tinha relações pessoais com o Plácido e que nunca teria, a não ser convidada, perguntou-me se eu nunca havia tomado uma chicara de café nos jardins do Padre Boiret. Que ele promovia passeios à tarde, muito agradaveis, que o Imperador às vezes aparecia no correr dos passeios e que nada seria mais facil do que promover um dia uma apresentação naqueles jardins.

Felizmente para mim, não percebi a verdadeiro sentido de suas palavras e continuei a julga-la simplesmente uma mulher sofredora, anciosa de se comunicar com seu marido e de liberta-lo. Minha resposta, pois, só a deixou entender que eu não sabia ter o Padre Boiret uma vila, com um agradavel jardim e que eu não gostava dele, nem o estimava bastante para ir a quâlquer reunião em sua casa e que, quanto a apresentar alguem ao Imperador, a não ser por permissão ou atravez os bons ofícios da Imperatriz, não o poderia nem quereria fazer. Madame B. mostrou-se mortificada e deixou-me, dizendo-me esperar que eu pensasse mais no caso.

Não muito tempo depois disso, Boiret em pessoa, procurou-me e convidou-me a comparecer ao seu jardim, insinuando-me que o Imperador *poderia* lá estar. Excusei-me civilmente, mas de tal maneira que o Padre nunca me repetiu a visita. Agora começo a perceber que algumas das cabeças menos valiosas do Rio, depois de experimentar se eu entraria voluntariamente em intrigas políticas, tentaram-me converter em instrumento para fins não dignos. Em consequência, expuz o caso todo perante meu excelente amigo, o Barão de Mareschal, que imediatamente me disse que usasse seu nome quando Mme. de Bonpland me procurasse de novo e afirmasse que ele garantiria não somente suas cartas chegarem livres à fronteira, como obteria um salvo conduto para ela, se quizesse juntar-se ao marido. Tive em breve oportunidade de dizer-lhe isto. Contudo, fez ela mais um esforço para obter um entendimento pessoal com o Imperador e foi isto por ocasião de um concerto (30) que ela deu, para obter um pouco de dinheiro. Para este espetáculo, a pedido do Barão de Mareschal, o Imperador contribuiu liberalmente e, a pedido meu, os oficiais dos navios ingleses e franceses tambem.

(30) Ela tocava harpa muito bem, segundo fui informada, porque nunca a ouvi tocar. — (A.).

Registrei estas anedotas frívolas de Madame de Bonpland com o fim de mostrar o valor de alguns dos planos que se usavam para alcançar e manter influência sobre Dom Pedro. Não pode haver dúvida que o intento desta mulher era suplantar Mme. de Castro ([31]).

No grande dia em que se celebrou o aniversário do Imperador — dia que havia despertado tanta inveja entre as damas — fiquei encantada por ver que a Marquesa de (Aguiar) havia sido nomeada Primeira Dama da Princezinha ([32]); era de família nobre — de excelente carater, e, para uma portuguesa, tinha boa educação. Era, sem dúvida, pessoa mais indicada para acompanhar a Princesa em público, que qualquer outra no Brasil.

No mesmo dia soube, com não pequeno prazer, que o Imperador havia feito publicar no Paço, uma série de regras para as filhas e suas damas, redigidas por Frei Antônio de Arrábida, que fizeram com que as criadas dos apartamentos de Dona Maria desejassem a minha volta, para liberta-las um pouco das determinações do bom confessor.

Por esse tempo eu me tinha estabelecido na minha casa de campo, com a preta Ana como criada, e um mulato (livre) extremamente dextro na agulha, que me trazia as provisões, e segundo eu estava convencida, guardava-me a casa. O fato seguinte fez-me mudar de idéia quanto a este aspeto do seu carater. Não muito depois de ter instalado minha gente e ter colocado meus livros e minha secretária junto à única janela de vidros da casa, encontrei para mim mesma uma ocupação, para as muitas horas de solidão que previ me aguardarem. Sempre apreciara muito as flores e o esplendor da floresta virgem atraz de minha casa, naturalmente me atraíu. Tomei emprestado do Ministro da Marinha um exemplar do

---

(31) Não teve êxito senão em pequenas intrigas no Rio; a última novidade que soube a seu respeito, foi que está viajando com um oficial complacente no Pacifico. — (A.).

(32) A dama de D. Maria da Glória era a Marquesa de Aguiar, Camareira-mor da Imperatriz, D. Maria Francisca de Paula de Portugal, viuva de D. Fernando José de Portugal, 1.º Marquês de Aguiar. No dia 12 de Outubro de 1824, aniversário do Imperador, formou todo o Exército no Campo da Aclamação, sob o comando em chefe do Governador das Armas, Tenente general Joaquim Xavier Curado.

SS. MM.II. chegaram ao Campo ás 11½ horas da manhã. O *Diário Fluminense*, do dia 13, descreveu o séquito imperial, e entre os coches que o compunham, menciona: "O coche que conduzia S. A. I. a Princeza D. Maria da Glória, com a Camareira Mor de S. M. a Imperatriz, a Exma. Marqueza de Aguiar, levando ao lado 2 Moços de Estribaria a cavallo". — (E.).

Aublet ([33]) e fiquei desapontada verificando que suas gravuras eram muitas vezes, imperfeitas, e que, em alguns casos ele tinha sido obrigado a estampar folhas, frutos e mesmo cálices secos, de muitas das árvores das florestas, não as tendo encontrado na estação das flores nos seus lugares nativos. Resolvi fazer desenhos de tantas quanto pudesse, obtendo, ao mesmo tempo especimens secos para o Dr. Hooker, de Glasgow, ([34]) ainda que não tivesse muitas instalações convenientes, sendo a minha casa muito úmida. Em obediência a este plano, era meu costume deixar a preta Ana representando seu papel de lavadeira e o mulato, comprando e cozinhando meu jantar, enquanto eu ia para o mato, à procura de especimens de arbustos floridos e árvores para meus empreendimentos botânicos. No correr de minhas excursões, vim a saber que havia um núcleo de escravos fugidos não longe de minha habitação. Descobri ainda que as cestas, ovos, aves e frutas que me eram vendidos, vinham dessa gente, porque, como diziam eles, por meio da Ana, sabiam que eu era amiga dos pretos e que nunca delataria a existência de um núcleo de negros fugidos. Em consequência, eu me considerava bem garantida em relação aos meus desmoralizados vizinhos. Não se dava o mesmo com a boa gente portuguesa e brasileira da vizinhança, pois uma tarde, após uma festa que durara tanto tempo que os criados e as senhoras já se haviam retirado para descançar e os homens, empenhados no jogo, continuavam sentados, de portas abertas, devido ao calor, uma malta entrou pela casa e roubou todos os objetos de prata, inclusive os castiçais da ante-sala, junto ao *hall* onde se jogava! Não foi senão quando as visitas, ao voltar para casa, saíram para acordar seus criados, dormindo nas varandas, que o dono da casa descobriu ter sido roubado. Note-se que, no Rio a idéia de roubo pelos negros fugidos, e a de atentados pessoais estão muito ligadas; em consequência, ao raiar do dia, a casa do meu vizinho estava vasia de habitantes e o alarma se espalhou de alto a baixo do vale. Minha preta Ana, que gostava de tagarelar, tinha, como soube depois, tido muito cedo co-

---

(33) Jean-Baptiste Aublet (1720-1778). Botânico francês. Estudou *in-loco* a Flora da Guiana e escreveu a *Histoire des Plantes de la Guyane Française, rangées suivant la méthode sexuelle*, Londres — Paris, 1775. — (E.).

(34) William Jackson Hooker (1788-1865). Botânico inglês. Professor de Glasgow de 1815 a 1839; Diretor do Jardim Botânico de Kew da última data em diante.
Deixou uma série de importantes trabalhos sobre Botânica sistemática e sobre a Flora de diversos paizes. — (E.).

nhecimento do roubo, e sem me dizer uma palavra, tomou uma grande trouxa de roupa suja e dirigiu-se a um lugar a cerca de tres milhas acima no vale, onde um riacho formava um pequeno tanque e onde estava certa de encontrar todas as pretas lavadeiras do distrito. José, o Mulato, foi como de costume para o mercado à cata da carne, e eu, fazendo da necessidade uma virtude, preparei meu próprio almoço e parti para o mato, depois de fechar minha casa. Na minha volta, bem antes do costume, por causa do grande calor da estação, José me encontrou e me disse que ia à cidade. Disse eu : — Não, José, Ana foi ao lugar de lavar roupa e você deve ficar para me fazer companhia. — Não, disse ele : — Preciso ir à cidade. Puz a carne no fogo e preparei as verduras e a Sra. não terá de fazer mais que pô-las dentro dágua na hora precisa. Já puz a mesa e a Sra. póde tirar o jantar sozinha e come-lo quando ficar pronto. — Bem, mas, José, v. não poderá estar tão apressado a ponto de não esperar que Ana volte para casa ! Quando pretende v. voltar ? — Nunca, disse ele. (Ele estava apalavrado com outro patrão que lhe havia prometido maiores vantagens). — Bem, disse eu, v. bem poderia me ter falado antes, porque poderia ter pago mais a v. se tivesse sabido que v. não estava satisfeito. A isto, respondeu ele que estava de fato decidido a ir embora e que eu deveria me contentar, ao menos por algum tempo, com os serviços da preta Ana unicamente. — A senhora, disse ele, deve saber do roubo em casa do Sra. F... na noite passada. Agora, se os ladrões tiverem de vir e nos matarem — madame, se quizer, pode ficar, porque é branca e ninguem poderá mandar nela ou governa-la ; em quanto a Ana, se for morta, é uma escrava e a perda será de seus senhores, mas (batia no peito) sou um homem livre e se *eu* for assassinado, *quem pagará por mim ?*" Amarrou a trouxa e não me lembro de te-lo nunca visto correr pelo vale abaixo tão depressa como nesta ocasião. Descobri depois que ele havia entrado a serviço de um alfaiate de sua própria classe, onde recebia parca alimentação e pouco pagamento, mas como a loja ficava bem junto à Repartição de Polícia, ele se considerava a salvo de toda possibilidade de roubo e de assassínio. O roubo das Larangeiras foi de importância suficiente para atraír a atenção do governo. E não foram somente as autoridades policiais que ordenaram as buscas, mas ainda duas ou tres com-

panhias de soldados foram designadas para revistar as florestas, o próprio Imperador conduzindo-os pelos caminhos mais dificeis.

A preta Ana e eu continuamos a morar na casa de campo, sem nenhum medo de invasão até a décima ou undécima noite após o grande roubo, quando ouvi à minha porta um sussurro como se alguem estivesse tentando entrar em casa. Prestei atenção e ouvi distintamente que estavam experimentando duas ou tres janelas, uma atraz da outra. Depois o ferrolho de meu próprio quarto foi sacudido. Lembrei-me que não tinha armas de nenhuma espécie em casa e que alem disso não tinhamos luz. Segredei a Ana que respondesse — "Sim" — a tudo que eu lhe dissesse. Então chamei-a para que trouxesse as pistolas que ela acharia em baixo de minha cama e que trouxesse com cuidado porque estavam carregadas! Ela respondia — "Sim, Senhora" — a cada ordem tão alto quanto podia gritar. Como a janela ficava a uma grande distância do terreno, o que era uma grande vantagem para nós, tomei minha machadinha e fiquei junto dela, decidida, se aparecesse um invasor solitário, a golpear-lhe a mão se abrisse a janela, fazendo-o assim perder a seu ponto de apoio e cair. Tudo dependia tambem, um pouco, do carater acovardado de meus amigos escuros. Gritei, então, tão alto quanto pude — "Quem está na janela? — Fale! Se for amigo diga o que quizer, se não, saia imediatamente, porque vou atirar!" A idéia deu certo, pois logo ouvimos alguem quebrando os galhos, e saltando na estrada muito abaixo. No dia seguinte as pegadas eram visiveis e os ramos quebrados de bauínia e de café mostravam o caminho pelo qual o intruso havia fugido. Eu sempre pensei que não deveria ter sido mais que um pobre escravo fugido, que estando perseguido, e não sabendo que a minha casa estava ainda habitada, havia tentado abrigar-se ali. Contudo, no dia seguinte obtive um par de pistolas e um fornecimento de munição. Fiz com que fossem transportadas com a maior espetáculo possivel, arranjei um amigo que deu uns tiros para mostrar a meus vizinhos que estava alerta. Pouco tempo depois, contratei um negro, rapaz realmente bravo, e tendo vendido algumas colheres de prata, comprei um cavalo branco com o produto da venda, e acrescentei um cão ao meu estabelecimento. Senti-me em perfeita segurança, estendendo minhas excursões muito a

dentro da floresta, acompanhada de meu empregado e de meu cão e comecei a colecionar peles de cobra alem de plantas.

Achei em meu novo José um verdadeiro tesouro! Era filho de um rei da África : tinha sido deixado como morto num campo de batalha, antes que suas feridas estivessem bem curadas. Sobrevivera à travessia e, ainda que indignado por ser escravo, acostumara-se a considerar isso como uma consequência de uma guerra mal sucedida, e não deixava que sua indignação estragasse seu bom humor. Era por demais grato ao seu proprietário de então, pelo cuidado que havia tomado com suas feridas e sua saúde antes de manda-lo trabalhar, para ter qualquer pensamento contra seus interesses. O maior prazer de José, enquanto esteve comigo, era trazer um banco, sentar-se do lado de fora da janela de meu quarto, se me via somente desenhando ou trabalhando, e, pegando uma cobra para tirar a pele, suas roupas para remendar, ou os arreios do cavalo para limpar, entreter-me com histórias da grandeza de seu pai na África: como obrigava os homens de importância a reverencia-lo e como, quando ele queria mandar uma mensagem a um grande homem muito longe, enviava uma vara com um pedaço de algodão enrolado em torno, com marcas. Quando estas marcas correspondiam com outra vara, que o potentado possuia, ela sabia o que o Rei desejava que ele fizesse. Esta anedota me impressionou tanto que o fiz repetir várias vezes, mas lamento muito que o seu conhecimento muito imperfeito do português e a minha ignorância total das línguas africanas me impedissem de obter mais informações desse inteligentíssimo rapaz [35].

Quanto à sociedade, enquanto a família do Sr. Lisboa esteve em sua Vila, nunca fiquei sem a possibilidade de contato diário com algumas das mais importantes pessoas do Rio.

Visitei eventualmente tres ou quatro famílias inglesas e uma ou duas francesas e, como para mostrar que não estava em desgraça na corte, via frequentemente a filha do Primeiro Ministro em sua casa, e ainda mais frequentemente em casa de seus pais. A Dona Carlota de Carvalho e Melo devo um maior conhecimento de Literatura Portuguesa que

(35) O trecho que se segue está riscado no texto inglês. — (T.).

não teria obtido de outra maneira, ainda que seja digna de se estudar (36).

Na família de sua mãe havia várias senhoras gentis e amaveis, cujo conhecimento deveria ter cultivado mais diligentemente se não fossem certos temores e ciumes da parte da sociedade inglesa no Rio (37). Meus principais amigos, contudo, eram o Barão austríaco M. (Mareschal), o Almirante francês Grivel, o Consul dos Estados-Unidos (38) e sua família e cerca de metade dos oficiais de marinha britânicos da estação. Quanto aos oficiais que haviam servido no Chile, e estavam então ao serviço do Brasil, permaneciam todos empenhados em submeter as cidades do Norte à obediência do Imperador.

Por esse tempo o Ceará e o Maranhão haviam se rendido à esquadra de Lord Cochrane, e ele lá se deixava ficar na dupla posição de Almirante Geral e chefe civil, até que pudesse receber ordens do Rio. O Pará se havia rendido a uma força pequena e bem organizada sob o comando do Capitão Grenfell, cujo sucesso foi empanado por um crime atroz cometido por alguns chefes Realistas. Um barco, cheio de prisioneiros e escravos, elevando-se a centenas, estava ancorado no rio; as provisões do costume foram preparadas e levadas uma noite para os pobres miseraveis; havia de ser a última refeição! pois a comida estava envenenada (39), e o

---

(36) D. Carlota Cecilia Carneiro de Carvalho e Melo, filha de Luiz José de Carvalho e Melo, Visconde da Cachoeira, e de sua mulher D. Ana Vidal Carneiro da Costa; nasceu em 25 de Dezembro de 1804, casou-se com Eustáquio Adolfo de Melo Matos, que foi diplomata e deputado à Assembléia Geral pela Provincia da Baía. De D. Carlota escreveu a Autora (*Journal of a Voyage to Brazil*, etc., ps. 224), que ela se distinguia pelo seu talento e cultura, falava e escrevia bem o Francês, fazia muitos progressos em Inglês, e alem disso conhecia a literatura do pais, desenhava corretamente, cantava com gosto e dançava com muita graça; era o que se podia chamar uma menina bem prendada. Faleceu em 22 de Fevereiro de 1873, *Revista do Instituto Histórico*, tomo XLIII, parte 2.ª, pgs. 375/376. — (E.).

(37) A Viscondessa da Cachoeira era filha de Braz Carneiro Leão e de sua mulher D. Ana Francisca Maciel da Costa, Baroneza de São Salvador de Campos dos Goitacazes; suas irmãs foram D. Mariana Eugênia e D. Maria Josefa, de relevo na sociedade da época, casadas, e mais algumas moças interessantes, que a Autora conheceu em reuniões familiares na casa de campo da Viscondessa, em Botafogo, belo prédio, construido com gosto e muito bem mobiliado. — *Op. et loc. cit.* — (E.).

(38) O Consul dos Estados Unidos no Rio de Janeiro era Condy Raguet, que residia á rua do Ouvidor. Foi Encarregado de Negócios, em carater interino, em 1822 e 1823; em 29 de Outubro de 1825 passou a efectivo; pediu passaportes em 8 de Março de 1827 e recebeu-os dois dias depois. — (E.).

(39) Embora Rayol, *Motins Politicos do Pará*, I, ps. 86, registre a versão, então corrente, de ter sido envenenada a agua fornecida aos presos, atribuindo-se o preparo do tóxico ao boticário João José Calamopim e a Bernardo José Carneiro, parece que a verdadeira causa da catástrofe é a que dá Varnhagen, *História da Inde-*

que fez o crime ainda mais atroz foi que tentaram inculpa-lo ao Capitão Grenfell.

Em consequência desta feia acusação, o Imperador, a requerimento de Grenfell, determinou que se organizasse um Conselho de Investigação. E' inutil dizer que os seus inimigos se serviram de todos os meios, e com malícia não hesitaram em utilizar quaisquer deles — o próprio perjúrio foi empregado nesta ocasião pelas pessoas que tendo, aberta ou secretamente, sustentado a causa da Metrópole, encontraram então uma boa oportunidade para se declararem adeptas de Dom Pedro. Muitas delas tinham relações no Rio, algumas eram mesmo ligadas por laços de família a membros do ministério, e levavam vantagem num julgamento em que os juizes eram, na maior parte, compostos de seus próprios amigos e parentes. Felizmente o bom senso natural de Dom Pedro habilitou-o a descobrir e desconcertar esta conspiração contra o Capitão Grenfell. Os verdadeiros responsaveis pelo crime foram levados à barra do Tribunal e do Conselho e o Capitão Grenfell não só foi isento de todas as acusações, como foi promovido de posto, e recebido com honras publicamente pelo Imperador. E' *triste dizer que, a não ser a reprovação* ligada à conduta, os conspiradores e criminosos não receberam punição alguma. Mas o Império estava ainda muito moço e o ministério muito fraco e muito interessado em cousas particulares para ousar fazer justiça em relação a pessoas ricas, cujas relações comerciais lhes davam uma poderosíssima influência sobre as províncias do Norte.

Enquanto estas cousas se passavam no Norte, uma guerra fraca se desenrolava no Rio da Prata. O Brasil tinha antigas pretensões sobre a provincia que fica a nordeste deste Rio. Os diferentes chefes que se tinham tornado senhores

---

pendência, ps. 500, onde se narra que o grande número de presos, 253 (ou 256, segundo nota do Barão do Rio Branco) foi recolhido a bordo de uma presiganga, navio de umas 600 toneladas, no dia 21 de Outubro de 1823, confiada sua guarda a uns poucos soldados ao mando do 2.° Tenente Joaquim Lúcio de Araujo. "Encerrados no porão e tentando em massa invadir a coberta, obrigou-os o comandante a se recolherem, fazendo disparar alguns tiros para atemoriza-los, e mandou logo correr as *escotilhas. Seguiram-se alaridos, que mal se ouviam, e pareciam um côro infernal,* resoando debaixo da coberta. Pouco a pouco foi amortecendo, e alguns jorros de agua foram lançados com todas as prevenções. No dia seguinte havia cessado de todo o barulho. Abriu-se, ainda com todas as cautelas, uma das escotilhas, quando — horror! — não foi visto no porão mais que um monte de cadaveres. Sufocados pelo calôr, em acesso de loucura, se haviam todos despedaçado uns aos outros. Dos 253 havia mortos 249, e só quatro respiravam ainda o alento da vida, escondidos detrás de umas barricas de agua, onde haviam buscado refugio". — (E.)

da República Argentina, não poderiam deixar de pretender a **Banda Oriental**, se não fosse por outras razões, ao menos pelo fato de que, daquele lado, o Rio, especialmente perto de Montevidéo, é bastante fundo para formar um ancoradouro para navios, ao passo que toda a costa de Buenos Aires é tão rasa que se torna um lugar perigoso para navios de qualquer tonelagem. Quando digo que as operações de guerra se arrastavam, quero significar que ambas as partes anteviam um acordo na divergência, pela intervenção da França ou da Inglaterra, e os mais importantes ataques se restringiam a meras escaramuças nos postos avançados.

Quanto à situação interna do Brasil, apresentava por esse tempo curiosas anomalias. A Assembléia Legislativa estava funcionando, fazendo e desfazendo projetos, discursando todos os dias, cada membro mais ancioso por falar do que por trazer qualquer contribuição particular à legislação. E, realmente, quando se pensa que muitos representantes das Províncias distantes tinham que fazer uma viagem de dois meses, para chegar à Câmara dos Deputados, é de se admirar que se aproveitassem da oportunidade afim de demonstrar uma oratória suficiente para fazer figura no *Diário*, para brilhar perante os olhos de seus constituintes, quando esta preciosa publicação lhes chegasse às mãos?

As capitanias do sul, das quais podemos considerar São Paulo como capital, eram fortemente monárquicas e muito dedicadas à causa de Dom Pedro, enquanto que as que haviam estado sob governo Holandês, após a conquista do Conde Maurício de Nassau, desde a Baía até o Pará, tinham sentimentos decididamente republicanos, reforçados sem dúvida pelo constante intercâmbio com os Estados-Unidos. Os consules deste paiz eram, com uma ou duas exceções, verdadeiros agentes políticos, inculcando aos estados da América recem-emancipados, os seus próprios estados como os modelos mais convenientes para todos os novos governos.

Em consequência dessa diversidade de opinião, o Imperador tendo de sustentar dispendiosamente um exército e uma marinha, não recebia senão meia-receita. Só as provincias do Sul e do interior pagavam impostos. A Baía e Pernambuco recusavam-se a entrar com qualquer quantia para o Tesouro Imperial, alegando que era bastante pagar as despesas de seus governos locais e as tropas que estivessem empregadas em suas guarnições, de modo que, como já observei, a pos-

se pelo Imperador de uma esquadra principal no mar, era a única cousa que, então, mantinha coesas as partes do Império.

Por muitos anos, o estado da Igreja Romana no Brasil se vinha corrompendo, no seu governo, e, mais ainda, na moralidade de seu clero. O Bispo do Rio e alguns homens de sentimento, desejavam, se possivel, ve-la purificada, e, entre outras medidas para alcançar este fim desejavel, os conventos de homens e mulheres tiveram proibição de receber os votos de pessoas inferiores a uma certa idade ([40]) e tentou-se regularizar o clero paroquial.

Há uma classe do clero brasileiro que sempre desejei ver voltada para melhor atividade do que a que até aqui tem desempenhado — são os capelães particulares, se se pode assim chamar. Preciso explicar. A lei portuguesa sobre escravos exigia que todo negro fosse batizado, tanto os importados quanto os nascidos no paiz. Acontece que a maior parte dos engenhos de açucar e fazendas de café ficavam a uma distância muito grande de qualquer cidade para que fosse possivel transportar os negrinhos logo que nasciam a uma igreja, para serem batizados, e quasi tão dificil obter um padre da cidade tantas vezes quantas fosse necessário. Entretanto, por mais que um senhor de escravos brasileiro desprezasse os cuidados materiais com seus negros, seria dificil encontrar um só que se não preocupasse com suas almas e não ligasse a maior importância à simples ceremônia do batismo, tal como os romanistas ensinam. A consequência disso é que quasi todas as fazendas têm anexa uma capela com um capelão. Mas estes não se limitam a seus deveres sacerdotais: superintendem o hospital e como, há quarenta anos, poucos alem do padre pensavam em aprender a ler e escrever no

---

(40) O novo governo proibiu qualquer nova profissão e como os antigos habitantes dos conventos e mosteiros falecem, os edificios ou serão vendidos com suas terras, ou empregados em finalidades públicas, tais como hospitais, quarteis, escolas, etc. — (A.). — *Em 1828 foi apresentado à Câmara dos Deputados, discutido* e aprovado, um projeto que proibia a admissão e residência no Império a Frades e Congregações religiosas estrangeiras, quer exercessem suas funções em corporação, quer isoladamente, vedando outrosim a criação de novas ordens de corporação, etc. Esse *projéto não teve andamento no Senado; mas as medidas de que cogitava vieram* a vigorar, em parte, por força do aviso do Ministro do Império Nabuco de Araujo, de 19 de Maio de 1855, que ordenava que as ordens religiosas não aceitassem noviços, até que o governo fizesse concordata com a Santa Sé sobre a reforma e reorga*nização desses institutos. Antes dessa circular,* as leis de 1830, 1831, 1835 e 1840 já haviam declarado extintas a Congregação dos Padres de São Felipe Neri, a dos Carmelitas Descalços, ambas de Pernambuco, a dos Carmelitas de Sergipe, e a dos Carmelitas Descalços da Baia. — (E.).

Brasil, tornaram-se os mordomos e os contabilistas dos estabelecimentos. Sempre pensei que estes homens pudessem ser os melhores agentes de civilização e de progrsso do paiz (41). Mas no baixo nivel de educação e moralidade em que os encontrei, apesar de alguns receberem e merecerem o mais respeitoso tratamento, a maior parte deles era olhada como não melhor que os cães e, realmente, não mereciam mais. A existência de uma classe de homens, ligando como estes, os interesses dos brancos com os da população negra, poderia ser uma circunstância muito favoravel para o Brasil se aproveitada judiciosamente. Penso que não há muito que temer quanto ao zelo demasiado da parte do alto clero, tanto quanto pude conhece-lo, mas a falta de bons benefícios e postos no interior, desde a expulsão dos jesuitas, faz com que uma transferência na organização interna da Igreja seja matéria indiferente ao próprio clero. Já em algumas propriedades particulares, o dono de duas ou tres fazendas, consegue manter uma capela entre elas, bastante grande para conter os escravos cristãos de todas as suas propriedades e paga um tal estipêndio ao padre que pode induzir um homem de hábitos suficientemente decentes e de boas maneiras a se tornar um companheiro e amigo da Fazenda e aceitar o encargo. Entre os padres nestas últimas condições, percebi grande carinho para com os negros, humanidade no serviço do hospital e das crianças e tenho boas razões para acreditar que a mudança de residência de uma propriedade para outra, por um período fixo, prejudicaria muito pouco o cuidado com os negros e daria emprego mais estavel, como escrevente, ao Padre, deixando-o menos exposto às tentações, que são muito frequentes na sua vida solitária e que no clima enervante do Brasil, os tornam peor que inuteis à comunidade. Mas voltemos ao Rio e aos meus negócios. (42)

---

(41) Especialmente, se a reforma da Igreja Brasileira, de que ouvi falar depois que o que está acima foi escrito, for levada a cabo. Os Bispos propuzeram agora ao Papa que permitisse ao clero brasileiro o casamento. — (A.) — Não houve nenhuma proposta dos Bispos brasileiros ao Papa, mas simplesmente uma indicação do Deputado Ferreira França à Assembléia Geral Legislativa, para fosse permitido o casamento ao clero do Brasil. Sobre essa indicação manifestou-se o Padre Diogo Antônio Feijó no *Voto do Sr. Deputado...*, *como membro da Commissão do Ecclesiastico, sobre a indicação do Sr. Deputado Ferreira França, em que propõe que o clero do Brasil seja casado...* (aos 10 de Outubro de 1827). Rio de Janeiro, 1827, in-fol. — Esse *Voto* provocou ruidosa polêmica e originou a réplica de Feijó: *Demonstração da necessidade da Abolição do celibato clerical pela Assembléa Geral do Brasil, e da sua verdadeira e legitima competencia nesta matéria*. Rio de Janeiro, 1828, in-8. — (E.).

(42) Aqui termina o trecho cancelado pela Autora. — (T.).

Tanto quanto os meus negócios pudessem ser influenciados pelo que os habitantes do palácio pudessem fazer ou causar, tenho razões para crer que os constantes desapontamentos que senti em minhas tentativas de deixar o Rio não deixaram de ser influenciados por Sua Magestade Imperial, ou pelo menos, pelos seus conhecidos desejos.

E' certo que muitas semanas após eu ter deixado Boa Vista, havia uma expectativa diária entre os interessados, de que eu podesse reingressar com poderes muito maiores do que a princípio, na minha antiga situação, e muitas foram as insinuações recebidas, de que nada faltava para isso senão meu aparecimento com um requerimento escrito, em qualquer das audiências do Imperador ; mas tambem fui ainda informada de que não seria necessária nenhuma humildade especial, pois que o Imperador, falando de mim, mais de uma vez havia dito às portuguesas que gostava do meu espírito e que teria mais respeito à "canalha" do Paço se acreditasse que qualquer delas seria capaz de escrever a carta que eu lhe havia escrito. Mesmo agora custo a conter o sorriso pela surpresa evidentemente despertada em todos os portugueses e brasileiros — homens ou mulheres de qualquer grau, por alguem ser tão fria como eu era, perante a honra de servir a um Bragança !

Supunha-se no Palácio que após Frei Antônio de Arrábida ter expedido o regulamento e as damas haverem sido forçadas a uma conduta mais ordeira, que eu voltaria com prazer, ao menos para triunfar sobre meus antigos atormentadores ; mas eu havia resolvido intimamente nunca me colocar numa situação de dependência, e mesmo que não fosse o caso, a convicção de estar cercada por pessoas que não me apreciavam ou me temiam, me teria impedido de pôr de novo os pés no palácio. Mas eu tinha outra razão, e mais egoista, para minha conduta. Eu estava muito realmente ligada à Imperatriz e, se pudesse de algum modo aliviar a situação dela permanecendo, ou voltando para o seu serviço, penso que teria suportado até mesmo a vida que levava na Boa Vista. Mas minha presença ali estava tão longe de produzir esse efeito que cedo descobri, e até ela mesmo o confessou, que se tornava antes um motivo de provações para ela, e os repetidos murmúrios contra a introdução de uma segunda estrangeira no Palácio, apontando-se Sua Magestade como a primeira, causavam-lhe muitas dores e mal estar, que

as nossas poucas e alegres horas de intercâmbio social não poderiam compensar. Devo dizer, contudo, que não obstante qualquer cousa que o Imperador possa ter sugerido com relação à minha insolência, como era chamada a minha insistência em me manter afastada das honras do Palácio, nunca deixou ele, em todas as ocasiões possiveis, de me demonstrar a atenção necessária para impedir os meus inimigos — se é que os tinha — de atribuirem-me qualquer séria acusação em deixar a Casa Imperial. Um notavel exemplo disso ocorreu num dia em que eu jantava com os cônsules da Inglaterra. Era uma das grandes festas da Igreja e estávamos, após o jantar, na varanda, em frente à janela, contemplando a alegria do povo que ia e voltava, quando súbito apareceu todo o séquito Imperial a cavalo, a caminho do Jardim Botânico. Não faltaram, naturalmente, cumprimentos e cortezias da nossa varanda. O Imperador respondeu-os ao passar, mas olhando de novo, me viu um pouco atraz dos outros. Gritou para saber se eu ali estava, parou o cavalo, desceu e conversou comigo por alguns minutos. Perguntou-me pela saúde, e disse-me ter passado por minha casa de campo e que me teria procurado se não a tivesse encontrado fechada. Eu sabia que tudo isso tinha por fim obsequiar-me perante meus patrícios, e certamente, atingiu este fim, tanto quanto em nova ocorrência da mesma espécie que narrarei agora, posto que não se tenha passado senão muitos meses depois.

Pouco depois da chegada de Sir Charles Stuart como embaixador de Portugal no Brasil, os ingleses residentes no Rio propuzeram-se a organizar uma corrida de cavalos em Botafogo (43). O Almirante, Sir George Eyre (44), tendo

---

(43) O *Diário Fluminense*, de 2 de Agosto de 1825, publicou a respeito o seguinte :

"Domingo, 31 do corrente, tiverão lugar, na praia do Botafogo, grandes corridas de cavallos, as quaes SS. MM. II. Se Dignarão presenciar. A praia apresentava huma interessante vista, o grande numero de cavalleiros, de seges, e de embarcações fazião hum todo aparatoso; entre o grande numero de pessoas que ali vimos, notamos os Exmos. Conde de Palma, Ministro dos Negocios Estrangeiros, o dos Negocios da Justiça, Sir Charles Stuart, e outras muitas pessoas distinctas. Este divertimento, que já não he novo entre nós, póde ter hum bom resultado para o Brasil, e vem a ser, que se nossos compatriotas com elle se enthusiasmarem, como fazem os Inglezes, haverá mais cuidado do que até agora sobre as raças de cavallos, objecto que nos tem sido até hoje indifferente". — (E.).

(44) O Contra-almirante Sir George Eyre era o Comandante em chefe da estação naval britânica na América do Sul. No Rio de Janeiro residia na Praia de Botafogo. Em 6 de Setembro de 1824 pedia isenção de direitos na Alfândega para um caixote, que continha garrafas de vinho, e uma quantidade de chá, vindo de Guernesey para seu uso particular. — *Diário Fluminense*, de 14 do mesmo mês e ano. — (E).

uma bela casa no fim da praia, convidara Sir Charles Stuart e sua comitiva, a família do consul e eu para almoçar. O Imperador nunca falhava nestas ocasiões e trouxera a Imperatriz para esta roda inglesa, de que ela se orgulhava não pouco, muito antes dos animais estarem prontos para partir. A princípio os soberanos estavam na outra extremidade da pista, mas como não havia lá sombra nem brisa, foram compelidos a se abrigar do nosso lado para sua comodidade. Quando o carro do Imperador fazia a curva para se colocar em posição, Suas Magestades cumprimentaram o grupo do Almirante, e depois, Dom Pedro com sua voz poderosa ordenou-me que me aproximasse e falasse à Imperatriz, já que ela iria se se colocar demasiado longe para que sua voz se pudesse ouvir. Não era uma ordem que pudesse ser desobedecida. Fui, e após seu habitual aperto de mão e o "How d'ye" (em inglês), fui forçada a acercar-me da Imperatriz, lado a lado no carro, onde tive com ela uma curta conversa, tal como o tempo e o lugar me permitiam. Voltei ao meu grupo, onde encontrei o Almirante não pouco espantado, alguns de seus oficiais encantados, e Sir Charles Stuart divertido pela delicadeza demonstrada para com a ex-governante. Sir Charles disse-me alguma cousa para me significar que não era preciso que eu afirmasse não ter deixado o Paço por causa de nenhum desentendimento pessoal ou aborrecimento, pois que Suas Magestades haviam determinado declarar cabalmente isto para mim.

Mostrei agora como Dom Pedro agiu para desfazer perante mim a cena do meu último dia no Palácio. Não posso com tanta facilidade demonstrar a delicadeza com que a Imperatriz sempre me atendeu e aos meus interesses, enquanto estava ao seu alcance. Ela não somente acompanhava o Imperador em todas as suas manifestações públicas a meu respeito, mas sempre que uma senhora portuguesa ou brasileira lhe era apresentada, indagava se me conhecia — quando me havia visto antes, e várias delas me afirmaram que eram muito mais bem recebidas quando tinham algo a meu respeito que contar. Não se satisfazendo com isso, escrevia-me frequentemente e os seus bilhetes são da maior delicadeza para comigo. Eu só gostaria de os poder ter lido com menos tristeza pelo assunto. Copiarei aqui dois deles :

"Minha queridíssima amiga.

Se eu estivesse persuadida de que a vossa permanência pudesse ter alguma consequência aborrecida para vós, seria a primeira a vos aconselhar a deixar o Brasil. Mas, crede-me, minha delicada e única amiga, que é um doce consolo para meu coração saber que habitais ainda por alguns meses o mesmo paiz que eu.

Ao menos, quando uma imensa distância, que o meu destino não permite transpor, me separar de vós, eu me resignarei, com a doce certeza de que a nossa maneira de pensar é a mesma, e a nossa amisade constante para sempre. Ficai tranquila quanto a mim. Estou acostumada a resistir e a combater os aborrecimentos, e quanto mais sofro pelas intrigas, mais sinto que todo o meu ser despreza estas ninharias. Mas confesso, e *somente a vós*, que cantarei um louvor ao Onipotente quando me tiver livrado de certa *canalha*.

Asegurando-vos toda a minha amisade, que vos seguirá por toda parte onde eu estiver,

vossa afeiçoada,

Maria Leopoldina

São Cristovão — 6 de Novembro de 1824".

"Minha delicadíssima amiga! Não gosto nunca de lisongear, mas posso assegurar-vos que somente em vossa cara companhia, torno a encontrar os doces momentos que deixei com minha amada e adorada pátria e familia. Só as expansões em um coração de uma verdadeira amiga podem promover a felicidade.

Aguardo com a maior impaciência a certeza de que estais completamente restabelecida (45); ouso rogar-vos, como uma amiga que se interessa realmente por tudo que vos diz respeito, que espereis que eu promova uma ocasião em que possais ver meus filhos, porque, por tudo deste mundo, quero

(45) Eu havia destroncado o braço esquerdo e quebrado o pequeno osso. — (A.).

vos evitar serdes tratada grosseiramente por certas *pessoas*, que cada vez me são mais insuportaveis. Fico socegada e cai-me um grande peso do coração por saber que fizestes chegar a vossa opinião ao vosso insuperavel e respeitavel *compatriota* ([46]) o qual, creio que *infelizmente* só *tarde* demais será estimado como merece. As menos fica-me, a mim, a satisfação de não te-lo jamais prejudicado.

Minha cara e muito amada Amiga, jamais, crede-me, ousaria ofender vossa delicadesa. Mas, como amiga, e uma que partilha sinceramente vossos prazeres e tristezas, podendo imaginar que sofreis privações, ouso rogar-vos que aceiteis como um presente de amisade esta pequena ninharia em dinheiro que me vem do meu patrimônio na minha cara Pátria ([47]). Ainda que seja pouca cousa, infelizmente minha situação não me permite tanto quanto desejo, ajudar-vos a obter algumas comodidades.

Ouso rogar-vos, já que tendes mais ocasiões que eu, que fui exportada para este paiz de ignorância, que me cedais as Memórias de Literatura Portuguesa e os Documentos relativos a Cristovão Colombo que seriam de grande utilidade para eu mesma.

Eis que me chamam. Deixo-vos com muito pesar, assegurando-vos toda a minha amisade.

Sou vossa muito afeiçoada,

Leopoldina.

São Cristovão, 1 de Março de 1825.

P. S. Se me fizerdes o prazer de me enviar os livros que peço, rogo-vos que os entregueis ao portador desta carta".

A cópia desta carta me traz à lembrança um episódio de minha vida no Brasil que poderei mencionar aqui como em qualquer outro lugar. Só dois ou tres meses após deixar o Paço, recebi a carta de crédito vinda da Inglaterra, que minha mudança de residência tornara necessária. Não tenho dúvidas que teria obtido dinheiro dos comerciantes ingleses

(46) Lord Cochrane. — (A.).
(47) Quarenta mil reis — Cerca de £ 10. — (A.).

se tivesse querido, mas a atitude fria, posso mesmo dizer, indelicada deles para comigo, quando deixei a Boa Vista, aguardando em que parariam as cousas antes de me reconhecerem, forçara-me a não me tornar obrigada a nenhum deles, e tendo vendido tudo que não me era absolutamente necessário como colheres, garfos, bules de chá, etc., vivia com bastante economia com o dinheiro que a venda produzira, até que me chegaram as cartas, quando comecei a me tratar um pouco melhor. Durante o meu tempo de poupança, uma pessoa bem conhecida da Imperatriz, procurou-me à hora do jantar, e ficou, creio eu, um pouco impressionada com a boa vontade com que comia em um prato usado geralmente pelos negros, Não tenho dúvidas ter sido sua narração que induziu a imperatriz a enviar-me este pequeno presente que ela sempre afetava considerar como dificilmente equivalente ao valor dos livros que ela pedira.

Explicarei sua alusão ao meu desastre.

Uma manhã cedinho, recebi um aviso dela. Desejava que eu fizesse o possivel para estar no Paço da Cidade, a uma certa hora, nesta mesma tarde, porque ela me queria ver particularmente. Em consequência, parti numa caleça pela hora marcada, e apenas chegava à cidade, o cocheiro, guiando furiosamente, subiu pelas escadas de um convento, com tanta violência que quebrou a caleça completamente em pedaços e atirou-me do outro lado da rua, onde caíndo sobre o pulso de minha mão esquerda quebrei o osso pequeno. Fiquei aturdida com a queda. Contudo levantei-me rapidamente. Chegavam exatamente dois oficiais da marinha francesa que me acompanharam até o Dr. Dickson, onde tive o braço bandado e após beber um pouco de vinho Madeira e água, parti de novo para o Palácio, onde a Imperatriz, a princípio, acreditou ser meu estado muito grave até que eu pude explicar a causa do sofrimento que não podia esconder. Ela entrou muito anciosamente no assunto por cuja causa me havia chamado e não pude senão sorrir enquanto ela falava, ao pensar que ela própria estava abrindo caminho para que eu entrasse na política se tivesse para isso inclinação. Queixou-se a mim de que os ministros de então eram todos portugueses de coração ; que os seus interesses comerciais, quasi idênticos aos de Portugal, os tornavam muito tímidos quanto aos resultados da Guerra Naval em curso no Norte ; que as propriedades confiscadas como presa de guerra, dos velhos portu-

gueses, eram geralmente, de fato, se não a metade, de brasileiros ; e ainda que os ministros se envergonhassem, publicamente, em alegar isso como razão da frieza com que olhavam o sucesso da esquadra no Maranhão e Pará, não poderia haver dúvida quanto aos sentimentos deles com relação ao presente estado de cousas. O Imperador havia até então desprezado as insinuações e mesmo os conselhos claros, mas eles haviam agora tocado em um expediente para conquista-lo à opinião deles, que não tinha senão muito grandes possibilidades de sucesso.

Era sabido que Dom Pedro tinha grande consideração, pela sua mãe e era tambem sabido que ela lhe inspirava quasi tanto amor quanto temor. Eles haviam, pois, espalhado a notícia, havia algum tempo, que as Cortes a mantinham em tal submissão e lhe concediam uma renda tão escassa, que ela precisava de algumas necessidades para viver. Chegaram a iniciar uma subscrição para a Rainha e cada um contribuía na proporção dos seus desejos de ser bem visto na Corte. A consequência de tudo isso foi uma grande disposição para se dar ouvidos ao plano da Rainha de reconquistar o Brasil, como um apanágio da Coroa de Portugal, por meio de um casamento de Dona Maria da Glória com seu tio Dom Miguel, cujo atroz carater não era conhecido então senão no Brasil. Havia esperanças de que as Cortes não poriam nenhum embaraço. Ouvia Sua Magestade Imperial falando-me pela primeira vez sobre negócios públicos, mas ela em breve chegou à razão da minha chamada. Ela disse que um dos modos de agradar a Rainha de Portugal em que se havia pensado, posto que Dom Pedro nunca o aceitasse, poderia ao menos entrar em execução até certo grau. Eu dificilmente serei acreditada quando contar a louca atrocidade do plano. Em primeiro lugar, toda mercadoria portuguesa, pública ou privada — Munições de guerra ou mercadoria — seria devolvida e dadas indenizações pelos danos feitos no curso da guerra. Os chefes da esquadra deveriam ser declarados traidores por terem atacado a propriedade de súditos de Dom João VI, protestando-se que as ordens haviam sido, não de chegar a uma guerra no momento, mas simplesmente vigiar as costas. Suas propriedades seriam confiscadas e eles próprios aprisionados ou submetidos a qualquer outra punição que se julgasse conveniente inflingir, e os oficiais inferiores seriam todos demitidos sem nenhuma outra nota. Este plano devia corresponder a

dois fins que os Ministros tinham muito a peito, além de agradar a Rainha de Portugal ; verem-se livres de estrangeiros, cuja presença lhes era uma dor e um agravo, e aliviar o tesouro do Brasil, de uma quantia que eles teriam prazer em recolher sendo imensa, e que tinha sido prometida ao Almirante, oficiais e soldados, ao ingressarem ao serviço do Brasil. Sua Magestade Imperial perguntou-me então se eu nunca havia tido nenhuma comunicação com Lord Cochrane ; eu disse que havia recebido um grande pacote dele pelo correio, contendo um jornal e um panfleto com estatísticas da província do Maranhão, juntamente com poucas linhas de um de seus secretários, dizendo que o Lord estava muito ocupado para escrever, mas rogava que eu levasse aqueles papeis para a Europa, se para lá seguisse. Ela me pediu então que escrevesse a S. Ex. narrando tudo o que me havia dito e que o avisasse de que, se ele prezava sua liberdade ou sua dignidade, não entrasse no porto do Rio de Janeiro, enquanto estivesse no poder o atual ministério. Prometi-lhe fazer isto ; perguntei-lhe quando poderia ve-la novamente, se as crianças me haviam esquecido de todo. Estes assuntos levaram-nos a um bom tempo de conversação sobre o estado da família na Boa Vista, e ainda a tagarelices sobre pessoas públicas e particulares e especialmente os ingleses, que estavam ou haviam estado no Rio. Na verdade, devo dizer que Sua Magestade Imperial não tinha exemplares muito favoraveis para um julgamento entre os que lá haviam estado em qualquer tempo. Com relação aos simples passageiros, terei ocasião de falar adeante.

Voltando para casa, comecei a refletir, não somente sobre a conveniência, mas ainda na praticabilidade de atender aos desejos da Imperatriz. E se a Imperatriz houvesse sido enganada, ela própria, e assim levada a me enganar, afim de se descobrir até que ponto eu estaria ao par ou teria participação em algum dos planos atribuidos aos oficiais ingleses ? E se a carta contendo tudo que eu ouvira nessa noite fosse aberta e utilizada contra mim ? E se fosse parte de um plano para fazer o Almirante e os oficiais deixarem o serviço expontaneamente e assim perderem os vultosos pagamentos e prêmios, verdadeiros objetivos da cubiça ministerial !

Devido à dor que sentia de meu braço machucado, e que me impedia de dormir, tive bastante tempo de tomar uma resolução.

Terminei como sempre sucede comigo — tinha feito uma promessa e devia cumpri-la — acontecesse o que acontecesse. Escrevi, pois, minha carta e enviei-a pelo Capitão Grenfell que, felizmente para mim, estava então no Rio. Entreguei-a em mão e confiei nele como um seguro intermediário. Se ela jamais chegou ao seu destino, não sei, já que não tive nenhuma comunicação posterior com o Almirante. Está assim explicada a alusão feita na última carta da Imperatriz acima transcrita e feita uma narrativa de uma das poucas aventuras que interromperam as minhas socegadas ocupações diárias, que me enchiam o tempo enquanto detida no Brasil.

Uma outra interrupção muito agradavel ([48]) se deu com a chegada do navio inglês *Blonde*, comandado por Lord Byron, ([49]) então em viagem para as ilhas Sandwich para transportar os corpos dos falecidos Reis e Rainha, deste nosso novo aliado, ao paiz natal, levando tambem a bordo o Primeiro Ministro Boki, com sua mulher, o Tesoureiro-chefe e o Almirante-Chefe ([50]).

---

(48) *Este trecho está riscado pela autora.* — (T.).

(49) Das *Noticias Maritimas*, do *Diário Fluminense*, de 30 de Novembro de 1824:

"Entradas. Dia 27 do corrente: Falmouth, 45 dias, F. ingl. *Blonde*, Com. Lord Byron; conduz os cadaveres do Rei, e da Rainha de Sandwich, e 12 pessoas de sua comitiva". A *Blonde* demorou-se no porto do Rio de Janeiro até 18 de Dezembro, quando saiu com destino a Valparaiso, *Diário*, de 22 do mesmo mês. — (E).

(50) O *Diário Fluminense*, de 21 de Outubro de 1824, publicou a seguinte noticia sobre a morte do Rei das Ilhas de Sandwich, datada de Londres, 15 de Julho:

"He hum dos nossos tristes deveres o annunciar hoje a morte do Rei das Ilhas de Sandwich, a qual aconteceu hontem ás 4 horas da manhã, no Hotel de Caledonia, na rua Robert, Adelphi.

"Terça-feira, pela manhã, achava-se alguma cousa melhor, e passou a noite tranquillo; porém de tarde piorou, e de noite foi preciso mandar chamar o Doutor Ley, o qual, quando chegou, achou o Rei muito abatido, e quase moribundo. O Rei quando vio o Medico pegou-lhe na mão, e disse na sua lingoa — estou para morrer, sei que morro. — Continuou em afflicção, conhecendo todos os que cercavão Madame Poki, mulher do Governador, lhe prestava particular attenção; e lhe sustentou a cabeça desde a 1 hora até que expirou: o Governador Poki, e o resto da comitiva sustentavão pelas pernas, aos pés da cama, seu Real Amo. A's 2 horas piorou, e perdeu os sentidos: o Almirante então entrou no quarto, e chorou muito.

"O Rei não lhe prestou attenção, nem a pessoa alguma das que o cercavão. Desde esta hora até ás 4 só dizia: perco a minha lingoa, perco a minha lingoa; e antes de morrer, esmorecido disse: — adeos, todos vossês, estou morto, estou feliz; acabando de dizer estas palavras espirou nos braços de Madame Poki.

"He impossivel o descrever a desagradavel sensacção que este acontecimento causou a toda a familia do Rei. Madame Poki, apenas seu amo espirou, foi conduzida a hum quarto, em hum estado inconsolavel, e Ruvees, interprete do Rei, se conservou no seu quarto.

Os Medicos conhecerão hum augmento na molestia do Rei desde a lamentada morte de sua consorte; e Segunda feira de tarde, depois que foi depositado o cadaver da Rainha na Igreja de S. Martinho, fez grandes perguntas aos seus fámulos se

Mas destas pessoas tão interessantes fiz alhures uma rrativa (51).

Lady Byron havia acompanhado seu marido até o Rio, e durante os poucos dias que correram entre a sua chegada e partida para a Inglaterra em outro navio de guerra, gozei da companhia e da conversa de uma dama inglesa e além disso não fui pouco recompensada por ter a possibilidade de mostrar-lhe muita cousa do belíssimo espetáculo das vizinhanças com que, em minha prática de varar as matas à cata de plantas, me havia tornado familiar.

Não devo esquecer uma excursão que fiz a uma bela fazenda chamada *Macacú*. Minha amiga Sra. Lisboa, havia muito tempo se comprometera a pagar uma visita a sua irmã, proprietária da fazenda e como eu vira muito pouco da vida do campo no Brasil, convidaram-me gentilmente a ir com eles. Em consequência, partimos uma bela manhã num grande barco. O Sr. e a Sra. Lisboa, o filho mais velho e sua filha, poucos escravos servindo de mucamas e criados, e eu, compunhamos o grupo. Atravessamos a Baía e passamos por um belo grupo de ilhas, onde havia bancos de ostras, e, deixando a vila de Nossa Senhora da Luz à direita, entramos por um dos numerosos rios que desembocam na Baía. Não avançáramos muitas milhas, quando tivemos de deixar nosso grande barco marítimo e tomar uma canoa. Pela primeira vez encontrei-me numa dessas primitivas embarcações. Tomou-nos a nós todos, com a nossa bagagem, alem de muitas cousas que foram embarcadas para uso da família que iamos visitar e não podia mais ter dúvidas em acreditar no que assegurava o

---

a tinhão visto depositar pacificamente, respondendo-se-lhe afirmativamente, disse que estava satisfeito, e que esperava em breve fazer-lhe companhia.

"O Rei immediatamente depois da morte da Rainha, pedio que, no caso de ter a mesma sorte de sua mulher, queria ser conduzido com ella o mais breve possivel para os seus dominios.

"Os Medicos declararão que o Rei havia falecido de huma inflamação de intestinos. O corpo ficará em estado da mesma fórma que ficou o da Rainha.

"Madame Poki continua a passar mal, e toda a comitiva está incommodada".

O mesmo *Diário* inseriu mais o seguinte:

"Julho 24. — O Governo tem dado todas as necessarias ordens para que se preste todo o respeito aos cadaveres do Rei, e da Rainha de Sandwich, na sua conducção para Owyhee, para cujo fim está nomeada a Fragata *Blonde*, Commandada por Lord Byron, a qual deverá receber os caixões com os cadáveres, e toda a comitiva, para os conduzir á sua Ilha". — (E).)

(51) Vide: *Viagem do "Blonde" ás Ilhas de Sandwich*, de que Lord Byron me fez a honra de ser editor. — (A.). — *Voyage of H. M. S. "Blonde", to the Sandwich Islands in the years* 1824-25, *with an Introduction by Maria Graham.* Londres, 1827, in-4. — (E.).

proprietário: que ele podia hospedar facilmente um grupo de quarenta pessoas, com a respectiva bagagem. Comtudo a canoa se compunha de um único tronco de uma única arvore de **Bombax** ou espécie do algodão sedoso. Para encurtar nossa viagem, num lugar em que o rio fazia uma curva consideravel, nosso hospedeiro esperava-nos com cavalos e chegamos ao fim de nossa jornada, através das matas, na escuridão, dirigidos por ele. Fomos saudados e recebidos com a maior hospitalidade, pela sua senhora que ficara um tanto alarmada com o adiantado da hora. Na manhã seguinte, de acordo com o meu costume, estava de pé fora de casa antes de qualquer pessoa estar se movendo, salvo os escravos. Certo número de pequenos montes, que pareciam de rica argila vermelha, caracterizam as terras baixas entre a Serra dos Orgãos e o Mar. Muitos destes morros estão ainda cobertos de florestas virgens; os vales intermédios foram abertos para cultura do açucar, tabaco, milho, etc., mas logo que a vasta produção do solo virgem começa a diminuir, a terra é abandonada e, numa só estação, se torna completamente coberta de arbustos selvagens e pequenas árvores, de modo que até agora a capitania de Campos apresenta um espetáculo de permanentes inícios, sem nenhum progresso visivel em agricultura. Uma grande variedade de gado é criada na Província, mas os melhores cavalos são os da Serra dos Orgãos ou os das terras mais altas e frias, perto de S. Paulo, para o Sul. Nada pode ser mais agradavel do que a colocação da casa de nosso amigo; fica sobre um dos pequenos montes de que falei, não tão alto que fique exposta durante a estação chuvosa, mas o bastante para não ser incomodada pelo pequeno rio que banha esta parte do vale, quando as enxurradas descem. Num monte um pouco mais alto, fica o engenho do açucar, e espalhando-se em torno dele, as habitações dos escravos, que ficando assim tão imediatamente sob as vistas do senhor e senhora, são provavelmente melhor protegidos e suportam menos durezas que a maior parte de seus irmãos. Era geralmente costume da família que visitávamos, passar um instante todas as tardes pela casa do açucar, durante o tempo da fervura. Nosso grupo, naturalmente, se juntou a ela, e devo dizer que a nossa entrada foi saudada pelos negros com grande alegria. A senhora chamava vários pelo nome; perguntava às mulheres pelos filhos, etc. repreendia, elogiava, ou premiava-os de acordo com a informação do feitor. Pare-

ceu-me que um dos maiores castigos, para as mulheres, pelo menos, era não ter permissão de falar à Senhora!

Quando nós estrangeiros já haviamos visto o bastante da fabricação do açucar, como desejávamos, um dos negros avançou com um ar quasi de **petit-maitre** e ofereceu-nos um grande copo de caldo de cana fresco e não ficou mal pago com os elogios que lhe fizemos, especialmente os feitos pela inglesa, que nunca havia provado esta bebida antes.

Vi que os panelões de açucar se mantêm fervendo dia e noite, e que turmas de revesamento de negros se conservam no trabalho, como numa tripulação de navio, ficando alerta durante toda a estação da cana. Esse está muito longe de ser o tempo mais insalubre; o caldo de cana fresco é o complemento mais saudavel à alimentação ordinária deles e é certo que nunca ficam tão gordos nem se queixam tão pouco como nesta estação do ano, ainda que a média de horas de trabalho para cada escravo seja de dezoito. Mas, para voltar ao passeio matutino — Logo que saí, uma neblina rala e branca enchia todos os pequenos vales; os cumes fantásticos da serra dos Orgãos, já brilhavam com muitas côres ao sol e as ricas e escuras matas entre eles prometiam muitas árvores e arbustos novos para meu album de desenhos, se não para a coleção do Dr. Hooker. Mesmo antes de voltar para casa, inventei de recolher um ramo de *Bombax*, inteiramente novo para mim. A árvore póde ser tão grande como um de nossos grandes olmos, mas é uma dessas árvores decepcionantes a que jamais poderei perdoar, porque ostenta uma grande e brilhante floração côr de fogo, quando não tem uma só folha verde para se gabar, e ainda que cause um belo efeito na floresta à distância, desaponta-nos tristemente quando nos aproximamos e vemos o tronco e galhos castanho-escuro entre as belas flores.

No correr da manhã tive o prazer de encontrar tres espécies de *Lecythis* e ainda algumas das excelentes castanhas que elas produzem e que nunca havia visto nem provado antes. Aubert (52) deu uma descrição de várias espécies deste gênero, mas foi infeliz em não visitar a América do Sul numa época do ano ou em circunstâncias que lhe permitissem atribuir

---

(52) Aubert du Petit-Thouars — *Flore des iles australes de l'Afrique, Histoire particulière des Plantes orchidées, recueillies sur trois terres australes d'Afrique, de l'Ile de France et de Madagascar.* — Paris, 1822. — (E.).

a cada uma o próprio fruto, flor ou folha. Aqui vi pela primeira vez o Palmito ([53]) ou verdura Palmeira, a mais deliciosa das verduras e comparada com a qual todas as verduras européias, aspargos, ou qualquer mais delicada, parecem rudes. *Já que não fui educada como um Epicuro, preocupada somente* com os produtos comestiveis das matas, deixem-me falar das belas e uteis plantas da tribu das Bombax, cujo envoltório inferior das sementes, ainda que de fio muito curto para tecer, forma um excelente enchimento para travesseiros, e cujos troncos produzem a madeira flutuante, reta e macia para canoas, tais como mencionei acima ; das várias espécies de *Lecythis*, das quais se tira a maior parte da madeira branca usada neste paiz para fins ordinários ; das grandes árvores de madeira-rosa ; das diferentes madeiras de tinturaria ; das árvores de goma e bálsamo, a Cássia, o Tamarindo e as palmeiras ligadas pelas magníficas trepadeiras, cujos talos retorcidos são tão fortes quanto as cordas da *Cannabis sativa ;* da vegetação inferior de Bauínias, das quais uma espécie fornece madeira semelhante ao ébano ; um grande número de Mirtos, tendo um deles folhas que são usadas para leques ; uma variedade de *Eugênia*, cujas frutas parecem tão procuradas pelos passarinhos, pelos macacos e por nós mesmos ; várias espécies de Marantas, desde a baixa araruta (*arrow-root*) até a magnífica maranta do brejo, com as folhas listadas de verde e rosa. Depois os ramos das árvores são enfeitados por toda parte com as mais lindas parasitas. Há inúmeras variedades de orquídeas, desde a cápsula de semente, de uma das quais se obtem a vanila ; todas produzem, na fervura, uma forte cola que é tão usada pelos sapateiros no Brasil, que deu mesmo à planta o nome de Flor do Sapateiro. Alem dessas, estão todas as Bromélias e Tilândsias, desde a fracamente pendente como o cabelo de um ancião, por isso chamada — barba de velho, até a maior parasita conhecida, cujas flores e fruto pesam mais que um abacaxi, com que fortemente se parece em tudo, menos no gosto. Não me devo esquecer das folhas curiosamente perfuradas do *Pothos*, gigante que trepa como hera ao tronco das árvores mais altas. Além disso, as margens das florestas são enquadradas com fetos, desde as mais pequenas e delicadas Avencas, ou cabelos de moça (*Adiantum*),

---

(53) A Autora escreve *Palmetto*. — (T.).

até os fetos arborescentes, alguns dos quais tive oportunidade de medir e encontrei alguns acima de quarenta pés de altura, e muito esbeltos. Sempre que um pequeno curso d'água corre pela mata, a variedade e a beleza da vegetação aumenta. As margens são propícias a uma espécie de mangue, cuja madeira leve e branca, serve não somente para barcos, no Rio, mas é em boa parte usada para uma espécie de *catamaran* (jangada). Encontram-se estas embarcações pela costa, em todo o percurso do Rio a Pernambuco, transportando fardos de algodão, frequentemente, enviadas seja pelo Governo, seja por comerciantes particulares, guiadas pelo remo de dois ou tres negros. Além disso a madeira dessa mesma árvore ou arbusto, é empregada para todas as bacias, pias, conchas, e tamancos, etc., usados por todo o paiz. A variedade de caniços, canas, etc., que são comuns a todos os climas tropicais, é aumentada por outras espécies peculiares a esta parte do Brasil, e mais belas ainda são as folhas que boiam, das várias Ninfáceas e outras plantas aquáticas, inteiramente novas para mim.

Pode-se supôr como apreciei extremamente essa visita à mata, mas, ai de mim, o tempo era muito curto, não podia nem desenhar todas as plantas, que tão avidamente colhia, nem podia espalha-las para secar com muita esperança de sucesso. O lugar era úmido, os insectos inumeraveis e as crianças curiosas e mexilhonas. Que mais se poderia exigir para impedir a formação de um herbário!

Quanto aos insetos, travei conhecimento com alguns deles em grau maior do que desejaria, pois passeando perto da casa um dia, desejosa de obter uma nova parasita, puz minha cabeça perto demais do ninho de um moscardo brasileiro. E' talvez um pouco maior que o nosso, a parte superior é castanho-escuro e a inferior vermelho-escuro e brilhante. Fui mordida em tres logares na testa. Felizmente, meu cavalo que não se machucou senão um pouco, partiu a toda a velocidade para casa de modo que ambos recebemos óleos e alho que nos curaram muito depréssa. Os parentes mais próximos desses moscardos, quer dizer as abelhas, abundam nas matas. E' corrente entre os fazendeiros, quando descobrem uma colmeia natural, num buraco de árvore, serrar a árvore toda, acima e abaixo dos buracos e levar para casa a parte habitada. Vi mais de uma dúzia desses troncos, colocados

num telheiro, à maneira dos nossos apiários, e disseram-me que há um meio de obter mel sem destruir as abelhas, mas não tive oportunidade de ver esse processo. Depois do incômodo da picada da vespa vem o das formigas, especialmente da formiga grande e vermelha, não porque mordam, piquem ou furem, tanto quanto pude observar, mas por efeito do ácido fórmico que derramavam na pele e que era ainda mais grave que segurar urtigas ardentes. Finalmente, o carrapato ordinário, que na Inglaterra só ataca carneiros e cães, é tão comum aqui, que só despindo-se completamente, e lavando-se após um passeio na floresta, pode alguem escapar de encontrar meia dúzia deles com a cabeça enterrada na pele.

Os mosquitos e moscas são muito comuns para serem mencionados. Insetos nocivos demais ! Mas quem descobre as glórias da tribu das borboletas ! E o esplendor dos besouros e gafanhotos ! Os curiosos ninhos das aranhas e as azas macias e penugentas das mariposas que voam sobre os troncos das árvores, e ficam com as azas tão junto à casca para fugir aos inimigos ! Depois as matas do Brasil são animadas pelas alegres notas dos vários pássaros e pelas risadas dos pequenos macacos. Os barrancos são enfeitados por numerosos lagartos, esquentando-se ao sol e caçando moscas. Nem me aborreciam os aparecimentos, de vez em quando, de algumas das variegadas cobras que se aninhavam junto às raizes das velhas árvores. Nunca ouvi falar em nenhum mal feito por elas durante todo o tempo em que estive no Brasil.

Tive o prazer, durante essa visita ao interior, de ver trechos de mais de um rio, navegaveis por muitas e muitas milhas terra a dentro, e correndo por um solo que, quando for cultivado por uma população conveniente, poderá fornecer o necessário e o supérfluo a milhões de seres humanos ; um solo dos mais favoraveis à vida animal e vegetal e cujas riquezas prometem ser inexauriveis.

Só o café, o açucar e a mandioca foram até agora cultivados. O milho e o *White-bean* podem mesmo agora se desenvolver como segunda lavoura, em qualquer extensão. O anil e o arroz se dariam bem na parte úmida da capitania e, entre os morros mais longínguos, as frutas e a madeira pagariam bem a despeza do transporte para junto do Rio.

As províncias do Norte, realmente, produzem algodão melhor e mais fino ; portanto, o cultivo dessa planta poderia

ser inutil aqui. Mas os morros baixos e rochosos na parte Sul da Baía produzem a planta do chá, sem cultivo e, em tal abundância que fornecem a toda a esquadra brasileira todo o chá para seu consumo e há regiões do planalto paulista bem conformadas para a produção do trigo. A todas essas verdadeiras riquezas o Brasil junta extraordinários tesouros de ouro e diamantes. As outras pedras preciosas tambem abundam. O ferro e o cobre tambem existem aqui. As costas do Brasil são proverbialmente seguras e os rios, ainda que não rivalizem com o do extremo Norte, o Maranhão, nem o do Sul, o Prata, são contudo, profundos e bem navegaveis para todas as finalidades do comércio.

Quando a escravidão se extinguir, assim como seus efeitos, e uma população natural substitua a presente, forçada e de várias cores, este será um paiz importantíssimo, ainda que, provavelmente, separado em vários estados. Atualmente, apesar de contar mais graus de longitude e latitude que toda a Europa, tenho razões para acreditar que toda a população fique abaixo da das Ilhas Britânicas! Mas basta de observações gerais!

A maneira de viver na casa de campo que estavamos visitando parecia ser um meio termo entre os velhos hábitos brasileiros e o apuro introduzido pela mistura com nações européias, naturalmente em consequência da migração da Corte de Lisboa. Por exemplo, ao jantar, para satisfazer os que eram verdadeiramente brasileiros, havia pequenas travessas de farinha, ou massa seca de mandioca, ao mesmo tempo que havia pão de trigo para os que preferiam a alimentação européia, para comer com carne. Um grande prato de cozido com vegetais, ainda aparecia, mas as aves e o peixe, em vez de serem cortados em pedaços para serem pegados com os dedos, já apareciam na devida fórma, com um número conveniente de facas, garfos, colheres. Em vez de se ficar em volta de uma mesa alta de pé, já que de outra maneira não poderia ser atingida, as pernas encurtadas de uma mesa bem coberta, permitiam que todos se sentassem em cadeiras e bancos. O carneiro é a única espécie de carne que geralmente se pode considerar má no Brasil. A vitela não se encontra senão nas mesas européias, não porque não seja apreciada, mas por causa de uma antiga lei proibindo a matança de bezerros. As planícies de Campos são famosas para criação de gado. Os

porcos são, entre os fazendeiros, a criação mais util. Aves de todas as espécies são numerosas e boas. A caça selvagem, de várias espécies, não é rara e, tanto a baía como os rios, produzem peixes excelentes.

Não conheço espetáculo mais belo que o mercado de peixe, de manhã cedo, no Rio. Dir-se-ia que as águas do Brasil disputam com os ares a produção de côres, pois o tucano de peito magnífico e as brilhantes borboletas, são escassamente mais vívidas em seus tons que os peixes logo que saem das redes. A estes produtos do reino animal as mesas brasileiras juntam muitas das verduras européias, bem como as que vieram originariamente da África, raizes nativas e frutos em grande variedade, todos bons e muitos curiosos. A alta sociedade, tanto brasileira como européia, bebe geralmente vinho do Porto de barril; é de qualidade muito mais leve e agradavel que o importado na Inglaterra. Não estive em nenhum lugar em que não encontrasse cerveja em grande abundância, especialmente *Ale*, importada, está claro, da Grã-Bretanha ou Irlanda. O Povo, isto é, os negros livres e mulatos, tem uma forte tendência a beber demais uma espécie de rhum chamada *cachaça* (54) feita do refugo da cana. E' triste dizer que os marinheiros ingleses e franceses descobriram que ela faz o mesmo efeito que o *rhum* ou o *brandy* para se beber. Os brasileiros agora habituam-se a beber chá, como nós, e o servem geralmente no almoço, como o café. Em algumas casas, quando se oferece café, como um refresco entre as refeições, servem-se juntamente pequenas fatias de queijo branco, com finas fatias de pão, feito de farinha de mandioca, muito parecido com bolo de aveia. Às vezes, em vez destes refrescos nacionais, oferecem-se licores franceses ou holandeses, com doces de várias qualidades.

Mas em breve foi tempo de deixar os nossos hospitaleiros amigos da roça e voltar ao Rio. Infelizmente, o tempo se tornou muito tempestuoso antes que chegássemos à foz do Rio e fomos condenados a passar uma noite numa espécie de albergue na margem. Era um tal albergue que nem mesmo D. Quixote poderia toma-lo por castelo. Forneceu-nos abrigo, — é verdade, e, com alguma dificuldade, combustivel, mas a alimentação foi fornecida pelas nossas próprias reservas do

---

(54) A Autora escreve *cachass*. (T.).

barco. Quanto a camas, nossas próprias capas sobre os bancos, num quarto comum, tomaram seus lugares. Continuamos nossa viagem o mais cedo possivel de manhã e, em vez da nossa canoa estreita, entramos num grande, largo e desgracioso barco da cidade. Era impossivel ficar na parte descoberta do barco, por causa da chuva que caia em torrentes, e o abrigo de plantas construido na parte posterior do barco estava tão carregado com fardos de mercadorias de várias espécies que era completamente impossivel ficar de pé, exceto bem no centro. A inhabilidade dos remadores e a natureza da construção causaram-nos incômodos muito maiores do que os que se poderiam atribuir ao máu tempo. Passamos uma outra noite abrigados em nosso barco e não chegamos ao Rio senão no meio do dia seguinte, ao fragor de uma violenta tempestade de raios e trovões. Fiquei, realmente, muito satisfeita quando cheguei à casa confortavel de Mme. Lisboa e encontrei um bom jantar pronto para ser servido e não foi pequena a minha alegria quando, logo após a refeição apareceu José e disse que meu cavalo estava pronto, esperando-me para levar-me em casa.

Esta foi a última visita mais distante que fiz durante a estadia no Rio, mas ainda fui uma ou duas vezes até a Tijuca, para ver meus amigos franceses ou ingleses. Perto da mais baixa cachoeira da Tijuca ([55]), num vale dos mais pitorescos, fica a casa de campo pertencente aos Senhores Taunay, filhos de um artista francês, cujo nome não é desconhecido na Europa, e igualmente respeitaveis como poetas, pintores e negociantes ([56]). E' um prazer ver a forte afeição de uns pelos

---

(55) A autora escreve *Tijuco* e *Tejuco* — (T.).

(56) Os Taunay, que na época moravam na Tijuca, seriam: Augusto Maria Taunay, escultor de fama, um dos fundadores da Academia de Belas Artes, primeiro prêmio de Roma, nascido em 1768 e falecido na Tijuca, a 24 de Abril de 1824; seu sobrinho Felix-Emilio, Barão de Taunay, nascido em Montmorency, a 10 de Março de 1795 e falecido no Rio de Janeiro, a 10 de Abril de 1881, pintor notavel, diretor da Academia de Belas Artes de 1834 a 1851, professor de D. Pedro II, e grande propugnador dos melhoramentos materiais do Rio, e principalmente da Tijuca; o Major Carlos-Augusto Taunay, condecorado pela mão de Napoleão I na batalha de Leipzig, combatente da guerra da Independência do Brasil, escritor e jornalista, fundador do *Messager du Brésil* e um dos primeiros colaboradores do *Jornal do Comércio*, nascido em 1791 e falecido em França, a 22 de Outubro de 1867; Teodoro-Maria Taunay, Consul de França no Brasil por mais de quarenta anos, poeta, autor dos belos versos latinos dos *Idilios Brasileiros*, traduzidos em francês por seu irmão Felix Emilio, nascido em 1797 e falecido a 22 de Março de 1880 no Rio de Janeiro; Hipólito Taunay (1793-1864), poeta, tradutor da *Jerusalem Libertada* de Torquato Tasso, e escreveu, de colaboração com Ferdinand Denis, *Le Brésil, ou Histoire, moeurs,*

outros, compensando a falta de mais parentes e da pátria, no meio da selvageria. Mais acima na montanha, o consul francês tem uma grande fazenda, administrada principalmente por uma sua tia, que poz seus negros num excelente estado de disciplina com assistência do Padre (57). Nessa fazenda fez-se

---

usages et coutumes des habitans de ce Royanme, Paris, 1822, 6 vols., in-8. — Conf. Visconde de Taunay, *Extrangeiros illustres e prestimosos no Brasil* (1800-1892), ed. Weiszflog, ps. 10/11. — O atual representante dessa admiravel Familia é o Dr. Afonso d'Escragnolle Taunay, diretor do Museu Paulista, professor da Universidade de São Paulo, membro da Academia Brasileira de Letras, sócio benemérito do Instituto Histórico e historiador número um do Brasil. — (E.).

(57) Era o sitio da Boa-Vista, ou da Cascata-Grande, no Alto da Tijuca, que então pertencia ao Consul geral de França, Conde de Gestas, e a sua tia Mlle. de Roquefeuil.

Aymar-Maria-Jaques, Conde de Gestas (1786-1837), era realista emigrado em Portugal, de onde passou ao Brasil cerca de 1810. Sua tia e um irmão, o Visconde de Roquefeuil, vieram ao tempo da instalação da Corte portuguesa no Rio de Janeiro; o Visconde, que era Coronel agregado ao Estado-maior da Corte, morreu na Baía, em 3 de Janeiro de 1809, aos quarenta e nove anos de idade, e foi sepultado na Sé.

A propriedade da Tijuca foi adquirida pela família logo que chegou; aí fez o Conde plantação de café, e se esforçou por aclimatar arvores frutiferas vindas de França, videiras, macieiras, pereiras, e outras, que trocava por sementes de plantas indigenas, de frutos e flores. Havia adquirido tambem a ilha do Viana, na baía do Rio de Janeiro, onde instalou estaleiro e oficinas, em que empregava de trinta a quarenta escravos que possuía.

Em 1820 Luiz XVIII resolveu enviar uma Embaixada ao Brasil, e nomeou, em 11 de Outubro, Embaixador o Barão Hyde de Neuville. O Conde de Gestas, residente no país, foi escolhido para Primeiro Secretário. Hyde de Neuville deixou Paris em 29 de Outubro; a 14 de Novembro embarcou em Rochefort no navio *Tarn*, mas a 25, tendo a embarcação sofrido temporal, entrava em Brest; tornava a partir a 14 de Dezembro, para aportar em 9 de Fevereiro de 1821 a Hampton-Road. Depois disso, parece, Hyde de Neuville desistiu de vir ao Brasil, onde não encontraria mais D. João VI, em cuja Corte, em Lisboa, exerceu depois suas funções de Embaixador.

O Primeiro Secretário havia alugado um imovel para alojar a Embaixada em uma das melhores ruas do Rio, e gastou nos preparativos avultada importância, de que só mais tarde conseguiu ser reembolsado. Em 1822, o Conde de Gestas voltava a França, depois de doze anos de ausência; ao chegar alí era surpreendido com sua nomeação para Encarregado de Negócios e Consul geral interino no Rio de Janeiro, na vaga do velho Coronel Maler, que havia pedido e alcançado sua aposentadoria. A carta do Ministro de Estrangeiros, Visconde de Montmorency, participando-lhe a nomeação, cruzou com o destinatário em viagem; e quando ele chegou a Paris o Ministro havia sido substituido por Chateaubriand.

Em Paris o Consul geral foi diversas vezes recebido pelo novo Ministro, interessado em desenvolver as relações politicas e comerciais entre França e Brasil. Por Luiz XVIII, em audiência especial, foi recebido em 22 de Outubro de 1822, para fazer entrega de uma carta autógrafa do Principe Regente, a quem o Rei, satisfeito e grato, decidiu enviar o cordão de suas Ordens. Chateaubriand encarregou o Consul de remete-las a D. Pedro, cuja proclamação como Imperador acabava de ser conhecida em Paris. A esse tempo era o Conde de Gestas nomeado titular do Consulado geral de França, em carater efetivo.

Mme. de Chateaubriand teve então a idéia de casar o Conde com Mlle. Alexandrine-Françoise du Plessis de Parscau, sua sobrinha, filha de uma sua irmã. O consórcio foi celebrado em Brest, no dia 12 de Maio de 1823. Em 8 de Junho Luiz XVIII recebeu o casal em audiência, nas Tulherias, e dignou-se de assinar o

uma experiência muito promissora de extrair um espírito, muito semelhante ao *Kirch-Wasser* suiço, da baga polpuda que envolve os grãos de café e, pelo que parece ao menos, sem estragar o grão. Os outros plantadores de café contudo insistem em que isso rouba ao grão um tanto da melhor parte de

---

contrato matrimonial, o que tambem fizeram o Duque e a Duquesa de Berry. Em Brest, a 28 de Agosto, embarcavam o Conde e a Condessa para o Brasil, na Fragata *La Circé*, comandada por um tio da Condessa, o Cavaleiro Pierre du Plessis de Parscau.

Nas *Noticias Maritimas*, do *Diário do Governo*, de 14 de Novembro de 1823, lê-se: — Entradas — Dia 13 do corrente. — Brest por Rochefort, 63 dias. F. Franceza *La Circé*, Com. o Cavalleiro Duplessis, passageiros o Consul Francez para esta Corte, Mr. Gestas com sua Familia e mais quatro Francezes; esta Fragata segue para Bourbon".

O Conde e a Condessa foram residir na Tijuca, com a tia Mlle. de Roquefeuil. O Consulado foi instalado á rua dos Barbonos, n. 22, onde até o ano de 1827 figura no *Almanaque da Cidade do Rio de Janeiro*.

A habitação da Tijuca era próspera, como descreve Maria Graham. Mlle. de Roquefeuil era amiga da Imperatriz D. Leopoldina, que lhe frequentava a casa, óra sosinha, óra em companhia do Imperador, em seus passeios pelas florestas. Do primeiro filho do casal Gestas, nascido em 17 de Abril de 1824, Pedro-Marie-Aymar, foram padrinhos os imperantes, explicado assim o seu primeiro prenome.

O Conde de Gestas exerceu suas funções consulares até o advento em França da Revolução de 1830; fiel aos seus principios politicos, deu sua demissão pelo primeiro correio, indicando para substituí-lo Teodoro-Maria Taunay, seu amigo e vizinho na Tijuca. Desembaraçado dos encargos oficiais, o Conde dedicou-se à exploração de seus dominios e às sociedades beneficentes, que presidia. Em 1835, a 27 de Setembro, falecia Mlle. de Roquefeuil; logo depois o sitio da Boa-Vista era vendido.

Em Janeiro de 1837 o Conde de Gestas recebeu na ilha do Viana a visita do Principe Luiz Napoleão Bonaparte, que depois da fracassada rebelião de Strasburgo viajava deportado para os Estados Unidos, a bordo da Fragata francesa *L'Andromède*, comandada pelo Capitão de mar e guerra Henry Villeneuve de Bergemont. O futuro Napoleão III foi autorizado a passear de barco e sem escolta pela baia. O antigo Consul acolheu-o na ilha com perfeita urbanidade, e acompanhou-o depois para bordo da fragata, com o Principe ao leme do barco. *L'Andromède* entrou no porto do Rio no dia 10 de Janeiro e saiu para New-York em 1 de Fevereiro de 1837.

O Conde de Gestas morreu desastradamente na noite de 28 de Julho daquele ano, aos cincoenta e seis anos de idade. O *Jornal do Commércio*, de 31, assim noticiou sua morte:

"He com pesar que temos de annunciar aos nossos leitores a desastrosa morte do Sr. Conde de Gestas. Na sexta-feira á noite, achava-se elle na bahia perto da ilha do Vianna que habitava, quando rebentou hum terrivel furacão. A fragil embarcação em que ia o Conde sossobrou, e na manhã seguinte appareceu seu cadaver entre os rochedos, não longe do lugar em que morava.

"Podemos affirmar que a morte do Sr. Conde de Gestas he geralmente sentida. Tinha por largo tempo exercido aqui com honra e zelo o cargo de Consul geral e encarregado de negocios da França; era hum dos mais activos membros de algumas sociedades desta Corte, e trabalhava com afinco para a prosperidade material do Brasil".

A ata da sessão ordinária da Sociedade Francesa de Beneficência, realizada em 10 de Agosto, assinada por Th. Pesneau, E. Plum, Th. Taunay, Dr. Senéchal, Gouthiére, Frédéric, Richaud e A. Lechériey, reproduz mais ou menos a noticia do *Jornal do Comércio*, com a referência a mais das exéquias, que foram realizadas no dia 30 de Julho, na igreja de São Francisco de Paula. Uma cópia dessa ata foi enviada à Condessa de Gestas, ausente na França desde alguns anos.

— Conf. André Gain, *De la Lorraine au Brésil*, Nancy, Société d'Impressions Typographiques, 1930, — de largo interesse para a História diplomática e politica do Brasil, antes, durante e depois do reinado de D. Pedro I. — (E).

sua substância e que o sumo da polpa, quando seca da maneira ordinária, é absorvido pelo grão. Ainda que tivesse feito várias indagações, não fiquei habilitada a saber se a experiência foi feita com sucesso ou não.

Fiz uma outra visita a uma fazenda inglesa mais acima na montanha, no alto da cachoeira grande. Tenho tristeza em dizer que o administrador dessa fazenda, que pertencia a um menor, se havia valido de uma prerrogativa que, neste caso, pelo menos, não devia ser permitida : o da isenção da propriedade britânica da ação da lei colonial portuguesa. Em consequência, os negros desta Fazenda não eram batizados, de modo que o administrador podia considerar nulos os casamentos, vender o pai e a mãe separados dos filhos, o marido da mulher, e assim por deante. Não pude senão enrubescer pelo meu compatriota !

A altura da Tijuca é tal que muitas pessoas possuem vilas na montanha para passar o verão. Nas fazendas francesas não é raro encontrar manteiga fresca de consistência razoavel e morangos que começam a ser abundantes. Encontrei a aroeira silvestre (?) carregada de amoras numa altura de cerca de 1.500 pés acima do nivel do mar ; era agradavel, ainda que estranho, ve-la crescer entre as acácias e as melastomáceas ! Uma das árvores mais interessantes pertencentes às matas do Rio é a árvore de alho, cujo nome botânico me é desconhecido ; cresce até uma altura muito grande e, à distância tem a aparência de um enorme olmo, mas ao nos aproximarmos verifica-se que as folhas são brilhantes, macias e em forma de coração. Toda a árvore, após uma pancada dágua recente, cheira a alho fresco. A casca é a parte mais picante da árvore e é usada para temperar pratos, em vez da raiz do alho. Além disso, os negros a consideram um filtro poderoso, e frequentemente roubam cuidadosamente um pedaço da madeira quando, em qualquer ocasião, o patrão ou feitor ficam zangados, esperando introduzi-lo sorrateiramente em algum prato da mesa deles. Estão certos de que isto fará com que o chefe goste deles de novo. Esta noção, os negros sem dúvida, trouxeram da África, onde a casca do Baobab ou grande Calabash, que tambem tem cheiro de alho, é usada para o mesmo fim supersticioso.

Sempre gostei de ver as festividades da Igreja celebradas nas casas de campo brasileiras, pois nesses dias, os escravos

tambem têm feriado e, parecendo tão alegres quanto os senhores e senhoras, dansam, cantam e comem doces desmedidamente.

O festival mais alegre em que estive foi a véspera de S. João não longe de minha casa de campo, no vale das Larangeiras. Os escravos pertencentes a duas ou tres propriedades estavam reunidos e tinham trazido com eles todos os ruidosos instrumentos brasileiros com que dansavam e cantavam no espaço fronteiro à porta de entrada, enquanto o senhor e a senhora bebiam chá, comiam doces e tagarelavam do lado de dentro. Finalmente, alguns minutos antes de meia-noite, abriram-se as portas da capela; executou-se um ofício muito bonito, regido por Portugallo ([58]) em pessoa, ficando os senhores dentro da capela e todos os escravos sobre os joelhos, do lado de fora, formando um interessantíssimo espetáculo. Logo que o ofício terminou passamos ao terreiro e aí achamos uma nova e magnífica palmeira há pouco trazida da floresta, sustentada por cordas e cercada por uma imensa quantidade de madeira seca; apenas a companhia se sentou e, a um sinal dado, o feitor poz fogo a uma cadeia de foguetes, e depois deles nos terem deliciado por algum tempo, o último parecia voltar-se para a árvore, e quasi todas as folhas desta brilhavam com cores azul, vermelho e amarelo. A madeira seca ao pé da árvore foi depois incendiada, e a medida que a fogueira queimava, foguetes, serpentões, rodinhas e flores, pareciam dardejar dela. Afinal a árvore veiu abaixo com grande estampido e todos nós passamos a uma ceia esplêndida. De modo que pela primeira vez, e quasi a última, de minha estadia no Brasil, não voltei à casa senão pela manhã. Mas a minha estada no Brasil chegava ao fim ([59]).

Sir Charles Stuart chegou ([60]). Alguns pensavam que ele vinha como embaixador da Inglaterra, e muito poucos adi-

---

(58) Marcos Antônio Portugal (1762-1830), famoso músico português. — (E).

(59) Só aqui deixa o texto de estar riscado pela autora. — (T.)

(60) Sir Charles Stuart chegou ao Rio de Janeiro no dia 17 de Julho de 1825, pela náu inglesa *Wellesley*, comandante Capitão de Mar e Guerra Hamond, vinda de Lisboa pela Madeira e Tenerife, com 56 dias de viagem. Trazia 17 pessôas de sua familia, 6 Secretários e Conselheiros, e 10 criados, *Notícias Marítimas*, do *Diário Fluminense*, de 19 de Julho, Entradas do dia 17. No mesmo *Diário*, de 18 Maio, lê-se: "Nas Gazetas Inglezas encontramos a seguinte lista das pessôas que acompanhão Sir Charles Stuart na sua Embaixada a esta Côrte: Secretario, Lord

vinharam que ele havia atravessado o Atlântico como Ministro de Dom João VI. Alguns afirmavam que ele havia vindo somente para firmar um tratado comercial e outros que a sua visita se relacionava somente com o tráfico de escravos, e quando o seu verdadeiro carater se tornou conhecido eu realmente acredito que o maior número dos ministros brasileiros ficou tão surprezo como qualquer estrangeiro no Rio.

Estou certo que Sir Charles e seus secretários não hão de ter ficado pouco espantados com a mentalidade e a ignorância de, pelo menos, metade do Conselho Privado de Sua Magestade ([61]). Ao mesmo tempo, penso eu, deve se ter impressionado com a sagacidade natural e o bom-senso de Dom Pedro, que, com todas as desvantagens da falta de educação e da sua posição, havia tanto aprendido por si, possuindo uma verdadeira e clara visão dos reais intteresses do paiz. Nunca poderei perdoar a Sir Charles uma cousa; seguindo, como suponho, o costume das cortes européias, cedo começou a dar grande atenção a Madame de Castro e não posso deixar de atribuir à sua atenção neste sector, o reconhecimento público como amante e a consequente mágua nos insultos feitos à Imperatriz.

O primeiro e quasi o mais penoso destes ocorreu no aniversário de D. Maria da Glória. Nestes dias, é comum começar o dia deferindo petições e conferindo favores ou — como são chamados: *graças*. Nesta ocasião toda a corte, mesmo grosseira como era, caiu em consternação pela primeira graça. — Madame de Castro foi nomeada *Camareira-Mór*,

---

Marcos Hill; Addidos, Coronel Tremantle, Major Gurword; Médico, Dr. Ridgwai; Boticario, Mr. Warnell".

Sir Charles Stuart desembarcou no Campo de São Cristovão, por lhe ficar mais perto a casa que ia habitar, de José Agostinho Barbosa, no Rio-Comprido, mandada preparar pelo governo para sua aposentadoria. Quando saltava em terra teve ocasião de encontrar-se com o Imperador, que se recolhia ao Paço da Bôa-Vista. — (E.)

(61) Para tratar com Sir Charles Stuart o Imperador nomeou o seu Conselheiro de Estado, Ministro e Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros, Luiz José de Carvalho e Melo, designando em seguida Francisco Vilela Barbosa e o Barão de Santo Amaro, seus Conselheiros de Estado, para coadjuvarem o Ministro dos Negócios Estrangeiros. — *Diário Fluminense*, de 27 e 29 de Julho de 1825. — Em 29 de Agosto foram assinados o Tratado de Paz, Amizade e Aliança entre Portugal e o Brasil, reconhecido o Brasil na qualidade de Império Independente, e a Convenção adicional ao mesmo Tratado, ratificados pelo Brasil em 30 do mesmo mês e por Portugal em carta de lei de 15 de Novembro, pela qual D. João VI mandava publicar e cumprir a ratificação, tendo os termos dessa carta dado motivo a que, em Fevereiro de 1826, o Ministro dos Negócios Estrangeiros do Brasil, em nota ao Plenipotenciário Sir Charles Stuart, declarasse que aquele "documento era uma violação dos Ajustes feitos". — (E.)

isto é, Primeira Dama da Câmara da Imperatriz! E portanto, conferia-se-lhe o direito de estar presente a todas as reuniões e acompanhar a Imperatriz a todas as excursões; assumir o lugar de honra logo após Sua Magestade em todas as ocasiões públicas, fosse em festividades da Igreja, fosse no teatro; em resumo de infligir à Imperatriz o mais odioso dos incômodos, isto é, sua presença — desde o momento em que saía de seus apartamentos privados. Na primeira explosão de indignação geral, várias das principais damas recusaram visitar a favorita, mas em breve fizeram-lhes compreender que a teimosia não resultaria em nenhum bem à Imperatriz, mas, com maior probabilidade, arruinar-lhes-ia as famílias. Antes pelo contrário, sei que o preço exigido pelo perdão de uma Casa, foi o sacrifício de uma linda carruagem nova, havia pouco importada de Londres, e que se destinou à cocheira *dela*.

Tanto quanto isso me tocava pessoalmente, tinha que me rejubilar com a chegada de Sir Charles Stuart. Sua cortezia constante e atenciosa tornou minha situação muito mais agradavel do que havia sido até aqui, e se eu tivesse algo de que me queixar quanto à falta de conveniente civilidade de meus compatriotas, homens e mulheres, antes de sua chegada, estaria compensada, porque eles ficaram então por diante prontos para me mostrar toda a espécie de atenções. Mas o maior benefício que Sir Charles me fez, foi oferecer-me a possibilidade de voltar à Inglaterra. Meus contratempos haviam sido tão frequentes e tão constantes, que se eu pudesse imaginar que havia algum motivo para me deterem no Brasil, acreditaria que eles não poderiam ser todos acidentais. Desta vez, porem, solicitei de Sir Charles Stuart que se interessasse junto ao Almirante Inglês por uma passagem em um navio inglês, e tambem junto aos ministros brasileiros para que me concedessem os necessários passaportes; (62) de modo que se marcou finalmente minha volta para casa, no *Sibillia*, navio britânico de carga. Tinha agora somente de me despedir de meus bons amigos, tanto de terra como de mar. Fiquei realmente triste de deixar meus gentis amigos brasileiros, com muitos dos quais ainda mantenho uma correspondência ami-

---

(62) O trecho que se segue até novo sinal está riscado no original. — (T.)

gavel ; quanto aos ingleses, com uma ou duas excepções, não mereciam nem tiveram muito de minhas saudades. Havia duas pessoas no Rio, cuja separação me custou muito, sentindo, como sentia, que havia muito pouca probabilidade de ve-las de novo. Não é preciso dizer que a primeira era a Imperatriz : a outra era o bom Barão austríaco M. (63). Fiz uma visita de despedida à Boa Vista. Encontrei Sua Magestade em sua biblioteca, inteiramente só, e pareceu-me fraca de saúde, e com maior depressão de ânimo do que de costume. Deu-me várias cartas para levar à Europa. Pediu-me especial carinho para uma que havia escrito à sua irmã, a Ex-Imperatriz Maria Luiza. Eu sabia que um maior grau de amisade subsistia entre as duas irmãs do que entre quaisquer outros membros da família, ainda que ela falasse com grande consideração de seu tio, o Arquiduque João. Incumbiu-me de, indo a Viena, procurar tambem a este e falar-lhe a respeito dela. Nem pensávamos nessa época que sua vida findaria antes de eu ter uma oportunidade de ver a capital de seu paiz, e quando eu a visitasse, o Arquiduque João estivesse numa espécie de exílio na Stíria, porque não aprovava a política de Metternich !

Após a Imperatriz ter falado da sua própria família e de seus desejos em relação à Europa, nossas palavras foram muito poucas. Prometi escrever-lhe e, por seu próprio pedido, contar-lhe tudo que pudesse saber sobre as pessoas de sua própria família. Ela me disse que os próprios "diz-se" de sociedade seriam agradaveis para ela, isolada, como estava de qualquer comunicação com a Europa. Prometeu responder as cartas e então perguntou-me se eu queria alguma cousa que Ela pudesse fazer por mim ou dar-me. Pedi-lhe uma mecha de seus cabelos e como não houvesse tesouras ao alcance, não quiz chamar um criado. Tomou um canivete que estava sobre a mesa e cortou uma. Mas é inutil pensar nesses momentos dolorosos. Saí com um sentimento de opressão, quasi novo para mim, pois deixava-a como previ, para uma vida de vexações maiores que tudo que ela havia sofrido até então, e num estado de saúde pouco propício para suportar um peso adicional. Na tarde desse mesmo dia recebi dela o seguinte bilhete :

---

(63) Mareschal. — (T.)

"Minha querida e delicada amiga !

Não posso furtar-me ao prazer de vos afirmar ainda toda a minha amisade, rogando-vos contar que estimaria dar-vos sempre provas de quanto vos quero e estimo. Tende a bondade, chegando à nossa querida e adorada Europa, de fazer chegar a carta junto à minha bem amada irmã. Quanto aos livros, fio-me em vossa escolha, sabendo melhor apreciar-lhes o mérito, sendo sábia. Si virdes o digno *Cary,* (64) rogo-vos encomendar em meu nome uma *balança mineralógica* para saber o peso das pedras preciosas.

Assegurando-vos minha inalteravel amisade sou
vossa afeiçoada

LEOPOLDINA

São Cristovão, 8 de Setembro de 1825.

P. S. — Dos cabelos de minhas filhas mandei fazer uma pequena medalha, que remeterei, quando estiver pronta, para a Inglaterra" (65).

E este dia, 8 de Setembro de 1825, foi último em que vi Maria Leopoldina.

Entrementes as negociações entre Sir Charles Stuart como Ministro de Portugal, progrediram com sucesso. O pequeno barco em que eu devia partir, tinha ordem de levantar âncora no momento em que chegassem a bordo os despachos anunciando a terminação favoravel das disputas entre a metrópole e a colônia.

E' curioso que o primeiro dia em que voguei nas costas do Brasil, no ano de 1821, tenha sido aquele em que se deu o primeiro tiro da parte dos independentes contra as tropas reais em Pernambuco, e que, finalmente, deixasse o porto do Rio no mesmo dia em que a proclamação da dissolução completa da ligação entre Brasil e Portugal foi lida em todas as praças públicas e as salvas ainda se disparavam para celebrar a independência final do Paiz... Setembro de 1825.

As bases em que se fundavam estes tratados entre o Brasil e a metrópole, e os termos aceitos de cada lado, não

(64) O fabricante de instrumentos matemáticos. — (A.)

(65) Nunca a recebi. — (A.).

preciso mencionar, já que pertencem à história. O efeito imediato de se pôr fim à guerra, foi a liberdade dos oficiais tanto ingleses como franceses, do exército e da marinha. Muitos deles reingressaram no serviço de Dom Pedro e se empenharam em sua guerra de fronteira, contra a República Argentina, pela posse da Banda Oriental. Entre outros, meu amigo Capitão Grenfell, que teve a infelicidade de perder seu braço nesta insignificante campanha. Lord Cochrane, vendo que os intentos pelos quais havia pegado em armas na América do Sul, isto é, a libertação das colônias da pressão das metrópoles estavam atingidos, revolveu deixar o serviço completamente, já que tanto nas colônias espanholas como portuguesas ele havia sempre protestado não entrar em qualquer de suas recíprocas contendas. Deixou, portanto, a Esquadra de navios de guerra guardando a costa e, transportando para o Rio as presas de dinheiro ou o que fosse valioso tomado durante a guerra de então, sem querer se expor, a uma desagradavel possibilidade de alterações com o ministério brasileiro, embarcou diretamente para a Inglaterra, numa das fragatas imperiais, em cujo bordo içou seu pavilhão de almirante. De modo que as primeiras salvas disparadas em honra da bandeira imperial brasileira o foram pela sua chegada a Portsmouth, pelo fim de Outubro de 1825 (66). Não tendo chegado ao Rio nenhuma notícia de suas atitudes antes da mi-

---

(66) O *Diário Fluminense*, de 24 de Novembro de 1825, publicou sob o título *Noticias Estrangeiras*, o seguinte artigo:

"Recebemos folhas Inglezas pelo Paquete, entrado neste Porto no dia 20 do corrente, vindo de Falmouth, e daremos a nossos leitores os artigos que n'ellas encontrarmos de algum interesse: tambem vimos o Padre Amaro de Agosto, e n'elle encontramos o seguinte artigo, do qual consta já não ser duvidosa a retirada de Lord Cochrane do serviço do Imperio. — "Huma semana inteira estiverão espe- "culando as folhas publicadas de Londres, e os Stock jobbers, sobre huma expedição "de Lord Cochrane á Grecia. E como não era possivel que, insalutato hospite, assim "desertasse do serviço do Brasil aquelle, que havia poucos dias, tinha sido saudado "nos Portos da Grã Bretanha como Almirante Brasileiro, sempre supposemos que as "folhas publicas estavão mal informadas, e que aquelles boatos erão, como outros "muitos, destituidos de fundamento, e de senso comum. Hoje, porém, já não ha se "não huma voz, e huma opinião a este respeito, depois que o Nobre Lord, ou porque "lhe pedirão explicações, ou porque se quiz elle mesmo explicar, declarou, que se "havia ajustado com os Deputados Gregos a entrar no serviço da Grecia.

"As condições diz-se que são, pondo á disposição de S. Ex. certa quantidade "de dinheiro (trezentas mil libras, mais de tres milhões de cruzados) tendo elle a "direcção da força Naval a seu livre arbitrio, sem sugeição a ninguem. Quanto "a ordenados, recompensas, indemnisações, &c., diz-se que S. Ex. deixará tudo isso "ao arbitrio do Commité Grego, lembrando-lhe ao mesmo tempo, que acceitando o "serviço ou o Commando da Grecia, S. Ex. deixava no Brasil, sem fallar do casual, "hum ordenado de seis mil libras por anno, e a metade desta somma quando con- "venientemente se retirasse do serviço, com sobrevivencia em sua mulher". — (E.).

nha partida, não fiquei pouco surpreendida quando o Capitão Shepherd abordou a *Sibillia* e contou-me que havia trazido à Pátria Lord Cochrane, na *Piranga*, e que Sua Excelência havia ido para Londres e parecia muito inclinado a entrar a serviço da Grécia e que, ele próprio, aguardava sómente completar seu carregamento de madeira e de água para voltar ao Rio. Pediu-me que lhe désse uma carta para a Imperatriz, já que previa que, co mtodas as probabilidades, sua protteção poderia ser-lhe util, senão necessária, após uma viagem de que o menos que se poderia dizer, seria que fora muito inesperada para o Imperador. De acordo com isso escrevi-lhe com muito instância em seu favor, e ainda ao meu amigo o Barão de Mareschal, de quem recebi no primeiro paquete uma carta de que extráio a seguinte passagem :

"Vossos desejos com referência ao Capitão Shepherd e os (outros) oficiais (ingleses) da *Piranga* (seus recomendados) foram atendidos. O Sr. Shepherd foi confirmado no comando da Fragata. Quanto a Lord Cochrane, seu nome é aqui tão falado quanto se ele jamais houvesse existido. Prova, ao menos, de que não lhe guardam "ressentimentos".

O resto desta carta continha algumas notícias que me fizeram muito anciosa sobre a Imperatriz. Ela, com o Imperador e as Princezinhas, havia embarcado para a Baía ; viagem com a qual penso que a Imperatriz concordou, ainda que passasse mal no mar, na esperança de escapar da vista da Domitilia de Castro, então elevada a Viscondessa de Santos. Qual não teria sido o seu desapontamento ao entrar em seu camarote, em ver Mme. de Santos, já ali estabelecida, alem do mais, nas funções de seu ofício.

Antes de embarcar para essa viagem, a Imperatriz achou tempo para me escrever uma nota que o Barão capeou em sua carta. Não posso impedir-me de copia-la aqui :

"Minha queridíssima amiga !

Fui muito agradavelmente surpreendida quando o nosso excelente amigo o Barão de Mareschal me entregou duas amaveis cartas vossas. E' o único consolo que me resta no isolamento. Crêde-me, minha dedicada e digna amiga que sinto vivamente o sacrifício que impuz ao meu coração, que sabe

apreciar as doçuras da amisade, separando-me de vós. E' um verdadeiro consolo para minh'alma e me faz suportar mil dificuldades que se me opõem, saber que tenho tantas pessoas que se interessam pela minha sorte.

Estou à vontade para poder vos certificar que o bom Shepherd está empregado no mesmo posto em que o Marquês ([67]) o enviou. Minha cara amiga, ficai persuadida de que desejo encontrar ocasiões para dar-vos provas de minha amisade e sincera estima.

O *Macaco do Brasil*, representado em Paris parece-me provar a leviandade do carater da nação francesa, que dá tanta importância a tais ninharias.

A lista de conchas que vos remeti é para que os professores verifiquem quais as que possúo e para vos poupar o incômodo de vo-las enviar segunda vês. Desejo principalmente as da India, Ilha de Ceilão, Nova Holanda e Molucas.

Sir Charles Stuart deixou-nos para visitar as Províncias do Norte, mas nos fez um pouco ouvir as novidades da Europa. Chegaram tres paquetes com despachos destinados à sua pessoa, que não podem ser abertos senão pela sua volta, que Deus sabe quando se dará. Depois de amanhã embarco para a Baía com o meu bem amado esposo e minha adorada Maria, que faz as minhas delícias pelo seu excelente carater e aplicação nos estudos. Pretendemos voltar ao Rio de Janeiro pelos meiados de Abril, já que o Imperador prometeu instalar a Assembléia Constitucional no dia 3 de Maio.

Adeus, minha muito cara e respeitavel amiga. Ficai persuadida da sincera e inalteravel amisade com que sou,

vossa afeiçoada

MARIA LEOPOLDINA

São Cristovão, 2 de Fevereiro de 1826.

P. S. — *Deveis ter recebido minha carta, em que vos dou a noticia de meu feliz parto de um filho, que realizou todos os meus desejos*".

---

(67) *Marquês do Maranhão* — titulo brasileiro de Lord Cochrane. — (A.).

A carta referida no *post-scriptum* — nunca a recebi, como tambem o medalhão com o cabelo das crianças. Tenho motivos para crer que a viagem à Baía, (ou, de qualquer modo, algumas das circunstâncias que a cercaram) constituiu o fundamento dessa doença que, muito poucos meses depois, poz termo à curta e, devo dizer, *triste* vida da mais amavel das princesas ! Numa carta escrita logo depois de sua volta da Baía, queixa-se ela de dores reumáticas nos braços e de um entorpecimento na mão direita. Foi isto no dia 28 de Abril. Repete essas queixas em Junho, quando me escreve uma breve carta para me agradecer alguns livros ; parece muito temerosa de se ver separada de sua filha, enviada para longe dela e alude a uma tentativa que havia feito para conseguir sair para fazer uma visita a seu pai. Em Setembro parece estar com melhor ânimo pela sua carta, ainda que se queixe de ter motivos para estar triste. Sua última carta, de 22 de Outubro, copiarei aqui :

"Minha cara amiga !

Estou desde há algum tempo numa melancolia realmente negra e somente a grande e terna amisade que vos dedico me proporciona o doce prazer de escrever estas poucas linhas. O Sr. Gordon me fez uma surpresa bem agradavel, remetendo-me a balança mineralógica e os encantadores livros que me enviais. O que me fez ficar bem contente foi a afirmação que ele me fez de que gosais de perfeita saúde, que em breve visitareis este Jardim da Europa — a incomparavel Itália — e pudestes, provavelmente, ter o prazer de ver minhas bem amadas irmãs. Como vos invejo do fundo desse deserto, essa doce felicidade!!!!

Assegurando-vos toda minha amisade e estima, sou

vossa muito afeiçoada

LEOPOLDINA.

São Cristovão, 22 de Outubro de 1826"

Logo o pacote seguinte que recebi do Rio, trouxe-me de volta algumas de minhas cartas à Imperatriz, por causa de sua morte.

Diz o Barão :

"Ela não existia mais quando me chegaram às mãos. Sua molestia foi curta e dolorosa. Não a perdi de vista durante todo seu curso. Ela desesperou desde o princípio ; tendo em vista sua idade, sua constituição e a fatal complicação de uma gravidez, fez-se o que foi possivel para salva-la. Sua morte foi chorada sincera e unanimemente. Ela deixa um vácuo perigoso. Nada até agora indica nem que se pretenda preenche-lo, nem por que pessoa".

Este foi o breve, posso quasi dizer, o relato *oficial* sobre a morte da Imperatriz, que recebi do Barão. Várias outras cartas me chegaram pelo mesmo correio, todas lamentando a perda da mais gentil das Senhoras, a mais benigna e amavel das princesas ! Os pobres negros andaram pelas ruas por muitos dias gritando : "Quem tomará agora o partido negros? Nossa mãe se foi !" Muitos e sentidos foram os lamentos das várias escolas e estabelecimentos de caridade, especialmente do Asilo dos Orfãos dos Oficiais que ela havia creado. Por narrativas particulares, soube que algumas semanas antes da morte da Imperatriz, Dom Pedro havia partido para S. Paulo por negócios políticos e, pouco depois de sua ausência, ela se tornou claramente doente. Mas seu aspeto pálido foi atribuido ao seu estado conhecido e não foi senão quando só havia poucas esperanças de salva-la que os médicos recorreram às medidas enérgicas. Só elas podem oferecer alguma esperança de cura naquele clima, quando o figado ou os intestinos estão seriamente afetados.

No momento em que ela se confinou em seu quarto, Madame de Santos teve a brutalidade de se fixar ali, em virtude de seu cargo de Camareira-Mor. Chegou mesmo a assumir a responsabilidade na ausência do Imperador, de proibir que as crianças vissem a Mãe, que os chamava durante a agonia, que foi horrivel, e se interrompia por alguns minutos. Durante todos os anos, por mais desgraçados que tivessem sido da vida de Maria Leopoldina no Brasil, não se soube que tivesse proferido uma queixa. Ela havia suportado a inconstância do Imperador e durezas ocasionais, satisfazendo-se com o fato de não ter ele realmente estimado ou respeitado nenhuma mulher como a estimava e respeitava. Mas naqueles momentos, no delírio da febre, rebentaram as expressões que provaram que sua calma e brandura anteriores não tinham tido origem na insensibilidade, e verificou-se que seus sentimentos em re-

lação a Madame de Santos, a nomeação desta para Primeira Dama da côrte, e sua escolha para companhia de viagem à Baía, haviam sido as circunstâncias que haviam ferido profunda e fatalmente a Imperatriz. Em certa ocasião, um vislumbre de lembrança lhe voltou e Domitília aproximou-se obsequiosamente. Ela poz-se aos gritos e chamou o Imperador para que a livrasse da detestavel criatura. — Não havia ali Imperador — e a criatura detestavel ainda mais se aproximava com atitudes violentas — quando alguem, que havia estado de observação tanto de dia quanto de noite, junto à Princesa agonizante, tomou a rude mulher pelos braços e a poz pela força para fóra do quarto. Poucas horas depois, Maria Leopoldina — Arquiduquesa d'Áustria e Imperatriz do Brasil, morreu tranquilamente, tendo suas dores abrandado por algumas horas, no 27.° ano de seu nascimento, deixando quatro filhas e um filho. Sua filha mais velha é Dona Maria da Glória, Rainha de Portugal, e seu único filho Dom Pedro II, Imperador do Brasil.

Logo que a Imperatriz foi declarada em perigo, um despacho foi enviado ao Imperador em São Paulo [68]; sem esperar um instante, ele partiu para São Cristovão, mas chegou tarde demais para ver a Imperatriz ainda viva. A primeira cousa que fez, foi banir Mme. de Santos, não somente do palácio, mas das vizinhanças, e não foi senão depois de muitos meses passados que ela e sua corja de parentes e amigos, tiveram licença para ocupar ao menos suas antigas posições. Mas afinal a insistência e a forte afeição que ele tinha a sua filha havida com Madame de Santos, deram em resultado uma espécie de reconciliação que só durou, comtudo, até se concluirem as negociações para o seu segundo casamento, com uma Princesa da Casa de Leuchtenberg, neta da Imperatriz Josefina. Madame de Santos disse, então, adeus para sempre a seu lugar.

Devia já ter mencionado que uma das humilhações que a Imperatriz teve que suportar foi a colocação de uma filha de Domitília no mesmo nivel de suas filhas, co mdireito a um título e uma mantença igual à delas ; expedindo um ato governamental para declara-la legítima, e depois publicando essa

---

(68) O Imperador estava em Porto-Alegre quando recebeu a comunicação do falecimento da Imperatriz. Embarcou ali na fragata *Isabel* para o Rio de Janeiro, onde chegou a 15 de Janeiro de 1827. — (E.)

loucuras nas gazetas e jornais do Brasil, seguiu Dom Pedro o exemplo de Luiz XIV, como uma justificação do ato vicioso e violento.

Foi para mim doloroso ser obrigada a relatar algumas circunstâncias tão desprestigiosas sobre o falecido Imperador do Brasil; contudo, quiz lisamente fazer justiça às suas grandes qualidades, e quando considero as extraordinárias desvantagens com que teve de lutar para se formar, devido aos maus exemplos — uma educação viciosa, condições politicas aflitivas e dificeis, e uma corte ignorante, grosseira e mais que corrompida, — sou antes inclinada a pensar na sagacidade inata e nos dons naturais que ele demonstrou nas mais perigosas ocasiões de sua vida, que o distinguiram tanto e com tanta razão, no governo do Brasil e o levaram a uma conduta em Portugal, de que essa nação deve sempre ficar grata, por tornar as cenas finais de sua vida mais importantes do que costumam ser as dos monarcas, para o bem estar de seus sucessores, seja no velho trono na Europa, seja nesse imenso Império no Novo Mundo, que ele fundou.

APENSOS

I

(Notas do Dr. Pelham Warren, M. D., F. R. S., (*) *sobre estas memórias)*

Esta é uma interessantissima memória para servir à história de Dom Pedro. Se os Portugueses conseguirem estabelecer uma constituição de Governo livre, ele será uma personalidade assinalada na história de sua nação, e esta memória dará a qualquer futuro escritor da história dos tempos desta revolução, uma incalculavel visão do carater natural da individualidade através da qual ela se processou.

Ninguem, a não ser eu, leu isto, desde que me foi confiado.

16 de Março de 1835

P. W.
(Dr. Pelham Warren) —

II

Carta de Maria Edgeworth sobre a ida de Lady Calcott ao Brasil.

Irlanda — Cidade de Edgeworth, 27 de Abril de 1824.

Nunca uma pessoa se sentou para escrever a uma amiga com uma intenção mais interessada do que o faço agora, minha cara Senhora Graham. Ainda que o possa esconder de vós sob cem capas coloridas e vistosas, comtudo minha intenção me contempla o rosto em toda a sua nudez. E' ela imediata :

(*) Doutor em Medicina, membro da Real Sociedade. — (T.).

obter uma resposta de Mrs. Graham. Sim, ela me escreverá ; sei que ela o fará se eu lhe escrever — estou certa disso — porque, em primeiro lugar ela é de natureza muito bondosa para me recusar um favor — Depois envaideço-me de que ela há de guardar alguma lembrança da sua velha simpatia e do amor à primeira vista por mim ; e levará isto em conta, mesmo que eu tenha merecido castigo de suas mãos — Depois, é certo que ela responderá a minha carta, e egualmente certo que, se o fizer, me tratará benevolamente, porque não poderá deixar de o fazer, se eu escrever, e interessar-me por ela. Confio que me contará tudo o que se refere a ela. Seus planos e projetos, tanto no novo como no velho mundo, de tristeza ou de alegria, prosperidade ou adversidade, devem me interessar sinceramente.

Dificilmente em minha passagem pela vida encontrei alguem que, em tão curtas e raras ocasiões como tive, me interessasse tanto quanto ela, pela franqueza de seu carater. Acabo de saber que não estais com *bom aspeto* — não de espírito — mas não passando bem — (que expressão desagradavel) — Quer dizer, não gosais de boa saúde — Espero que tenhais razões para crer que o salto para traz, para os Brasis, vos seja favoravel — Que vos apraza recordar uma verdade e um truismo que os gênios entusiastas são capazes de esquecer, no calor da corrida atraz de alguma côr fugitiva do arco iris da esperança ; — que vos seja agradavel recordar que a vida não deve ser comprada com montes de ouro ; que a simples posse da saúde diária não deve ser tomada pela riqueza da cidade das minas do Perú. Que vos adiantará seguir o séquito da futura imperatriz dos Brasis, se vierdes a perder neste negócio vossa própria saúde e com ela (sem esperança) vossa felicidade ?

Pensai uma, duas e tres vezes antes de dar o passo e ponde diante de vós uma nova corte e um novo mundo ! *Dama de honor* — sôa bem ! — *Governante das Princesas do Brasil.* Muito importante ! Mas fique claro antes de assumirdes o peso do trabalho e das responsabildades que a este título se junte uma sólida e garantida remuneração. A gente de coração aberto não pensa nestas considerações mercenárias senão quando é muito tarde para concertar. Podeis então em vão chorar com vossos olhos ou gritar as vossas queixas.

Qualquer cousa que combinardes, por favor, seja por escrito, pois os acordos verbais ainda que muito agradavelmente feitos com sorrisos na face e lisonjas nos lábios, nas cortes ou nos salões, são afinal compromissos precários — e em breve não há construção sobre eles — nada senão castelos no ar.

Eis o caso de Walter Scott, Sir Walter Scott, o cavaleiro de romance, como da vida real uma vês. Que castelo construiu ele! (69). Eu o vi com meus olhos — nenhum castelo no ar, mas na terra firme. Parece que vai durar como suas obras, para sempre. Oh! se tivesseis ao menos uma parcela de sua prudência do Mundo! e como saberei que a possuís?

Não sei se estarei certa. Que vossa conciência diga se estou certa ou errada.

Mas ao mesmo tempo, para minha satisfação, eu afinal de contas desejaria que fosseis aos Brasis, porque sei que desde então não deixareis de me escrever as mais divertidas cartas do mundo — no novo ou no velho continente — enquanto eu, das plagas da Irlanda nada tenho de novo para oferecer ou prometer em troca. Mas sei que não sois uma pessoa que calcule estas cousas, e eu confio no vosso desinteresse.

O portador desta carta, Sr. Spring Rice (70), espero que não o conheçais, para que tenha eu o prazer de vol-o apre-

---

(69) Walter Scott (1771-1832). Depois de ter conquistado nomeada como escritor, adquiriu em Abbotsford uma pequena propriedade pela quantia de 4.000 libras sterlinas.

A medida que enriquecia, ia aumentando e embelezando sua propriedade. Dentro de alguns anos possuia um dos mais belos castelos da Inglaterra, tudo resultado de sua prodigiosa capacidade de trabalho. Abbotsford tornou-se um dos maiores centros sociais e literários do mundo. Sua biblioteca e suas coleções eram estimadas em 10.000 libras, segundo Taine, *Histoire de la Littérature Anglaise*, t. IV, ps. 300, Paris, 1892.

Aos 55 anos de idade deu-se sua quebra. Walter Scott tinha por hábito gastar por antecipação o lucro dos seus trabalhos. A firma editora, de que era sócio (Ballantyne & C.ª), viu-se insolvente, por isso e pelos péssimos negócios feitos em edições de livros que se não vendiam, tiradas pela gentilesa e fraqueza do sócio literato. A *Edinburgh Review* anual, criada para colocar seu amigo Robert Southey, custava 1.000 libras por ano e dava enorme prejuizo. A notícia de sua ruina causou imensa consternação. O público, para auxiliar o autor, consumia incrivelmente suas produções. Walter Scott portou-se com heroismo, revelou inesperada energia, e começou a pagar pouco a pouco aos seus credores. Sua familia não se conformava com o regimen de economias; sua mulher morreu em 16 de Maio de 1826, mas Walter Scott continuou a lutar. Em tres meses escreveu *Woodstock*, que lhe rendeu 8.000 libras; a *Vida de Napoleão* deu-lhe 18.000 libras. Em dois anos pagou 40.000 libras. Morreu em 21 de Setembro de 1832, ainda em seu castelo. — (E.)

(70) Depois Chanceler do Tesouro e então Lord Monteagle. — (A.)

sentar. E' uma honra para sua terra. Eu não vos posso apresentar ninguem da Irlanda que seja um representante mais digno dos talentos irlandeses e de suas boas qualidades características.

A Senhora Edgeworth, que se recorda de vós com muito agrado, e minhas irmãs, que tiveram o prazer de passar uma tão agradavel hora comvosco em Paris, desejam-vos os melhores votos e estão quasi tão impacientes quanto eu, em saber algo a vosso respeito.

Vossa sinceramente afeiçoada

MARIA EDGEWORTH.

Uma de minhas irmãs, recentemente casada, Senhora Harry Fox, que irá a Londres em breves dias, talvez tenha a boa fortuna de conseguir passar antes uma hora em vossa companhia.

DIÁRIO DO CAPELÃO DA ESQUADRA IMPERIAL COMANDADA POR LORD COCHRANE, FREI MANOEL MOREIRA DA PAIXÃO E DORES

(1 e Abril a 9 de Novembro de 1823)

EXPLICAÇÃO

O *Diário* de Frei Manoel Moreira da Paixão e Dores, Capelão da Esquadra de Lord Cochrane, é documento importante para a História dessa empresa gloriosa, que foi a libertação da Baía e do Maranhão do jugo luso e da adesão daquelas Províncias á causa da Independência do Brasil. O original desse *Diário*, absolutamente inédito e desconhecido, pertence à biblioteca particular do eminente Embaixador Sr. Dr. Afrânio de Melo Franco ; a cópia que serve para esta publicação foi ofertada à Biblioteca Nacional por seu filho, o jovem e brilhante escritor Sr. Dr. Afonso Arinos de Melo Franco. A esses digníssimos Brasileiros, tributa a Direção dos *Anais* as homenagens de sua gratidão.

Do autor do *Diário* tudo quanto se sabe é o que de si próprio escreve, por outras palavras : que começou a servir o ministério de Capelão a bordo de navio de guerra cerca de 1806, que esteve na Esquadra de Rodrigo Lobo durante a Revolução pernambucana de 1817, e que dessa campanha voltou enfermo de uma doença do peito, de que custou a restabelecer-se ; em 1823, a 3 de Março, foi nomeado Capelão da Armada Imperial para exercer as funções a bordo da Nau *Pedro Primeiro*, e assentou praça naquela mesma ocasião. Acompanhou todas as peripécias da expedição, que narrou dia a dia, com abundância de pormenores interessantes.

Seria Português, mas nem se sabe à que ordem religiosa pertencia, e da qual se absolvera do voto de clausura para servir emprego secular. Talvês se filiasse à Ordem dos Agostinhos Reformados, a julgar pelo tratamento que dispensou a um prisioneiro, sacerdote dessa Ordem, Frei Manoel de Santa Rosa, que o reconhecera, e a quem cedeu sua cama e seu camarote na Nau, levando-o à mesa, com o consenso de John Grenfell (Veja *infra*: Maio 22, e nota correspondente).

A pequena Esquadra confiada a Lord Cochrane era quasi toda composta de elementos navais de Portugal, incorporados ao Brasil pela Independência. A nau capitânea era a antiga nau *Martim Afonso de Freitas*, que depois de renovada passou a chamar-se *Pedro Primeiro*, por ato de 14 de Janeiro de 1823, — *Diário do Governo*, de 25 do mesmo mês e ano. A Fragata *Niteroi* era a antiga *Sucesso*, que tomou aquele nome por aviso de 25 de Janeiro, publicado no *Diário* citado, de 6 de Fevereiro, após a reforma que sofreu. A Fragata *Piranga* era a *União* da velha frota; a Fragata *Carolina* chamou-se depois *Paraguassú*; havia ainda as Corvetas *Maria da Glória* e *Liberal*, a Escuna *Leopoldina* e o Brigue-Escuna *Real*, mais conhecido por Brigue-Escuna, naturalmente por que o nome *Real* no momento havia de lembrar a procedência portuguesa. Havia mais dois Brigues, que foram incorporados à Esquadra: o *Diligente*, antigo *Maipú*, de propriedade de David Jewett, comprado pelo preço de 2:200$000, que foram pagos à vista pelo Tesoureiro da Casa Imperial Plácido Antônio Pereira de Abreu, — *Diário* citado, de 5 de Fevereiro; por aviso de 12 desse mês, do Ministro ao Intendente da Marinha, foi declarado que S. M. o Imperador havia dado esse Brigue para o serviço nacional, — *Diário* citado de 25 de Fevereiro. O Brigue *Guaraní*, antigo *Nightingale*, de nacionalidade inglesa, foi adquirido pela quantia de 13:000$000 a Brown Watson, com o carvão de pedra que tinha a bordo, ao preço de 12$000 por tonelada, por aviso de 8 de Março, — *Diário* citado, de 20 desse mês.

Maria Graham, em escrito publicado neste mesmo volume dos *Anais*, refere como testemunha, que durante os preparativos da Esquadra no porto do Rio de Janeiro, "a atividade do Imperador era antes a de um jovem oficial recentemente nomeado, do que um soberano que iria nomear os outros chefes. Chegava a bordo dos navios todas as manhãs às seis horas, apressava os armadores, intervinha nos navios de provisão, exigia o impossivel dos tanques de água, balançava-se pelas cordas de convés em convés até as mais baixas partes do porão, recusando todo auxílio de escadas ou outras comodidades e, na sua alegria, trazia a Imperatriz para bordo, afim de participar do novo prazer, que ela apreciava cordialmente.

O *Diário do Governo*, dando conta de suas atividades concernentes á organização da Armada, publicou em sua edição de 17 de Março :

"Pela Portaria da Secretaria d'Estado dos Negocios da Marinha de 12 do mez passado, publicada neste *Diário*, consta que S. M. I. comprára, e presenteára á Nação com o excellente Brigue *Diligente*. Seria o mais imperdoavel descuido se acaso, logo que chegam ao nosso conhecimento, deixassemos de memorar, como escriptores publicos, este e outros factos que mostram quanto o Nosso Augusto Imperador e Defensor Se esmera em elevar a nossa Marinha ao ponto, que exige a guerra que nos declararam os nossos passados irmãos. Asseveram-nos que poucos dias depois se comprára tambem o Brigue *Nightingale*, prompto de tudo para qualquer serviço ; e a 12 do corrente se comprou mais uma boa Escuna. Se a isto ajuntarmos as Fragatas que o Estado mandou comprar, e aqui estarão provavelmente por todo este mez ; a Corveta das *Alagoas*, cuja construcção se acha muito adiantada ; a Náo *Pedro* I, que com incrivel celeridade se renovou inteiramente, e se acha prompta com sua guarnição a bordo, a Fragata *Niteroy*, que em poucos dias ficará em estado de sahir ; e finalmente a nossa Esquadra que no dia 12 chegou das agoas da Bahia, podemos afiançar que (graças aos disvelos e ener-

gia de um Jovem Principe, e ao zelo de um Ministerio Patriota) a Marinha Brasileira tornou-se, dentro de um anno, mui superior a do inimigo. Se o material da Marinha tanto avulta, não he menos digna de attenção a differença do seo pessoal. Em logar de Officiaes que se fingiam addidos á nossa Causa, ao mesmo tempo que tramavam negros e refalsados projetos, tem S. M. I. ao Serviço do Imperio habeis e illustres Estrangeiros, que querem participar da gloria de coadjuvarem o 1.° Cesar do Novo Mundo, e de sustentarem a Independencia e Liberdade do brioso Povo Brasileiro só tratado com despreso, e insultado por aquelles, que maior interesse tinham em louvar seo caracter, e respeitar seos Direitos. Este objecto conduz-nos a participar aos nossos Leitores a chegada do Lord Cochrane a esta Capital. Se tão bravo e experimentado Guerreiro vem, como suppomos, offerecer a sua espada ao Grande e Immortal Pedro I., será este o momento de se fazer uma acquisição importantissima para a nossa Independencia, e para a mocidade Brasileira, que industriada e modelada pelo bravo Libertador do Perú e do Chile, se porá cedo em estado de abater de uma vez o orgulho dos Lusitanos".

Lord Cochrane chegou ao Rio de Janeiro no dia 13 de Março de 1823, a bordo do Brigue inglês *Colonel Allan*, mestre Bartolomew Haydan, com 60 dias de viagem de Valparaiso, com 6 criados, 11 oficiais ingleses e espanhoes, e uma mulher (Maria Graham), como se verifica das *Notícias Marítimas* do *Diário do Governo* de 15 de Março. A 21, pelas 5 horas da tarde, tomou posse do posto de Primeiro Almirante da Armada Nacional, e içou seu pavilhão na nau *Pedro Primeiro*, o qual foi salvado por toda a Esquadra Brasileira surta no porto, com 21 tiros.

A oficialidade da Esquadra era em grande parte composta de profissionais estrangeiros, experimentados no ofício; a marinhagem continha tambem estrangeiros, mas predominavam nela os elementos português e nacional, libertos e escravos.

Com relação à chegada e posse de Lord Cochrane, o mesmo *Diário*, de 27 de Março, estampou o seguinte artigo de colaboração, que é uma sucinta biografia do Primeiro Almirante:

"Uma salva annunciou hontem de tarde (21 do corrente) aos moradores desta Cidade, que Lord Cochrane havia tomado o commando da Esquadra Brasileira, noticia que alegrou a todos aquelles que desejam a prosperidade deste Paiz ; para satisfação, pois, dos mesmos, espero que V. Mcês insirirão no seo *Diario* a seguinte limitada biografia do mesmo Lord, a qual extrahi do *Armazem Europeo*, folheto que sahe mensalmente em Londres.

"Alexandre, Lord Cochrane, he o filho mais velho do Conde de Dundonald, nasceo em 24 de Dezembro de 1775 : foi educado com o destino de que fosse um dia homem de mar ; passando pelos postos intermedios foi promovido a Capitão-Tenente, e Commandante do Brigue *Speedes*, de 14 peças, no qual cruzando á vista de Barcelona em 1801 tomou uma Corveta Hespanhola de 28, e com dobrada tripulação ; e em todo aquelle anno tomou mais 33 embarcações de differentes lotes com 128 peças, e quinhentos, e trinta marinheiros ; em companhia de outro barco de guerra destruio uma Fragata de 26, tres barcas canhoneiras, e um Comboy, que se abrigava junto a uma bateria na costa, a qual foi tambem destruida, e pouco depois tomou e fez saltar pelos ares a Torre de Alcanenára.

"Declarada a segunda guerra da revolução foi promovido a Capitão de Fragata, e deo-se-lhe para Comandar a *Pallas* de 32 peças, com ella cruzando na costa de França (a pezar da auzencia de 90 homens destacados para tomar uma embarcação de 14 peças, que estava fundeada) atacou tres embarcações de 18, 22, e 24, as quaes forçou a encalhar, e a perderem-se ; seguio-se a isto um desembarque na costa, o qual commandou, aonde destruio varios postos de signaes, fez saltar baterias, e armazens, e afugentou um Corpo de Milicias,

que as defendiam; passados poucos dias escapou-lhe uma Fragata, porque duas Corvetas saîram a protegel-a.

"Voltando depois a Plimouth offereceo-se para Deputado ao Parlamento por Honiton, mas não foi eleito; entrou com tudo no seguinte limitado Parlamento, como representante da mesma Povoação; dissolvido este foi eleito para o seguinte por Westminster.

"Mal tinha tomado assento entre os Deputados quando foi mandado commandar a Fragata *Imperiosa*, de 40 peças, na qual cruzou só, e depois andou ás ordens do Almirante Collingwood no bloqueio de Cadis.

"Tornados os Hespanhoes alliados dos Inglezes pelas perfidias de Napoleão, saltou em terra entre Barcelona, Gerona, e tomou o Castello de Mongal em 31 de Julho de 1808, o qual foi arruinado logo que os Patriotas se apossaram das munições, a artilharia &c.; tambem embaraçou que inimigos tomassem Rosas, e repellio um furioso attaque, que lhe fizeram os que se retiravam do assalto.

"Voltando a Inglaterra foi servir ás ordens do Almirante Gambier na Esquadra, que commandava no Cannal, e em Abril de 1809 conduzio com outro Official, e quatro marinheiros o principal burlothe, que devia queimar a esquadra fundeada na Bahia de Basques; poz com a sua mão fogo á mecha, que devia durar quinze minutos, mas que ardeo em nove por efeito do vento, de sorte que a machina foi pelos ares, e choveram sobre o bote, que conduzia os seis guerreiros, bombas, granadas, e todos os instrumentos destructivos da guerra; perdeo a vida o Official, cançado e afogado pelas ondas, que arrebentavam sobre o bote sucessivamente.

"A esquadra fundeada, querendo evitar o fogo, desamarrou-se, e encalhou a maior parte, que foi tomada, ou queimada a uma milha de distancia do Almirante, que a comandava; parte da Esquadra Ingleza tambem esteve encalhada, mas salvou-se: El-Rei nomeou então Lord Cochrane Cavalleiro do Banho.

"Estes são, Srs. Redactores, os principais traços da vida de S. Ex. até aquella época ; sabe-se que depois commandou a Esquadra Chilena empregada na conquista de Lima, objecto que conseguio.

"Concluindo bem, póde asseverar-se que o Brasil tem hoje uma Esquadra, que ha de afugentar os teimosos Lusitanos, e forçal-os a reconhecer a sua Independencia mais depressa, o que concorrerá sempre para união d'este nascente, e já brilhante Imperio. — *Indagador*".

A Esquadra acabava de executar uma missão importante, que foi conduzir a Baía a tropa que devia operar em terra contra as divisões do general Madeira. Uma portaria do Ministro da Marinha ordenara ao Comandante David Jewett que desembarcasse a tropa, que ia de transporte para a Baía, em Camamú, ou naquele lugar que melhor conviesse, com a maior brevidade possivel, e, efetuado o desembarque, regressasse ao Rio e Janeiro, — *Diário* citado, de 15 de Janeiro. A Esquadra ou Divisão, constituida pela Fragata *União*, Comandante Capitão de Mar e Guerra David Jewett ; Fragata *Real Carolina*, Comandante Capitão de Fragata Manoel Gonçalves Lima ; Corveta *Maria da Glória*, Comandante Capitão-Tenente Teodoro de Beaurepaire ; Corveta *Liberal*, Comandante Capitão-Tenente Antônio Salema Freire Garção ; Navio transporte *Ânimo Grande*, Comandantte Capitão de Fragata Desidério Manuel da Costa ; Brigue-Escuna *Real*, Comandante 2.º Tenente Justino Xavier de Castro ; Escuna de Guerra *Leopoldina*, Comandante 2.º Tenente Camilo Caetano dos Reis, — saiu do Rio de Janeiro em 28 de Janeiro, e transportava o Batalhão do Imperador, — *Diário* citado, de 30 de Janeiro.

O desembarque não foi feito em Camamú, como determinava a portaria, mas no porto de Jaraguá, Alagôas, no dia 28 de Fevereiro. A 12 de Março a Divisão estava de regresso ao Rio, com 15 dias de viagem, — *Diário* citado, de 14.

A 1 de Abril zarpava do porto do Rio de Janeiro o grosso da Esquadra de Cochrane, e daí por diante presta o *Diário* do Capelão Frei Manoel Moreira da Paixão e Dores contas do quanto se passou, tão minuciosas como nenhum outro documento até hoje conhecido.

As notas de pé de página, de responsabilidade do *infra* assinado, visam apenas confirmar ou ampliar as informações do Autor, aliás sempre ciente e muito avisado sobre o que relatava.

A parte náutica foi revista pelo ilustrado Comandante Eugenio de Castro, a quem, por esse gentil favor, aqui ficam consignados os agradecimentos da Direção dos *Anais*.

Biblioteca Nacional, Janeiro, 1940.

RODOLFO GARCIA
Diretor.

OFFERTÓRIO

Senhor.

Cheio do mais profundo respeito e submissão, tenho a honra de pôr nas Augustas Mãos de Vossa Magestade Imperial o *Diario* que fiz durante o tempo da digressão da Náo *Pedro Primeiro*, e mais embarcações de que se compunha a famosa Esquadra Brasileira: cuja obra imperfeita eu não teria a ousadia de offerecer a Vossa Magestade Imperial, se Vossa Magestade não fosse o Mesmo que me quiz honrar em m'a pedir, o que sobremaneira me lisonjeia por me lembrar que Vossa Magestade Imperial benignamente desculpará as faltas que nella encontrar, attendendo que emprehendi tal obra, não para o alto destino que teve, mas sim para entreter as horas vagas e para ter um testemunho com que fizesse ver aos meus amigos os gloriosos feitos das Armas Brasileiras, as quaes, emquanto tiverem a dita de ser dirigida por Vossa Magestade Imperial, sua Victoria será sempre a consequencia dos grandes desejos de Vossa Magestade Imperial.

Deos Guarde a Vossa Magestade Imperial por prosperos e dilatados annos, para Gloria do Grande Imperio do Brasil.

Rio de Janeiro, 10 de Dezembro de 1823.

Senhor,

De Vossa Magestade Imperial, tenho a honra de ser o mais humilde subdito:

FR. MANOEL MOREIRA DA PAIXÃO E DÔRES

DIARIO

Depois de dezesete annos de effectivo Serviço no Ministerio de Capellão a bordo dos navios da Armada Nacional; depois de ultima Expedição de Pernambuco, na fatal época de 1817, para onde parti daqui na Esquadra comandada por Rodrigo Lobo, e de onde tornei a voltar a esta Capital gravemente enfermo de uma molestia do peito; e depois de me haver entregado aos Medicos por espaço de dois annos (tempo em que não soffri as fadigas do mar); achando-me já um pouco restabelecido, tive a honra de ser novamente nomeado pelo Capellão-mór da Armada Imperial para exercer o sobredito Ministerio de Capellão a bordo da Náo *Pedro Primeiro*, aonde para servir neste Imperio a Sua Magestade Imperial o Senhor D. Pedro I, com toda a satisfação e verdadeiro caracter de Independente, assentei praça nesta occasião assás critica, e a mais perigosa, a tres de Março deste presente anno de 1823.

Desde o dia da minha nomeação estive fundeado neste Porto do Rio de Janeiro até o ultimo do dito mez, emquanto a Esquadra, que havia sido destinada para a Bahia de Todos os Santos, se preparava de todo o necessario para seguir seu destino.

— Abril 1 —

Ás quatro horas da manhã deste dia principiou a Náo a dar mãos ao seu trabalho para se fazer de vela, com todos os mais navios de que se compunha a Esquadra, cujos nomes são os seguintes, seu numero, seus commandantes, sua tripulação e boccas de fogo (1);

(1) Das *Noticias Maritimas* do *Diário do Governo*, de 3 de Abril de 1823: "Sahidas. Dia 11 do corrente: Em Commissão, Náo *Pedro I*, Com. o Cap. de Frag. Thomaz Sackville Crosbie, leva a seu bordo o Exmo. Almirante da Esquadra Lord Cockrane; passageiro o Coronel Antonio (aliás Antero) José Ferreira de Brito, com um escravo. Dito F. *Piranga*, Com. o Cap. de Mar e guerra David Jewett. Dito, C. de guerra *Maria da Gloria*, Com. o Cap. Ten. Theodoro de Beaurepaire. Dito, dito *Liberal*, Com. o Cap. Ten. Francisco Salema Freire Garção. Dito, B. E. de Guerra, Com. o 1.° Ten. Justiniano Xavier de Castro".

1.º Navio — a Não *Pedro Primeiro*, commandante o Capitão de Fragata Thomas Sackville Crosbie; praças 600 e tantas; peças de calibre 32, 24 e 18. Total 74.

2.º Navio — A Fragata *Piranga*, commandante o Capitão de Mar e Guerra David Jewett; praças 360 e tantas; peças 50.

3.º Navio — a Fragata *Real Carolina*, commandante o Capitão de Fragata Manoel Gonçalves Lima; praças 300 e tantas; peças 28.

4.º Navio — a Fragata *Niteroy*, comandante o Capitão de Fragata John Taylor; praças 300 e tantas; peças 28.

5.º Navio — a Corveta *Maria da Gloria*, comandante o Capitão-Tenente Theodoro de Beaurepaire; praças 200 e tantas; peças 28.

6.º Navio — a Corveta *Liberal*, commandante o Capitão-Tenente Antonio Salema Garção; praças 200 e tantas; peças 24.

7.º Navio — o Brigue *Guarany*, commandante Antonio Joaquim do Couto; praças 150; peças 16.

8.º Navio — o Brigue Escuna, commandante Justino Xavier; praças 150; peças 14.

9.º Navio — a Escuna *Leopoldina*, commandante o Segundo Tenente Francisco de Sá Lobão; praças 150; peças 16.

Totalidade dos Navios — 9; praças 2.000 e tantas; peças 278, salvo erro.

Neste mesmo dia, ás 5 ½ h. da manhã, veio para bordo da Não o Exmo. Almirante Lord Cochrane, Commandante em Chefe da Esquadra; e logo depois de 6 h. chegaram tambem Suas Magestades Imperiaes, a quem tive a honra de beijar as Augustas Mãos, e se demoraram até ás 7 ½ h., em que nos fizemos á vela, continuando a honrar-nos com a sua companhia até mui perto da Ilha Redonda. Nesta altura, pondo-se a Não á capa, embarcaram Suas Magestades Imperiaes na sua Galeota, com seus criados, e se lhes deram os vivas do costume, com uma salva de vinte e um tiros, bem como a Fortaleza de Santa Cruz lhes havia feito ao passarmos pela sua frente. Suas Magestades Imperiaes se Dignaram de receber com muita satisfação, e em pé na Galeota, com os remos arvorados, o nosso cortejo, e assim se conservou a Galeota

até que toda a Esquadra acabasse de passar. Contavam-se já 10 h. da manhã quando tudo isto se deu por finalizado; e então mesmo, mareando a Náo o pano que tinha capa, prosequisse o rumo do seu destino, voltando Suas Magestades Imperiaes a demandar á barra para se recolherem á Cidade.

— Abril 2 —

2.º dia de viagem. 4.ª feira. — Tendo navegado toda a noite, ainda ao amanhecer nos achamos á vista de terra; e virando a navegar para ella com tempo de bonança, chegámos ás 3 h. da tarde muito perto das Ilhas Maricá; seguindo pela mesma costa fomos fundear perto da noite quasi defronte da Barra, para ali esperarmos pelo Brigue *Guarany*, que tinha ficado ao pé de Santa Cruz para receber a dois Officiaes inglezes, que haviam ficado em terra, a exigirem do Ministerio o mandar-lhes passar suas patentes, para poderem justificar por ellas que tinham sido chamados para o serviço do Imperio do Brasil, e não fossem tidos por forasteiros, ou por piratas em qualquer parte em que se achassem para o futuro.

— Abril 3 —

3.º dia de viagem. 5.ª feira. — Tornando-nos a fazer á velas pelas 9 h. da manhã, não obstante não ter ainda apparecido o Brigue *Guarany* com os Officiaes; e junto ás 6 da tarde, vendo o Chefe a demora deste Brigue, mandou um Oficial num escaler com um officio para o Brigue, afim de manda-lo reunir á Esquadra; visto não terem apparecido até aquelle tempo os Officiaes por que esperava; mas como o Official da dita commissão se encontrasse com o Brigue junto á Santa Cruz, entregou o officio do Chefe ao Commandante, e voltando logo para bordo da Náo trouxe a noticia de estarem já a bordo do Brigue os mencionados Officiaes, e que só esperavam vento para se reunirem á Esquadra, o que com effeito conseguiram ás 11 ½ h. da noite (2). Reunidos, pois, a esta hora os Na-

---

(2) *Ibidem*, 5 de Abril de 1823:
"Sahidas. Dia 3 do corrente: Em Comissão, B. de Guerra *Guarany*, Com. Ten. Antônio Joaquim do Couto".

vios que haviam sahido do Rio (á excepção da *Real Carolina, Niteroy* e Escuna *Leopoldina,* que á nossa sahida ficaram fundeadas com ordem de se virem reunir em certa altura), continuamos a nossa navegação para Léste, por não termos vento que nos désse rumo para o nosso destino da Bahia.

De amanhã por diante irei descrevendo neste resumido Diario, do modo que me fôr possivel, os gráos de Latítude e Longitude em que nos acharmos em cada um dos dias da nossa viagem.

Hoje principiou o Exmo. Almirante a repartir com os seus Officiaes a generosidade de seu docil e magnanimo coração, convidando-os diariamente por suas graduações, a dois e dois para jantarem com elle, em cuja recepção e companhia disse elle mesmo ter o maior prazer e satisfação. Eu e o segundo Commandante desta Náo, Antonio José de Carvalho, fomos hoje os primeiros chamados a receber esta honra, que acceitamos de muito bom grado; e fomos tambem as primeiras testemunhas que o vimos cheio de todo o prazer e contentamento, administrando-nos por sua propria mão as iguarias de sua lauta e delicada mesa.

— Abril 4 —

4.º dia de viagem, 6.ª feira. — Continuamos no mesmo rumo de Léste, com calma e com todos os Navios da Esquadra á vista, sem perigo algum individual, nem termos encontrado outro Navio que não fosse da Esquadra. Hoje acharam os Officiaes que, pela observação do Sol ao meio-dia, estavamos na Latitude de 23°-19'S., e na Longitude de 42°-39',O., que vem a ser pela estimativa termos ficado 10' para o Sul e 11' para Léste. Depois que se ajuntaram todos os Officiaes ingleses a bordo, por não haver duas mesas separadas, consultaram com os Officiaes brasileiros que seria melhor fazerem todos um só rancho e uma só mesa, de cuja união resultariam para uns e outros as melhores vantagens, tanto para a bôa sociedade e companhia de todos, como para a economia, grandeza e asseio de mesa, e até mesmo para o bom exito e desempenho do serviço. Isto pareceu bem a todos, e todos desde logo unimos nossas vontades á uma só vontade, que entregamos nas mãos de um Official inglez, o

qual sem hesitar aceitou a direcção do rancho e presidencia da mesa, de onde fazia administrar por habeis criados as diferentes iguarias, que com toda a decencia e gosto inglez repartia pelos assistentes com carinho e delicadeza.

Segue-se a relação dos Officiaes ingleses e brasileiros, que fazem a mais bella união e companhia de mesa, cujos nomes são os seguintes :

Officiaes inglezes — Capitão de Bandeiras John Pascoe Grenfell ; 1.° Tenente Stephen Charles Clewley ; 1.° Tenente James Shepherd ; Cirurgião da Armada Thomas Boss ; Capitão de Brigada Nathaniel Hoolette (irlandez) ; Official particular John Bloem (allemão) ; Guarda-marinha William Parker ; Guarda-marinha Pedro Broutonelle (francez) ; Voluntario Victor Sabrá (francez).

Officiaes brasileiros — 2.° commandante Capitão-Tenente Antonio José de Carvalho (3); Capellão Frei Manoel Moreira da Paixão e Dores ; Capitão de Artilharia José da Costa Carvalho e Mattos ; 2.° Tenente Joaquim Pereira Leal; 2.° Tenente Joaquim Leão da Silva Machado ; Voluntario Joaquim Antonio Coutinho ; Commissario Francisco Adrião Pereira ; Escrivão Manoel Fernandes Pinto ; Passageiro, o Coronel Antero José Ferreira de Brito. (4)

— Abril 5 —

5.° dia de viagem. Sabbado. — Não houve novidade alguma que possa notar-se, mais do que termos observado a bondade da Náo, pelo andar sempre avante dos mais Navios. Todos a tem acompanhado, em mais ou menos distancia nas suas aguas, á excepção da *Liberal* e o Brique *Guarany*, que no seu primeiro atrasamento andam quasi sempre a perder de vista, obrigando a Náo e mais Navios a pôremse á capa horas e horas, á espera delles.

---

(3) O Capitão Tenente Antônio Pedro de Carvalho é autor de *Breve descripção dos factos da Marinha Brasileira durante a luta da Independencia da Bahia,* mandaí), desembarcou na Baía, e comandando o Corpo de Exploradores, que fazia ps. 139/156, Bahia, 1836.

(4) O Coronel Antero José Ferreira de Brito (depois General Barão de Tramandahi), desembarcou na Baía, e comandando o Corpo de Exploradores, que fazia a vanguarda dos Independentes, entrou na Cidade no dia 2 de Julho de 1823. — Varnhagen, *Historia da Independencia*, ps. 382, Rio de Janeiro, 1917. — Voltou ao Rio em 15 de Dezembro, a bordo da Fragata *Niteroy*, Comandante Capitão de Mar e Guerra John Taylor, *Noticias Maritimas* do *Diário do Governo*, de 19 de Dezembro.

Hoje, ao meio-dia, pela observação do Sol, ficamos na Latitude de 24°-07'S., e na Longitude de 41°-22',O.

— Abril 6 —

6.° dia de viagem. Domingo. — Não houve novidade alguma. Na observação do Sol ficamos na Latitude de 24°-33' e na Longitude de 40°-31', que vem a ser 26' para o Sul e para Léste 51'.

Veio hoje o Exmo. Almirante e Commandante da Nau fazer-nos a honra de jantar comnosco, em cuja occasião houve repetidos vivas e saúdes a Suas Magestades Imperiaes e á Independência do Brasil.

— Abril 7 —

7.° dia de viagem. 2.ª feira. — Não se offereceu hoje novidade em nossa derrota, e ao meio-dia ficamos ao Sul na Latitude de 25°-21' e na Longitude de 39°-47',O.

— Abril 8 —

8.° dia de viagem. 3.ª feira. — Novidade nenhuma. Ficamos na Latitude de 26°-13' e na Longitude de 38°-13'. Viemos por consequencia a ficar para o Sul 25° e para Léste 1°-34',O.

— Abril 9 —

9.° dia de viagem. 4.ª feira. — Nada de novidade. Ficamos na Latitude para o Sul de 26°-11' e na Longitude para Léste de 36°-10'.

— Abril 10 —

10.° dia de viagem. 5.ª feira. — Continuamos sem novidade alguma mais do que vermos a Não algum tanto desimpedida no que pertence aos commandos da Officialidade, pois até agora por causa da brevidade com que nos fizemos

á vella, temos dormido como sardinhas em canastra, sobre as almofadas da praça d'armas, por ser impraticavel o podermos entrar nos camarotes do nosso alojamento, unico incommodo este que até ao presente temos encarado sem o menos desprazer.

Cahiram hoje tres marinheiros inglezes da gávea da gata sobre a tolda; e somente um delles, por não saber cahir *tão bem como os seus dois camaradas*, depois de ter o *incommodo* de os carregar âs costas em uma tão curta viagem, achou-se finalmente com uma perna quebrada por premio de seus trabalhos na velocidade de sua carreira. Ficamos hoje na Latitude para o Sul em 26°-17' e na Longitude para Leste em 37°-03'.

— Abril 11 —

11.° dia de viagem. 6.ª feira. — Nenhuma novidade. Ficamos na Latitude para o Sul em 25°-39', e na Longitude de 36°-06'.

— Abril 12 —

12.° dia de viagem. Sabbado. — Hoje tem feito a Náo alguns signaes á Esquadra para se reunirem alguns Navios, que andaram mais dispersos; e pouco depois das 9 h. da manhã fez tambem signal á *Maria da Gloria* para mandar escaler a bordo, o que brevemente se effectuou, trazendo um Guarda Marinha, que voltando logo levou officio ao Commandante daquelle Navio: ignoro qual fosse o seu objecto. Tivemos na Latitude para o Sul 25°-21', e de Longitude 36°-21'.

Veio neste dia o Commandante da *Maria da Gloria* a bordo da Náo, onde jantou com o Lord, a cujo jantar assisti com o Capitão de Bandeira; até alta noite teve o referido Commandante grande conferencia com o Lord. Neste mesmo dia, depois do exercicio de Artilharia, se fizeram varios preparativos para evitar alguns perigos no tempo do combate, fazendo subir para as gaveas seis correntes de ferro para prender as vergas, afim de não cahirem em semelhantes occasiões.

— Abril 13 —

13.° dia de viagem. Domingo. — Novidade nenhuma se offereceu. Ficamos na Latitude de 25°-23', e na Longitude para E. 35°-20'.

— Abril 14 —

14.° dia de viagem. 2.ª feira. — Veio jantar comnosco o Lord Commandante, e Secretario, aonde se mostrou cheio de satisfação, saudando a todos durante a mesa, e no começo do toste convidou a todos os Officiaes a saudar SS. MM. II., dando-se ao mesmo tempo repetido vivas á Victoria que nos esperava. Ficamos na Latitude de 24°-24', e na Longitude 35°-20'.

— Abril 15 —

15.° dia de viagem. 3.ª feira. — Não houve observação.

— Abril 16 —

16.° dia de viagem. 4.ª feira. — Fizeram-se alguns signaes para se reunirem os Navios costumados a navegar mui distantes da Não; tanto hontem como hoje, conseguiu a Não navegar com todos á vista, tendo até aqui perdido muita viagem por não poder, á sua espera, largar suficiente panno para seu andamento, que, com effeito, é o maior que tenho visto, e que os mesmos Officiaes confessaram ser raro em Navio de tão grande pé; pois não sendo o vento muito forte só com gaveas e papafigos vai deitando 9 a 13 milhas. Hoje appareceu uma Galera, que a um tiro de peça veio a falar da Não; foi a seu bordo um official para examinar os seus papeis e investigar se era Americana, como dizia, carregada de farinha para o Chile; achando-se ser verdade o que dizia, só se demorou emquanto o Lord escreveu uma carta para aquelle Paiz. Pela observação nos achamos ficar na Latitude 22°-35' S. e na Longitude 35°-28' O.

— Abril 17 —

17.° dia de viagem. 5.ª feira. — Não houve observação.

— Abril 18 —

18.° dia de viagem. 6.ª feira. — Desde o dia 8 da nossa sahida até o presente tem continuado o costumado exercicio de Artilharia, com toda a actividade e escrupulo, como quem se prepara para ataques de uma peleja que brevemente deverá ter o seu principio, não obstante a isso nem as maximas nem as vantajosas forças do inimigo, uma vez que não sejam attendidas as ordens e proposições do Almirante, que com toda a seriedade e avidez pretende decidir pela brandura e convenções ou finalmente pela força, uma guerra na Bahia, que necessariamente e por muito tempo deverá ser prejudicialissima, tanto para os irmãos Europeus, como Brasileiros. Eis aqui o verdadeiro caracter de um homem de bem, e de um bem experimentado Cabo de Guerra. Estes nobres sentimentos de alma, que o Lord me faz a honra de communicar, no momento em que acabava de me convidar para jantar com elle, são para mim tanto mais dignos de louvor, quanto para outra pessôa improprios do mais pequeno vituperio. Pela observação do Sol nos achamos na Latitude de 19°-51' S. e na Longitude de 35°-28' O.

— Abril 19 —

19.° dia de viagem. Sabbado. — Não houve causa de novidade na Esquadra; somente se fizeram signaes para os Navios della se reunirem o que não foi possivel por virem muito atrazados, obrigando a Náo a diminuir de pano, por isso mesmo que se presume estarmos já algum tanto perto de terra (?).

— NB. — A observação do Sol assenta-la-ei d'ora em diante de dois em dois dias.

— Abril 20 —

20.° dia de viagem. Domingo. — Veio hoje jantar com os Officiaes o nosso Almirante com o seu Secretario, a cujo toste houve os brindes do costume a SS. MM. II.

Castigaram-se dois marinheiros Inglezes por terem furtado vinte e tantos mil réis a um marinheiro Portuguez; e por ser esse o primeiro crime de semelhante natureza feito a bordo desta Náo, depois de lhes ser lido pelo Commandante o Artigo do Regimento Inglez que os pune com pena de morte, lhes foi commutada em cincoenta açoites nas costas nuas, com disciplinas de linha de barquinha com miudas farpas de arame retorcido nas pontas, a cujos golpes ficavam impressos riscos e sanguineos vergões, que deixando ver o muito que padeciam os criminosos, faziam ao mesmo tempo a todos os circunstantes o maior horror e espanto.

Neste mesmo dia fallou a Corvêta *Maria da Gloria* a um Navio que disse ter sahido do Rio de Janeiro a 18 do corrente com passageiros para Cadiz; e que a Fragata *Niteroy* havia sahido daquelle Porto no dia 8 para se unir á Esquadra, que com impaciencia a espera.

Foi preso pelo Capitão-Tenente Antonio José de Carvalho o 2.° Tenente Joaquim Leão da Silva Machado, por desattenção em actos politicos ao Official Inglez John Pascoe Grenfell, o qual chamando-o ao camarote o reprehendeu, e mesmo por que já havia antecedencias de seu máo serviço, como tambem pela má camaradagem para com alguns officiaes estrangeiros, fazendo delles queixas ao Commandante; por esse pessimo comportamento chegou a chamar para si o aborrecimento, a meu ver, de quasi todos os Officiaes. Ficamos na Latitude 18°-48' S, e na Longitude 34°-49' O.

— Abril 21 —

21.° dia de viagem. 2.ª feira. — Nenhuma novidade.

— Abril 22 —

2.° dia de viagem. 3.ª feira. — Não tivemos novidade alguma na continuação da nossa viagem; somente não vi-

mos em nossa companha a *Liberal*, Brigue-Escuna e *Guarany*. O Almirante já não quer esperar, e só cuida em dar pano á Náo, aproveitando todo o vento para brevemente cruzar na barra da Bahia, e ali esperar pela reunião de todos os Navios, para distribuir por elles as suas ordens. Pela observação do Sol ficamos na Latitude 15°-35' S., e Longitude 36°-16' O.

— Abril 23 —

23.° dia de viagem. 4.ª feira. — Nenhuma novidade.

— Abril 24 —

24.° dia de viagem. 5.ª feira. — Fizeram-se alguns preparativos necessarios para o combate, como foi segurarem-se melhor as vergas com novas correntes, carrgar-se a Artilharia, e distribuirem-se finalmente por toda a Officialidade Espadas, Pistolas, e Cartuchos. Hoje não se pode observar o Sol pelos continuados aguaceiros; não obstante, era constante na Officialidade que já estavamos mui perto de terra e mui chegado á Barra da Bahia. De tarde, melhorando o tempo, vimos claramente a costa da Bahia junto á Barra. Seriam 5 h. da tarde, quando viramos no bordo do mar, até ás 2 h. da madrugada; e então, tornando a virar no bordo da terra, todos a vimos distinctamente ás 5 h. da manhã do dia 25.

— Abril 25 —

25.° dia de viagem. 6.ª feira. — Seriam 5 h. da madrugada, quando chegou á falla da Náo a Fragata *Piranga*, que ha dias se havia desunido da Esquadra, e tendo conhecido a Náo pelo signal do Pharol que de noite trazia no páo de Mezena, fallou, e disse que á meia noite vira dois navios que lhe pareceram ser uma Náo e uma Fragata; conservando-se, depois de fallar, pela alheta da Náo até ao amanhecer. Todos supuzemos ser a Não *D. João VI*, e alguma Fragata lusitana. O Lord, subindo á tolda, mandou chamar toda a Officialidade, pondo-se em observação; mas, como não apparecesse Navio algum a dar caça á dita Fragata, todos nos

persuadimos serem aquelles dois Navios pertencentes á nossa Esquadra, posto que não tão grandes como se figuraram á *Piranga*, em uma noite sobremaneira clara. Fomos continuando nosso caminho para terra (como tenho dito), e ás 5 h. da manhã, estando eu conversando com o Almirante, me disse desta maneira : — "Mi amigo, teremos llegado á la Bahia, mire usted por mi óculo los lençóles, y consequentemente toda la cuesta que está prolongada al Norte".

Ás 6 h. vio-se um Navio pela nossa prôa, e conhecendo-se que não era da Esquadra, mandou o Lord fazer signal á *Maria da Gloria* para lhe dar caça ; e içando a Náo Bandeira Portugueza deu um tiro de peça com bala para o dito Navio se pôr á capa, o que logo immediatamente fez, arriando a Bandeira Americana pela qual mostrava ser daquella Nação. Esse Navio vinha do Norte, com negocio para a Bahia ; o Lord, não querendo apresa-lo, fê-lo retroceder do seu caminho, para não dar noticia de ter encontrado nesta altura a nossa Esquadra. Continuamos a navegar ao longo da Costa Norte, para virarmos no mar logo que anoitece. Seriam 10 para 11 h., quando vimos pela prôa dois Navios, para os quaes logo a Náo metteu em cheio, e em pouco tempo se conheceu ser uma Fragata, e um Brigue. Fizeram-se-lhes signaes, e depois de nos reconhecerem, fizeram força de vella para nós pela certeza que tiveram de que a Esquadra de que fugiam não era inimiga. Não tardou muito que não conhecessemos ser a Fragata *Niteroy*, que havia ficado no Rio de Janeiro (5) e o Brigue *Guarany*, que se tinha separado da Esquadra, o qual já mui perto da Náo, desarvorou o mastaréo da gávea grande, sem que perigasse uma só pessôa como nos informou o Official que veio a nosso bordo. Tendo-se approximado á Náo a Fragata *Niteroy* vieram a bordo o Comandante John Taylor e o Capitão de Mar e Guerra Tristão Pio dos Santos, (6) os quaes nos deram noticia de

---

(5) *Ibidem*, 2 de Maio de 1823 :

"Entradas. Dia 30 de Abril : Falmouth pela Madeira e Tenerife, 49 dias, P. ingl. *Sandwich*, Com. Peter Francis : Diz o Commandante que encontrou no dia 22 de Abril a Fragata *Niteroy* um grão ao Sul da Bahia, e que no dia 24 avistou a Esquadra na altura dos Abrolhos, que falou a uma Corveta, que lhe perguntou donde vinha, e disse que tinha sahido deste Porto".

(6) *Ibidem*, 15 de Abril de 1823 :

"Sahidas. Dia 12 do corrente : Em Comissão, F. *Niteroy*, Com. o Cap. de Frag. John Taylor, passageiro o Intendente da Marinha na Bahia Tristão Pio dos Santos.

algumas indisposições em Portugal contra a Constituição (7), por se ter declarado a favor do Nosso Imperador uma grande parte do Povo : cuja noticia redobrou o enthusiasmo de todos nós, que tanto desejamos o feliz exito de uma Guerra, que tendo de durar annos, felizmente deverá acabar cedo, em virtude dos Magnanimos Esforços, e pela belicosa Esquadra, que o Regenerador do Brasil, num pequeno espaço de tempo, fez marchar para as margens da Bahia ; cujos resultados felizes brevemente veremos ser o fructo dos Seus e nossos trabalhos, combinadas as nossas forças com aquellas, que ha tempos fez prestar nos suburbios da Bahia para sua defesa. Pelo Commandante da *Niteroy* soubemos que ella vem muito sobrecarregada, com perto de tresentas Bombas, alguns Morteiros e muitos Foguetes, que tudo deverá servir (sendo preciso) na occasião de combate. Tambem nos assegurava que brevemente chegarão os Brulotes, que á sua sahida do Rio estavam quasi promptos.

Tristão Pio dos Santos tornou á Bahia para Commandar as Barcas Canhoneiras, que defenderão a Ilha de Itaparica. Esquecia-me de dizer que o Brigue Escuna, tendo fallado a uma Sumaca ao romper do dia, perguntando-lhes de onde vinha e para onde ia, lhe respondeu mui afoita, depois de ver firmar a Bandeira Portugueza com um tiro de espingarda, que vinha de Benavente, e ia para a Bahia ; e perguntando-lhe a qualidade de carga que levava, respondeu : levo Gallinhas, Milho Feijão, e Farinha ; ao mesmo tempo arriou o Brigue a Bandeira Portugueza, e içou a Imperial, firmando-a com um tiro de bala, dando-lhe immediatamente voz de estar prisioneira, e como não ficasse com o procedimento do Brigue, quiz affectar o ter-se enganado, dizendo que ia a Bahia, porém affirmava de certo ser a sua viagem para o Rio de Janeiro, não se lembrando que o Brigue a tinha encontrado a navegar do Sul para o Norte. Veio a Sumaca acompanhando o Brigue até á Esquadra, e mandando o Lord vir á sua mão os papeis e conhecimentos daquella embarcação vio que a presa era boa, por isso que levava os seus effeitos para a Bahia.

---

(7) Refere-se à contra-revolução instaurada pelo General Manoel da Silveira Pinto da Fonseca, Conde de Amarante, depois Marquês de Chaves, que em Vila Real, a 23 de Fevereiro de 1823, publicou uma proclamação, pela qual convidava os Portugueses às armas para "libertar o paiz do jugo das Côrtes e do flagelo das revoluções, restituindo ao Rei a liberdade, e ao povo a felicidade de que se achava privado".

— Abril 26 —

26.º dia de viagem. Sabbado. — Temos continuado a navegar pela costa da Bahia do Sul para Norte, e vice-versa, cruzando desta maneira na Barra, na distancia de 12 e mais legoas.

— Abril 27 —

27.º dia de viagem. Domingo. — Continuamos no cruzeiro sem outra novidade.

— Abril 28 —

28.º dia de viagem. 2.ª feira. — Têm continuado os exercicios, e nestes dois dias tem-se feito de fogo, por ordem do Lord, trabalhando toda a Esquadra por signaes, e que vimos mui dextramente executar, por se acharem todos os Navios reunidos. Por se achar o Lord constipado, não veio hoje jantar comnosco, vindo aliás em seu lugar o Secretario e Commandante.

— Abril 29 —

29.º dia de viagem. 3.ª feira. — Estando a Náo á capa, e deitando seus maiores Escaleres ao mar, fez transportar da *Niteroy* todos os petrechos de guerra destinados á Náo; o que me faz crêr em que estamos proximos a colher os louros destinados á Gloria do Defensor Perpetuo do Brasil. Os petrechos conduzidos foram Bombas, Foguetes e Frascos incendiarios, Morteiros, e toda a Artilharia do Brigue Escuna, e mais trem de que se deve despojar para servir de Brulote, por não terem chegado os que anciosamente se esperam do Rio de Janeiro.

— Abril 30 —

30.º dia de viagem. 4.ª feira. — Começaram-se a preparar os materiaes incendiarios para o Brigue Escuna, destinado a Brulote; ao mesmo tempo se preparavam tambem

combustiveis para a sumaca aprisionada, destinada igualmente a Brulote, mettendo-se-lhe logo doze barris de Polvora a bordo para faze-la rebentar junto á Esquadra inimiga, no caso de não surtir o desejado effeito o primeiro Brulote.

— Maio 1 —

31.° dia de viagem. 5.ª feira. — Continuaram-se o cruzeiro e os preparativos bellicos.

— Maio 2 —

32.° dia de viagem. 6.ª feira. — Idem.

— Maio 3 —

33.° dia de viagem. Sabbado. — Concluiram-se os preparativos bellicos, de que já fallei; experimentando-se ao mesmo tempo o effeito de um Morteiro que veio para bordo, tendo ficado a bordo da *Niteroy*, indo outro para bordo da *Piranga*: para aquella experiencia fez-se um grosso colchão de amarra velha para nelle junto ao portaló assentar-se o leito do Morteiro, experimentando-se por tres vezes até onde podiam chegar as bombas; mas como o leito estivesse inteiramente carcomido pelo tempo, abriu a ponto de se não poder usar de semelhante arma tão decisiva em ataque. Fizemos hoje pelas 10 h. da manhã força de vella para terra, a qual foi vista de tarde, e junto á noite tornamos a navegar para o mar; voltando á meia noite no bordo de terra e a tornamos a avistar no Domingo de manhã.

— Maio 4 —

34.° dia de viagem. Domingo. — Ás 6 h. da manhã deste dia deram parte os Gageiros que a nosso Sotavento viam tres Navios grandes. Nesta occasião mandou o Lord tocar a postos, ficando elle em observação; não tardou muito tempo que se não fossem descobrindo mais alguns navios

inimigos, vendo-se ás 8 h. distintamente 13 Navios, á excepção de dois brigues, que todos navegavam em linha do Sul para o Norte, em demanda da barra da Bahia. A nossa Esquadra navegava na mesma direcção, a Barlavento, e a retaguarda do inimigo, para a qual a Não fez toda a força de vella com todos os Navios da Esquadra, aos quaes pouco antes teria feito signaes de intelligencia para se postarem em linha, fazerem os movimentos da Não, e approximarem-se della o mais possivel, para em boa ordem entrarem em ação, logo que a Não rompesse fogo.

Não posso deixar de notar o intrepido enthusiasmo em que a tripulação estava, por ver a heroicidade do Lord se querer bater com as superiores forças inimigas. O Lord e mais officiaes não estariam mais satisfeitos, se fossem entrar num apparatoso baile do que estavam por ir entrar em acção, cuja presença de espirito parecia affiançar a mais vantajosa victoria. Os repetidos vivas que todos davam á futura victoria, sobremaneira convenceu ao Almirante da valorosa disposição em que todos se achavam para o combate.

Continuamos a navegar para o inimigo até ás 11 h. e meia na mesma direcção, porém nós com mais vantagem por termos conservado a Barlavento a nossa marcha e vencido a grande distancia de caminho em que estavamos, quando vimos o inimigo.

Achava-me sob a tolda, com o Lord, que ambicioso desejava que se approximasse o momento de dar começo ao ataque, quando já á distancia de meia legoa do inimigo me disse desta maneira: — "Sr. Cura, metad de la Escuadra inimiga és nuestra, por que me voi cortar su linea". Gradualmente foi conduzindo a Não no meio da linha, a qual continha um Brigue e cinco Fragatas, e logo adiante desta se seguia a Não *D. João VI* com o resto da Esquadra, que seguia na sua prôa. Nesta occasião me perguntou o Lord onde era o meu posto, ao que lhe respondi ser no lugar mais arriscado da Não, pois que eu em combate era soldado.

Continuaram as duas Esquadras na posição descripta, e ás 11 h. da manhã se atacou uma e outra Esquadra ([8]),

---

(8) *Ibidem*, 30 de Maio de 1823:

"Entradas. Dia 27 do corrente: Por Pernambuco, G. ingl. *George*, M. Wm. Wright. Refere o Mestre que no dia 17 do corrente um Brigue de 18 peças o fez ir á falla da Não *D. João VI*, da qual foi revistado estando 4 leguas Noroeste, que o

A Fragata que nos fez fogo a tiro de Espingarda, diz-se ser a Fragata *Princeza Real*: suppõe-se ter soffrido não pouco prejuizo não só no casco e massame, como na tripulação; pois houve pessoas na Náo que lhe viram gente deitada sobre o Convéz, vendo-se visivelmente cahir uma pessoa, que com um lenço acenava para a Náo, a qual foi morta por um tiro de bacamarte que lhe deu um nosso marinheiro.

A nossa Náo soffreu os seguintes estragos: os cabrestos do Gurupés, a arrotadura, alguns Brandaes nas enxarcias de proa e enxarcias grandes, quatro rombos no costado e dois rombos que junto das latas passaram de Bombordo a Estibordo.

— Maio 5 —

35.° dia de viagem. 2.ª feira. — Continuamos a navegar para o Sul, sem outra novidade.

— Maio 6 —

36.° dia de viagem. 3.ª feira. — Viramos para o Norte, andando neste bordo sem mais novidade.

— Maio 7 —

37.° dia de viagem. 4.ª feira. — Continuando no bordo do Norte, avistando terra pelas 9 h. da manhã, fomos nos approximando della, dando ao mesmo tempo caça a duas Escunas, que junto á costa navegavam para o Sul, desviando-se de nós com Bandeira Americana; fallou a *Niteroy* a uma e o *Guarany* a outra, e sabendo que se empregavam em conduzir viveres para o Exercito de Reconcavo, se deixaram ir em paz. Pela prôa da Náo avistamos um barco de pescaria entretido no seu trabalho, e arriando um escaler ao mar não só foi saber se alli achariamos algum peixe (o que achamos bom), mas para tambem virem a bordo os pescadores, para o Lord saber se elles eram praticos da Costa, e se na Angra do Morro de São Paulo haveria bom ancoradouro aos Navios da Esquadra. Disseram os pescadores serem Praticos, e que o Surgidouro da Angra tinha sete bra-

ças d'agua, tendo capacidade para muito maior numero de Navios. Com esta insinuação nos approximamos á terra para darmos fundo, mas como o vento era pouco, fundeamos ás 7 h. fóra da Angra mencionada, a qual fica na Latitude de 13°-19', S.

— Maio 8 —

38.° dia de viagem. 5.ª feira. — Pelas 8 h. da manhã levantamos ferro e fomos fundear dentro da Angra ás 7 h., onde não consta terem alli entrado Navios de guerra, sendo os nossos os primeiros que alli fundearam. E' sem duvida este Porto um dos que tendo até agora estado em abandono, devendo d'ora em diante merecer os cuidados do Governo, não só para fortificar, como merece, como para o fazer frequentar, cujo commercio virá a ser de grande vantagem para o Reconcavo da Bahia.

Depois de darmos fundo, vieram a nosso bordo o Commandante e Officiaes das Fortalezas deste Porto, comprimentar ao Lord, os quaes depois mostraram o contentamento que tinham de ver a Esquadra que defendia a causa do Brasil, patentearam o desassocego que tiveram, quando virão ir a Esquadra approximando-se á terra, obrigando-se a pôremse em acção de defender o Porto emquanto pudessem. Ao mesmo tempo veio o Capitão Gama, Commandante dos Brulotes, que já haviam entrado naquelle Porto, por lhes terem dado caça duas embarcações desconhecidas, cujo reforço nos serviu de muita satisfação.

— Maio 9 —

39.° dia de viagem. 6.ª feira. — Estivemos neste dia fundeados sem mais novidade.

— Maio 10 —

40.° dia de viagem. Sabbado. — Fui convidado e o 2.° Commandante para jantar com o Almirante, que depois me perguntou se queria acompanha-lo para ir ver a terra e suas Fortalezas; acceitei o convite e fui, indo igualmente o Com-

mandante, o Secretario e alguns Officiaes, e em menos de duas horas visitamos a pequena Povoação e Fortalezas, que tudo apresentava a maior miseria e pobreza possiveis. A situação tem optima vista, por se achar collocada no alto do Morro denominado de S. Paulo. Seus moradores se occupam na pescaria; mas são tão preguiçosos que raras vezes vão trabalhar. As mulheres são em menor numero que os homens; o seu traje é ordinariamente simples e de algodão grosso; são despidas de todo agrado e mui bisonhas, fugindo e escondendo-se em suas casas ao avistarem qualquer pessoa desconhecida. Tudo isso nos admirou sobremaneira e muito mais ainda, quando lhes perguntavamos se queriam lavar nossas roupas, que lhes pagariamos mui bem; mas nem por isso se deliberaram a dar uma só palavra! A tanto chega o desmazello!! E tanto pode uma rustica habitação entre as brenhas!

As guarnições das Fortalezas (que não passam de tres pequenos redutos) são sessenta homens, entre brancos, preoccasião fallasse da chegada dos Brulotes a este Porto, totos e pardos, cujas praças trazem por farda uma mui grossa e rota camisa de algodão, com calças e ceroulas das do mesmo pano, chapeos de palha, e não usam de sapatos por não haver na terra quem os faça. Pelo mesmo Commandante das Fortalezas soubemos que os paióis das ditas Fortalezas se achavam desprovidos de todos os petrechos de guerra, pedindo ao Almirante as fornecesse de alguns, ao que annuiu o Almirante, dando-lhe as munições que poude dispensar da Náo.

— Maio 11

41.º dia de viagem. Domingo. — Tornei a ir com o Lord á terra, onde foi examinar a boa agua que diziam ser o maior regalo que os pobres habitantes daquelle lugar tinham, sendo sem duvida o objecto que a natureza mais prodigalizou com elles. Fomos pelo Commandante das Fortalezas conduzidos á nascente daquella bellissima agua, que tendo em si grande quantidade de particular ferrideo, não deixa de ser a mais saborosa que tenho encontrado. Pela sua boa qualidade e riquissima nascente projectou Sua Excellencia faze-la correr até a praia para as embarcações commodamen-

te fazerem aguada, cuja tentativa dependia de romper-se dois pedaços de Morro, o que era facil, sem que por esse motivo a fonte viesse a ter menor falta.

— Maio 12 —

42.º dia de viagem. 2.ª feira. — Ainda que já em outra occasião fallasse da chegada dos Brulotes a este porto todavia tratarei agora de alguma particularidade ácerca delles. Segundo minha lembrança, haveria passado 12 ou 13 dias depois da chegada dos Brulotes, que o Capitão Tenente Francisco Rebello da Gama veio conduzir, commandando a Escuna *Leopoldina* (9), até o dia em que aqui démos fundo, tendo gastado tão somente sete dias na sua viagem, que fez sem ter a menor avaria. Como, pois, se não pudesse encontrar com a nossa Esquadra, por esta andar muito ao mar, nem achar quem della lhe désse noticia, tentou entrar neste Porto conduzido por um Pratico, afim de segurar os Brulotes, visto estar tão perto da Bahia de Todos os Santos. Cruzou depois disso alguns dias para ver se nos encontrava, ou tinha de nós alguma noticia, para dar parte da sua commissão; e por não ser visto de algum Navio inimigo, não continuou suas observações, conservando-se no Morro até que tivesse noticia em que altura se achava a Esquadra. Veio neste dia jantar comnosco o Commandante dos Brulotes, o qual nos certificou que tinham sido muito bem feitos, principalmente a charrúa *Luiza*, cujo artificio fôra construido pelo methodo de Muller, que elle explicou desta maneira: todas as mechas que servem de levar o fogo á materia combustivel, posta em diversas partes do navio para incendia-lo, vão occultamente collocadas por dentro delle, por baixo da tolda, communicando o fogo a diversos canos de maiores combustiveis que as mechas, e estes o vão levando gradualmente aos diversos lugares, em que se acha a materia incendiaria que ha de abrazar o Navio, já por dentro, já por fora, para onde se communica a chamma por outros canos; toda essa inflamação é feita occultamente, como já disse, e com os es-

---

(9) *Ibidem*, 19 de Abril de 1823:
"Sahidas. Dia 17 do corrente: Em Commissão, E. de Guerra *Leopoldina*, Com. o Cap. Ten. Francisco Rebello da Gama. Dito Ch. *Luiza*, Com. o 1.º Ten. Francisco Bibiano de Castro. Dito, E. *Catharina*, Com. o 2.º Ten. Antonio José Lisbôa".

cotilhões da tolda fechados, dando tempo para não só se retirar aquelle que applicou o fogo á mecha principal, aos que manobravam o Navio, como tambem para não dar ao inimigo a menor desconfiança de tão proxima hostilidade, ou engano. Depois do Navio incendiado da fórma dita, e applicada sua direcção para o inimigo, este se inflama, fazendo rebentar alguns Morteiros, que com a expulsão da Polvora passa a fazer uma enorme ruina a tudo que em torno apanha.

— Maio 13 —

43.º dia de viagem. 3.ª feira. — Sahimos hoje a cruzar até a Bahia, com a *Maria da Gloria* e Brigue Escuna, em cujo Porto vimos fundeada a Esquadra inimiga (10), e neste mesmo dia voltamos para o Morro, onde entramos de noite.

— Maio 14 —

44.º dia de viagem. 4.ª feira. — Em consequencia da falta de ordem que a Tropa guardou no dia d oataque, sendo por sua bisonhice incapaz de entrar em nova acção, viu-se o Lord na necessidade de faze-la desembarcar para as fortalezas, fazendo ir para bordo da Náo a melhor marinhagem da *Piranga* e *Niteroy*, com os seus Commandantes e alguns Officiaes para commandarem as Baterias, ficando a Náo com a guarnição de 800 e tantas Praças; sahiu em a noite deste dia com *Maria da Gloria* e o Brigue Escuna, tendo primeiro feito recolher no Rio Curral o resto da Esquadra, commandada por Tristão Pio dos Santos.

— Maio 15 —

45.º dia de viagem. 5.ª feira. — Continuamos o nosso cruzeiro, e o Lord muito satisfeito pela escolha que tinha

(10) *Ibidem*, 26 de Junho de 1823:

"Entradas. Dia 22 do corrente: Bahia, 11 dias, F. ingl. *Brazen*, Com. G. W. Killes. Refere o Commandante que as Esquadras se achavam fundeadas, a da Bahia dentro, e a Imperial no Morro, porém que a Náo e a Corveta *Maria da Gloria* sahiam a cruzar continuadamente, que o Madeira tinha aprontado transportes com mantimentos para 60 dias, que he voz geral que elle se quer retirar, que os Americanos lhe têm levado mantimentos, e algumas Sumacas dos Patos ao Sul, e que as lettras que sacou sobre Lisboa não foram acceitas".

feito dos bons Artilheiros para o feliz exito do nosso plano que contra o inimigo ia pôr em pratica, logo que se pudesse encontrar com elle; cujo plano fez o favor de me communicar neste mesmo dia, depois de ter jantado na sua companhia, expondo-me da maneira seguinte: "Mi Padre Capellan, usted se hai admirado que ió me volvo a salir del Puerto solamente con la Nào, *Maria da Gloria* y Brigue a encontrar-me con el Inimigo, dejando aqui todavia el resto de la Esquadra fondeada, y escondida dientro del canal que esta Angra tan hermosa nos oferece. Ahora, pues, me voi marchar a descubrir el Inimigo, seya en la mar, ó fondeado en su Puerto; encontrando-lo atenderé un poco, si per la noche, acercando-me á sus Navios, me será posible facerle un vivo fuego, empesando a baterlos de un en un, metiendo-me per entre ellos hasta el ultimo; y poniendo-los a todos en esta confusion, los dejaré batiendo-se unos a los otros, mirando todo su ruina, yá mui seguro dieste Inimigo".

— Maio 16 —

46.° dia de viagem. 6.ª feira. — Continuamos o cruzeiro sem outra novidade.

— Maio 17 —

47.° dia de viagem. Sabbado. — Cruzando do Norte para o Sul, sempre á vista de terra, sem mais novidade.

— Maio 18 —

48.° dia de viagem. Domingo. — Na altura da Bahia demos caça a uma Gallera vinda da Nova Hollanda para Londres, e disse quando veio á falla que necessitava de fazer aguada na Bahia. Porém, não querendo o Lord que alli entrasse, lhe mandou metter um Official para levar ao Morro de S. Paulo para alli fazer a aguada, e dalli faze-la seguir sa viagem.

— Maio 19 —

49.º dia de viagem. 2.ª feira. — Achavamos-nos na altura da Bahia, bem de frente da sua Barra, e ao romper do dia vimos *Maria da Gloria* dando caça a uma Sumaca, sahida daquelle Porto em lastro para o Porto de S. Francisco do Norte. Seriam 8 h., quando a Corveta veio fallar á Náo, dizendo que, segundo as ordens do Sr. Almirante, tinha passado para seu bordo o Mestre e gente da Sumaca, mudando para ella nova gente com um Official. Não tardou muito tempo que a Náo, avistando um Brigue, lhe désse caça; e ao mesmo tempo *Maria da Gloria* a deu tambem a uma Escuna vinda do Maranhão para a Bahia com arroz e farinha; tambem lhe tirou a tripulação, mettendo-lhe nova gente com um Official; outro tanto aconteceu ao Brigue, que a Náo ás duas horas da tarde acabou de caçar (11); e tendo sabido que elle vinha de Guilimane, com cento e oitenta escravos para a Bahia, o mandou com os outros dois vasos entregar á Esquadra surta no Morro; cujos navios ficam presentemente reputados como boas presas, suas cargas e seu dinheiro, que tambem já se acha em deposito na mão do Almirante, que dizem importar em 3:547$160 rs.

— Maio 20 —

50.º dia de viagem. 3.ª feira. — Continuando o cruzeiro na Barra da Bahia, vimos a Esquadra inimiga a Barlavento, a qual se nos sumiu da vista.

— Maio 21 —

51.º dia de viagem. 4.ª feira. — Tornamos a ver o inimigo navegando de Norte para o Sul, a entrar na Bahia ás 6 h. da tarde. Como estavamos mui proximo á terra, fizemo-nos no mar até á madrugada do dia seguinte.

---

(11) *Ibidem*, 5 de Julho de 1823:
"Entradas. Dia 4 do corrente: Morro de S. Paulo, 18 dias, B. *S. Joaquim Guerreiro*, M. Antonio Rodrigues Taborda, equipagem 25, carga 161 escravos; foi apresado pela Corveta *Maria da Gloria*, e vem remettido pelo Lord Commandante da Esquadra, com um Cabo e cinco soldados de guarnição".

— Maio 22 —

52.º dia de viagem. 5.ª feira. — Ao amanhecer, achamo-nos outra vez á bocca da Barra; em bem pouco tempo começamos a dar caça a um Lúgar, que junto á terra navegava do Norte para entrar na Bahia. A Náo, tendo-lhe feito 26 tiros na caça que lhe deu, mandou á Corveta *Maria da Gloria* que com toda a força de vella lhe desse caça até encalha-lo; correu a Corveta sobre elle, fazendo-lhe fogo até debaixo da Fortaleza de Santo Antonio da Barra, e vendo que não podia caçar por ir mui aterrado, deixou e veio navegando para o mar (depois de lhe ter dado 30 e tantos tiros na caça que lhe fez), por se achar a Corveta em tres pés d'agua, e mui proxima a ver-se encalhada. O Lúgar, pois, tendo a felicidade de escapar, foi-se reunir á sua Esquadra, que no dia antecedente se tinha recolhido no seu fundeadouro. Veio de tarde a *Maria da Gloria* pedir á Náo, ao menos, um Official, por haver mandado alguns dos seus com as presas para o Morro. Trouxe ao mesmo tempo uma Escuna prisioneira, que sahia da Bahia com dinheiro para o Maranhão comprar viveres; mas, como a Náo estivesse occupada em receber a bordo o Capitão de um Brigue a que havia dado caça e feito prisioneiro logo depois da caça do Lúgar, só depois das nove horas da noite é que lhe pôde mandar o 2.º Tenente Machado para bordo da dita Corvêta, tirando-lhe todos os prisioneiros, que a Náo recebeu, juntamente com as competentes tripulações, todas portuguezas, para nessa mesma noite as conduzir para o Morro, por lhe ser necessario ir alli fazer aguada, deixando ao mesmo tempo ordem á *Maria da Gloria* para cruzar na mesma altura da Bahia mais para o Norte que para o Sul. Fomos para o Morro depois das 11 h., tendo recebido os prisioneiros e marinhagem, dentre os quaes me conheceu um prisioneiro sacerdote dos Agostinhos Reformados, que ia de passagem em uma Sumaca ([12]), que da Bahia ia para S. Matheus, dandо-lhe a minha cama e o meu

---

(12) *Ibidem*, 16 de Junho de 1823:

"Entradas. Dia 13 do corrente: Morro de S. Paulo, 15 dias, B. Portuguez *Amazona*, Com. o 2.º Ten. Francisco Candido Saião; este Bergantim sahiu da Bahia para a Costa da Mina, foi aprisionado pela Corveta *Maria da Gloria*, e remettido a este Porto; passageiros o Capitão Tenente Francisco Rebello da Gama, Fr. Manuel de Santa Rosa, e o Boticario Benedicto José de Araujo".

camarote, e sendo-lhe offerecida por esta razão de decencia ao seu caracter a nossa mesa, por John Grenfell, presidente da mesma.

— Maio 23 —

53.° dia de viagem. 6.ª feira. — Andamos bordejando para entrar na Angra do Morro de S. Paulo.

— Maio 24 —

54.° dia de viagem. Sabbado. — Ao Sol posto nos achamos fundeados ao pé do Morro.

— Maio 25 —

55.° dia deviagem. Domingo. — Depois da Missa se deu principio a fazer aguada, assim como desembarcar os prisioneiros que não quizeram ir para o Rio de Janeiro, fazendo embarcar para o Brigue primeiro aquelles que quizeram ir para o Rio.

Perto do meio dia se observou apparecerem dez Navios, que navegavam do Norte ao longo da Costa. Fizeram-nos signal de terra que se viam os mesmos Navios; foram de bordo alguns Officiais para melhor observa-los, e conhecendo serem quasi todos os Navios da Esquadra (como haviamos supposto), vieram immediatamente para bordo, dizendo-nos serem as forças do inimigo. O Almirante, o Commandante e quatro Officiaes, como tambem David Jewett e John Taylor, que para ajudar o plano do Lord vieram dos seus Navios, para commandar suas Baterias, se achavam todos daqui mais de uma legua a jantar a bordo da *Niteroy*, que estava ancorada no Rio do Curral. Comtudo, porém, deram-se todas as providencias; içou-se signal de chamar a bordo, deu-se um tiro de peça, tocou-se a postos, e tudo se aprompto para entrar em combate, caso o inimigo tentasse entrar no Porto. Eram já duas horas da tarde, e nós á espera de todos os Officiaes, sem que um só delles apparecesse, ao mesmo tempo que viamos approximar-se para defronte da Angra os Navios inimigos, e alguns delles correndo sobre

outros, a que faziam continuado fogo, cuja caça foram seguindo até se encobrirem com o Morro, navegando para o Sul. A'este tempo tornou a Náo a chamar os Officiaes, com outro tiro, e logo o 2.º Commandante Carvalho sahiu para o Morro, a observar o rumo do inimigo, aonde já se achava o Almirante na mesma observação com os mais Officiaes. E vendo pela posição em que estavam os Navios, como pela sua manobra (fugindo de cima da terra para o mar), que já não podiam tentar contra nós qualquer insulto, desceram do Morro, vieram para bordo, e sendo já quatro horas da tarde tranquillizaram o espirito de toda a tripulação da Náo, aguerridos para se baterem. Apenas chegou o nosso Almirante a bordo, debaixo de um grande aguaceiro e sem jantar, observando o estado da Náo, ficou inteiramente satisfeito, e chegando para mim, disse: "Mi Padre, nuestros inimigos queriam hablar con nosotros, pero ya se volvieron a sus mares". — Sim, senhor, — respondi eu, já se voltaram para o mar pela ambição de caçar a sua presa, e pela ignorancia que tinham de V. Ex. estar fóra da Náo a jantar com os seus amigos; porque, a não ser assim, póde ser que V. Ex., eu e a Náo, não estivessemos longe de ser prisioneiros daquelles mesmos para quem V. Ex. prepara os ferros e as algemas. — "Mui bien (me disse S. Ex.). En mui pocos dias, mi amigo Cura, me aiudará a deitarlas en sus braços nuestros grillones imperiales". E dizendo isto, sorriu-se, e se retirou a jantar com os mais Officiaes, posto que com muita fome, assim como nós, que ás sete horas da tarde nos achavamos tão somente com o almoço, por cuja razão não tardou muito que não cahissemos na Praça d'Armas, a devorar o nosso jantar, que mesmo estendidos pelo chão, e por entre os petrechos de guerra, lhe achamos muito melhor sabor que em outro qualquer dia.

Temos todos muito receio em que o inimigo désse caça á *Maria da Gloria*, por esta ter ficado a cruzar na altura da Bahia.

— Maio 26 —

5.º dia de viagem. 2.ª feira. — Estamos surtos a fazer aguada.

— Maio 27 —

57.° dia de viagem. 3.ª feira. — Idem.

— Maio 28 —

58.° dia de viagem. 4.ª feira. — Em todos estes dias temos continuado a fazer aguada, assim como outros refrescos. Mandou o Lord desempachar as Embarcações prisioneiras, que para este Porto tinham vindo, fazendo desembarcar os prisioneiros, e ao mesmo tempo os de uma Escuna que o Brigue *Guarany*, cruzando, aprisionou ao mar deste Porto; dos prisioneiros, uns ficaram em terra, outros vão expontaneamente para o Rio de Janeiro, em um Brigue dos aprisionados, commandado pelo 2.° Tenente Saião, levando por seu mentor o Capitão Tenente Gama ([13]), que a este Porto veio trazer os Brulotes, e agora se dirige para a Côrte com Officios do Lord para o Ministerio. Depois de todas estas disposições nos fizemos à vella ás 7 h. da manhã para o nosso cruzeiro da Bahia.

— Maio 29 —

59.° dia de viagem. 5.ª feira. — Navegando na altura da Bahia, um pouco ao Norte, se observaram das Náos nove Navios inimigos, navegando para nós, a Barlavento; ás 2 h. da tarde vimos ao mesmo tempo, a Sotavento, tres embarcações, uma maior do que as outras, navegando para o Norte; e julgando serem inimigas, ou aliás vindas de Montevideo para a Bahia, fizemos toda a força de vella sobre ellas, não nos importando mais a maior força, com o destino de atacarmos a menor, na supposição de sermos cortados pela retaguarda, ou tomar estas mesmas forças, se viessem de Montevideo. Mas, correndo para ellas com toda a força de vela desde as 2 h. até ás 9 da noite, sempre com Bandeira Portuguesa, levando uma luz no páo de Mezena desde que anoiteceu; estes Navios, sem menor critica nem desconfiança de inimigo algum na mesma direcção em que vinham, se dirigiram para nós; estando promptos a nos bater com o primeiro que encontrassemos, e

(13) Conf. nota antecedente.

vendo que vinha sobre nós uma Fragata já a postos, e nós, tomando a melhor posição, nos chegamos a ella, e immediatamente lhe fallou o Lord, dizendo : "Que Navio és tu ? Quien és Adela ?" E sem esperar, julgando serem navios do Rio, e não de Montevideo, lhe continuou a fallar da maneira seguinte : "Tompson, Tompson, aonde te volves con la Fragata *Carolina ?*" A este tempo lhe respondeu o Commandante, em Inglez, não sei o que, continuando o Lord a fallar com elle na mesma lingua ; virou-se então para nós e disse : "Aqui tenemos la Fragata *Carolina, Animo Grande* e *Brigue Bom-Fim,* con la agoada para la Esquadra". S. Ex. não pôde deixar de censurar o procedimento do dito Commandante, que devendo desconfiar e fugir de um Navio de maiores forças, como as de uma Náo que com Bandeira Portugueza lhe dá caça, em lugar da Imperial, na qual somente o dito Commandante devia por sua confiança, pelo contrario veio á falla da Náo, expondo-se a ser batida, ou prisioneira pela Náo inimiga, que de tarde vimos, e que nos ficava pela pôpa na occasião em que estavamos fallando na distancia de pouco mais de tres leguas ; por cujo motivo o dito Commandante só um quarto de hora se demorou a bordo da Náo, a fallar e entregar os seus Officiaes ; e voltando logo para o seu Navio já o não achou, porque o seu 2.° Commandante Inglez a este tempo tinha vellejado com a Fragata para entrar com ella na Bahia, segundo o mesmo Commandante havia supposto do referido immedito. Deu parte de tudo isto á Náo, e logo por ordem do Almirante foi embarcado no Brigue *Bom-Fim* para procurar a Fragata, e logo que a encontrasse, fizesse prender o Official e o mandasse para bordo da Náo, afim de ser remettido para a Côrte. Apenas, acabamos de receber o preso, a Não fallou ao *Animo Grande* e ao Brigue, ordenando-lhes fizessem força de vella com a Fragata para o Sul, a dar fundo no Porto de Camamú até segunda ordem, por ficarem alli menos vistos do inimigo do que no Morro de S. Paulo, uma vez que alli tornasse a ir cruzar antes da nossa chegada áquella Angra.

— Maio 30 —

60.° dia de viagem. 6.ª feira. — Continuamos a cruzar sem ver navio algum.

— Maio 31 —

61.° dia de viagem. Sabbado. — Ás 12 h. da manhã achamo-nos á vista da Barra da Bahia, um pouco para o Sul; e como vimos duas vellas por nosso Sotavento, navegando para o Sul muito ao mar da Bahia, viramos sobre ellas e lhes demos caça até 5 h. da tarde, acompanhando uma Sumaca que disse ter saido da Bahia, com dinheiro para a Provincia do Espirito Santo, ou S. Marcos, para comprar viveres; e como lhe dessemos caça com Bandeira Portugueza, se nos veio entregar sem o menor receio, dando conta de toda a sua negociação ao Official que a revistou, o qual lançou logo mão do dinheiro que achou, que dizem importar em 3:000$000, os quaes se acham depositados na mão de S. Ex., sendo a Sumaca immediatamente conduzida para o Morro. Sem perder tempo fomos dar caça a outra embarcação, que por ir mais distante durou até ás 8 h. da noite, e se achou ser um Bergantim Inglez, com carga para Buenos Aires, em cujo Navio se metteo um Official Inglez, para conduzi-lo com Officios ao Rio de Janeiro ([14]). Contam-se já outo presas fundeadas no Morro, que com o Brigue, que foi para o Rio, se acham nove embarcações prisioneiras.

— Junho 1.° —

62.° dia de viagem.. Domingo. — Continuamos o cruzeiro na altura da Bahia, andando sempre em diligencia de ver se podiamos encontrar *Maria da Gloria*.

— Junho 2 —

63.° dia de viagem. 2.ª feira. — Continuando o projecto de hontem, passamos hoje todo o dia sem outra novidade.

— Junho 3 —

64.° dia de viagem. 3.ª feira. — Disse-se hoje que o Lord projectava outro novo plano de entrar esta noite na Bahia, a

---

(14) *Ibidem*, 16 de Junho de 1823:
"Entradas. Dia 13 do corrente: Morro de S. Paulo, 14 dias, Lugar ingl. *John Thomas*, M. Wm. Ywel. Este Lugar, querendo entrar na Bahia, Lord Cochrane o remetteu a este Porto".

bater o inimigo com a Náo, e como ás 9 h. nos achassemos em frente da Barra, fez toda a força de vella, e muito mais fez, vendo que a Esquadra Lusitana entrava, desde ás 4 h. da tarde até á noite, vindo do Sul. Continuamos a correr para a Barra com vento fresco até as 9 h. da noite, e recordando-se o Piloto de que não havia boa maré para entrarmos, e que ao mesmo tempo estavamos ameaçados por um grande temporal, disse ao Almirante : "Attendei a estas razões para não expôr a "Náo" — e que mais acertado era voltarmos para o mar, até que o tempo désse occasião favoravel, afim de nos não faltar o vento no Porto para nos podermos retirar. Abraçou-se este parecer, e tomamos o caminho do Morro, sempre debaixo de aguaceiros de Sul-Sudoéste, debaixo dos quaes fomos até a Barra, onde, por elles, não podemos entrar neste dia.

— Junho 4 —

65.° dia de viagem. 4.ª feira. — Só 5 para as 6 h. da tarde demos fundo fóra da Barra, por não podermos entrar, devido ao vento.

— Junho 5 —

66.° dia de viagem. 5.ª feira. — Tendo aplacado o temporal, entramos hoje para a Angra do Morro, aonde demos fundo.

— Junho 6 —

67.° dia de viagem. 6.ª feira. — Vieram tambem para dentro dos Navios vindos do Rio de Janeiro, que haviam sido mandados para Camamú.

— Junho 7 —

68.° dia de viagem. Sabbado. — Começou-se a receber para a Náo tres mezes de mantimentos, que o Brigue *Bom-Fim* trouxe para a Esquadra, e que apenas chegaram para a Náo, recebendo-se tambem do *Animo Grande* a agua com que inutilmente veio carregada, a qual chegou chóca por ser envasilhada em pipas de outros liquidos sem serem ao menos lavadas!

A actividade incansavel do Lord, em promover o bem do serviço, fez com que a mesma gente da Esquadra fizesse optima aguada, nas suas proprias Lanchas, sem que fizesse a menor despesa á Fazenda Publica, ao que, tendo attendido o Ministerio, deixaria de mandar tres embarcações, sem instrucções, para as sacrificar, como ia acontecendo, não só por este motivo, como pela inexperiencia do Commandante da Fragata *Carolina*, pois como se entregou sem conhecer á nossa Náo com Bandeira Portugueza, da mesma maneira teria acontecido com a Náo inimiga, a qual teria levado ao Madeira todos os refrescos que nos trouxe, que, sendo objecto de que muito necessitava, lhe seriam sem duvida mais gratos, que as mesmas Embarcações.

Mandou o Lord que as Embarcações que se achavam no Rio Curral viessem fundear ao pé da Náo, as quaes foram *Piranga, Niteroy, Liberal, Leopoldina, Guarany* e os dois Brulotes (e a *Real Carolina*, que ultimamente tinha vindo do Rio), para amanhã sahirem, afim de dar um ataque ao inimigo, dentro ou fóra do seu Porto : para o que se metteram logo barras ao Cabrestante para se fazerem de vella ; porém, crescendo o máo tempo que já havia ficou frustrada e sem effeito a sahida de nossa Esquadra.

NOTICIÁRIO.

Desde o dia 28 do mez passado, em que sahimos a ultima vez para cruzar, me tem esquecido notar neste *Diario* a noticia que dias antes nos havia dado o Conde de Vopiér ([15]), Governador da Villa Nova de Valença, distante deste Morro duas para tres leguas, o qual, tendo vindo visitar o Lord, lhe deu pessoalmente parte de ter recebido noticia da Villa da

---

(15) O nome *Vopiér*, que aparece tres vezes no *Diario*, é nada mais, nada menos que *Beaurepaire*, evidentemente mal ouvido pelo Autor. O Conde de Beaurepaire era o Commandante militar da Comarca de Porto-Seguro e Ilhéos. Um aviso do Ministro da Guerra João Vieira de Carvalho, de 28 de Janeiro de 1823, transmitiu-lhe nas vésperas do embarque para assumir aquele posto as seguintes Imperiais Determinações, que faziam o essencial de sua Comissão : 1.° o Comando da parte militar dos Distritos de Porto-Seguro e Ilhéos, devendo ali alistar para um ou dois corpos de milícias da arma que julgasse mais conveniente, fazendo o plano de organização e proposta de oficiais, o que devia enviar ao General Labatut, que com suas observações remeteria à Secretaria de Estado ; 2.° Deveria pôr em estado de defesa as barras dos rios mais frequentados em comércio, dando conta do que mais precisasse para sua

Cachoeira, em que o fazia sabedor da prisão do Labatut, e que esta mesma parte dava a S. Ex. para seu governo e intelligencia. Desde então e até agora se tem dito que sua prisão fôra feita pelos proprios Officiaes do Exercito, por elle com demasiada frouxidão não ter atacado o Madeira, dizendo outros que fora preso por querer vender o Exercito Brasileiro. Diz-se ter tomado o Commando do Exercito o Coronel Lima, Commandante do Batalhão do Imperador.

Hoje mesmo, Sabbado, vimos ao amanhecer que ia sahindo pela Barra um dos Brulotes, com um só homem dentro, por lhe ter arrebentado a amarra de noite; em soccorro do qual sahiu uma Escuna, vindo-o a apanhar ao principio da Barra falsa, e lhe deitar alguma gente que o livrou de alli naufragar, fazendo de vella a seguir na sua pôpa; porém de noite, pela cerração, perdendo-se da Escuna, foi dar noutro trecho, numa ponta de terra, onde se despedaçou, dando tempo a que a gente se salvasse com 24 barris de polvora, que a muito custo puzeram em terra e em bôa arrecadação, no pequeno Arraial, que a pouca distancia do naufragio felizmente encontraram, aonde se abrigaram do frio e mataram a fome de 48 horas. Por alguns Inglezes vindo da Bahia por terra a este Porto, soubemos que o Madeira tinha feito publico por Editaes a evacuação da Cidade, deixando em abandono aquele ponto, e que toda pessoa que quizesse sair com elle se apromptasse quanto antes e tomasse sobre este objecto suas convenientes medidas; pretextanto a todos os motivos de sua retirada não eram outros mais que a extrema falta de mantimentos, em que se achavam todos os habitantes daquella Cidade, que sem meios, nem outro algum recurso, via todos os dias morrerem muitos já mirrados pela fome, e centos de outros procurando nos Hospitaes a cançada Misericordia nas mesmas necessidades, e differentes molestias em que valeu a muitos já na vida, já na morte! Faz horror ouvir dizer que um sacco de

---

segurança, alem das armas, pólvora e balas, que se remetiam na ocasião a seu destino. — *Diário do Governo*, de 8 de Fevereiro de 1823. — O Conde Jaques de Beaurepaire nasceu em Toulon, França, a 17 de Novembro de 1771 e faleceu no Rio de Janeiro, em 26 de Julho de 1838; oficial general do Exército Brasileiro, prestou grandes serviços à Independência na Baía, e foi Comandante das Armas no Piauí. — Conf. Visconde de Taunay, *Estrangeiros ilustres e prestimosos no Brasil*, ps. 11-12, ed. Weiszflog Irmãos. — Sobre quanto se relaciona com Labatut e acontecimentos em que foi parte, veja Tobias Monteiro, *Historia do Imperio — Elaboração da Independencia*, ps. 585/597, e nota de ps. 598/603, onde a personalidade e os fatos ficaram definitivamente fixados.

Farinha custava 16$000, uma arroba de Carne secca e ruim 2$880, um alqueire de feijão 8$000, uma libra de Pão de munição 240 réis, uma Gallinha 4$800, um ovo 160 reis, uma libra de arroz 200 réis! Para se acreditar estas desgraças não era necesserio soffrer: basta ouvir-las os que daquella Cidade têm meio de retirar-se, fugindo della, ou por empenho alcançando algun passaporte para Portos, que protejam a causa do Madeira, ou para Portos extrangeiros.

— Junho 8 —

69.° dia de viagem. Domingo. — Desde este dia até 11 do corrente nos demoramos neste Porto; e neste tempo já se destruiu o plano da sahir a Esquadra, como já se disse, adoptando de novo o Lord sahir com a Náo neste mesmo dia, levando na sua companhia tão somente a *Carolina*, e só com ella encontrar-se com o inimigo, com quem tem tido ardentes desejos de se bater desde o dia 4 de Maio.

Sahimos, com effeito, no dia 11, ás 4 h. da manhã, procurando a altura da Bahia.

— Junho 12 —

73.° dia de viagem. 5.ª feira. — Das 9 para as 10 h. da manhã nos avistamos com a *Maria da Gloria*, um pouco ao Norte dos Lençóes onde cruzava, no que tivemos muita satisfação, por termos sua existencia muito duvidosa desde o dia 25 de Maio, em que já fallei. Fez-lhe o Lord signal para vir á falla; chegou ás duas horas da tarde, fallou, e disse que sabia ter entrado do Parati uma grande Embarcação, com 3.000 alqueires de Farinha, a qual não pôde caçar, por estar entretida com uma Sumaca, que acabava de despedir para o Morro. "Lá a recebi — disse o Lord — hontem á noite tambem para lá mandei outra, que ia da Bahia para S. Matheus". Contam-se com estas duas onze presas, e depois de assim ter fallado com o dito Commandante, continuou a dizer esta maneira: — "Sr. Vopiér (16), io á la noche me voi atacar el inimigo, dientro mismo de la Bahia, en pasando por la Náo *D. João VI* hasta el ultimo; esa Corveta debe

(16) Conf. nota antecedente.

hacer el mismo, seguiendo en la popa de la Fragata *Carolina*, tenendo mucho cuidad de non hacer fuego a los Navios, que van de vella". E logo depois de ter fallado a este Navio, fez signal á *Carolina*, que perto das tres horas veio á falla da Não, onde o Lord lhe fez ver o seu designio da maneira acima vãos a posição do inimigo, surto defronte da Torre de S. Pedro, dita. Ao dar estas ordens passamos defronte da Bahia do Norte para o Sul, e tendo S. Ex. observado muito bem dos corremos mais para o Sul por espaço de uma hora, e virando outra vez para o Norte estavamos ás cinco e meia da tarde demandando outra vez a Barra da Bahia com toda a força de vella, com vento fresco á bolina, até ás 8 h. da noite. A este tempo mandou S. Ex. que a gente que se achava a postos desde ás 6 h., subisse toda acima da tolda, e lhes fez esta falla: "Amigos e camaradas meus, vós já tendes o inimigo pela frente e vêdes que vou bate-lo comvoscos: eu não vos recommendo mais que o silencio, porque do vosso valor ha muito estou assás sciente. Tornai para os vossos postos com os vossos Commandantes." Fomos continuando para o lugar do Combate, e á proporção que nos iamos approximando á terra da Fortaleza de Santo Antonio, nos ia escasseando o vento; e muito mais ainda quando chegamos defronte da de S. Pedro, onde nos deixou em calma podre. A este tempo já nos achavamos debaixo da Fortaleza da Gambôa por Estebordo, e a Não *D. João VI* por Bombordo, a menos de meio alcance de uma e outra Bateria, tendo-nos já a Fortaleza perguntado, antes de chegarmos tão perto: "Que Fragata é essa? A que respondeu o Lord: "Esta Fragata é Ingleza e vem de Inglaterra com estas duas Corvetas". E dizendo isto no seu mesmo idioma, foi entendido pela Fortaleza, que immediatamen lhe respondeu: "Muito bem, muito bem, póde entrar". E tornando a perguntar mais não sei o que, por se não entender o que dizia, sem haver a menor demora respondeu o Almirante em Inglez: "Sim, Sr., eu já mandei o escaler á terra". E tudo isto seguindo novo caminho, já com muito pouco vento; não tardou muito que da Fortaleza nos tornassem a fallar, dizendo: "Oh! da Fragata?" E do tombadilho lhe respondeu o Commandante: "Estamos á espera do escaler que já se mandou para terra". Então mesmo vimos que a Não *D. João VI* punha sua gente a postos, o que muito bem se observava pelo clarão das luzes que sahia pelas porti-

nholas ; ao mesmo tempo que viamos isto, nos fallaram da Fragata *Constituição*, dizendo : "Oh ! da Fragata ? Oh ! da Fragata ?" Isto acompanhado de grande sussurro e confusão. dizendo : — "E', não é ; é, não é ; é a Náo *Pedro Primeiro* ; não é a Náo ; é, sim, a Náo *Pedro Primeiro*". Tudo isto se observava no maior silencio, esperando o momento em que o Almirante mandasse romper o fogo de metralha, bala, lanterneta, e tão prevenido estavamos contra o inimigo, que se nos não divisava uma só luz, pois as mesmas lanternas estavam com as mangas de lona. Sempre suspeitei que o Almirante, vendo o inimigo tão desprevenido, com se mostrava, lhe daria pelo menos uma banda ; porém, como via que estavamos em calma podre, sem nada podermos andar, julgou ser de maior vantagem para nós o não atacar, para nos não vermos entre dois fogos, ou irmos para o fundo. Nesta occasião veio um aguaceiro, que trazendo alguma aragem, nos fez sahir dentre o inimigo.

Este acontecimento descontentou a todos, vendo que a falta de vento favoravel nos tinha privado de atacar o inimigo com a vantagem premeditada, aliás mui bem presumida pelo encontro que com elle tivemos ; porém, estes desgostos foram sobresanados pelas bôas esperanças que tinhamos de cedo nos encontrarmos com o inimigo.

— Junho 13 —

74.° dia de viagem. 6.ª feira. — Cruzamos todo o dia com a *Carolina* e *Maria da Gloria*, sem encontrarmos uma só Embarcação.

— Junho 14 —

75.° dia de viagem. Sabbado. — Pelas 11 h. da manhã fez a Náo signal á *Maria da Gloria* para vir á falla e receber 14 pessôas que tinhamos a bordo, pertencentes á Sumaca que haviamos aprisionado no dia da nossa sahida, para conduzi-las ao Morro, para onde partio immediatamente. Fomos com a *Carolina* ás 7 h. da tarde dar fundo a par do resto da nossa Esquadra, a qual encontramos sem a menor novidade.

— Junho 15 —

76.° dia de viagem. Domingo. — Temos estado fundeados, sem novidade.

— Junho 16 —

77.° dia de viagem. 2.ª feira. — Soubemos com individuação que a Esquadra Lusitana está por dias à sahir do seu Porto para Lisboa, a cujo bordo tem recebido muitas preciosidades; tudo isto passa aqui por certo, e nós quanto antes o vamos observar com a nossa Esquadra, que para o Porto vai cruzar, como até aqui tem feito.

— Junho 17 —

78.° dia de viagem. 3.ª feira. — Sahimos a cruzar com a *Carolina, Liberal* e *Maria da Gloria*, ficando fundeado o resto da Esquadra com os Brulotes, vimos o inimigo fundeado em linha de defesa, sem outra novidade.

— Junho 18 e 19 —

79.° e 80.° dias de viagem. 4.ª e 5.ª feiras. Nestes dois dias no curso de nosso cruzeiro, sempre observamos o inimigo, que vendo-o sempre na mesma posição, nos viemos recolher ao Morro, onde fundeamos ás 9 h. da noite. A este tempo já se fallava de tornarmos a sahir com o resto da Esquadra e Brulotes, logo que o Lord despachasse a *Piranga* para o Rio de Janeiro, a fazer concertos e levar Officios ao Ministerio. Ficou *Maria da Gloria* em observação, e com ordem de vir dar parte ao Lord, por signaes, da menor novidade que conhecesse ao inimigo.

— Junho 20, 21, 22, e 23 —

81.°, 82.°, 83.°, e 8.° dias de viagem. 6.ª feira, Sabbado, Domingo, e 2.ª feira. — O máo tempo, que tem feito, tem privado de sahir a Fragata para o Rio, assim como a Esquadra para o seu destino.

Não posso deixar em silencio o terrivel acontecimento que no dia 20 ia tendo lugar, o qual seria para nós o mais funesto dos dias. A's 11 h. da manhã, hora em que a maior parte dos Officiaes se achava, uns escrevendo para o Rio, outros lendo em seus livros, ouvimos um ruido que presagiava imminente ruina; todos nós sahimos da Praça d'Armas, onde nos achavamos, e correndo cada um para lugar onde pudesse saber a causa de tal alvoroço, vimos que já conduziam a Bomba e grande porção d'agua para a escotilha grande; a este tempo subi acima da tolda, para ver de que parte sahia o fumo que até alli não tinha visto, e a Bombordo vi dois escaleres cheios de marinheiros, e mais de 60 a nadar para terra. Este espectaculo sobre-maneira me horrorizou, e vendo a imminencia do perigo, corri a empregar minhas forças para evita-lo: encontrando um Balde, nelle conduzi grande porção d'agua para o Paiol da aguardente, junto ao Paiol da Polvora, onde por descuido do moço do Comissario pegou fogo em uma Pipa, que se incendiou de tal maneira que logo se communicou á outra, e teria saltado ao Paiol da Polvora, se aos gritos do moço não acudissem immediatamente o Lord, e o 2.° Commandante Carvalho, os quaes com valor intrepido desceram por entre chamas, com cobertores para as abafar, a cujo exemplo correram outras muitas pessôas com promptos soccorros, que sem o valoroso exemplo daquelles dois bravos Officiaes se teriam frustrado, e nós pereceriamos todos na mais violenta explosão. Tres quartos de hora depois deste desastre, em que lutamos com a morte, é que viemos a recobrar tranquilidade.

— Junho 24 —

85.° dia de viagem. 3.ª feira. — Chegou a este Porto a Charrúa *Luconia*, vinda do Rio com aguada, acompanhada pelo Brigue-Escuna, commandada pelo 2.° Tenente Cruz, pelo qual soubemos do estado convulsionario em que se achava Portugal, dividido em partidos Constitucional e Absoluto Realista, querendo este prevalecer áquelle por meio de forças que de varios Corpos já se haviam reunido em differentes lugares.

— Junho 25 —

86.° dia de viagem. 4.ª feira. — Recebemos a aguada vinda do Rio, e juntamente a que estava fazendo no Morro, com assistencia do Lord, e neste mesmo dia sahiu a *Piranga*, e *Animo Grande* para o Rio, que não podendo seguir viagem, por causa do tempo, voltaram para este Porto, aonde fundearam. Recebeu hoje o Lord Officios do General do Exercito Brasileiro, enviados por um Cadete, em que avisava a S. Ex. da proxima retirada do General Madeira e seu Exercito para Lisboa, o que mais circunstanciadamente soube pelo Capitão do Batalhão n.° 4, Manoel Marques Piranga, que *Maria da Gloria* recebeu a seu bordo na altura de Itapuan e conduziu a este Porto com Officios do referido General Brasileiro, mandando-o no escaler a bordo da Náo, ficando ao mesmo tempo sobre a vella, á espera das ordens do Almirante, o qual, recebendo o Capitão fez despedir o escaler, com ordem da *Maria da Gloria* e *Carolina* irem para o cruzeiro até a chegada da Não.

Pelo Capitão soubemos ter o Governo mandado uma mensagem ao General do Reconcavo, em que lhe participava a retirada do Madeira pela falta de viveres, levando comsigo a Esquadra ; que devendo-se tratar com o dito General proposições mui serias, e este com os Commandantes das forças da Cidade, pediam estas mesmas forças licença para mandarem ao Exercito Officiaes a tratar desde negocio ; ao que o General Brasileiro respondeu : Que por si só não podia annuir nem responder sobre qualquer proposição, sem que primeiro désse parte ao Lord para conferenciar com elle negocio de tanta ponderação, visto ser o Almirante das Forças Navaes.

— Junho 26 —

87.° dia de viagem. 5.ª feira. — Sahimos pelas 5 h. da tarde, com pouco vento, somente com a Náo, para o nosso cruzeiro.

— Junho 27 —

88.° dia de viagem. 6.ª feira. — Ao amanhecer nos achamos ainda defronte do Morro, pelo pouco vento que tinhamos ; pouco depois se fizeram á vella a *Piranga e Animo*

Grande para o Rio de Janeiro. Das 10 para as 11 h. veio á falla uma Sumaca, sahida da Bahia para S .Matheus, aprisionada por *Maria da Gloria*, com um Officio do Commandante para o Lord, participando-lhe que o Commandante da Esquadra Lusitana tinha sob suas ordens muitos transportes, que a toda a pressa se aprompta vam para sahir com a Esquadra para Lisboa; e que a Fragata *Constituição* se achva carregada de muitas preciosidades pertencentes a muitos individuos Portuguezes. Por este motivo fez o Lord embarcar tres Officiaes na Sumaca, para irem ao Morro buscar os tres Brulotes, e virem-se reunir com a Não na bocca da Bahia, e alli receberem novas ordens tendentes ao uso que deviam fazer dos Brulotes, no caso de ser necessario decidir a contenda á força d'armas, quando para isso não bastassem as propostas de convenção entre os generaes de ambos os Exercitos

— Junho 28, e 29 —

89.°, e 90.° dia de viagem. Sabbado, e Domingo. — Continuamos o nosso cruzeiro, com todo o cuidado nos movimentos da Esquadra inimiga, e na esperança da chegada dos Brulotes, que no Domingo, ás 10 h. vieram a falla, sendo estes a Charrúa *Luiza*, a qual a Não deu reboque, e o outro o Brigue Escuna Real. Com estes, *Maria da Gloria* e *Carolina*, quiz o Lord entrar de noite na Bahia, para cujo Porto principiamos a navegar desde as 4 h. da tarde até ás 9 da noite, que de todo nos acalmou o vento, por cujo motivo se frustraram neste momento todas as diligencias que o Lord tinha empregado para uma gloriosa victoria, que todos nós esperavamos cheios de toda a confiança. Vendo, porém, mallogrados tantos excessos, e que á Bahia deram nesta noite o melhor bem que ella desejava, tornámos, posto que ennojados, a virar de bordo par continuar o nosso cruzeiro.

— Junho 30 —

91.° dia de viagem. 2.ª feira. — Tendo navegado toda a noite para o Sul, achando-nos á vista do Morro, determinou o Lord que o 2.° Tenente Leal fosse conduzir o Brulote Charrua *Luiza*, por se não poder já dar reboque. Vimos desarvorar a Fragata *Carolina* do masteréo do velacho, a qual foi

immediatamente mandada para o Morro, meter outro que de sobresalente se achava a bordo da *Niteroy*, sendo ao mesmo tempo conduzido para esta Fragata o seu Commandante e alguns Marinheiros, que destacados se achavam a bordo da Náo, para sahir com a Fragata e mais Navios surtos no Morro, afim de se virem reunir todas as forças da nossa Esquadra. De tarde deu a Náo caça a um Brigue, que da Bahia sahiu para Lisboa, e ás 6 h. *Maria da Gloria* e o Brigue Escuna deram a mesma caça com toda a força de vella, até ás 7, e ás 9 estavam com o prisioneiro á falla da Náo ([17]). Com este se contam já 15 presas.

NOTICIA

Tendo-se já mandado por terra, para o Exercito, o Capitão Piranga, recebeu o Lord novamente outros Officiaes de Itaparica, e Tristão Pio dos Santos, Commandante de quatorze Barcas canhoneiras que defendem aquella Ilha, lhe participou que tudo quando estava ás ordens do Madeira já se achava a bordo da Esquadra Lusitana, para sahir a 29 ou 30 do corrente; e que somente embarcaria em ultimo lugar a pequena guarnição que defendia as Linhas; tendo tambem já embarcado toda a Artilharia de bronze, deixando inutilizada a de ferro, por estar já encravada; asseverando finalmente que este officio nada tinha de duvidoso, e que a este respeito podia S. Ex. tomar as medidas convenientes e que mais justas lhe parecessem.

— Julho 1.° —

92.° dia de viagem. 3.ª feira. — Todo este dia andámos cruzando na Barra da Bahia, e tendo visto a Náo *D. João VI* e dois Navios mais, com Gaveas largas, que assim se conservaram todo o dia, nos obrigaram a dar bordos mais pequenos, para nos conservarmos á vista do inimigo. Das 5 para as 6 h. da tarde, mandou o Almirante dar fundo defronte da Esquadra, onde nos demorámos até ás 7 h. da manhã seguinte.

---

(17) *Ibidem*, 23 de Julho de 1823:
"Entradas. Dia 20 do corrente: Morro de S. Paulo, 10 dias, B. *Visconde de S. Lourenço*, M. Antonio Alves da Silva Porto, equipagem 21, carga sal, cabos e velas de sebo a varios Inglezes nesta Praça. Este Bergantim saiu da Bahia com despachos para Buenos Aires no dia 30 de Junho, foi encontrado pela Esquadra Imperial, e remettido a este Porto com um Capitão de presa".

— Julho 2 —

93.° dia de viagem. 4.ª feira. — Fizemo-nos á vella á indicada hora, para dar caça a uma Fragata que apparecia com Bandeira Inglez, a qual logo conhecemos ser a *Crioula*. que vinha do Rio de Janeiro com viveres para os Navios Inglezes surtos na Bahia. Veio á falla e seu Commandante veio a bordo, onde se demorou pouco tempo. Trouxe ao Lord cartas e a noticia de ter chegado ao Rio Lady Cochrane, sua Esposa ([18]).

Das 8 para as 9 h. da manhã se observou estar a Esquadra inimiga quasi toda com Gaveas largas. Vimos ás 10 muito mais pano largo, e ao meio dia se fez á vella pela Barra fóra, levando comsigo muitos transportes; de sorte que eu mesmo cheguei a contar 83 Navios com as da Esquadra.

Como, pois, a este tempo nos faltassem a tres Fragatas de melhor força: a *Piranga*, por ter ido para o Rio, a *Carolina* e a *Niteroy*, por se acharem no Morro (como já se disse), achando-se S. Ex. nesta occasião só com *Maria da Gloria* e uma Escuna, continuou a seguir a Esquadra no mesmo bordo do Norte com que navegamos á sua sahida, distante 4 para 5

---

(18) *Ibidem*, 16 de Junho de 1823:

"Entradas. Dia 13 do corrente: Londres, 54 dias, G. Ingl. *Sesostris*, M. A. Robinson, equipagem 33, carga fazendas, segue para Chile: passageiros Lady Cochrane, mulher do Lord Almirante, com 14 pessoas de sua familia, e mais 2 Inglezes".

Lord Cochrane, *Narrativa de serviços no libertar-se o Brasil da Dominação Portugueza*, ps. 98, Londres, 1859, explica: "Durante a minha ausencia do Rio de Janeiro, Lady Cochrane — ignorando que eu tinha deixado o Chili — ia em caminho a ter comigo em Valparaiso, mas o navio onde embarcára, tendo por fortuna arribado ao Rio de Janeiro, deram-lhe immediatamente noticia de como eu tinha mudado de serviço, e ficou na capital até ao meu regresso. Fez-lhe a Real Familia as mais hospitaleiras attenções, conferindo-lhe a Imperatriz a nomeação de sua Dama".

Lord Cochrane foi agraciado com o titulo de Marquês do Maranhão, no despacho de 12 de Outubro de 1823; nesse mesmo despacho Lady Cochrane foi nomeada Dama de Honra da Imperatriz. — *Diário do Governo*, de 14 e 22 de Outubro.

Na secção *Alugueis*, do *Diário* do *Rio de Janeiro*, de 9 de Agosto de 1823, apareceu este anúncio:

"A Lady Cochrane percisa alugar duas pretas escravas ou forras, huma que saiba lavar, engomar, e aprомptar roupa; e outra para fazer o serviço da casa: dirija-se á casa da dita Lady Cochrane na Praia de Bota Fogo, ou n. 79 rua dos Pescadores, ás 10 horas da manhã".

Em 9 de Novembro de 1823, Lord Cochrane chegou ao Rio de Janeiro, vindo do Maranhão, a bordo da Náo *Pedro Primeiro*, com 50 dias de viagem. — *Diário do Governo*, de 12 de Novembro.

Lady Cochrane ficou no Rio de Janeiro até 17 de Fevereiro de 1824. Nas *Noticias Maritimas*, do *Diário do Governo*, de 19 de Fevereiro, lê-se:

"Sahidas. Dia 17 do corrente. Falmouth, P. Ingl. *Marchioness of Salisbury*. Com. Graham: passageiros a Exma. Marqueza do Maranhão, com uma filha menor e 2 criadas".

leguas; e logo fazendo signal á Escuna, que fizesse toda a força de vella para o Morro, ao Brulote, para que viesse á falla; chegou este e mandando vir a bordo o Commandante lhe deu novas Instrucções e alguns dias de Mantimento, dizendo-lhe que seguisse na pôpa da Náo até que lhe fizesse signal para ir incendiar a Náo inimiga. E logo chamando á falla *Maria da Gloria* lhe deu tambem ordem de ir atacar a retaguarda do inimigo, fazendo-lhe o mais vivo fogo, apresando-lhe o mais que pudesse, seguindo em tudo o mais todos os movimentos da Náo, com a qual o Almirante ia atacar o centro, ou o lugar que pudesse. Advertiu-lhe que nenhum medo ou susto tivesse das fogueiras que visse arder sobre o mar; por que todas se dirigiam a pôr em confusão o inimigo, para com mais facilidade se poder atacar. Para este fim, mandou o Lord preparar algumas meias pipas, com um páo a pique que fingia mastro, cheias de lenha e algum alcatrão, para, de quando em quando, se lançarem ao mar, junto dos Navios inimigos.

— Julho 3 —

94.º dia de viagem. 5.ª feira. — Navegamos todo o dia avante da Esquadra e do seu Comboio, que tudo ia a nosso Sotavento, muito á vista da Costa; e nós, em boa posição, navegamos todo o dia, sem alteração, nem novidade.

— Julho 4 —

95.º dia de viagem. 6.ª feira. — Neste memoravel dia (muito semelhante ao de 4 de Maio), depois de uma noite de grandes aguaceiros, ao romper do dia nos achámos a Sotavento da Esquadra inimiga, e a Barlavento de uma grande parte dos Navios de seu Comboio, tendo de noite alguns delles passado por um e outro lado da nossa Náo, que por serem pequenos se não importou com elles. Depois das 8 h. e do allivio de muitos aguaceiros, vimos no decurso do dia uma grande parte dos transportes, e quasi todos os Navios de Guerra com a Náo *D. João VI*, tudo navegando muito á vista dos Lençóes Grandes; e nós pelo máo tempo no meio delles, com dez Navios da Esquadra a nosso Barlavento; e ás 1 h. vimos todos reunidos em numero de 14 Navios de guerra.

Navegamos todo este tempo á vista da Esquadra, com vento Sueste á bolina, a seu Sotavento, fazendo alguns bordos para seguir melhor navegação, até ás 2 h. da tarde, um pouco alem dos Lençóes Grandes sobre o lugar da Torre. Desde então, até 5h. da tarde, fizeram-nos todos os Navios da Esquadra reunidos uma grande caça, por lhe ter a Náo feito uma presa muito á sua vista, de uma Corveta chamada *Bizarria do Porto* (19), o Brigue *Vinagre* e a Charrúa *Orestes*, os quaes, tendo ordem para virem na pôpa da Náo, seguindo sem rumo mui proximos, abusaram desta ordem e fugiram logo que puderam para sua Esquadra. Desde então até ás 5 h. da tarde, fizeram grande força de vella sobre nós, por verem que não podiamos com a Esquadra, e lhes iamos omando os seus Navios do Comboio : forçaram a caça que nos deram, mettendo em cheio para nós. Ás 6 h. defronte da Torre, estivemos por momentos a ver ir a Náo para o fundo, e nós com ella, se o inimigo continuasse a sua caça ; disto persuadiu grande parte da nossa tripulação, ainda que aguerrida, posta á postos desde a sahida da Bahia, e desejosa ao mesmo tempo de bater-se com o inimigo que nos procurava. Mas, vendo este que o nosso Chefe lhe procurava alguma traição, de cadafalso, indo sem atacar, metendo a Náo *Pedro Primeiro* sobre a terra, desconfiou e, arribando, deixou de nos caçar, e foi navegando para o mar, para não se ver precipitado nas praias que tinhamos á vista, junto da noite, sendo neste caso mais facil desviar-se a nossa Náo, por ser unica, que os 14 Navios que sobre nós corriam. *Maria da Gloria* e *Niteroy* e o Brulote Brigue Escuna tinham-se perdido de nossa vista.

Fomos navegando ao longo da Costa, com os seus Navios em nossa prôa, e a Esquadra barlaventeando se poz em estado de nos não poder fazer mal, nem soccorrer seus Navios do Comboio, aos quaes fomos dando caça sobre caça a mais activa.

---

(19) *Ibidem*, 8 de Outubro de 1823 :
"Entradas. Dia 6 do corrente : Bahia, 11 dias, G. *Bizarria*, Com. o 1.º Ten. *Glibon, carga vinho, sal, e outros generos. Este Navio foi aprisionado pela Esquadra* Imperial : passageiros 174 Praças de Libertos, um Capitão, um Tenente, 2 Sargentos, e 28 Praças do 4.º Regimento de Milicias, 2 Alferes, um Sargento, um Furriel, e 20 Praças do 1.º Batalhão de Caçadores da Corte, 6 escravos dos Officiaes, o Capitão da Parahiba do Norte Theodoro de Macedo Sodré em Commissão, Fr. David de Santa Rosa de Lima, e um Inglez ; presos remettidos á Secretaria de Estado dos Negocios da Guerra o Cirurgião Mor de Caçadores José Maria Cambuá e o Tenente Empregado na Secretaria Militar José Fernandes da Costa Coelho".

REFLEXÃO

Não posso eximir-me de fazer alguma reflexão sobre os sucessos dos dias 2 de Julho e 4 de Maio, combinando-os um com o outro. Vejo a Esquadra inimiga composta de 14 Navios de Guerra, que encontrando-se com a nossa pequena Esquadra, se deixa cortar na linha que formava, e em vez de atacar a nossa Esquadra, apenas se defendem as Embarcações por nós atacadas, e reunindo-se todas nos fogem, sendo por nós corridas! Nesse primeiro encontro se conhecem os dois Commandantes um ao outro; vê-se João Felix fugir do Lord, e este atacando com despreso da superioridade das forças contrarias!

A 2 de Julho vejo o Lord com uma só Náo acompanhar a Esquadra inimiga e aprisionar em sua presença Embarcações de seu Comboio. Vejo a Esquadra inimiga reunir-se e dar caça á nossa Náo, e esta sem receio dirigir-se para terra, sem ser perseguida, como devia, pelo inimigo (se é que como inimigo a caçava), e finalmente fazer-se no bordo do mar, deixando-nos em plena liberdade para continuarmos a fazer-lhe o mal que pudessemos! Enfim, tudo parece aqui mysterioso; mas nem por isso se póde negar a vantagem que têm tido as Armas Brasileiras; e quanto a esses dois dias, são famosos, assim como o 2 de Julho, em que o inimigo deixou seu acampamento pelo apuro em que o rigor do sitio de mar e terra o tinha posto, obrigando-o a retirar-se ou perecer, pela falta de todos os objectos de primeira necessidade.

— Julho 5 —

96.º dia de viagem. Sabbado. — Ao romper do dia vimos a Esquadra inimiga em pouca distancia, já quasi a nosso Sotavento, e nós por consequencia com maiores vantagens para lhe apresar todos os Navios que se nos offerecesse, visto não nos ter sido possivel ataca-la no Porto, nem poder faze-lo agora, por se terem dispersado as nossas forças, tendo-se só conservado em grande distancia *Maria da Gloria*. Só 3 h. da tarde, depois de termos dado uma grande caça a uma Gallera Russa pertencente ao Comboio, e ficar prisioneira, foram a seu bordo dois escaleres com alguns Officiaes armados, levando toda a sua guarnição armada de espadas e machadinhas para

lhe cortarem os cabos e o mastro grande, por isso que sendo prisioneira não quiz seguir na pôpa da Náo, fazendo força de vella para se escapar ; e por dizer aos Officiaes que a foram revistar que era neutral, não se lembrando que, tendo dado adjuctorio aos inimigos, se constituia tambem inimigo, para incorrer nas mesmas penas.

Em menos de um quarto de hora foi feita aquella commissão, deixando a dita Gallera sem o mastro grande e exposta a brevemente perder os dois ; o que logo a continuo succedeu ao da Gata, apenas os escaleres chegarão a bordo da Náo, que não a quis metter no fundo com 280 soldados, muitos passageiros e mulheres, que pediam misericordia.

Os Officiaes, sem fazerem outra hostilidade nem offensa, deixaram a Embarcação entregue á discrição do mar e vento, na altura de dois gráos ao Norte da Bahia. Immediatamente continuo a Náo começou a dar caça a 18 Navios que seguiam em linha sua derrota pela nossa prôa, e a nosso Sotavento ; a este tempo já quasi nada se avistava da Esquadra, que se ia retirando a seu caminho por nosso Barlavento.

— Julho 6 —

97.° dia de viagem. Domingo. — Ao amanhecer, tendo-se dado caça a uma grande Gallera chamada *Gram-Pará* ([20]), se lhe deitaram os mestros abaixo, deixando-lhe só o de prôa ; e isto por levar muita tropa em numero de 300 homens e alguns passageiros, a que infelizmente se lhes não poude dar outro destino que deixa-los sem governo á discrição das ondas.

Ás 9 para as 10 h. da manhã o Brigue *Bahia* deitou á nossa vista (em distancia de 6 milhas) os mastros abaixo do

---

(20) *Ibidem*, 6 de Novembro de 1823 :

"Entradas. Dia 4 do corrente : Lisboa, G. *Nova Amazona*, Com. Guilherme Ernesto, sahio do dito Porto de Lisboa em 9 de Setembro, ia para o Pará, foi apresada no dia 10 pela Fragata *Niteroy* 22 legoas ao mar do Cabo Roca, com carga de sal, e outros generos ; diz o Commandante que o da dita Fragata *Niteroy* tem mandado para este Porto 7 presas, incluso o Navio *Prazer e Alegria*, que ia do Pará para Lisboa, que metteu no fundo 2, e que bateu o Navio *Gram-Pará* que era da Esquadra Portugueza, e que tirando-lhe a Artilharia a deitou no mar e o armamento, foi para Lisboa ; passageiros Felipe Alberto Patroni, Bernardo de Sousa Azevedo, Almoxarife do Hospital do Pará, com sua mulher e uma filha, e Julião Fernandes de Vasconcellos.

grande Navio *Canôa* ([21]), companheiro do *Gram-Pará,* por ser do mesmo dono, conduzindo da mesma forma Tropa e passageiros em numero de mais de 300 pessôas, deixando-lhe igualmente o mastro de prôa, para o conduzir á alguma praia que tivesse a dita de encontrar.

Continuamos a dar caça aos Navios do Comboio, que com toda a força de vella se iam adiantando de nós e fugindo á triste e lastimosa sorte que iam vendo dar a alguns dos seus companheiros de viagem ; utilisando as pequenas demoras que tinhamos de arriar e içar escaleres para ir á fala e cortar os mastros das embarcações, por cujo motivo neste dia nenhum outro podemos encontrar. Perto das 7 h. da noite veio *Maria da Gloria* á falla e deu noticia de ter deitado abaixo os mastros do Navio *Conde de Peniche* ([22]), que tambem conduzia Tropa, em numero de 200 homens, pouco mais ou menos.

— Julho 7 —

98.° dia de viagem. 2.ª feira. — Corremos toda a noite, com vento fresco, sobre a caça dos Navios, até ás 7 h. da manhã. Vimos pela nossa prôa, a Sotavento, pela distancia de 4 a 5 leguas, 17 Navios, e 4 por Barlavento. A este tempo fez a Náo toda a força de vella e para ajudar esta força mandou o Lord preparar uma vella ao lado de Bombordo, pouco mais acima da Cevadeira e por baixo da Bujarrona, a qual, fazendo bom efeito, nos favoreceu muito na caça de 4 Navios, que iam mais na retaguarda dos outros ; de sorte

---

(21) *Ibidem,* 14 de Agosto de 1823 :
"Entradas. Dia 12 do corrente : Baltimore, 80 dias, B. Amer. *Homer,* M. Philips, equipagem 10, carga farinha a Barket ; passageiro 1 Americano. Diz o Mestre que no dia 23 de Julho, na Lat. 3.°-38' Sul falou ao Brigue Imperial *Bahia.* Com. Hadayn, o qual lhe disse que tinha apresado seis Navios com Tropa, e que lhes tinha cortado um dos mastros para os obrigar a arribar aos Portos do Brasil ; que em Pernambuco tomou dois Bergantins com Bandeira Portugueza, e que tendo-se separado duas Fragatas as atacara, e que lhes fez arrear a Bandeira, porem que reunindo-se a Náo *D. João VI* o Lord lhes fez fogo a todas tres, mas que desistiu do combate por ser força muito superior".

(22) *Ibidem,* 11 de Outubro de 1823 :
"Entradas. Dia 9 do corrente : Bahia, 12 dias, Char. *Conde de Peniche,* Com. o 2.° Ten. Antonio Pedro de Carvalho, passageiros o Major de Caçadores Guilherme José Carioca com 1 Espingardeiro, e 54 Cabos e Soldados do 1.° Batalhão de Caçadores, 1 Tenente, Capitão de Cavallaria de Pernambuco José Antonio dos Reis, dito de Caçadores Gaspar de Menezes e Vasconcellos, dito Joaquim de Souza Meirelles, 1 Guarda Marinha, 1 Cadete de Pernambuco, 7 Marinheiros da Escuna Rio da Prata, Angela Maria, e Fr. Joaquim das Mercês".

que ás 3 h. fallamos com uma grande Gallera armada em guerra, dizendo-lhe: "Arreia tua Bandeira! Esta Náo é *Pedro Primeiro;* ella te mette a pique, se a não arreias já no mesmo instante!" A que respondeu: "Muito bem, muito bem!" Logo que se arriou a Bandeira Portugueza, mandou o Lord dar vivas ao Imperador, e da Gallera responderam tambem com muitos vivas, abanando muito com os lenços; ao mesmo se lhe determinou que seguisse na pôpa da Náo com toda a força de vella. Entretanto, atirou-se um tiro a outra Gallera, um pouco mais pequena, que logo procurou a pôpa da Náo por estar já muito proxima de nós e sem nos dar mais incommodo se rendeu tambem, seguindo-nos com mais promptidão que a outra, que demorando-se em largar todo o seu pano se ia atrazando muito, para ver se por algum descuido da Náo se podia escapar; porém, não lhe tardou muito tempo que um tiro de Lanterneta e Pyramide, semeando junto ao costado do Navio uma grande quantidade de ballas, o fizesse vellejar com todo o pano para o rumo que se lhe tinha determinado.

Depois disto continuou a Náo com muita força de vella a caçar outros dois Navios do mesmo lote, que seguiam pela nossa prôa; e ás 5 h. da tarde estavam outras duas Galleras do mesmo pé daquellas duas já prisioneiras, sujeitas ao mesmo destino que a umas e outras fôr dado pela sorte da Guerra. Não sabemos verdadeiramente a Tropa que estes quatro Navios conduziam e que a Náo fez hoje prisioneiras; porém, calcularam os Officiaes, que foram a bordo para lhes tirar o pano e deixar somente em Gaveas para irem para Pernambuco na Companhia do Brigue *Bahia* e disseram que levariam para cima de 600 homens de Tropa, alem de muitos passageiros de ambos os sexos. O numero certo a seu tempo se saberá. Trouxeram tambem para bordo quarenta e tantas espadas de Officiaes, e duas Bandeiras, uma do Batalhão n. 5, e outra não me lembro a quem pertence. O nome das Embarcações ainda não poude saber.

Ás 5 h. e meia veio á falla o Brigue *Bahia* para tomar conta dos 4 Navios, afim de conduzi-los a Pernambuco, levando comsigo Instrucções para alli esperar a Náo, ou vir ter com ella a tal e tal altura, visto que ella continuava a dar caça ao inimigo e ao seu Comboio. Nesta noite sahiu o Brigue com os Navios, a seu destino. Veio o Commandante

Vopiér a bordo, soubemos que a *Carolina* levou para a Bahia um Brigue de Guerra e uma Gallera, ambos prisioneiros ; e o mesmo Brigue *Bahia* tambem disse ter mandado um Brigue e uma Escuna. Contam-se 15 Navios pertencentes á Esquadra ou Comboio. Depois da sahida dos Navios para o seu destino, fez a Não toda a força de vella para as Embarcações que se viam pela nossa prôa. Ficamos na Latitude de 9.°-13' S. e na Longitude 34°-40' O.

— Julho 8 —

99.° dia de viagem. 3.ª feira. — Ao amanhecer observaram-se alguns Navios, dos que hontem se viam pela nossa prôa, os quaes só se divisavam com oculo das Gaveas. Ficamos na Latitude de 7°-33' S. e na Longitude de 33°-00 O.

— Julho 9 —

100° dia de viagem. 4.ª feira. — Tendo a Não feito toda a força de vella, desde hontem, pôde hoje, ás 10 h., tomar o Brigue de Guerra *Triunfo da Inveja* ([23]). Ás 8 h. tomou *Maria da Gloria* uma Gallera tambem armada em Guerra, com 200 homens de Tropa. Foram-lhe tiradas as vellas, deixando-a somente em Gaveas. Tiraram as armas aos Officiaes, e uma Bandeira do Batalhão a que pertencia a Tropa. Com esta já são tres que se acham em mão do Lord. Foi para bordo do Brigue todo o pano que a Não tinha recebido, pertencente ás Embarcações prisioneiras. Ás 8 h. da noite sahiu o Brigue commandado pelo 1.° Tenente José Joaquim Raposo, levando comsigo a dita Gallera, sendo acompanhado até certa altura por *Maria da Gloria*. Para que a Gallera não fugisse de noite se lhe tiraram todos os mantimentos, deixando-se-lhe só quanto bastasse para 5 dias até ao Porto destinado. Ficamos na Latitude de 6.°-28' S. e na Longitude de 32°-20' O.

---

(23) *Ibidem*, 19 de Dezembro de 1823 :

"Entradas. Dia 15 do corrente : Bahia 10 dias, B. *Triunfo da Inveja*, Com. o 2.° Tenente Carlos Watson, sahiu de Lisboa para a Bahia em 23 de Outubro, foi apresado á entrada da Barra da Bahia pela Fragata *Carolina*".

— Julho 10 —

101.º dia de viagem. 5.ª feira. — Fomos seguindo a Esquadra em todo o dia, sem outra novidade. Ficamos na *Latitude de 5º-40' e na Longitude de 32º-47'.*

— Julho 11 —

102.º dia de viagem. 6.ª feira. — Ao amanhecer vimos a Ilha de Fernando de Noronha, e continuamos á vella até ás 7 h., passando ao Sul da mesma Ilha, na distancia de 10 a 11 milhas. Á 2 h. da tarde vimos 3 a 4 Navios por Barlavento, e ás 4 h., depois de um aguaceiro, vimos 20 Navios em linha, na distancia de 6 a 7 milhas, pelos quaes logo conhecemos ser a Esquadra com alguns mais, que do seu Comboio se lhe haviàm reunido, e entre elles a *Gram Pará* (24) desmastreado (segundo a affirmação dos que o conheceram), posto que já bem reparado para seguir viagem. Depois de termos conhecido a Esquadra, com menos de 4 Navios de suas forças, por se lhe haverem já tomado, viramos sobre o inimigo e tomando-lhe Barlavento fomos correndo para elle com prôa de Leste 4.º Nordeste, e elle com prôa de Nordeste, em distancia de 3 a 8 milhas, e neste rumo fomos dando caça todo o dia e noite. Ficamos na Latitude de 4.º-42' S., e Longitude de 33.º-05' O.

— Julho 12 —

103.º dia de viagem. Sabbado. — Corremos hoje todo o dia com a mesma prôa atraz do inimigo, que foi conservando a mesma distancia em que hontem o tinhamos deixado. Passamos a O. da Ilha de Fernando de Noronha, entre seu baixo, em distancia a 8 a 10 milhas. Ficamos na Latitude de 3º-07' S., e Longitude de 33º-54' O.

— Julho 13 —

104.º dia de viagem. Domingo. — Amanhecemos a Barlavento da Esquadra, navegando com ella para o Norte:

(24) Conf. nota 20.

assim nos temos conservado até á noite, na distancia de 4 milhas, pouco mais ou menos, regulando a nossa navegação com a do inimigo, mais ou menos, por não convir ainda deixa-lo, ou bate-lo, como deseja o Lord. Desde meio dia que temos navegado com as Baterias safas e de tudo muito promptas, á excepção de morrões accessos. Á meia noite virou a Náo de bordo para o Sul, por querer o Lord atacar o inimigo, e ás 2 h. tocou-se a postos para o taque; mas com as correntes, ou algum desmando do homem do Leme, nos fizeram desencontrar da Esquadra, passando por ella na distancia de uma legua mais ou menos, de sorte que não pôde o Lord pôr em pratica quanto havia premeditado contra o inimigo. Toda a noite o Lord vigiou sem cessar o inimigo, subindo elle mesmo ás Gaveas; ao romper do dia pôde observar que elle navegava ainda para o Norte, e que não tinha virado de bordo (como o Lord suppoz), para entrar no Maranhão. Ficamos da Latitude de 1°-00' S., e na Longitude de 32°-41' O.

— Julho 14 —

105.° dia de viagem. 2.ª feira. — Ao romper do dia (como já disse) vimos a Esquadra no seu rumo, e nós virando sobre ella, apenas se avistou, continuamos a segui-la no mesmo rumo, muito a Barlavento. Desde meio dia até ás 3 h. da tarde temos seguido o inimigo em distancia de 3 milhas, pouco mais ou menos; veremos de noite o que ha de novo. Ficamos para o Norte da Linha na Latitude 0°-55' N., e na Longitude 32°-51' O.

— Julho 15 —

106.° dia de viagem. 3.ª feira. — Na noite passada se deitou na prôa dos Navios inimigos, ás 11 h., uma meia pipa com duas tigelinhas que, sendo-lhe communicado o fogo por uma mecha graduada, fez o seu effeito á meia noite, inflammando-se uma depois da outra muito perto da Esquadra, como se esperava. Pouco antes da meia noite deitou-se outra meia noite deitou-se outra meia pipa, com uma bomba de Morteiro, que foi rebentar á uma hora da noite na prôa dos Navios para com estas invenções inquieta-los e pô-los em perturbação. Depois disto, achando-se a Náo mui proxima

da Esquadra toda para se bater com ella (como desejava o Lord) viu que o não podia fazer, tendo-a tanto a geito, por escassear o vento muito de bonança com que a ella se chegou. Neste caso quiz o Lord salvar antes a Náo, deixando de arrisca-la a forças tão superiores, do que atacar o inimigo com o pouco vento que tinha para pô-la a salvo, se fosse mal succedido. Viramos para o Sul, e ás 4 h. da manhã está a Náo á vista da Esquadra, na distancia de 5 a 6 milhas, navegando já com ella no mesmo rumo do Norte, com vento em pôpa. Assim continuamos até ás 5 h. da tarde, em que se deu nova direção á Náo, para passar avante da Esquadra, para o bom effeito das tramas que logo se principiaram para engana-los pela noite adiante, e a nós de introducção ao combate que o Lord pretendia dar-lhes na hora mais conveniente. Ficamos ao Norte na Latitude de 2°-36' e na Longitude de 32°-44' O.

— Julho 16 —

107.° dia de viagem. 4.ª feira. — Prepararam-se 5 barris grandes para cada um levar uma bomba de Morteiro com oito libras de polvora, para se lançarem na prôa das Embarcações inimigas ; estes barris iam em uma especie de jangada, com um mastro com pano e uma lanterna, para della se communicar o fogo a algumas tigellinhas. Prompto todo este engano, subiu á tolda o Lord, e depois de ter observado a Esquadra e a distancia que havia entre nós e ella (que se julgou ser uma legua), e vendo que estavamos na sua prôa em muito bôa posição, mandou que se lançassem ao mar os fingidos Brulotes ; contava-se já uma hora da noite, e ás duas tudo estava concluido. Desviou-se a Náo da prôa do inimigo e procurando o rumo de Oéste, a dar tempo á explosão dos barris por entre os Navios ; navegamos para o lugar mais competente e proprio de atacar pelo centro, onde ia a Náo *D. João VI*, a Fragata *Constituição* na vanguarda, e *Perola* na retaguarda, com alguns Navios entre uns e outros, ou fazer-se o ataque na vanguarda ou retaguarda, como podesse acontecer, tendo para isto o vento favoravel, como se desejava. A's 2 h. e meia tocou-se a postos, e depois das tres via-se bem o inimigo, já a postos, por causa das luzes das Baterias ; vimos que alguns Navios deitavam tigellinhas, e a Náo inimiga

uma, com um tiro de peça, e logo uma lanterna no páo da Mezena. Nós correspondemos com outra no mesmo lugar, e então com muito mais força de vella, e na melhor posição corremos para o centro do inimigo, e já muito proximo a elle encontramos pela retaguarda dois Navios desgarrados; metteu-se a Náo pelo meio delles, e logo que chegou a meio alcance, mareou o pano e mandou o Lord fazer fogo ao primeiro Navio de Bombordo, sobre o qual cahiram logo as duas Baterias de baixo da Tolda, com tres Brigadas cada uma por sua ordem, que vem a ser 30 tiros, não fallando nos que a Tolda lhe daria. E querendo ir sobre o de Estibordo, achou-o já mui retirado, por estar mais longe que o outro na occasião do ataque. O Lord, não querendo por este motivo perder tempo com o segundo Navio, que lhe fugia, virou logo áquelle para acaba-lo de arruinar, e ao mesmo tempo aproveitar melhor encontro com os Navios da Esquadra, que nos ficaram já a muito bom alcance, como bem se observava pela luz que sahia de suas Baterias; mas ao virar a Náo, e mareada já sobre o inimigo, um esticão que por descuido deram á escota da vella grande a resgou logo, de alto a baixo, pelo meio, por cujo motivo nos vimos obrigados a mudar de rumo, para nos fornecermos de outra vella; mas, não obstante termos este prompto recurso, desde logo, por este intempestivo acontecimento, se julgou perdida a melhor occasião de um tão proximo e favoravel encontro para o ataque, ao abrigo de uma bellissima noite; soccorridos por um vento o mais propicio para batermos o inimigo, fugimos delle com promptidão, sem nos expormos ao maior perigo de suas maiores forças.

Este desventurado acontecimento poz a todos no maior descontentamento, por vermos perdida num momento uma ocasião que, para a acharmos, nos havia custado tantos trabalhos, tantas e tantas fadigas. Ao romper do dia nos achamos sem a vella grande, e ás 5 h. e meia já estava outra envergada, e navegando a todo pano sobre a Esquadra, que se distanciava de nós cousa de uma legua. Porém, reparando-se que ella não seguia por estar com o pano sobre vella, fizemos tambem o mesmo, pondo-nos em observação a todos os seus mvimentos, desde ás 6 h. da manhã até ás 2 h. da tarde; e em todo este tempo vimos que aquella capa servia para alliviar os Navios de Guerra, passando gente de familias para alguns trnsportes; e para chamar a bordo os Commandantes para algum Conselho,

por isso que vimos o mar coalhado de escaleres. Fosse qual fosse a causa, sempre suppuzemos que ficando com os Navios mais desembaraçados tentariam dar-nos alguma escaramuça, por não os termos largado, tendo-lhe apprehendido desde a Bahia até esta altura 18 a 19 Embarcações do Comboio ; ou aliás terem decidido mudar de rumo para se nos escapar, evitando assim a perseguição que lhe faziamos, em uma viagem aonde se não podiam demorar, por levarem só mantimentos para 60 dias á meia ração, segundo nos constou por passageiros aprisionados. Ficamos na Latitude de 4.°-00' N., e na Longitude de 32°-14' O.

— Julho 17 —

108.° dia de viagem. 5.ª feira. — Suppózemos que a Esquadra se teria posto á capa para reunir todos os seus Navios, e com particularidade o que tinhamos batido, que se diz ficara muito destroçado. Ás 3 h. da tarde já a Esquadra estava mareada (não para o seu rumo do Norte) para o Nordéste. Nós mareamos igualmente para o mesmo rumo, conservando sempre o Barlavento della. Desde então se cuidou todo este dia de preparar barris de Bombas com mais doze tigellinhas, graduado o tempo em que deviam arder junto a Esquadra, e do mesmo modo os barris para rebentarem uns depois de outros.

Á noite estava tudo prompto na pôpa da Náo para ser lançado ao mar na hora competente. Antes das cinco vimos que os Navios vinham em cheio para nós, em distancia de 4 a 5 milhas ; fomos lhes deixando dar sua caça, e ao mesmo tempo tomando-lhes melhor Barlavento, e a mais favoravel posição para batermos os primeiros e os outros que se nos offerecessem até nos vermos na precisão de darmos a pôpa, e pôrmo-nos a salvo. Deitaram depois das 8 h. os barris ao mar, depois do que veio um furioso aguaceiro sobre nós e a Esquadra, que nem elles nem nós jamáis podemos cuidar de atacar, porque todos os cuidados se empregaram em salvar a Náo de tão terrivel tempestade, arreando o pano, e mettendo algum nos segundos rizes para irmos correndo com o temporal de chuva e vento.

Ás 11 h. da noite, em que o máo tempo tinha passado, mandou o Lord que a Náo tomasse o rumo de Léste e immediatamente desceu para sua Camara, cheio de indignação,

vendo que depois de ter perdido de vista o inimigo, lhe seria mui difficil, naquella mesma noite tornar-se a encontrar com elle, não sabendo de seu rumo, nem de sua posição, por nos negar tudo isso a grande escuridão.

A vista de todos esses acontecimentos, julgou o Lord ser de seu dever largar de uma vez o inimigo, a quem tinha obrigado a sahir da Bahia, tendo-o perseguido até o presente com muita vantagem. Ficamos na Latitude de 5°-24' N. e na Longitude de 31°-30' O.

— Julho 18 —

109.° dia de viagem. 6.ª feira. — Continuamos a navegar no mesmo rumo até a noite, em que a Náo tomou o rumo de Oéste. Ao meio dia nos achamos na Latitude de 4°-50' N., e na Longitude de 31°-36' O.

— Julho 19 —

110.° dia de viagem. Sabbado. — Viramos para o Sul e a noite tornamos a procurar o rumo de Oéste, o que deu occasião a suspeitar-se que a Náo ia ao Maranhão. Ficamos na Latitude de 2°-37' N., e na Longitude de 33°-14' O.

— Julho 20 —

111.° dia de viagem. Domingo. — Continuamos a navegar ao rumo de Oéste, e com vento fresco que a pôpa deitamos 9 a 10 milhas. Hoje ficamos na Latitude de 1°-03' N., e na Longitude de 34°-45' O.

— Julho 21 —

112.° dia de viagem. 2.ª feira. — Navegando no mesmo, rumo. e com o mesmo vento, achamo-nos hoje ao Sul da Linha na Latitude de 0°-53' N., e na Longitude de 36°-28' O:

— Julho 22 —

113.° dia de viagem. 3.ª feira. — Seguindo no mesmo rumo, achamo-nos na Latitude de 2.°-42' S., e na Longitude de 39.°-10' O.

Ás 10 h.-40 m. da noite observou-se um Eclipse total da Lua até ás 12 h. e 30 m. Começou o seu descobrimento ás 2 h. 45 m. pela parte Léste, tornando a sua luz perfeita ás 3 h. 22 m.

— Julho 23 —

114.° dia de viagem. 4.ª feira. — Navegamos no mesmo rumo, com vento mais fraco. Hontem começamos a ver a terra do Ceará, elevada em grandes montanhas ; ao Sol posto eu a vi distinctamente. Hoje continuamos a ver á grande distancia, e ás 9 h. da noite demos fundo em 16 braças para não encontrarmos algum baixio, e por estar quasi preenchida a altura da nossa derrota.

Hoje, estando eu jantando com S. Ex., disse-me entre outras cousas : — "Mi amigo, estamos já muy cerco del Maranhão, y muy temprano llegaremos a tenir algunas Galinas, y algo mas de que tenimos muy mister". Respondi, dizendo-lhe : "Sim, senhor, tudo isso, e muito mais nós teriamos, se esta Náo pudesse navegar por entre os baixios que cercam a Costa e Porto do Maranhão". — "Si tiene muchos, pero de todos ellos me aguardaré, y pienso que despues podremos dar fondo á la Náo 4 y 5 milas cerca de la Ciudad". — "Será para nós todos por muitos motivos uma grande felicidade, e eu desde já não perco as esperanças de ver uma terra aonde nunca fui, tendo agora favoravel occasião, no caso de serem seus habitantes nossos amigos". — "Los Escalleres se estan a prontificar con sus viellas y remos ; y por ellos lo saberemos si son nuestros amigos y del Imperador ; en muy pocos dias conoceremos sus animos, y su caracter, y despues miraremos con atencion todas las cosas que tubiermos de hacer". Por esta tão passageira conversação, vim eu a concluir que o Lord pretendia entender-se mui de perto, e mui seriamente com o Governo daquella Provincia, e fazer-lhe algum genero de hostilidade, quando não esteja a favor da Causa do Brasil. Ficamos na Latitude de 2°-13' S., e na Longitude de 41°-57' O. Demos fundo ás 8 h., para não darmos em algum baixio.

— Julho 24 —

115.° dia de viagem. 5.ª feira. — Levantamos o ferro e fomos continuando nossa viagem, com o prumo na mão, vendo a Costa do Ceará e do Maranhão. Ás 3 h. avistamos uma Embarcação pela nossa pôpa, que nos pareceu ser um Brigue; e por vir no nosso rumo, esperamos por elle depois de anoitecer, pondo-nos á capa até ás 10 h. da noite. Já mui perto de nós, fallou-se-lhe para chegar mais perto e pôr-se tambem á capa, emquanto se ia revistar, e vir o Capitão a bordo. Soubemos ser um Brigue Inglez, vindo com fazendas de Liverpool para vender no Maranhão, porém com a infelicidade de ter sido roubado de quasi tudo por um Corsario do Rio da Prata, na altura do Cabo Verde, o qual Corsario era uma Escuna com Bandeira Americana. S. Ex. lhe determinou que seguisse na nossa prôa até o Porto do seu destino. Ás 11 h. demos fundo em 16 braças, pela razão acima dita.

— Julho 25 —

116.° dia de viagem. 6.ª feira. — Ás 6 h. da manhã levantamos ferro, e das 8 h. por diante começamos a descobrir a terra da Costa que corre do Maranhão ao Pará, e observando esta com a Carta, conhecemos a bôa posição em que estavamos com fundo de 12 braças. Á 1 hora da tarde demos fundo com 5 braças, tendo achado até alli 10, 12, etc. Não tardou muito tempo que não avistassemos uma Escuna, que seguia para o nosso fundeadouro pela banda da terra. Mandou-se immediatamente um escaler com um Official, e toda a sua guarnição armada com espadas, Pistolas e Machadinhas; e como a Escuna visse a Náo com Bandeira Ingleza, e igualmente, o Brigue roubado, que nos a acompanhava, julgou ser o que lhe parecia e não procurou desviar-se da Náo, nem do escaler, que nós lhe mandamos; chegou com efeito este a bordo da Escuna, e vendo-a armada em guerra, com muita gente e com duas peças de 12 por banda, não quiz o Official subir, e lhe falou desta maneira: "Oh! da Escuna? Tens algum algum bom Pratico que me dês para aquella Náo, que alli vês?" — "Que Náo é aquella?" — lhe perguntaram e o Official mesmo em Inglez lhe disse: — "A Náo é Ingleza; vem de Rivinge a proteger no Brasil a Constiuição d'El-Rei D. João VI,

e amanhã ou depois chegarão a este Porto duas Fragatas Francezas *para o mesmo fim*". — "*Muito bem, muito bem*", — lhe responderam immediatamente." — Pois sóbe para cima, em quanto vai o Pratico levar a Náo ao seu fundeadouro sem perigo". "— Eu — lhe respondeu o Official — não posso demorar-me por ter muito que fazer a meu bordo; entretanto, vou a bordo daquella Sumaca que vai entrando, para ver se me póde servir no que já te pedi". — "Eu vou para terra, e della, hoje mesmo, te mandarei Pratico para a tua Náo".

Tendo enganado desta forma a tal Escuna, se foi retirando della e remando com toda a força para a Sumaca, que fazendo-a fundear, conduziu o Mestre para bordo, debaixo do mesmo engano. Ás duas horas da tarde nos achamos com um máo Pratico a bordo, sem embaraço do que nos fizemos á vella, e fomos entrando mais para dentro da Bahia, fazendo todo o possivel para fundear o mais perto da terra que fosse possivel. Veio-nos com effeito o Pratico de terra, o qual foi tambem recebido como o primeiro, havendo todavia a Cautela de conserva-lo no engano em que estavam. Investigou-se por bons modos qual era o espirito publico da Cidade e Provincia, e soubemos haver partidos a favor de Portugal e Brasil, havendo em ambos os partidos muito amor Á Constituição. Demos fundo com 10 braças.

— Julho 26 —

117.° dia de viagem. Sabbado. — Ás 8 para 9 h. da manhã, vimos o Brigue *Infante D. Miguel* sahir bordejando pela Barra, com Bandeira Parlamentar e no ultimo bordo em que pode a Náo por Sotavento mandou por um Official um Official ao Sr. Almirante, em que lhe dizia o Governo da Cidade, que alli lhe mandava aquelle Brigue ás ordens de S. Ex., por ter sabido em a noite antecedente, pela Escuna, que aquella Náo vinha socorrer este ponto do Brasil no Maranhão. O Lord recebeu o Officio e Official, com ar e modo todo Inglez, fazendo occultar os Officiaes e Marinheiros Portuguezes (depois de conhecer que só se dirigia para causas politicas), e tendo ouvido o Official o despediu, com ordem para o Commandante vir a nosso bordo, o qual foi intimado verbalmente para o Brigue, por elle se ter approximado da Náo.

O Commandante Francisco de Borja Salema Garção poz logo o Brigue á capa e fez chegar para o portaló o escaler, que

já trazia a reboque pela pôpa; mas, pela demora desta ultima manobra, descobriu-se que o Brigue já havia conhecido a Náo, e por isso, deixando-se descahir, projectava talvez a fuga. Entretanto, desconfiando disso o Lord, fez largar o pano e marear a Náo, á cuja vista embarcou logo o Commandante do Brigue, e veio a nosso bordo. Ao entrar na Náo conheceu-se que elle vinha muito desconfiado, por ter cahido no logro sem o poder remediar, e deixando-se machinalmente conduzir para a Camara, ahi foi fallar com o Lord.

Demorar-se-ia com S. Ex. pouco mais de uma hora, depois do que, mandando S. Ex. que désse fundo ao Brigue ao pé da Náo, o despediu com Officio ao Governo, em resposta ao que delle havia recebido. Nesse Officio disse S. Ex. ter declarado quem era, que a Náo em que se achava pertencia ao Imperio do Brasil e não a Gran-Bretanha, como havia dito, e que seus fins eram fazer alli acclamar ao Imperador e Independencia, e que, quando o Governo deixasse de adherir a estas condições, veria romper toda especie de hostilidade por mar e por terra, até que finalmente se conseguisse o desejado fim de unir aquella amena Provincia ao grande Todo do vasto Imperio do Brasil.

Em resposta ao predito Officio veio outro, já de noite, em que o Governo promettia vir no dia seguinte a bordo tratar com o Lord o modo de restabelecer-se a tranquilidade da Provincia, visto esta adherir expontaneamente a Independencia do Brasil, mantida pelo Senhor D. Pedro, Primeiro Imperador.

— Julho 27 —

118.° dia de viagem. Domingo. — Ao içar da Bandeira Imperial, deu-se uma Salva, e ao chegar do Governo a bordo, ás 10 h., deu-se outra, repetindo-se o mesmo ás 3 h. da tarde, quando o Governo se retirou para terra, deixando já tratado ir o Lord no dia seguinte á terra assistir a faustosa Acclamação do Imperador e Independencia do Brasil.

— Julho 28 —

119.° dia de viagem. 2.ª feira. — Mandou S. Ex. avisar a todos os Officiaes, que não estivessem de serviço, para irem

com o Commandante assistir á Acclamação, visto S. Ex. não poder ir, por se achar doente, o que causou desgosto a todos.

Logo que a Officialidade chegou á terra se dirigiu ao Palacio, onde, achando-se o Senado da Camara e mais Corporações Ecclesiasticas, Civis e Militares, leu o Secretario do Governo e os Officios que tinham recebido do Almirante, assim como os que lhe dirigiram, e depois de dar conta do que o Governo tinha tratado com o Lord sobre o importante negocio de Independencia se romperam innumeros vivas na Sala do Governo, á Religião Catholica, ao Imperador, á Independencia e Constituição Brasileira, os quaes vivas foram depois repetidos na varanda do Palacio pelo Presidente da Camara, a que respondeu o Povo na rua com o maior enthusiasmo. Depois deste apparatoso e lisongeiro Acto (de que tive a dita de ser testemunha), se aprazou o dia 1.º de Agosto para se prestar o Juramento do Estillo; terminando-se o festejo de hoje com um magnifico jantar que no mesmo Palacio se deu aos Officiaes da Não e mais Corporações, onde houve varias saúdes a SS. MM. II. e á Independencia do Brasil.

— Julho 29 e 30 —

120.º e 121.º dias de viagem. 3.ª e 4. feiras. — Nestes dois dias não tenho a notar mais nada que as muitas visitas que S. Ex. tem recebido a bordo, de pessoas de todas as classes que de terra têm vindo cumprimenta-lo.

— Julho 31 —

122.º dia de viagem. 5.ª feira. — Têm hoje continuado os cumprimentos ao Lord. Temos sabido neste Porto terem chegado á Cidade 250 Praças do 1.º Batalhão de Caçadores, vindas em um dos Transportes que sahiram da Bahia protegidos pela Esquadra de João Felix, tendo para isso recebido um Prego daquelle Chefe, que sendo aberto em certa altura, fazia dirigi-los a este Porto. Soubemos que essa tropa, desde sua chegada, se tem comportado na melhor ordem de subordinação, ajudando as Milicias em todo o serviço da Cidade, e admirado a todos com o seu exemplo e procedimento.

Soubemos que de Lisboa havia aqui chegado a 7 do corrente a Gallera *Pombinha*, tendo sahido daquelle Porto a 12 de Junho, com a noticia do Senhor D. João VI ter feito evaporar a Constituição e Côrtes, achando-se ao mesmo tempo arbitro dos destinos da Nação Portugueza. Diz-se que sahia uma Embarcação para a Bahia, e para dalli ir ao Rio dar esta noticia a S. M. I., e tratar com o mesmo Augusto Senhor a reconciliação dos dois hemisferios (25). Permitam os Céos que isto se realize cêdo, para se pôr termo a assoladora Guerra que mutuamente destróe duas Nações de Irmãos, que a não ser a sordida ambição de alguns, ainda hoje formariam todas um Imperial respeitavel.

Hoje mesmo teve S. Ex. a infausta noticia de haver uma conspiração na Cidade, para oppôr-se ao acto de prestar-se o

---

(25) Das *Noticias Maritimas* do *Diario do Governo*, de 11 de Setembro de 1823, consta que no dia 7 se achava fundeado na barra o Brigue de guerra português *Treze de Maio*, que expedira um bote á fortaleza de Villegaignon com um official, e que trazia officios de S. M. F.; da fortalesa foi mandado para a cidade, escoltado por um oficial inferior.

Nas mesmas *Noticias* lê-se: "Entradas. Dia 9: Lisboa pela Bahia, 16 dias, B. de guerra Portuguez *Treze de Maio*, Com. o 1.° Ten. Manoel Pedro de Carvalho: traz a bordo o Marechal de Campo Luiz Paulino de Oliveira Pinto de França, em Comissão de S. M. F."

Pretendendo o Marechal desembarcar, o Governo não anuiu ao seu desejo, não se dignando o Imperador em atender á proposta ou convenção alguma de sua parte, não só pela falta absoluta de poderes de que devia vir munido, mas ainda por não haver precedido a indispensavel formalidade do reconhecimento da Independencia politica do Imperio em nome d'El-Rei de Portugal. Levado o fato ao conhecimento da Assembléa Geral Constituinte, afim de deliberar, sobre sua conservação a bordo, ou sobre o pronto regresso, atendendo esta ao estado de doença alegado pelo Marechal, comprovado por atestado de facultativo, resolveu que desembarcasse, recolhendo-se á casa de seu cunhado, o Desembargador Antonio Garcez Pinto de Madureira, onde devia ficar sob a guarda de um Capitão, rendido cada dia, afim de ter ali em conveniente cautela o Marechal, inhibindo-lhe qualquer comunicação com pessôas que não fossem de sua familia.

Em 17 de Setembro chegou a Corveta *Voadora* ,assim noticiada no *Diario do Governo*, de 19:

"Entradas. Dia 17 do corrente: Lisboa, 49 dias, C. de guerra Portugueza *Voadora*, Com. o Cap. de Frag. José Gregorio Pegado: passageiros o Conde de Rio-Maior, Domingos de Saldanha da Gama Daun e Francisco José Vieira, estes em commissão de S. M. F., Antonio Xavier de Abreu, Caetano Francisco de Sousa, José Antonio Monteiro, Diogo White, Antonio José, e Antonio Joaquim de Carvalho".

Havendo a Corveta entrado no Porto com bandeira inimiga, sem preliminar algum, sem mesmo ter içado a bandeira parlamentaria, o governador da fortalesa Santa Cruz mandou que o Comandante arriasse imediatamente sua bandeira e tirasse fóra o leme.

Entre o Conde de Rio-Maior e o Ministro e Secretario de Estado dos Negocios Estrangeiros, houve troca de notas, em que o último declarou que S. M. o Imperador estava resolvido a não receber, mesmo por interposta pessoa, as cartas de que o Conde era portador, que seriam dadas as ordens convenientes, para que seu regresso e dos passageiros da corveta se executasse prontamente e com todos os socorros de que necessitassem.

No dia 2 de Outubro zarpava o Brigue *Treze de Maio*, recambiando todos os passageiros da *Voadora*, — *Diario do Governo*, de 4 de Outubro.

desejado Juramento de obediencia ao Imperador e adherencia á Independencia, sendo isto confirmado por varias pessôas que de terra se vieram asilar a nosso bordo, e pelo Secretario do Governo, que officialmente o veio communicar ao Lord. Á vista disto mandou S. Ex. o 2.º Commandante da Não, o Capitão Tenente Carvalho e o Capitão de Artilharia Mattos, para procurarem todo meio de reconciliação entre os Partidos, intimando-lhes a que obedecessem ás ordens que o Almirante, em nome de S. M. I. havia dado; porém, em nada foram attendidos, antes pelo contrario foram retidos em Palacio, assim como o Commissario, que se achava em terra, tambem retido com a gente do escaler.

Deste pessimo procedimento, de que o Brigue *Infante D. Miguel* tambem deu parte, resolveu o Lord mandar, logo, nos escaleres da Não 600 homens armados de Espada, Pistolas, Chuços, Espingardas com baionetas, com 60 cartuchos cada uma. Perto das 3 h. da tarde, tendo já desembarcado toda esta força na Praia do Porto da Areia, determinou S. Ex. que o Commandante fosse ali com o resto dos Officiaes pôr em boa ordem a gente, dividindo-a em tres Brigadas para o desembarque na Cidade, afim de se fazer depôr as armas aos que as tinham tomado contra a sagrada Causa Brasileira, a quem a maior parte do povo muito amava. Depois disto dirigiu-se o Lord a mim e me disse, em ar de riso, deste modo: "Nosotros nos quedaremos aqui en la Não, guardando-la". — Ao que eu, com promptidão, respondi: — "Eu agradeço a V. Ex. toda a honra que me fez, querendo-me ter em sua Companhia. Eu já uma vez disse a V. Ex. que, em occasião de combate, era soldado, e eis o motivo por que rogo a V. Ex. me queira dispensar de acompanha-lo numa occasião em que os meus Camaradas se acham com Armas nas mãos, para disputar a victoria da Independencia, aonde eu a par delles, pelo meu Ministerio, lhes poderei ser mais util; e como homem em taes circunstancias, unindo-me com elles, os poderei ajudar com as Armas nas mãos; e neste caso a minha companhia lhes poderá ser mais util do que a V. Ex., no caso de ficar aqui gozando as graças que acaba de me offertar". — "Mui bien (me disse S. Ex. ao acabar de me ouvir) haya-me usted la gracia de apertar-me la mano: usted me ha dado mucha satisfación por la mui religiosa, noble, y valorosa resolución que hay tomado. Ahora ruego á usted tome á su cargo, luego que llegar á tierra,

mandar affixar essas tres Proclamaciones, una mismo en Palacio y las demás en las situaciones del costumbre, y entregar por su mano al Gobierno los Oficios que le envio".

Recebi immediatamente o officio e mais papeis, dei parte ao Commandante de que o acompanhava, e *tomando um florête*, que occultei debaixo do habito, parti com o Commandante para o dito Forte de Areia, aonde logo que chegamos se passou *revista á gente* e *se organisaram* tres Brigadas, e dalli passamos escaleres á rampa da Cidade, aonde eu e o Commandante fomos os primeiros que saltamos ; o desembarque da nossa gente foi tão rapido, como a sua formação nas respectivas Brigadas, a cuja frente, pondo-se o Commandante e dando-me a sua direita, as fez marchar em passo grave ao som dos nossos Tambores e Pifanos, até o largo do Palacio, onde as fez postar na frente da Guarda principal, emquanto se davam as novas providencias : Contavamos a esse tempo cinco horas da tarde. Immediatamente eu mesmo affixei uma Proclamação na porta do Palacio e dei as outras ao Official da Guarda para as mandar pôr nos lugares do costume ; e dalli parti com os Officios ao Secretario do governo ; mas como o não encontrassemos, voltamos ao Sr. Bispo Presidente, o qual partiu logo para a Casa do Governo, aonde, depois de alguma demora, vendo que nenhum dos membros apparecia, elle mesmo abriu os Officios, e vendo que vinham tambem para o General das Armas, eu mesmo os fui levar, juntamente com o Sr. Bispo, para fazer com que aquella autoridade mandasse logo executar as ordens do Sr. Almirante, afim de coadjuvar em tudo a desmembração dos perturbadores da ordem. Ás 6 h. da tarde voltei ao Palacio para dar parte ao meu Commandante de ter concluido a minha comissão ; e logo nos dirigimos ao Official da Guarda para o encarregar de ir immediatamente receber as ordens do General das Armas, pedindo-lhe o dispensasse da Guarda para pôr em execução uma ordem de que o Commandante em particular o havia incumbido da parte do Almirante, e é a seguinte : "Que até meia noite devia elle ter avisado todo o Corpo de Milicias, composto de Europeus, para que estes debaixo de seus uniformes, e sem pretexto algum, se apresentassem ás duas horas da noite no largo do Palacio, á frente da força armada que alli se achava (em que já fallei, e a *este tempo já reforçada com o* Parque de Artilharia, com *oito* peças) para alli ser desarmado aquelle Regimento, em castigo

da opposição que se dizia pretendia fazer ás ordens do Almirante e do Governo, que de commum accordo tinham determinado o juramento acima dito.

Ás 3 h. achava-se o Regimento desarmado, sem que fizesse a menor resistencia ; e por consequencia todos os amantes da Independencia mui satisfeitos com as sabias providencias que se deram, continuando-se a goser socego, como se não tivessem havido as novidades descriptas.

Não posso eximir-me de louvar a subordinação em que se conservou a tropa do Batalhão de Caçadores n.º 1, a qual se recolheu aos seus quarteis, sem dar a mais leve suspeita de adherir ao vertiginoso projecto do Regimento miliciano, conservando-se, ao mesmo tempo, neutral, pois nem se uniu a elle nem a nós, o que igualmente fizeram os Marinheiros do Brigue *Infante D. Miguel*, que foram unir-se aos Caçadores. Esquecia-me de dizer que quando nós chegamos á terra, já nossos Officiaes retidos em Palacio se achavam em liberdade. Dizia-se que os facciosos pretendiam vir cortar as amarras da Náo para ella dar á costa nos baixios.

— Agosto 1 —

123.º dia de viagem. 6.ª feira. — Pelos sucessos de hontem deixou-se hoje de effectuar o Juramento e eleição do novo Governo provisorio, ficando aliás este acto para dia futuro, em que nada haja a receiar.

— Agosto 2 —

124.º dia de viagem. Sabbado. — Hoje me recolhi a bordo com a mais gente, que estes dias esteve em terra debaixo de armas. A Cidade acha-se tranquilla.

— Agosto 3 —

125.º dia de viagem. Domingo. — Ás 10 h. da manhã (hora em que o Almirante tinha ido tomar banho em terra) se viu a Náo quasi perdida, pois tendo dado de si uma amarra a fez descollar para cima de um baixio, onde bateu com o Leme

fortes pancadas, com o que teria submergido se o 2.º Commandante não empregasse toda a sua actividade em salvar a Não, fazendo-a seguir avante pela outra amarra, que com o auxilio da maré que enchia, nos podemos safar do imminente perigo em que estivemos.

Quando o Lord chegou a bordo já achou a Não livre do perigo, fundeada em 9 a 10 braças; mas, querendo logo darlhe outro melhor fundeadouro, mandou buscar um Piloto pratico á terra, com o qual se decidiu fosse a Não para o Porto de Itaguy, ao Norte da Ilha do Medo, distante da Cidade cinco leguas.

— Agosto 4 e 5 —

126.º e 127.º dias de viagem. 2.ª e 3.ª feiras. — Na 2.ª feira nada se offerece que se note, e na 3.ª feira nos fizemos de vella para ir para o Porto de Itaguy, onde fundeamos perto de terra, a qual não tendo povoação alguma, só offerece pastagem a gados, sem nada mais ter que se note.

OBSERVAÇÃO

Por motivo de molestia, deixo de levar o *Diario* seguido com a ordem praticada, sem elucidar as noticias nos seus respectivos dias, mas notarei aqui as que me occorrerem.

No dia 8 do corrente foi o Almirante para a Cidade, afim de tratar todos os negocios relativos á Independencia, aonde está por ora demorada. Vinte dias depois da nossa estada no Porto de Itaguy, pedi licença para ir fazer meus cumprimentos ao Almirante e demorar-me alguns dias em terra, em casa de um Amigo, para tomar alguns refrescos. O Lord, de accordo com o Governo, deu ordem para o desembaraço dos pontos que cortavam a correspondencia com a Cidade, por cujo motivo desceram alguns viveres, e conta-se terem de algum modo cessado as hostilidades praticadas pela populaça do Reconçavo contra os Europeus, ainda os mais pacificos.

Soube que a Tropa do Ceará, em numero de 7 a 8 mil homens, veio até mui perto da Cidade, aonde acampou, e pediu ao novo Governo do Maranhão cem contos de réis para pagamento de seus soldos, sem embargo de ser pela maior parte

de Milicianos e Ordenanças; mas como a Fazenda Publica se não achasse em estado de poder satisfazer a tal contribuição, determinou o Governo se pagasse com as fazendas que se achavam na Alfandega, sem se saber a quem pertenciam.

Logo que se elegeu o novo Governo (que dizem não estar legalmente feito) se fez embarcar a Tropa européa de Caçadores n. 1 para Portugal, assim como muitos outros Europeus, nos transportes *Conde de Cavalleiros* e Gallera *Constitucional*; outras muitas pessôas foram fugidas. Todos os Europeus, que occupavam empregos publicos foram esbulhados delles, sem mais formalidade que dizer-se: é Europeu, morra de fome e sua familia, ainda mesmo sendo adherente ao systema da Independencia! Esta Lei é argelina, se é que lá póde haver tanta crueldade, não digo para os Europeus, mas para com suas innocentes e brasileiras familias!

Depois da nossa chegada ao Maranhão têm sido aprisionadas as Embarcações seguintes:

1 — Corveta *Pombinha* (26).
2 — Gallera *Borges Carneiro* (27).
3 — Dita *Ventura Feliz* (28).
4 — Dita *FelizVentura* (29).

---

(26) *Noticias Maritimas* do *Diário do Governo*, de 19 de Dezembro de 1823; "Entradas. Dia 17 do corrente: Maranhão pela Bahia, 70 dias, G. *Pombinha*, Com. o Cap. Ten. Guilherme Eyre, carga vinho, vinagre, e algodão; foi apresada no Maranhão pelo Almirante Marquez do Maranhão".

(27) *Ibidem*, 28 de Outubro de 1823:
"Entradas. Dia 26 do corrente: Maranhão, 53 dias, G. *Borges Carneiro*, Com. o 2.° Ten. Carter, carga sal, fazendas e ferragens; foi apresada pela Não *Pedro I*; diz o Commandante que constava no Maranhão, que no Pará se tinha proclamado a Independencia, reconhecendo S. M. I., e que a Fragata nova pertencia a Esquadra do Brasil".

(28) *Ibidem*, 31 de Outubro de 1823:
"Entradas. Dia 28 do corrente: Maranhão, 50 dias. G. *Ventura Feliz*, Com. John Williams; é presa feita pelo Marquez Almirante. Diz o Commandante que confirma a novidade da restauração do Pará, e que o Lord Almirante se ficava apromptando com a Não para ir para aquelle Porto do Pará".

(39) *Ibidem*, 28 de Outubro de 1823:
"Entradas. Dia 25 do corrente: Maranhão, 64 dias, G. *Feliz Ventura*, Com. o 2.° Ten. Guilherme Parker, carga arroz, assucar e couros; foi presa feita no Maranhão pela Esquadra Imperial; diz o Commandante que o Lord Almirante esperava noticias do Pará e a Fragata que mandara buscar pelo Brigue *D. Sebastião* para se retirar".

5 — Escuna *Delfina* (30).
6 — Dita *Maria*. — Estas seis Embarcações foram para o Rio de Janeiro (31).
7 — Brigue *Oriente*. — Com 280 escravos que se venderam, e o Brigue foi para o Rio (32).
8 — Gallera *Sociedade Feliz*.
9 — Brigue *Bella Alliança*.
10 — Dito *S. José das Larangeiras*.
11 — Escuna *Gloria*.
12 — Dita *Toninha*.
13 — Sumaca *Libertina*.
14 — Brigue *Nelson*.
15 — Dito *Caçador*.
16 — Escuna *Emilia*. — As ultimas 9 ficaram no Maranhão.
17 — Brigue de Guerra *Infante D. Miguel* — Mandado pelo Lord para o Pará com Officios ao Governo, relativos á Independencia do Brasil e Acclamação de S. M. I.

Estas 17 Embarcações, com 18 Barcas Canhoneiras que tomamos neste Porto, com as 20 Embarcações tomadas ao Comboio a João Felix, e as 21 no Morro de S. Paulo, fazem

---

(30) *Ibidem*, 18 de Novembro de 1823:

"Entradas. Dia 15 do corrente: Maranhão, 80 dias, E. *Delfina*, Com. Joseph Tindale: é presa feita pelo Lord Almirante. Diz o Commandante que 3 Marinheiros Americanos e 1 Irlandez se conjuraram, pretendendo matar a guarnição e roubar a Embarcação: sendo descobertos foram presos na prôa, aonde ainda tentaram fazer um rombo para metter a Embarcação no fundo, por cujo motivo se vio na necessidade de os metter em um bote e larga-los no mar, com mantimentos para 15 dias, por ser ainda perto do Maranhão".

(31) *Ibidem*, 4 de Outubro de 1823:

"Entradas. Dia 1 do corrente: Maranhão, 43 dias, B. *Maria*, Com. o 2.º Ten. Alexandre Guilherme Henderson, traz officios de Lord Cochrane; diz o Commandante que este Bergantim foi apresado com todas as mais Embarcações que estavam naquelle Porto, pelo Lord Almirante, o qual entrou, e restaurou a Cidade no dia 6 (?) de Julho, sem haver fogo; que duas Companhia de Caçadores Lusitanos, que alli se achavam, foram mandadas para Lisboa; que as Embarcações que acompanhava o Lord, eram um Brigue, e uma Escuna; que fundeou a tiro de pistola das Baterias, e que mandou cruzar o Brigue nas aguas do Pará; que a Esquadra Portugueza seguiu para Lisboa".

(32) *Ibidem*, 19 de Dezembro de 1823:

"Entradas. Dia 16 do corrente: Maranhão por Pernambuco, 88 dias, B. **Oriente**, Com. o Guarda Marinha Pedro Paulo Broutonelle, carga polvora; foi apresado no Maranhão pela Náo *Pedro I*".

a totalidade de 76 prisioneiras, não contando com as que os Navios de nossa Esquadra tenham feito depois que se separaram de nós.

Tivemos noticia do Brigue *D. Miguel* ter concluido todos os negocios de que foi encarregado para o Pará acerca de alli se adherir á Independencia e acclamar-se ao Imperador.

O Lord, todo o tempo em que esteve em terra, não descançou em fazer os mais relevantes serviços a favor da Causa do Brasil, cujo zelo é illimitado.

— Setembro 20 —

Estivemos até hoje fundeado sem novidade notavel. Fizemo-nos de vella no Porto de Itaguy, ás 7 h. e meia para irmos para o Rio de Janeiro, indo comnosco a Corveta *Pombinha* e a Escuna *Bella Eliza*.

— Setembro 21 —

Achamo-nos na Latitude de 1°-26' S. e na Longitude de 43°-25' O., fazendo ponto de partida segundo uma Carta Ingleza.

22 — Não houve observação.
23 — Lat. 2.°-03' S. Long. 42.°-55' O.
24 — Lat. 1.°-25' S. Long. 42.°-52' O.
25 — Lat. 2.°-24' N. Long. 48.°-01' O.
26 — Lat. 5.°-44' N. Long. 43.°-33' O.
27 — Lat. 5.°-50' N. Long. 42.°-47' O.
28 — Lat. 6.°-34' N. Long. 41.°-54' O.
29 — Lat. 7.°-04' N. Long. 41.°-14' O.
30 — Lat. 7.°-34' N. Long. 40.°-34' O.

Outubro :

1 — Lat. 7.°-25' N. Long. 34.°-55' O.
2 — Lat. 8.°-10' N. Long. 39.°-15' O.
3 — Lat. 8.°-00' N. Long. 38.°-56' O.
4 — Lat. 7.°-02' N. Long. 37.°-58' O.
5 — Lat. 6.°-11' N. Long. 37.°-55' O.
6 — Lat. 6.°-59' N. Long. 37.°-22' O.

7 — Lat. 6.°-54' N. Long. 37.°-22' O.
8 — Lat. 6.°-42' N. Long. 35.°-12' O.
9 — Lat. 7.°-49' N. Long. 33.°-21' O.
10 — Lat. 8.°-08' N. Long. 33.°-02' O.
11 — Lat. 7.°-43' N. Long. 32.°-27' O.
12 — Lat. 6.°-20' N. Long. 31.°-43' O.
13 — Lat. 8.°-10' N. Long. 31.°-43' O.
14 — Lat. 8.°-14' N. Long. 30.°-37' O.
15 — Lat. 8.°-13' N. Long. 30.°-08' O.
16 — Lat. 7.°-11' N. Long. 30.°-43' O.
17 — Lat. 6.°-47' N. Long. 30.°-31' O.
18 — Não houve observação.
19 — Lat. 6.°-18' N. Long. 30.°-20' O.
20 — Não houve observação.
21 — Lat. 5.°-16' N. Long. 28.°-34' O.
22 — Lat. 4.°-21' N. Long. 29.°-06' O.
23 — Lat. 3.°-18' N. Long. 30.°-07' O.
24 — Não houve observação.
25 — Lat. 2.°-38' N. Long. 28.°-43' O.
26 — Lat. 3.°-21' N. Long. 28.°-43' O.
27 — Lat. 0.°-33' N. Long. 31.°-37' O.
28 — Lat. 2.°-10' S. Long. 32.°-37' O.
29 — Lat. 4.°-22' S. Long. 33.°-36' O.
30 — Lat. 7.°-01' S. Long. 34.°-32' O.
31 — Lat. 9.°-29' S. Long. 35.°-40' O.

Novembro :

1 — Lat. 12.°-34' S. Long. 32.°-35' O.
2 — Lat. 15.°-24' S. Long. 32.°-35' O.
3 — Lat. 17.°-18' S. Long. 39.°-36' O.
4 — Lat. 17.°-51' S. Long. 40.°-10' O.

5 — Meia hora depois do meio dia, estando legua e meia arredado da Ilha dos Abrolhos do Suéste, principiou a Náo a bater com a pôpa em uns baixios, que ficam a Léste da mesma Ilha, de onde felizmente se safou.

6 — Lat. 18.°-06' S. Long. 39.°-51' O.
7 — Lat. 20.°-24' S. Long. 40.°-14' O.
8 — Lat. 24.°-42' S. Long. 42.°-18' O.

Avistamos terra pelas 6 h. e ás 8 ½ nos achamos ao Sul do Cabo-Frio.

9 — Temos navegado todo o dia para a Barra do Rio de Janeiro, aonde entramos ás 6 h. da tarde; lógo que demos fundo, tivemos a honra de ser visitados por S.S. MM. II., a cujo bordo subiu o Imperador, a agradecer ao Primeiro Almirante os grandes serviços que lhe tinha feito; e como a Imperatriz não subisse á Náo, por ainda não estar a escada armada, pediu o Almirante licença ao Imperador para ir ao escaler beijar-lhe a mão, em cuja occasião, descendo o Imperador á Camara, ahi me fez a honra de perguntar quantas presas se tinham feito, ao que, dizendo-lhe que segundo o meu *Diario*, subiam a 76, entrando as Barcas Canhoneiras do Maranhão, foi o mesmo Augusto Senhor servido de m'o pedir; e como este se não achasse em estado de poder dar, pela imperfeição em que se achava, me ordenou S. M. I. o puzesse a limpo, que o queria, ao que, obedecendo como humilde Subdito, o faço, esperando da Alta Bondade de S. M. I. a desculpa das faltas que possa encontrar.

AUTOS DE EXAME E AVERIGUAÇÃO SOBRE O AUTOR DE UMA CARTA ANONIMA ESCRITA AO JUIZ DE FORA DO RIO DE JANEIRO, DR. BALTAZAR DA SILVA LISBOA (1793)

EXPLICAÇAO

Referem-se os documentos a seguir á devassa aberta sobre uma carta anônima escrita ao Juiz de Fóra do Rio de Janeiro, Dr. Baltazar da Silva Lisboa. Temeroso de suas consequências, apressou-se este em levá-la à presença do Chanceler da Relação, Conselheiro Sebastião Xavier de Vasconcelos Coutinho, para os exames e averiguações competentes. Tal carta recebera o Juiz de Fóra, com outras vindas da Côrte, da mão do negociante Jerônimo Teixeira Lobo, que por sua vês as havia recebido a bordo do navio **Pedra,** de seu capitão, Antônio de Oliveira Guedes. Vasconcelos Coutinho chegara ao Rio de Janeiro em 24 de Dezembro de 1790, nomeado por carta régia de 17 de Agosto do mesmo ano para presidir a alçada que devia sentenciar sumariamente os réus achados em culpa nas devassas da Inconfidência de Minas Gerais ; terminada essa comissão, aqui ainda permaneceu no cargo de Chanceler da Relação, que exerceu até recolher-se à Côrte, em 29 de Maio de 1793, — **Publicações do Archivo Público,** vol. II, ps. 184.

Ao tomar conhecimento da carta anônima, em cujos propósitos sediciosos se incluia até o assassinato do Vice-rei, Conde de Resende, comunicou-a o Chanceler a essa autoridade, propondo para proceder à devassa respectiva a mesma Comissão que servira na conjuração passada, pela imediata conexão que existia entre ambas, o que o Vice-rei aprovou. Os termos do processo, com exames, interrogatórios, atestações e acareações, correram com incrivel presteza para aqueles tempos : instalada a devassa em 14 de Janeiro de 1793,

a 24 do mesmo mês e ano eram conclusos os autos ao Desembargador Chanceler. Nada se apurou contra o Capitão do navio **Pedra**, nem contra Jerônimo Teixeira Lobo, que por algum tempo foram conservados em segredo, na fortaleza da Conceição, e depois mandados soltar, com o parecer do mesmo Chanceler; mas contra o Juiz de Fôra fizeram o Vice-rei e o Chanceler pesada carga. *O primeiro, em carta ao Ministro* Martinho de Melo e Castro, atribuia a autoria da carta anônima ao próprio Juiz de Fóra, "que se aproveitava de tão extravagante loucura, ditada pela sua fantasia, como um meio de reconciliar-se comigo, depois das faltas de subordinação e de respeito ao lugar que ocupo, e tambem ao da minha própria pessoa, como tem praticado, ou para que, posto ele nestas circunstâncias, a sua aparente fidelidade merecesse a contemplação de Sua Magestade; ou fosse por que outro efetivo autor da dita carta, ainda sem ignorar o sistema político da sucessão dos governos da América, se persuadisse que o dito Juiz de Fóra entraria mais facilmente nas suas perversas intenções, por ser natural da América, inquieto, pouco subordinado e inconstante, e teria como presidente da Câmara comodidade de o auxiliar; ou fosse ainda pelo contemplar com caracter de ludibriado de tão escandalosa maneira, que até semelhante lembrança, fazendo-se pública, é perniciosa ao Estado: qualquer destes motivos que se presuma, me parecia conveniente ao serviço de Sua Magestade, e segurança destes seus Estados, que ao menos fosse logo rendido este ministro..." — **Revista do Instituto Histórico,** tomo XXXII, parte 1.ª, ps. 286-287. (Essa carta do Conde de Resende aí ocorre com a data de 3 de Maio de **1794,** mas deve ser de **1793,** porque se refere ao regresso do Chanceler, que seria o portador dos autos da devassa).

O Chanceler, por sua vês, não era menos severo do que o Vice-rei, em carta-relatório ao mesmo Ministro: — "...O Juiz de Fóra desta Cidade, Baltazar da Silva Lisboa, é natural da Baía, tem talento superabundante para conceber e produzir as idéias que se encontram na dita carta a folhas tres, o seu gênio é pouco inclinado ao socego, tendo-se implicado

em disputas, algumas delas desnecessárias, não só com alguns Ministros desta Relação, mas até com os Vice-reis, tanto atual, como com o seu antecessor ; e tem toda a resolução e animosidade para pôr em prática as lembranças que ocorrerem, se lhe parecer que lhe podem ser úteis. No tempo em que apresentou a carta a folhas tres estava implicado com o Desembargador Provedor da Fazenda, porque este Ministro, encarregado pelo Vice-rei, entrou no exame da arrecadação dos bens dos defuntos e ausentes pertencentes ao dito Juiz de Fóra ; com a Junta da Fazenda desta Cidade sobre querer que as práias não pertencem à Corôa, mas sim à Câmara ; e com o Vice-rei por muitas, repetidas e imprudentes contradições em que se envolveu, talvês induzido, e incitado por pessoas mal afectas ao Vice-rei. Soube o dito Juiz de Fóra que nos navios que deste porto saissem para essa Côrte nos mezes de Fevereiro, Março e Abril, se dirigiriam a Sua Magestade varias representações contra ele, e temeu que especialmente aquelas que fossem feitas pelo Vice-rei merecessem maior contemplação ; com a carta a folhas tres apresentada antecipadamente poderia talvês parecer-lhe que moderava o mesmo Vice-rei, não só justificando com aquela denuncia a sua fidelidade a Sua Magestade, mas tambem o afecto á pessoa do Vice-rei, comunicando-lhe uma noticia que tanto devia interessá-lo ; e considerando que até por aquele modo conseguiria acesso para que o Vice-rei o ouvisse, e pudesse justificar-se ao que já o mesmo Vice-rei o não admitia, por ter observado a incoerência das suas palavras com as suas obras. Que o dito Juiz de Fóra quizesse tirar da apresentação da dita carta a folhas tres o partido de se bemquistar e congrassar com o Vice-rei, notei eu quando o dito Ministro entrou na minha presença a falar ao mesmo Vice-rei, na ocasião em que lhe dei parte deste negócio, porque tratou menos de expôr as circunstâncias dele, do que de querer justificar-se das queixas que entendia dele formava o Vice-rei, persistindo neste empenho, de modo que foi necessário que o Vice-rei lhe dissesse, que nem ia à sua presença tratar daquelas matérias,

nem era aquela ocasião destinada para falar nelas" — **Revista** citada, tomo LXV, parte 1.ª, ps. 262-264.

Vê-se claramente que era maior empenho, tanto do Vice-rei, como do Chanceler, enlear o Juiz de Fóra nas malhas da projetada ou simulada revolução, e maravilha é que escapasse às suas hábeis acusações e suspeitas. O Dr. Baltazar da Silva Lisboa, depois disso, foi realmente rendido, como propunha o Vice-rei, no cargo de Juiz de Fóra, passando a Ouvidor dos Ilhéos, no momento mesmo em que o governo da Metrópole empreendia para proveito da marinha, coutar e sistematizar as matas do litoral brasileiro. Nessas funções o Ouvidor prestou memoráveis serviços, em escritos botânicos que são conhecidos, principalmente depois que, por carta régia de 11 de Julho de 1799, foi nomeado Juiz Conservador das matas, com o ordenado anual de 1:000$000. — **Anais da Biblioteca Nacional,** vol. XXXVI, ps. 162.

Dos documentos que se vão ler, apenas a carta anônima é conhecida, pela divulgação que lhe deu a **Revista do Instituto Histórico,** tomo XXXII, parte 1.ª, ps. 287-289. Os demais conservaram-se inéditos até agora, pertencentes ao fundo brasileiro do Arquivo Histórico Colonial, de Lisboa.

Biblioteca Nacional, Março, 1940.

RODOLFO GARCIA
Diretor

AUTOS DE EXAME E AVERIGUAÇAO SOBRE O AUTOR DE UMA CARTA ANONIMA ESCRITA AO JUIZ DE FORA DO RIO DE JANEIRO DR. BALTAZAR DA SILVA LISBOA (1793)

Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jezus Christo de mil sete centos e noventa e tres aos quatorze dias do mes de Janeiro nesta Cidade do Rio de Janeiro e Cazas da Rezidencia do Dezembargador Conselheiro de Sua Magestade e do da Sua Real Fazenda, Chanceler da Rellação desta cidade, e Juis da Commissão expedida contra os Reos da Conjuração formada em Minas Geraes, aonde eu o Dezembargador dos Aggravos da Rellação desta mesma cidade Francisco Luis Alvares da Rocha vim, e sendo ahi pello mesmo Conselheiro me foi dada a Carta do Doutor Juis de Fora desta Cidade, Balthazar da Silva Lisboa, com data de dés de Janeiro deste prezente anno, pella qual lhe dava parte, e denunciava a outra anonima, escripta em duas meias folhas de papel, pello dito Juis de Fora Rubricadas; a qual Carta o dito Conselheiro me mandou autuar juntamente com a outra de denuncia do dito Juis de Fora, as quaes cartas sendo por mim recebidas autuei, e ajuntei a este mesmo auto, como corpo de delicto, para o dito Conselheiro proceder nos exames, e averiguaçoens necessarias, e competentes; e tambem aqui ajuntei a proposta do mesmo Conselheiro, e approvação do Illustrissimo e Excellentissimo Vice Rey do Estado, pella qual fui nomiado Escrivão desta Diligencia, e o Doutor Jozé Antonio Valente, Ouvidor desta Comarca, Escrivão assistente para os cazos, em que fosse necessaria a ssistencia de dous Escrivaens; e hum e outro servirmos na forma da dita proposta debaixo do juramento dos nossos officios; o que tudo sendo satisfeito assignou o dito Conselheiro Comigo; e eu o Dezembargador Francisco Luis Alvares da Rocha Escrivão da Commissão o escrevi, e assignei

(rubrica ilegivel) *Fran.^co Luis Alvares da Rocha*

Carta do Juis de Fora Dr. Baltazar da Silva Lisboa

Ill.^mo Snr. Chanceler Concelhr^o

Tendo hontem recebido duas cartas, huma do Concelheiro Joze Luis França, e outra de Joaquim Pedro Quintela, por mão a primeira de hum chamado Perna de pau, e a 2ª por via do contratador Joze Joaquim do Cabo, na certeza de não ter mais cartas, por me dizerem, que as não tinha na Secretaria, hoje pelas nove horas da manhãa pouco mais ou menos, estando com Antonio Ribeiro de Paiva e Antonio Joze Lopes conversando na Sala do Jantar, sentindo a vos do Capitão Jeronimo Teixeira Lobo, o vim receber a Sala, o qual me entregou cinco cartas, dizendo-me, que lhas tinha entregue o dono digo o Capitão do Navio hontem a noite; prezente o mesmo as abri, e achei ser huma do Dr. Luis Machado Teixeira, outra de hum cunhado meo Joaquim Alberto de Souza, e outra de Joaquim Guilherme da Costa Posser, outra de Roque Luis de Macedo, e finalmente outra anonima, que não conheço a Letra, qual a incluza se mostra, e ao ler me cubri do maior espanto, e horroroza aflição, que não pude ocultar ao dito Jeronimo Teixeira que me perguntou se tinha coiza de cuidado, ao que lhe respondi que não, que só estava aflicto, por não ter tido successor, como esperava, e entrei a disfarçar a aflição vehemente que em mim produzio as horrorozas, e dezenvoltas expressões, que a dita carta continha, ditadas pelo espirito do demonio, da traição, e infidelidade, e apenas se retirou o dito Jeronimo Teixeira e varias pessoas, que me procurarão, como foi o Tenente Joze Bento, o Capitão Manuel Jose, e as partes, consternado dos disgostos de tão infames, e agravantes expressões contra a Grandeza de S. Mag., e devida obediencia, que seos fieis vassalos lhe consagrarão, como tem de obrigação, e o jurarão de defender ate derramarem a ultima gota de sangue; para dirigir os meos passos com acerto em hum negocio de tanta consequencia, e de tanto pezo para o serviço de S. Mag., e bem dos seos estados, e publica tranquilidade dos povos, busquei pela volta de huma hora da tarde ao Dezembargador Antonio Gomes Ribeiro, e certo que primeiro devia participalo a VS., que em materia semelhantes a pouco se servio S. Mag. de encaregar com tanta gloria do seo serviço, participando-lhe vocalmente, o que acabei de referir, que mais sei sentir com lagrimas, que exprimir, e screvendo tão escandaloza carta contra o Decoro da mesma Senhora, contra a vida do Ex.^mo Vice Rey do Estado, e contra a fidelidade, que jurei a S. Mag., e que tenho procurado sustentar nos deueres do meo cargo pela obediencia das suas Leis, e Reaes Determinações. O que tudo ponho na prezença de VS. para que com aquellas averiguações,

dando as providencias concernentes não só pelo bem do Estado, e serviço da mesma Senhora, mas para se vir tãobem no conhecimento de tão abominavel Reo, que escreveu tão perfida e detestavel carta. Rio de Janeiro, 10 de Janeiro de 1793.

Declaro que a carta junta contem duas meias folhas que tem a minha rubrica, Dr. Silva, no alto de cada huma com os num.[os] 1, 2. R°, era supra.

Dr. Balthazar da Silva Lisboa

O Juis de Fora Dr. Balthazar da Silva Lisboa

A carta anonima :

Amigo.

Querendo expor te os meos cuidados nesecito da tua atenção e Filozofia ; se pensais como tal, e qual eu unicam.[te] comsidero nese Pais capás de huma impreza de mayor gloria.

Eu estou só com outro não consultei comonico te a minha lembransa, e a felicidade dese Pais = A liberdade da Patria, e para a comseguir, o unico meyo. Tereis lido as Gazetas e tereis ouvido dizer como os homens a abração. Os Francezes a introduzirão na America Ingleza com pouco custo, e logo a tomarão para si com tanto ainco(?) e felicidade, que hoje dão Leis ao Mundo : A Inglaterra : A Olanda : Prusia : e O Imperio não lhe incomtrão os progressos, e por toda a parte por onde aparece o nome da Liberdade, é adorado, e amado o seo Estandarte. A Espanha não se demora : Os Paises baixos não disparão hum só fuzil : A Italia taobem vacila : tomada Civita Vechia pelos Francezes já se entende, e se dis que o Papa se tem retirado aos tumultos de Roma. Portugal Burro de Saloyos pela arreata ade ser o que elles quizerem, e o Brazil pasará ao cativeiro das Naçoens formando se nos seos Portos de már Colonias dellas. Os Inglezes pilharão os Dinheiros da Espanha com o nome de se armarem contra a França, e não se contentando tem feito tratados de Comercio em Util de sua Nação. A Republica Franceza, já hoje estabelesida, marcha com cem mil homens querendo partesipar dos mesmos interesses. O Mechico, o Perú, e o Brazil ade parar em Costa da India se os seos habitantes não olharem por si : A Soberba tirania nada vê mais que os

seos sordidos intereses e ade acomodarse com a sua fraqueza. Amor de Patria me transporta: Por ella darei a vida, e faso voto a D[s] de ajudala com as minhas forsas. Vejo te unico, e capas, se o adoptas, de executar o meo pensamento. Direi o meo adjutorio infalivel, e sem dificuldade que o imcontre. A liberdade do Brazil, e de escapar a hum novo, e mais pezado Cativeiro so pode sucederlhe desta forma = Avendo huma mão fiel, e ligeira que tire instantaneam.[te] a vida ao Vice Rey, ou a hum dos Generais dos Portos do már: morto este, e salva aquela O Senado da Camara com o comcurso do Povo, fazendo illudir a ambição dos Magnatas, e fazendo os suspeitos por isso mesmo que de cada hum delles se pode temer o cazo novo, e huma rebelião fazendo espalhar que a fedelidade legitima só está no todo dos Cidadoens; deve; digo O Senado da Camara tomar o governo Politico, e Militar com o nome da Soberana, e com este mesmo emcaminhar todos os seos pasos, os quais sendo asim dirigidos com o pequeno geito tu que estás na cabesa delle podes troselo para o caminho que quizeres: e enquanto se dão contas, se prepara Navio, se devassa do cazo sobre vem mil embarasos, que não podem ter providencia antes do anno e sobre vem as comsideraçoens de cada hum dos individuos, os quais vendo, e tendo por certo que Portugal não pode, nem tem quatro mil homens, que despegar de si para os domar em qualquer Revolução pr[o], os Naturaes da Capt[a], e logo os das outras aonde seguir o mesmo exemplo, e unirem se para os seos intereses. Eu comsidero este projecto tão facil que não demoro esta execução a semanas. Não o deveis dizer antes a outra pesoa alguma = ès mao homem, e sem discurso se o desprezas, e o cumunicas = A mesma Capa que largamos é a que nos deve cubrir athe seo tempo, que por si mesma se ade romper.

Segue se o meo auxilio que te prometo por tudo o que é Sagrado durandome a vida. Monsieur animo eu só espero a noticia de que está principiada a ação com o pr[o] golpe, e esperai me antes que as forças Portuguezas com quatro, ou cinco Fragatas todas com hum signal de huma Grimpa emcarnada no Mastro da Gata em vosso auxilio —

Amigo infalivel

Illm[o] e Ex.[mo] S.[r] Conde de Rezende

Para proceder a devaça, e exame sobre a carta q̃ a V. Ex.[cia] aprezentei derigida ao D.[r] Juis de Fora com a reprezentação q̃ me fes o mesmo Menistro, percizo de escrivão p[a] a mesma devaça e de outro

assistente p[a] as perguntas q̃ houver de fazer ; e como este negocio tem huma immediata conexão com a commissão da Alçada sobre a conjuração da Capitania de Minas, pertendo servir me dos mesmos escrivaens q̃ p[a] aquella deligencia propus a V. Ex.[cia] e q̃ V. Ex.[cia] então aprovou, a saber p[a] escrivão da devaça o Dez.[or] de Aggravos desta Rellação Fran.[co] Luis Alves da Rocha, e p[a] assistente o Ouv.[or] desta Com.[ca] os quais espero q̃ V. Ex.[cia] tãobem agora aprova. Deos G.[de] a VEx.[cia] Rio 12 de Janr[o] de 1793

DE V. Ex.[cia]
Mais obzequiozo V.[or] e C.
Seb.[to] X.[er] de Vas.[los]

Tem à margem : Aprovo. Rio 13 de Janr[o] de 1793.

(rubrica ilegivel).

Auto de exame no papel da carta anonima, e papel *ordinario de uzo do Juis de Fora.*

Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jezus Christo de mil sete centos e noventa e tres aos vinte e hum dias do mes de janeiro nesta Cidade do Rio de Janeiro, e Cazas de Rezidencia do Dezembargador Conselheiro Sebastião Xavier de Vasconcellos Coutinho, do Conselho de Sua Magestade e do da Sua Real Fazenda, Chanceller da Rellação desta Cidade, e Juis da Commissão expedida contra os Reos da Conjuração formada em Minas Geraes, aonde eu Escrivão ao diante nomeado vim com o Doutor Joze Antonio Valente, Ouvidor desta Comarca, Escrivão assistente para effeito de conferirmos a marca do papel da carta anonima, autuada, com o da *attestação (?) ao diante junta,* que o dito Conselheiro mandou passar pello Doutor Juis de Fora desta Cidade Balthazar da Silva Lisboa, tendo a esse fim neste mesmo dia comigo e escrivão assistente passado desfarçadamente a Caza do dito Juis de Fora com o pretexto de o conduzir o dito Conselheiro na sua Sege á Fortaleza da Conceição, aonde se achava prezo incommunicavel Jeronimo Teixeira Lobo, para ahi com o mesmo Juis de Fora lhe fazer acareação : E ponderando ahi no gabinete do mesmo Juis de Fora o dito Conselheiro, que o excesso do Sol, já faria mui incommoda a subida da Ladeira, que vai a dita Fortaleza, e que nas cazas da sua Rezidencia se podia mais commodamente fazer a dita acareação, mandou ao mesmo

Juis de Fora, que lhe passasse a referida attestação, de que necessitava; para oque tirou o dito Juis de Fora hum caderno de papel d'Olanda de huma caza mais interior, dizendolhe porem o mesmo Conselheiro, que mais convinha ser a mesma attestação passada em papel ordinario, tirou aquelle Ministro da mesma caza interior outro caderno de papel ordinario, e nelle passou a attestação ao diante junta; cujo papel sendo neste acto conferido com o da carta anonima por nos Escrivaens na prezença do mesmo Conselheiro, achamos ser da mesma marca, que he o papel da dita carta anonima, por ter hum e outro huma tarja com huma coroa, e por baixo da tarja as letras = G. M. = e na outra meia folha em frente a inscripção = ALMASSO =: Com a differença porem, que o papel da Carta anonima tem na tarja huma faixa que em diagonal cahe da parte da letra = M. = sobre a letra = G. =, e no da attestação do Doutor Juis de Fora cahe a faixa em diagonal pella ordem inversa da letra = G. = sobre a letra = M. = Mas na mesma caza do Juis de Fora, tendo este Ministro entrado para a caza interior a buscar o papel para aquella attestação, e achando se em sima da meza huma folha de papel ordinario, dobrada, como sobre carta de oitavo, toda em branco, porque vio o mesmo Conselheiro ser da mesma marca do da carta anonima, como logo observamos, o mandou arrecadar por mim Escrivão, e sendo tambem neste acto conferido, se achou a tarja em tudo conforme; somente com alguma differença no remate da mesma tarja, eficar esta no dito papel em branco na meia folha da parte esquerda. Porem tendo o dito Conselheiro mandado vir mais papel de diversas logeas desta Cidade, e da mesma Rua, em que mora o mesmo Juis de Fora, se achou algum, ainda nos mesmos cadernos, em humas folhas com a tarja na meia folha da parte direita, e em outra na meia folha da parte esquerda, e as letras = ALMASSO = em todas em frente na outra meia folha: E achou tambem outra qualidade de papel ordinario de differentes resmas, e logeas, com marcas totalmente diversas. E de tudo mandou o dito Conselheiro fazer este auto e ajuntar a elle a referida attestação do Juis de Fora e folha de papel em branco achada em sua caza, e assignou com o Ministro Escrivão assistente, com o qual dou fé passar tudo na verdade; e Eu o Dezembargador dos Aggravos da Rellação desta Cidade, Francisco Luis Alvares da Rocha, Escrivão da Commissão, que o escrevi, e assignei.

(rubrica ilegivel) Fran.co Luis Alvares da Rocha
Joze Antº Val.te

(*Tem no verso*)

Termo de ajuntada da attestação do Doutor Juis de Fora, e folha de papel em branco.

E logo no mesmo dia, mes, e anno, declarado retro ajuntei a estes autos a attestação do Doutor Juis de Fora desta Cidade, e folha de papel em branco por mim rubricada em ambas as meias folhas, em cumprimento do q̃ o Conselheiro Juis da Commissão determinou no auto de exame retro ; e para constar fis este termo ; e Eu o Dezembargador Francisco Luis Alvares da Rocha, Escrivão da Commissão, que o escrevi.

Certifico debaixo de Juramento dos Santos Evangelhos, que o Cap.^m^ Jeronimo Teixr^a^ Lobo pela primr^a^ ves me entregou no dia des de Janr^o^ cinco cartas vindas de Lx^a^, tendome porem entregue por vezes outras, vindas da Bahia de meo Pais, e do Dez.^or^ Marcelino Per^a^ Cleto, e isto despois q̃ aq.^le^ Dez.^or^ chegou a Cidade da Bahia. E por ser verdade passei a prezente por mim feita, e assignada. Rio de Janr^o^ 21 de Janr^o^ de 1793.

D.^r^ Balthazar da Silva Lisboa

Tem a seguir 2 folhas em branco onde se lê :

Folha de papel em branco, achada em caza do Juis de Fora

Rocha

Auto de exame feito na Letra da Carta autuada

Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jezus Christo de mil setecentos e noventa e tres aos vinte e hum dias do mes de Janeiro nesta Cidade do Rio de Janeiro e Cazas de Rezidencia do Dezembargador Conselheiro Sebastião Xavier de Vasconcellos Coutinho do Conselho de Sua Magestade e do da Sua Real Fazenda Chanceller da Rellação da mesma Cidade, e Juis da Commissão, expedida contra os Reos da Conjuração formada em Minas Geraes, aonde eu Escrivão ao diante nomiado vim para effeito de se fazer exame na carta autuada com Escrivaens, e Tabaliaens para declararem se conhecião aquella Letra, ou se tinhão visto outra semelhante ; e tendo o mesmo Conselheiro mandado vir á sua prezença o Escrivão da Ouvidoria Geral do Crime da Rellação Pedro Henriques da Cunha, e o da Ouvidoria Geral do Civel, Manoel Nunes da Costa Prates, e os Tabaliaens do publico judicial,

e Nottas, Joze dos Santos Rodrigues e Araujo, e Joze Coelho Rolen Wandek; ahi apprezentando-lhe a mesma carta autuada, debaixo do juramento dos Santos Evangelhos, que neste acto lhes foi deferido, lhes foi mandado, que vissem, e examinassem a letra, e declarassem, se a conhecião, ou tinhão visto outra semelhante, e sendo por elles ditos Escrivaens, e Tabaliaens vista, e examinada, ainda que se lhe não permittisse, que a lessem, diceram, e declararão, que não tem conhecimento algum da letra da dita carta, nem tem lembrança de terem visto outra semelhante, e todos uniformemente declararão tambem, que a mesma Letra lhes parecia disfarçada, e ser feita por quem escreve milhor, o que se conhece muito bem por alguns caracteres, que nella se vem lançados sem o acanhamento premeditado para o disfarce, e outras Letras, que mostrão prizão, e que não são feitas naturalmente, e segundo o uzo, de quem as escreveo, e de tudo mandou o dito Conselheiro fazer este auto, que assignou com os ditos Escrivaens, e Tabaliaens, do que derão sua fé, e eu o Dezembargador Francisco Luis Alvares da Rocha, Escrivão da Commissão, o escrevi, e assignei

(rubrica ilegivel)

Fran.[co] Luis Alvares da Rocha
Pedro Henriq[e] da Cunha
M.[el] Nunes da Costa Prates
Joze dos Santos Doiz Ar[o]
Joze Coelho Rolleen WanDeK

Francisco Luis Alvares da Rocha, Dezembargador dos Aggravos da Rellação do Rio de Janeiro, e Escrivão da Commissão expedida contra os Reos da Conjuração formada em Minas Geraes, e nomiado para estes autos, certifico que no exame retro, somente foi mostrado aos Escrivaens, e Tabaliaens hum pedaço da carta autuada na primeira Lauda, sem que della podessem Ler coiza alguma seguidamente, mais que huma, ou outra palavra salteada, do que dou fé, e para assim constar passei a prezente certidão: Rio de Janeiro vinte e hum de Janeiro de mil sete centos e noventa e tres annos.

Fran.[co] Luis Alvares da Rocha

Certidão do exame feito no papel ordr.º de Jeronimo Teixeira Lobo

Francisco Luis Alvares da Rocha, Dezembargador dos Aggravos da Rellação desta Cidade, e Escrivão da Commissão expedida contra os Reos da Conjuração formada em Minas Geraes, e outra ves nomeado para esta Diligencia, certifico, que por ordem vocal do Dezembargador Conselheiro Sebastião Xavier de Vasconcelos Coutinho, Chanceller da Rellação desta mesma Cidade, e Juis da Commissão sobredita, passei com o Doutor Joze Antonio Valente, Ouvidor desta Comarca, e Escrivão assistente nesta mesma Diligencia, ás Cazas, donde nesta cidade mora Jeronimo Teixeira Lobo, e ahi lhe mandei desfarçadamente passar huma attestação; e abrindo o dito Jeronimo Teixeira Lobo huma cantoneira, que tinha em huma caza interior, dahi tirou hum caderno de papel, no qual passou a attestação ao diante junta; e conferindo eu depois com o dito Ministro, Escrivão assistente o papel desta attestação com o da carta anonima autuada, e o da attestação do Doutor Juis de Fora, junta a estes autos, achamos ser inteiramente conforme, e da mesma marca, assim como o da attestação do dito Juis de Fora Passa na verdade, do que damos fé, e para assim constar passei a prezente certidão, que assignei com o dito Ouvidor da Comarca, Escrivão assistente Rio 22. de Janeiro de 1793

Fran.co Luis Alvares da Rocha
Joze Antº Val.te

Termo da Attestação ao diante ajuntada

Aos vinte e dous dias do mes de Janeiro, nesta Cidade do Rio de Janeiro e Cazas da minha, digo de Janeiro de mil sete centos e noventa e tres, nesta Cidade do Rio de Janeiro, e Cazas da minha Rezidencia, em cumprimento da ordem vocal assima referida do Dezembargador Conselheiro, Chanceller desta Rellação, ajuntei a estes autos a attestação passada por Jeronimo Teixeira Lobo, a qual he, a que ao diante se segue; do que para constar fis este termo; e eu o Dezembargador Francisco Luis Alvares da Rocha, que o escrevi

Attesto e fico certo que tendo hido a Caza do D.or Juis de fora no dia Nove deste mes pª lhe entregar humas Cartas vindas de Lisboa o no Navio Pedra a Cujo bordo mas derão pª lhas entregar, e tendo

achado a porta do d° Men° fechada conservey as d.as Cartas na Algibeira da minha farda até o dia Seguinte em que com ef.to lhe entreguey as d.as Cartas ; e não hera façil que pessoa algua da minha Caza me intreduzice na Algibeira outra Carta algua alem das que trousse de bordo p.r ter logo de menhem vestido a mesma farda ; e ter esta de noute ficado junto a mim Rio de Jan.ro 22 de Jan.ro de 1793

Jeronimo Teix.ra Lobo

Tem no verso :

Termo de Con.am

Aos vinte e quatro dias do mes de Janeiro de mil sete centos e noventa e tres nesta Cidade do Rio de Janeiro, e Cazas da minha Rezidencia fis estes autos concluzos ao Dezembargador Conselheiro Sebastião Xavier de Vasconcellos Coutinho, Chanceller da Rellação desta Cidade, e Juis da Commissão, expedida contra os Reos da Conjuração formada em Minas Geraes ; do que para constar fis este termo ; e Eu o Dezembargador Francisco Luis Alvares da Rocha, Escrivão da mesma Commissão o escrevi

O L.os (?)

Com os autos
de perguntas
appensos.

O escrivão destes autos numere e rubrique as folhas delles e dos appensos, e feito o enserramento tire de tudo huma legal copia, q̃ me entregará com o original Rio de Janeiro 24 de Janeiro de 1793
(rubrica ilegivel)

Aos vinte e quatro dias do mes de Janeiro do anno de mil sete centos e noventa e tres nesta Cidade do Rio de Janeiro e Cazas de Rezidencia do Dezembargador Conselheiro Sebastião Xavier de Vasconcellos Coutinho, Juis da Commissão, me forão dados por elle estes autos com o seu despacho nelles posto, para se cumprir e guardar, como nelle se contem ; do que para constar lavrei este termo ; e EU o Dezembargador Francisco Luis Alvares da Rocha, Escrivão da Commissão que o escrevi.

Francisco Luis Alvares da Rocha Dezembargador dos Aggravos da Rellação desta Cidade, e Escrivão da Commissão expedida contra os Reos da Conjuração formada em Minas Geraes, novamente nomeado para esta Diligencia, certifico, que em cumprimento do despachado em frente rubriquei estes autos, e os numerei, os quaes tem quinze folhas, por hir repetido o numero quatro, e vão rubricadas com o seu signal = Rocha =, e da mesma sorte os sete appensos; E tanto destes autos principais, como dos seus appensos, tirei a copia Legal, por mim escripta, e assignada, e conferida com o Ouvidor desta Comarca, Escrivão assistente, e a mesma copia com este original entreguei na forma do dito despacho em frente. Rio de Janeiro seis de Fevereiro de mil sete centos e noventa e tres; passa na verdade do que dou fé; e Eu Francisco Luis Alvares da Rocha, Escrivão da Commissão, o escrevi e assignei

Fran.co Luis Alvares da Rocha

Auto de perguntas feitas ao Capitão do Navio Pedra, Antonio de Oliveira Guedes

Anno do Nascimento de Nosso Senhor Christo de mil sete centos e noventa e tres aos quatorze dias do mes de Janeiro nesta Cidade do Rio de Janeiro e Cazas de Rezidencia do Dezembargador Conselheiro Sebastião Xavier de Vasconcellos Coutinho do Conselho de Sua Magestade e do da Sua Real Fazenda, Chanceller da Rellação desta Cidade, e Juis da Commissão expedida contra os Reos da Conjuração formada em Minas Geraes, aonde Eu Escrivão ao diante nomiado fui vindo com o Ouvidor desta Comarca Joze Antonio Valente, Escrivão assistente, para effeito de fazer perguntas ao Capitão do Navio Pedra, antes de entrar o dito Conselheiro a tirar testemunhas na Devassa, o qual capitão tendo mandado vir a Sua prezença lhe fes perguntas pella maneira Seguinte.

Foi perguntado, como se chamava, se era solteiro, ou cazado, do que vivia, donde era natural, que idade tinha, e se tinha algumas ordens Respondeo, que se chamava Antonio de Oliveira Guedes, cazado, natural da cidade do Porto, que vive de Ser Capitão de Navio, e actualmente anda no Navio Pedra, de idade de cincoenta a.s; e que não tinha ordens, nem privilegio, que o izentasse da jurisdição Real.

Foi perguntado, em que dia sahio da Corte de Lisboa, e quantos gastou na viagem ate entrar nesta Cidade.

Respondeo, que tinha sahido da Corte de Lisboa no dia vinte e cinco de Novembro do anno de Noventa e dous, e que chegara a esta Cidade no dia nove de Janeiro do prezente anno.

Foi perguntado se tinha trazido algum recado, ou recommendação, que lhe dessem alguma pessoa na Corte para algum sogeito desta Cidade.

Respondeo, que não tinha trazido recommendação, nem recado algum de palavra para dar a alguem nesta Cidade.

Foi perguntado se na Corte de Lisboa lhe fallou alguem a respeito do Rio de Janeiro, ou de alguma pessoa, que nesta Cidade assista.

Respondeo, que cuida na carga e descarga do Navio, e pessoa nenhuma lhe fallou a respeito desta Cidade do Rio de Janeiro, nem de pessoa, que nella assista; excepto o Dezembargador Antonio Joaquim de Pina Manique, que fallou com elle Respondente, perguntando lhe pella Sentença, e execução dos Reos da Conjuração de Minas, por ser elle Respondente hum dos primeiros, que chegou á Corte, depois que os ditos Reos forão Sentenciados.

Foi perguntado, se tinha trazido algumas cartas, que lhe fossem entregues na Corte com recommendação delle Respondente as entregar nesta Cidade.

Respondeo, que fora do Saco não trouce carta alguma com recomendação para entregar nesta Cidade, excepto huma para Manoel Velho, Negociante desta Praça, a qual lhe entregou o Secretario da Meza da Commissão, tres ou quatro cartas para o Ajudante d'Ordens Gaspar Joze de Mattos, as quaes lhe entregou duas, huma mulher, que he vizinha delle Respondente em Lisboa, a qual não sabe o nome, e outra em caza do Excellentissimo Conde de Rezende Pay lhe entregou hum criado, e que trouce mais fora do Saco, huma carta para o Illustrissimo Conde Vice Rey, que tambem lhe entregarão entregarão em caza do Illustrissimo e Evcellentissimo Conde Pay; as quaes entregou ao Patrão mor, logo que elle foi a bordo no Navio; e que á excepção destas não troucera mais carta alguma fora do Saco.

Foi perguntado se ainda que não troucesse mais carta alguma tirou elle Respondente do Saco algumas cartas para algumas pessoas conhecidas desta terra para lhe fazer o obzequio de lhas entregar, ou mandar entregar.

Respondeo, que não separou, nem tirou carta alguma, das que vinhão no Saco para pessoa alguma desta terra, nem elle Respondente entregou da sua mão mais cartas, do que aquellas, que ja tem referido.

Foi perguntado, se no Saco das cartas se poderia introduzir alguma, ou algumas depois, que sahio da Corte.

Respondeo, que o Saco das cartas costuma vir na mão do Despenseiro, de que bem podem pella viagem as pessoas, que vem no Navio meter cartas no Saco toda a ves, que o Despenseiro convier.

Foi perguntado, como costuma elle Respondente entregar o Saco das cartas ao Patrão mor.

Respondeo, que costuma elle Respondente a abrir o Saco, e separar todas aquellas que vem para pessoas conhecidas, e juntas atallas com hum fio, e tornar a metellas no Saco, que entrega ao Patrão mor, o que agora tambem praticou.

Foi perguntado se lhe lembra as cartas que atou com fio, para quantas pessoas, e quantas cartas erão.

Respondeo, que lhe lembra, que atara com fio cartas para elle Conselheiro, que atara mais com fio cartas para o Ouvidor da Comarca, cartas para o Doutor Juis de Fora, as quaes todas ajuntou com huma carta, que vinha no Saco para Jeronimo Teixeira Lobo, e juntas as atou todas, por lhe parecer, que serião mais prontamente entregues por mão do dito Jeronimo Teixeira.

Foi perguntado, se lhe lembra quantas erão, as que atou com hum fio para cada huma das pessoas, que deixa referidas?

Respondeo, que lhe não lembra quantas vinhão para elle Conselheiro; que para o Doutor Ouvidor da Comarca lhe parece que não passavão de duas cartas; para Jeronimo Teixeira huma carta; e para o Doutor Juis de Fora lhe parece, que tambem não serião mais de duas cartas.

Foi perguntado, se depois que o Saco das cartas veio para terra fallou com Jeronimo Teixeira Lobo, e Soube, se elle tinha recebido, não só a sua, mas as mais cartas, e as tinha entregues.

Respondeo, que só duas vezes tinha fallado com Jeronimo Teixeira Lobo depois que chegou a esta Cidade, a primeira ves a bordo do Navio, aonde o dito Jeronimo Teixeira foi vizitar a elle Respondente, a Segunda foi hoje na Rua direita, porem em nenhuma dessas vezes fallarão a respeito das sobre ditas cartas.

E sendo lhe mostrada a carta declarada no Auto, que serve de corpo de delicto, foi perguntado se lhe parece a letra da mesma carta com alguma daquellas, que atou com hum fio para o Doutor Juis de Fora.

Respondeo, que não conhecia a letra da carta, nem tem idea alguma da letra das cartas, que atou para julgar, se tinhão alguma semelhança com a letra da carta, que lhe foi mostrada.

E por ora lhe não fes mais perguntas, as quaes sendo lhe lidas achou estarem conformes, com o que respondido tinha; e sendolhe deferido juramento, pello que respeitava a terceiro, declarou debaixo do

mesmo juramento ter dito a verdade, do que sabia; e com o Ministro Escrivão assistente declaro, que neste acto esteve o Respondente livre de ferros, e de tudo mandou o dito Conselheiro fazer este Auto, em que assignou com o Respondente, e Ministro Escrivão assistente; e Eu o Dezembargador Francisco Luis Alvares da Rocha, Escrivão da Diligencia, que o Escrevi e assignei

(rubrica ilegivel) Fran.co Luis Alvares da Rocha
Joze Antº Val.te
An.to de Olivª Guedes

Auto de continuação de perguntas feitas a Antonio de Oliveira Guedes

Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jezus Christo de mil sete cento e noventa e tres aos dezasete dias do mes de Janeiro nesta cidade do Rio de Janeiro, e cazas de Rezidencia do Dezembargador Conselheiro Sebastião Xavier de Vasconcellos Coutinho do Conselho de Sua Magestade, e do da sua Real Fazenda Chanceller da Rellação desta Cidade e Juis da Commissão expedida contra os Reos da Conjuração formada em Minas Geraes, aonde eu escrivão nomeado vim com o escrivão assistente o Doutor Ouvidor desta Comarca Joze Antonio Valente, para effeito de se continuarem perguntas a Antonio de Oliveira Guedes, prezo incommunicavel; e sendo ahi mandou o mesmo Conselheiro vir a sua prezença o dito Antonio de Oliveira Guedes, Capitão do Navio Pedra, e lhe continuou as perguntas pella maneira seguinte.

E sendo lhe lidas as perguntas antecedentes, e perguntado se estavão conf., digo se as ratificava, ou tinha alguma coiza, que nellas accrescentasse, ou diminuisse?

Respondeo, que ratificava o mesmo, que tinha dito nas perguntas antecedentes, com a declaração, que ja fes, que a propozito só duas vezes tinha chegado, digo tinha fallado com Jeronimo Teixeira Lobo, ainda que de passagem, e saudando-o lhe fallou todos os dias, ou quasi todos os dias.

E logo mandou o mesmo Conselheiro vir à sua prezença a João Nepomuceno, Despenseiro do mesmo Navio Pedra, para com elle fazer acareação ao Respondente, e sendo ahi deferido ahum e outro o juramento dos Santos Evangelhos para debaixo delle dizerem a verdade pello que pertence a terceiro; e se reconhecerão reciprocamente pellos

entrava gente sem consentimento do Despenseiro, e consequentemente proprios o Acareante e Acareado; e lhes fes o dito Conselheiro a acareação pella maneira seguinte.

E sendo lhe lida a resposta, que deo o acareante ás perguntas, que lhe forão feitas, em que declarou, que o Saco das cartas na proxima viagem, q̃ veio no Navio Pedra da cidade de Lisboa, nunca veio entregue a elle Respondente; porque sempre veio na Camara do Capitão; o que se contradizia, com o que tinha declarado o acareado nas respostas ás perguntas, que lhe forão feitas; em que declarou, que o Saco das cartas sempre veio entregue ao acareante; e que nelle ninguem podia tirar, nem metter cartas, durante a viagem, sem que o mesmo acareante conviesse: O que sendo ouvido por ambos, o acareante perzistio, em que tinha dito verdade, que o Saco tinha vindo na camara do Capitão, e não entregue a elle acareante; e o acareado dice que elle entregou o Saco ao acareante com as cartas para que o guardasse no principio da viagem, que se persuadio, que elle o tinha guardado; porem que he verdade, que elle o tinha posto na camara; porem, que elle acareado não reparou em tal, senão passados muitos dias; e como tinha dado o mesmo Saco a guardar ao acareante, por isso dice nas repostas ás perguntas, que o Saco das cartas vinha entregue á guarda do mesmo acareante; o que sendo ouvido pello acareante conveio, em que o acareado lhe deo no principio da viagem o Saco das cartas a guardar, e que elle acareante o puzera na camara do acareado: E por esta forma houve esta acareação por feita e sendolhes lida acharão estar conforme, nas respostas, com o que nella dito tinhão e debaixo do juramento, que recebido tinhão declararão ter dito a verdade cada hum pello que pertence a terceiro; e de tudo mandou o dito Conselheiro fazer este Auto que assignou com o acareante, e acareado, e Ministro escrivão assistente; e eu Francisco Luis Alvares da Rocha, que o escrevi e assignei

(rubrica ilegivel) Fran.co Luis Alvares da Rocha
Jose Antº Val.te
An.to de Olivª Guedes
João Nepomuceno

E tendo o mesmo Conselheiro mandado retirar o acareante João Nepomuceno continuou com o Respondente as perguntas pella maneira seguinte.

Foi perguntado, que visto concordar, e que digo concordar, em que o Saco veio na Camara, se concorda tambem, em que na Camara

sem o mesmo consentimento podia alguem tirar, ou meter cartas no Saco.

Respondeo, que tambem convem, em que na Camara as pessoas, que lá entravão, não era necessario, que precedesse licença de Despenseiro; e por consequencia tambem as pessoas, que na Camara entravão, podião tirar, ou meter cartas no Saco sem preceder o consentimento do Despenseiro.

Foi perguntado, se depois que se apartarão as cartas, e se atarão os massos com hum fio, ficou o Saco na Camara, como dantes vinha, e se as cartas, que se atarão em massos com hum fio, se meterão outra ves dentro do Saco, e a quem se entregarão?

Respondeo, que tanto que se apartarão as cartas do Saco, em que vinhão, e se atarão em massos com fio aquellas, que vinhão para pessoas conhecidas, se meterão estas em hum Saco separado, e as mais cartas avulsas, se meterão no mesmo Saco, em que tinhão vindo; e ambos estes sacos mandou elle Respondente ao Despenseiro, que os guardasse no beliche, aonde hia so o Despenseiro, e hum moço, que serve a elle Respondente, chamado Manoel, e que ambos estes sacos trouce o Patrão mor para terra; porem, que o masso atado com hum fio, que trouce cartas do Doutor Ouvidor da Comarca e para o Doutor Juis de Fora, e foi entregue a Jeronimo Teixeira Lobo, quando elle foi a bordo, ficou logo fora dos ditos dous sacos, e elle Respondente o mandou por, digo e elle Respondente o pos pella sua mão em huma espece de parteleira, que tem no beliche, em que dorme; e que quando quis vir para terra mandou ao dito moço Manoel, que fosse buscar o referido masso de cartas para entregar a Jeronimo Teixeira que estava em hum catraio atracado ao Navio; e como estava muita gente da equipagem junta ao portaló, e por riba da tolda, o masso de cartas se passou de mão em mão para se deitar ao dito Jeronimo Teixeira.

E não fes o dito Conselheiro mais perguntas ao Respondente, as quaes lhe lidas achou estarem conformes com o que respondido tinha, como tambem ter dito a verdade, em quanto a terceiro, debaixo do juramento recebido; e com o Ministro escrivão assistente declaro, que em todo este acto esteve o Respondente livre de ferros: e de tudo mandou o dito Conselheiro fazer este Auto, digo fazer este auto, que assignou com o Respondente e Ministro Escrivão assistente; e eu Francisco Luis Alvares da Rocha, Escrivão da Commissão o escrevi e assignei

(rubrica ilegivel)

Fran.co Luis Alvares da Rocha
Jose Antº Val.te
An.to de Olivª Guedes

Auto de perguntas feitas a João Nepomuceno, e Bento de Oliveira Guedes

Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jezus Christo de mil sete centos e noventa e tres aos quinze dias do mes de Janeiro nesta Cidade do Rio de Janeiro e cazas da Rezidencia do Dezembargador Conselheiro Sebastião Xavier de Vasconcellos Coutinho do Conselho de Sua Magestade e do da Sua Real Fazenda Chanceller da Rellação desta cidade, e Juis da Commissão expedida contra os Reos da Conjuração formada em Minas Geraes, aonde eu Escrivão ao diante nomiado vim e o Ouvidor desta Comarca Escrivão assistente, para effeito de se fazerem perguntas ao Despenseiro do Navio Pedra sobre o objecto conteudo na carta anonima remettida ao Juis de Fora desta Cidade; e sendo pello dito Conselheiro mandado á sua prezença lhe fes perguntas pella forma seguinte.

Foi perguntado, como se chamava, donde era natural, que estado tinha, e a sua idade, de que vivia, e se tinha algumas ordens.

Respondeo, que se chamava João Nepomuceno, de Lisboa natural, cazado, de idade de trinta e nove annos, vive de andar embarcado, e não tinha ordens algumas.

Foi perguntado, que occupação tinha no Navio Pedra na prezente viagem, que acaba de fazer de Lisboa para esta cidade.

Respondeo, que era Despenseiro, a cuja guarda vem os mantimentos das raçoens, e agoa, que se dá á gente do Navio.

Foi perguntado, se alem dos mantimentos, que guarda, e reparte, costuma vir entregue de mais algumas coizas, assim como o Saco das cartas, que vem no Navio.

Respondeo, que o saco das cartas algumas viagens costuma vir em poder delle Respondente para guardar; porem na viagem, que agora acaba de fazer de Lisboa para esta cidade nunca o saco veio entregue a elle Respondente; porque sempre veio na Camara entregue á guarda do Capitão.

Foi perguntado se sabe, ou lhe consta de algum modo, que no dito saco das cartas alguem metesse, ou tirasse alguma carta, durante o tempo da viagem.

Respondeo, que não sabia coiza alguma a esse respeito, porque nesta viagem não veio o saco entregue a elle Respondente; porem que muitas vezes nas viagens costuma o Capitão abrir o saco e ver, e apartar as cartas, que vem nelle; mas nesta viagem, como o saco não veio entregue a elle Respondente; nada sabe a esse respito.

E por ora não fes mais perguntas elle Respondente, as quaes sendolhe lidas, achou estarem conforme, com o que respondido tinha; e

sendolhe deferido o juramento dos Santos Evangelhos, pello que respeita a terceiro, debaixo delle declarou ter dito a verdade; e declaro com o Ministro Escrivão assistente, que neste acto esteve o Respondente livre de ferros; e de tudo mandou o dito Conselheiro fazer auto, que assignou com o Respondente, e Ministro Escrivão assistente o Doutor Jose Antonio Valente; e eu o Dezembargador Francisco Luis Alvares da Rocha, Escrivão da Commissão, que o escrevi e assignei.

(rubrica ilegivel) Fran.co Luis Alvares da Rocha
Jose Antº Val.te
João Nepomuceno

E logo no mesmo dia mes e anno o dito Conselheiro commigo Escrivão, e Ministro Escrivão assistente, mandou tambem vir a sua prezença o Sota Piloto do Navio Pedra, e lhe fes perguntas pella maneira seguinte.

Foi perguntado, como se chamava, donde era natural, que idade, e estado tinha, de quem era filho, e se tinha algumas ordens.

Respondeo, que se chamava Bento de Oliveira Guedes, filho de Antonio de Oliveira Guedes, natural de São João da Fóz do Porto, de idade de vinte e sinco annos, solteiro, que vivia de andar embarcado, e não tem ordens algumas.

Foi perguntado, que occupação teve nesta viagem no Navio Pedra, em que veio.

Respondeo, que vinha por Sota Piloto no dito Navio.

Foi perguntado se no mesmo Navio vinhão muitos passageiros.

Respondeo, que vinhão unicamente tres passageiros.

Foi perguntado, os taes passageiros, que casta de gente erão, se vinhão na Camara, ou em Camarotes.

Respondeo, que os ditos tres passageiros não vinhão na Camara, mas sim em camarotes fora.

Foi perguntado, se elle Respondente, como filho do Capitão do Navio costumava na viagem entrar, e assistir frequentemente na Camara.

Respondeo, que na viagem a sua assistencia, e accomodação era em sima sobre a tolda; e que só hia á Camara, quando queria tirar roupa para se vestir, a qual trazia na mesma Camara; e que em toda a viagem apenas lá chegou a entrar duas, ou tres vezes.

Foi perguntado, se fóra do saco das cartas trouce elle Respondente alguma carta em seu poder para entregar nesta terra.

Respondeo, que não trouce carta alguma em seu poder para entregar.

Foi perguntado, se sabe a quem o saco das cartas, que vinha no dito Navio, vinha entregue. Respondeo, que o saco das cartas costuma entregar-se ao Capitão do Navio, e este ordinariamente costuma mandar guarda-lo no paiol, cuja guarda he encarregada ao Despenseiro.

Foi perguntado, se sabe, o que se praticou nesta viagem a este respeito; se com effeito o saco veio no paiol entregue ao Despenseiro, ou se vinha encarregado guarda-lo outra alguma pessoa.

*Respondeo, que nesta viagem sabe que o saco das cartas veio en*tregue ao Despenseiro, porque antes de chegar a esta terra, querendo separar-se as cartas, que vem para os commerciantes, ou Ministros desta Cidade, costumão separar-se as carta para se ajuntarem, as que vem para a mesma pessoa, e se atarem com hum fio; e querendo praticar-se isto mesmo no fim desta viagem, vio que se pedio o saco das cartas ao Despenseiro, e que elle o trouce do paiol.

E vendo o dito Ministro, que se contradizia com o que tinha declarado, o Despenseiro João Nepomuceno nas perguntas antecedentes, nas quaes havia declarado, que o saco das cartas nesta viagem lhe não viera nunca entregue, porque sempre veio na Camara entregue á guarda do Capitão; e mandando logo vir a sua prezença o dito João Nepomuceno para ser acareado com o Respondente sobre esta contradição, conveio o Respondente, em que o saco das cartas podia vir na Camara entregue ao Capitão, porem como vio, que se pedia o mesmo saco ao dito acareante, e que este o trazia debaixo para a tolda, julgou, que vinha do paiol; e por esta cauza se persuadio, que vinha entregue á guarda do acareante; porque disso não tinha outra certeza; e por esta forma ficarão justos, em que o saco podia muito bem vir na Camara, e que o acareante fallava verdade; e que elle acareado se tinha persuadido o contrario pella razão, que declarou; e por esta forma houve esta acareação por feita a qual sendo lida ao acareante e creado, acharão estar conforme, com o que respondido tinhão; e assignou o dito Conselheiro acareante e acareado, e Ministro Escrivão assistente, e Eu o Dezembargador Francisco Luis Alvares da Rocha Escrivão, que o escrevi.

(rubrica ilegivel)

Fran.co Luis Alvares da Rocha
Jose Antº Val.te
Bento de Oliurª Guedes
João Nepomuceno

E tendo o dito Conselheiro mandado retirar o sobredito Despenseiro continuou ao Respondente as perguntas seguintes.

Foi perguntado, nesta viagem quando apartarão as cartas para as atarem com hum fio na forma, que tem declarado, se foi ja dentro da barra, ou antes de entrarem.

Respondeo, que foi alguns dias antes de entrarem a barra desta Cidade.

Foi perguntado, se elle Respondente assistio ao apartar das mesmas cartas, se apartou algumas, ou quem as apartou.

Respondeo, que nem apartou cartas algumas, nem assistio ao apartar das mesmas cartas, mas que sabe pello ver, que quem as apartou, e atou com hum fio, foi o Capitão do Navio com hum Marujo, chamado Antonio Lucas, que escreve muito bem.

Foi perguntado se sabe, que algumas das cartas que vierão no saco, se entregassem a bórdo em mão de alguma pessoa particular, ou se vierão juntas em saco para terra por mão do Patrão mor, como he costume.

Respondeo, que não vio, nem sabe, que a bordo se entregassem cartas algumas em mão de particular, ou se vierão todas para terra no saco, que se entregou ao Patrão mor.

Foi perguntado, aonde costuma estar o saco para se deitarem as cartas em Lisboa, quando o Navio está para fazer viagem.

Respondeo, que o saco costuma estar em Lisboa em caza do dono do Navio, chamado Antonio Martins Pedra, que mora abaixo da Igreja de São Roque, que o mesmo saco costuma estar pregado na parede em huma caza vaga, que costuma estar aberta, logo ao sima da escada, e que quem quer lançar alguma carta no saco para esta Cidade, não tem mais demora, do que subir a escada e lançar as cartas, que quer no mesmo saco, sem que seja precizo entrega-las, nem fallar a pessoa alguma.

E por ora não fes o dito Conselheiro mais perguntas ao Respondente, as quaes sendolhe lidas achou estarem conformes, com o que respondido tinha; e tendolhe deferido o juramento dos Santos Evangelhos, pello que respeita a terceiro debaixo delle declarou ter dito a verdade; e com o Ministro Escrivão assistente declaro que neste acto esteve o Respondente livre de ferros; do que tudo mandou o dito Conselheiro fazer este auto, que assignou com o Respondente e Ministro Escrivão assistente; e eu Francisco Alvares da Rocha, Escrivão da Commissão, o escrevi e assignei

(rubrica ilegivel) Francisco Luis Alvares da Rocha
Jose Ant.º Val.te
Bento de Oliveira Guedes

Auto de perguntas feitas a Jeronimo Teixeira Lobo

Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jezus Christo de mil sete centos e noventa e tres aos quinze dias do mes de Janeiro nesta Cidade do Rio de Janeiro e Cazas da Rezidencia do Dezembargador Conselheiro Sebastião Xavier de Vasconcellos Coutinho do Conselho de Sua Magestade e do da Sua Real Fazenda Chanceller da Rellação desta Cidade e Juis da Commissão expedida contra os Reos da Conjuração formada em Minas Geraes, aonde eu Escrivão ao diante nomiado vim com o Ouvidor desta Comarca Joze Antonio Valente Escrivão assistente para effeito de fazer ao sobredito perguntas a Jeronimo Teixeira Lobo Sobre o Auto, a que mandou proceder, e tendo-o mandado vir a sua prezença pello dito Ouvidor da Camara, lhe fes perguntas pella maneira seguinte.

Foi perguntado como se chamava, que idade tinha, o seu estado, donde era natural, e de que vivia, e se tinha algumas ordens.

Respondeo, que se chamava Jeronimo Teixeira Lobo, cazado, de idade de quarenta e oito annos, Natural de Villa Real Arcebispado de Braga, que vive de Negocio e suas propriedades de cazas, e que não tinha ordens algumas.

Foi perguntado se conhecia, e tinha amizade com o Capitão do Navio chamado Pedra.

Respondeo, que conhece muito bem o Capitão do Navio Pedra, chamado Antonio de Oliveira Guedes, pella razão de ter sido interessado do dito Navio; e supposto vendeo a parte, que nelle tinha, o anno passado, ja antes disso o mesmo Antonio de Oliveira Guedes era Capitão do dito Navio.

Foi perguntado, quando chegou o Navio Pedra a esta Cidade, e quando fallou elle Respondente ao dito Capitão;

Respondeo, que o Navio Pedra chegou a esta cidade no dia nove do prezente mes e anno pellas seis horas da tarde, e que elle Respondente fallou ao Capitão no msmo dia, hindo a bordo com Amaro Velho em hum bote, a tempo, que o mesmo Capitão descia pello portaló para vir para terra dar as suas entradas; e que depois disso lhe tem fallado todos os dias depois que elle chegou.

Foi perguntado, se do mesmo Capitão tinha recebido algumas cartas para entregar a algumas pessoas nesta terra.

Respondeo que da mão do Capitão não recebeo carta alguma para entregar, nem tambem para elle Respondente; mas que descendo o dito Capitão pello portaló, no mesmo tempo o Sota Piloto do Navio, chamado Caetano, de quem não sabe o sobre nome, lhe passara para baixo hum maço de cartas amarradas com hum fio, e huma solta para

elle Respondente, e no masso atado vinhão cartas para o Doutor Ouvidor desta Comarca e para o Doutor Juis de Fora desta Cidade.

Foi perguntado se elle Respondente entregou as ditas cartas, e quantas erão.

Respondeo, que todas as cartas, que vinhão no dito masso entregou ao Doutor Ouvidor, e Doutor Juis de Fora; ao Doutor Ouvidor huma Carta, e ao Doutor Juis de Fora entregou as cartas, que vinhão, que lhe parece serião quatro, ou cinco.

Foi perguntado, quando entregou as cartas ao Doutor Juis de Fora, se foi no mesmo dia, que as recebeo, e a que horas.

Respondeo, que querendo entrega-las no mesmo dia, em que chegou o Navio, não achou o dito Ministro em caza; pello que lhe entregou as ditas cartas no dia seguinte, hindo a sua caza pellas oito horas da manhã; e tanto que chegou á sala principal do andar de sima, perguntou a humas pretas, que andavão lavando a caza pello dito Ministro, o qual sahio de dentro, aonde estava em outra caza mais interior com o Boticario Antonio Ribeiro, e com hum seu criado, ou aggregado, chamado Antonio Joze Lopes, os quaes ficarão dentro, e elle Respondente, estando só com o dito Ministro na dita salla lhe entregou as sobreditas cartas, as quaes o mesmo Ministro leo, estando elle Respondente na mesma salla prezente, ainda que estava á janella virado para a Rua, porem que não ouvio, nem sabe, o que as ditas cartas continhão; e que acabando de as ler se encaminhou para a janella, aonde elle Respondente estava; e vendo-o hum pouco triste, lhe perguntou elle Respondente, se tinha recebido alguma noticia, que o desgostasse; a cuja pergunta Respondeo, que não tinha recebido noticia, que o affligisse, e só se desgostava de ver, que tinhão sahido alguns despachos, e que lhe não tinhão dado successor, estando aqui há perto de seis annos; em confirmação do que lhe mostrou huma carta do Conselheiro Joze Luis França, a qual lhe leo.

Foi perguntado, se quando o dito Ministro lhe dice, que estava desgostozo por lhe não darem successor, e em confirmação disto lhe mostrou a carta do Conselheiro Joze Luis França, se tirou a dita carta da algibeira, ou a tinha ja na mão junto com as mais que elle Respondente lhe tinha entregue.

Respondeo, que não tem certeza, nem idea alguma, se o dito Ministro tinha a dita carta na mão, ou se a tirou da algibeira.

Foi perguntado, se fora das ditas cartas, que vinhão no masso, que diz entregara ao Doutor Juis de Fora, lhe entregou mais alguma, que não viesse no dito masso.

Respondeo, primeiramente; que não tinha entregue carta alguma mais; porem lembrando-lhe o Ministro, que fas as perguntas, que ja

tinha dito, que lhe tinha entregue mais huma carta, q̃ tinha vindo dentro de huma sua de Paulo Joze Guedes, se lembrou, que com effeito tinha entregue na mesma occazião ao dito Ministro mais a dita carta alem das que ja tem referido; e que dizer o contrario foi equivocação, e esquecimento.

Foi perguntado, se com a dita carta, que vinha dentro da sua, se completava o numero das quatro, ou cinco, que dis entregara ao dito Ministro; ou se as ditas quatro, ou cinco cartas erão unicamente as do masso sem entrar no mesmo numero a carta do dito Paulo Joze Guedes.

Respondeo, q̃ o numero de quatro, ou cinco cartas, que declarou entregar ao dito Ministro se refere áquellas que vinhão Unicamente no masso sem entrar no mesmo Numero a carta, que tem declarado viera dentro de huma sua.

Foi perguntado, se conhece alguma das letras das sobre cartas, que entregou, tanto das que vinhão no masso, como da outra de fora parte.

Respondeo, que não conheceo, de quem era a letra das sobre cartas, que entregou ao Doutor Juis de Fora, nem das que vinhão no masso, nem da que vinha dentro de huma delle Respondente, só sim sabe, que junto com a carta, que veio dentro de huma delle Respondente para o Doutor ouvidor desta Camara, a qual tambem lhe entregou; e se lhe forem mostradas as ditas sobre cartas destas duas cartas entende, que conhecera serem as mesmas, ou não.

E sendo lhe mostrado a sobre carta daquella, que se acha autuada, foi perguntado se tinha lembrança de ter entregue ao Doutor Juis de Fora alguma carta com a sobres, digo com a sobrecarta, que lhe foi mostrada.

Respondeo, que não tem lembrança, se nas cartas, que entregou, vindas do maço, vinha alguma com a sobrecarta, que lhe foi mostrada neste acto; porque não fes reflecção na letra das sobre cartas, quando as entregou, porem he certo, que nem conhece, de quem he a letra da dita sobra carta, que lhe foi mostrada, nem da mesma carta, que se acha autuada, que tambem lhe foi mostrada; porem está bem certo, que letra das duas sobre cartas, que vinhão dentro da delle Respondente, e que tem declarado ter entregue huma ao Doutor Ouvidor, outra ao Doutor Juis de Fora não tem semelhança alguma com a sobre carta, e carta, que neste acto lhe foi mostrada, porque as ditas sobre cartas para o Doutor Juis de Fóra, e Doutor Ouvidor erão em papel de Olanda, e huma letra muito boa a forma de letra de Secretaria, circunstancias, que não concorrem na sobre carta, que agora lhe foi mostrada.

Foi perguntado mais, se depois que entregou as ditas cartas ao Doutor Juis de Fora fallou com elle mais alguma ves.

Respondeo, que no mesmo dia, em que elle Respondente entregou as ditas cartas ao Doutor Juis de Fora foi o dito Ministro a caza delle Respondente, hindo de capa e volta logo depois das Ave Marias, a tempo que com elle Respondente estava Joze Luis da Matta, e Joze Alves de Azevedo; e o dito Ministro chamou a elle Respondente de parte, hindo para a janella, e lhe perguntou, quem lhe tinha entregue as cartas, que naquella manhã lhe tinha levado, ao que elle Respondente, dice que lhas tinha dado o Capitão do Navio; e lhe não dice o dito Ministro mais coiza alguma a este respeito, so sim lhe dice mais vendo a sege delle Respondente apiada a porta, se podia emprestar lha, que logo lha mandava, e com effeito hindo nella tornou a manda-la dahi a pouco tempo; e que depois desta occazião fallou só huma ves ao dito Ministro, em sua caza, porem, que não fallarão coiza alguma sobre as ditas cartas.

Foi perguntado mais, segundo elle Respondente entregou as cartas, que vinhão no masso ao Doutor Juis de Fora, o dito Ministro lhe perguntou logo, quem tinha entregue a elle Respondente as ditas cartas, ou se foi á noite, quando lhe fes a dita pergunta.

Respondeo, que lhe não lembra, se quando entregou as ditas cartas, dice logo ao dito Ministro, quem lhas tinha dado, nem se o dito Ministro lhe fes aquella pergunta.

Foi instado, que dice a verdade, digo que dicesse a verdade, por quanto, parece que affectadamente quer persuadir, que se esquece; pois lembrando-se da pergunta, que o Doutor Juis de Fora lhe fes, e da resposta, que elle Respondente lhe deo no mesmo dia depois das Ave Marias, em que entregou as cartas de manhã ao dito Ministro, tendo mediado somente as horas, que vão da mesma manhá ate a noite, he bem natural, que assim como se lembra da pergunta, e resposta, que deo ás Ave Marias, se lembra tambem, se pella manha lhe foi feita a mesma pergunta e tinha dado a mesma reposta, ou não; porq̃ tão insignificante era a pergunta, e reposta pela manhã, como a noite para haver de se lembrar dellas.

Respondeo, que affectado não responde alguma coiza alguma, que se dice que estava lembrado de noite lhe fazer a aquella pergunta, e dado aquella reposta ao Doutor Juis de Fora, foi pella espece de novidade de o ver áquella hora de capa e vara, e fazer a elle Respondente aquella pergunta, no que de manhã não fes aquelle apreço, por ser huma coiza simples de lhe entregar aquellas cartas, que lhe derão e outras mais para o Doutor Ouvidor.

Foi instado, que dicesse a verdade, por quanto a mesma espece que lhe fès a pergunta do dito Ministro á noite em caza delle Respondente, porque o vio de capa e volta, a mesma espece lhe tinha feito pella manhã, o velo triste quando lhe entregou as cartas, e tanta espece lhe fes, que chegou elle Respondente a perguntar ao dito Ministro se nas ditas cartas lhe tinha vindo alguma noticia, que o afligisse; e se pella espece, que lhe fes ver á noite o Juis de Fora de capa e volta, conserva a lembrança da pergunta e reposta, que deo ao dito Ministro, pella mesma espece, que lhe fes pella manhã o ve-lo triste, quando leo as ditas cartas, devia elle Respondente tambem conservar a lembrança, se o dito Ministro lhe tinha perguntado, quem lhe dera as cartas, que lhe entregava, e se lhe tinha dado a reposta, de que fora o Capitão do Navio, que lhas dera.

Respondeo, que pella manhã o satisfes á sua pergunta de o ver triste, em dizer lhe que estava agoniado de não ser rendido do lugar de Juis de Fora, e á noite lhe fes espece por lhe fazer aquella pergunta, e não se demorar coiza nenhuma.

Foi instado que dicesse a verdade, por que se pella espece, que lhe fes o vir o Juis de Fora á noite de capa e volta lhe fas conservar a lembrança da pergunta, que o Juis de Fora lhe fes, e da reposta, que elle Respondente lhe deo, muito maior espece lhe fes o ve-lo pela manhã triste, quando lhe entregou as cartas; tanto assim, que chegou a perguntar-lhe se tinha alguma noticia, que o afligisse, e á noite, quando o vio de capa e volta, fes lhe tão pouca espece, que lhe não perguntou adonde hia assim vestido; e que era natural, que se lhe tivesse feito alguma espece, que lhe tivesse feito a pergunta, d'onde hia assim vestido de capa e volta aquellas horas, pois tinha confiança e amizade para fazer a dita pergunta, como mostra o haverem lhe entregue o dito masso de cartas para dar ao dito Ministro; nem podia fazer-lhe espece ver o dito Ministro de capa, e volta aquellas horas, sendo aquellas proprias de poder hir assistir a algum enterro, ou poder hir fallar ao Vise Rey, que a aquellas horas da noite costuma fallar a muitas pessoas; e não pode ser novidade que hum Ministro tenha motivo de sahir de capa e volta, pellas Ave Marias.

Respondeo, que não lhe deo o Juis de Fora tempo para lhe fazer mais pergunta alguma; porque lhe aquella digo lhe fes aquella pergunta, e dando-lhe a reposta, que dice voltou logo, perguntando lhe se tinha a sua sege dezembaraçada, e dizendo-lhe sim, sahio nella; e so depois pello seu bolieiro soube que tinha vindo da Caza do Dezembargador Conselheiro, Juis destas perguntas, e a Palacio, e que depois o foi levar a sua caza; e sahio logo, e não lhe dei tempo para mais.

E por ora lhe não fes o sobredito Conselheiro mais perguntas, as quaes sendo lidas ao Respondente, achou estarem conformes, com o que respondido tinha; e deferindo lhe juramento dos Santos Evangelhos, pello que respeitava a terceiro, dice que a esse respeito tinha tambem dito a verdade; e com o Ministro Escrivão assistente este o Respon, digo assistente declaro, que o Respondente esteve neste acto livre de ferros, do que damos fé; E de tudo mandou o mesmo Conselheiro fazer Auto, que assignou com o Respondente, e Ministro Escrivão assistente; e Eu o Dezembargador Francisco Luis Alvares da Rocha, Escrivão nomiado, o escrevi, e assignei.

(rubrica ilegivel) Fran.co Luis Alvares da Rocha
Joze Antº Val.te
Jeronimo Teix.ra Lobo

Continuação de perguntas feitas a Jeronimo Teixeira Lobo

Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jezus Christo de mil sete centos e noventa e tres aos dezasete dias do mes de Janeiro, nesta Cidade do Rio de Janeiro, e Caza das Armas da Fortaleza da Conceição, aonde eu escrivão ao diante nomiado vim com o Dezembargador Conselheiro Sebastião Xavier de Vasconcellos Coutinho do Conselho de Sua Magestade e do da Sua Real Fazenda, Chanceller da Rellação desta Cidade, e Juis da Commissão expedida contra os Reos da Conjuração formada em Minas Geraes, e o Ouvidor desta Comarca Joze Antonio Valente, Escrivão assistente, para effeito de se continuarem perguntas a Jeronimo Teixeira Lobo, que se achava prezo incommunicavel na mesma Fortaleza; e sendo ahi mandou o mesmo Conselheiro vir á sua prezença o dito Jeronimo Teixeira, e lhe continuou perguntas pella forma seguinte.

E sendo-lhe lidas as perguntas antecedentes, e perguntado, se estavão conformes, com o que tinha respondido; ou se tinha alguma coiza, que acrescentar, ou diminuir.

Respondeo, que estavão conformes, e que ratificava as repostas antecedentes, só com a declaração, que á carta, que o Juis de Fora lhe deo para elle Respondente ler, a qual era do Conselheiro Joze Luis França, foi porque depois de ter o dito Juis de Fora principiado a ler as cartas, que o Respondente lhe entregou, o mesmo Respondente lhe perguntou pellas novidades, que lhe vinhão, e o Juis de Fora então lhe

deo para ler a carta do dito Conselheiro França, e continuou a ler as que o Respondente lhe acabava de entregar.

E logo o mesmo Conselheiro mandou ahi vir o praticante do Piloto Caetano Alberto de Moraes, para com elle, fazer acareação ao Respondente Jeronimo Teixeira, assistindo á mesma acareação o Curador nomiado ao dito Caetano Alberto de Moraes deferindose juramento ao dito Curador Joze de Oliveira para cumprir com o seu officio, e ao acareante, e acareado para dizerem a verdade pello que respeita a terceiro, o que prometerão cumprir; e neste mesmo acto declararão o acareante e acareado, que se reconhecião pellos proprios; e pello dito Conselheiro lhes foi feita a acareação pella maneira seguinte.

E sendolhe lidá pello dito Conselheiro, que fas a acareação as respostas, que deo o acareante nas perguntas, que lhe forão feitas, emquanto declarou haver entregue ao acareado Jeronimo Teixeira somente duas cartas soltas, huma para elle acareado, outra para Antonio Martins Basto, no dia, em que o Navio Pedra deo fundo neste porto, hindo o acareado a bordo do Navio, ou atracando só o dito Navio, e que lhe não dera masso algum de cartas atado com hum fio; o que se contradizia com o que elle acareado tinha respondido nas suas perguntas, emquanto dice, que tinha recebido hum masso de cartas atado com hum fio, que lhe lançara do portaló o acareante: O que sendo ouvido por ambos acareante e acareado, perzistio o acareante firme, em que não tinha lançado do portaló ao acareado mais que duas cartas soltas na forma, que declarou nas repostas as perguntas, que lhe forão feitas; e que não tinha lançado masso algum de cartas atado com hum fio para o acareado; nem vio tal masso, nem se alguem o lançou; E sendo ouvida pello acareado a reposta do acareante dice que tinha recebido o masso atado com o fio na mesma occazião, em que recebeo as duas declaradas pello acareante; o qual masso tinha vindo de mão em mão pello portaló abaixo, passado pellos marinheiros, e a mente delle acareado foi que o dito masso tinha vindo da mesma mão, donde tinhão vindo as duas cartas soltas, porque foi a vos, que ouvio dizer de sima, que ahi vão essas cartas; e emquanto á carta solta, que tambem lhe lançou o acareante, e elle Respondente não tinha declarado nas suas primeiras perguntas, dice que era verdade, que tambem a tinha recebido, e a tinha mandado entregar logo na noite do mesmo dia por hum escravo seu; e que se na occazião das primeiras perguntas não declarou a dita carta foi por esquecimento; e o recebimento daquelle masso atado com hum fio, e das duas soltas tambem prezenciou Amaro Velho, que se achava no mesmo bote com elle acareado. E por esta forma ficarão conformes o acareante, e acareado, digo e acareado, a qual acareação sendolhes lida acharão, que estava con-

forme, e escripta, como respondido tinhão; e pello que respeitava a terceiro tinhão dito a verdade, como jurarão, e de tudo mandou o dito Conselheiro fazer este Auto, que assignou com o acareado, e acareante, e seu Curador, e o Ministro Escrivão assistente; e Eu Francisco Luis Alvares da Rocha, Escrivão da Commissão, que o escrevi e assignei

(rubrica ilegivel)

Fran.co Luis Alvares da Rocha
Joze Antº Val.te
Jeronimo Teix.ra Lobo
Caetano Alberto de Moraes
Joze de Olivra Fagundes

E logo tendo o dito Conselheiro mandado retirar o acareante Caetano Alberto e seu Curador mandou vir a sua prezença Antonio de Oliveira Guedes, que tambem se achava prezo incommunicavel na mesma Fortaleza sobre dita, ao qual tambem foi deferido ahi o juramento para dizer a verdade pello que respeitasse a terceiro; e sendo ambos prezentes acareante e acarado Jeronimo Teixeira Lobo, e Antonio de Oliveira Capitão do Navio Pedra se reconhecerão mutuamente, e o dito Conselheiro lhes fes a acareação pella forma seguinte.

E sendolhes lida a reposta, que o acareante deo ás perguntas que lhe forão feitas, em que declara, que o masso de cartas, que vinhão separadas, e atadas com hum fio lhe parecia, que não passavão de duas para o Doutor Ouvidor da Comarca, huma para o acareado, e duas para o Doutor Juis de Fora; o que se contradizia, com oque o acareado tinha declarado nas repostas ás perguntas, que lhe forão feitas, emquanto dice, que para o Doutor Juis de Fora vinhão amarradas com hum fio quatro, ou cinco cartas.

E sendo ouvido por ambos acareante, e acareado, dice o acareante, que bem poderião ser as ditas cartas quatro, ou cinco para o Doutor Juis de Fora; porque elle separa muitas cartas, que manda atar com hum fio; e que não fas reflecção, nem conta, quantas ellas são para poder dize-lo com certeza, que dice, que lhe parecia, que serião duas, mas que podião muito bem ser tres, ou quatro, ou cinco, porque não fes reparo em tal; e o acareado dice, que tambem as ditas cartas poderião ser menos de cinco porque tambem não fes reflecção, em quantas erão, como coiza, que nem tinha circunstancia, nem lhe importava; porque só cuidou em entregar todas as cartas, que recebeo, sem contar, as que pertencião a cada huma das pessoas, a quem se dirigião: E por esta forma houve o dito Conselheiro esta acareação por feita a qual sendo

lida a ambos acareante e acareado acharão estar conforme, com o que dito tinhão; e debaixo do juramento, que recebido tinhão, declararão ter dito a verdade, pello que tocava a terceiro.

E lhe foi mais lida a reposta, que o acareante deo nas suas perguntas, emquanto a esta Cidade no prezente anno, huma no dia nove, em que deo fundo, hindo o acareado ao dito Navio, a segunda do dia quatorze, — em que lhe forão feitas as perguntas; o que se contradizia, como o que o acareado tinha declarado nas duas repostas ás perguntas, que lhe forão feitas; emquanto dice, que tinha fallado com o acareante todos os dias desde que elle tinha chegado a esta cidade: O que sendo ouvido por ambos, dice o acareante, que só tinha fallado com o acareado duas vezes a proposito, e a estas duas vezes se referio nas suas repostas; porem que fallar de passagem, e de encontro de se saudarem, tinha fallado todos os dias, ou quazi todos elles: E o acareado se conformou, em que só duas vezes tinha fallado com o acareante com algum vagar; e que quando dice, que lhe tinha fallado todos os os dias se referia aos encontros, que com elle tinha tido, em que o saudava de passagem e deste modo ficarão conformes, e houve o dito Conselheiro esta acareação por feita, que sendolhe lida acharão estar na verdade como respondido tinhão; e de tudo mandou o Conselheiro Juis da Commissão fazer este auto, que assignou com o acareante, e acareado, e Ministro Escrivão assistente; e Eu Francisco Luis Alvares da Rocha, Escrivão da Commissão escrivão da Commissão, que o escrevi e assignei.

(rubrica ilegivel) Fran.^co Luis Alvares da Rocha
Joze Ant^o Val.^te
Ant.^to de Oliur^a Guedes
Jeronimo Teix.^ra Lobo

E porque por ora não fes o dito Conselheiro mais perguntas ao Respondente mandou fazer este termo de enserramento; e sendo lhe lidas as repostas, que neste acto deo, achou estarem conformes, com o que respondido tinha; e debaixo do mesmo juramento, pello que respeita a terceiro declarou ter dito a verdade; e em todo este acto esteve o Respondente livre de ferros, o que assim declaro com o Ministro Escrivão assigno, digo Escrivão assistente; e assignou o dito Conselheiro com o Respondente, e Ministro Escrivão assistente, e Eu o Dezem-

bargador Francisco Luis Alvares da Rocha Escrivão da Commissão o escrevi e assignei

(rubrica ilegivel) Fran.co Luis Alvares da Rocha
Joze Antº Val.te
Jeronimo Teix.ra Lobo

Acareação feita a Jeronimo Teixeira Lobo com o Doutor Juis de Fora

Anno do Nascimento de Nascimento de Nosso Senhor Jezus Christo de mil sete centos e noventa e tres aos vinte e hum dias do mes de Janeiro nesta Cidade do Rio de Janeiro, e Cazas de Rezidencia do Dezembargador Conselheiro Sebastião Xavier de Vasconcellos Coutinho do Conselho de Sua Magestade, e do da Sua Real Fazenda Chanceller da Rellação desta Cidade, e Juis da Commissão expedida contra os Reos da Conjuração formada em Minas Geraes, aonde eu Escrivão ao diante nomiado vim com o Doutor Ouvidor desta Comarca Joze Antonio Valente, Escrivão assistente para effeito de fazer acareação com o Doutor Juis de Fora desta Cidade Balthazar da Silva Lisboa a Jeronimo Teixeira Lobo, e sendo ahi, tendo mandado vir o dito Doutor Juis de Fora, mandou tambem vir a Jeronimo Teixeira Lobo, o qual se achava prezo incommunicavel na Fortaleza da Conceição, os quaes ambos sendo prezentes se reconhecerão reciprocamente, e tendo lhes deferido juramento para dizerem a verdade, no que respeitasse a terceiro lhe fes o dito Conselheiro a acareação pella maneira seguinte.

E sendo ponderado, que o acareante, Doutor Juis de Fora tinha declarado na parte, que deo no dia dés pella huma hora depois do meio dia, a qual se acha autuada, que entregandolhe o acareado as cartas vindas de Lisboa no Navio Pedra, chegado no dia antecedente, lhe dicera o mesmo acareado, que aquellas cartas lhe tinha entregue o Capitão do dito Navio Pedra ; e ter declarado o acareado, que no mesmo dia dés á noite fora o acareante a sua caza, vestido de capa e volta, e que lhe tinha perguntado, quem lhe havia dado aquellas cartas, que na mesma manhã daquelle dia lhe tinha entregue, e que lhe respondera, que lhas tinha dado o Capitão do Navio, parecia que nestas duas declarações do acareante, e acareado havia alguma contradição ; porque se ja pella manhá naquelle dia, quando o acareado entregou as cartas ao acareante lhe tinha dito, que aquellas cartas lhas havia entregue o Capitão do Navio, parecia escuzado que na noite do mesmo

dia lhe fizesse a pergunta, de quem lhe tinha dado as ditas cartas; e se á noite o acareante fes a dita pergunta ao acareado, como este declara nas repostas ás perguntas, que lhe forão feitas, parece que he pella razão, de que pella manhã nem o acareante lhe tinha feito aquella pergunta, nem o acareado lhe tinha dado a reposta de lhe haver dado as ditas cartas o Capitão do Navio; o que sendo ouvido por ambos; dice o acareante, que quando o acareado entregou as cartas, dizendo a elle acareante, que erão cartas de Lisboa; e perguntando quem lhas havia entregue, respondeo o acareado — o Capitão do Navio =, e levando o acareante ao acareado para a janella, abrira as cartas lançando os sobrescriptos no chão na mesma janella; e depois de as Ler, se mostrara logo efflicto, que deo razão de reparo ao acareado a lhe perguntar, se tinha coiza, que desse cuidado a elle acareante; e dizendo elle acareante, que não; só estava afflicto, por não ter ainda noticia de Successor; e o acareado tornou ainda a instar, que o acareante tinha coiza de cuidado, a cuja pergunta lhe dera o acareante semelhante reposta, e logo que o acareado se retirou, e humas partes, e pessoas, que o tinhão buscado a elle acareante, viera dar parte ao mesmo Conselheiro; e logo participara não só a entrega das cartas pello acareado, mas a pergunta, que lhe fes, quem lhe havia entregue as cartas, o que era muito natural, pois que o acareado de Lisboa ja mais a elle acareante fes entrega de cartas, e somente as vindas da Bahia do Dezembargador Marcelino Pereira Cleto, e da caza dos Paes delle acareante; nem era de supor, que elle acareante adivinhasse de manhá a resposta, que o acareado lhe dera em sua caza de serem as cartas entregues pello Capitão para fazer mensão na parte, que deo a elle Conselheiro, de que as cartas tinhão sido entregues pello acareado, por lhas haver dado o Capitão do Navio; que he verdade que elle acareante, tendo de vir á noite fallar ao mesmo Conselheiro, fora a caza do acareado primeiramente, e chamando-o á janella, lhe tornara a perguntar, quem lhe havia entregue as cartas, que o acareado lhe havia entregue na manhã do dia des; o que lhe tornou em reposta, que tinha sido o Capitão do Navio; e essa pergunta fizera segunda vez para maior certificação; O que sendo ouvido pello acareado respondeo, que era verdade, o que o acareante acaba de referir nas explicaçoens, que vai a dar; que lhe não lembra se em outras occazioens entregou ao acareante algumas cartas vindas de Lisboa, ou não; mas que he certo, que no dia des lhe entregou as sobesditas cartas, as quaes o Capitão do Navio Pedra trazia separadas, e atadas com hum fio, e as deo a elle acareado para as entregar pella razão, de que tendo elle acareado, sido caixa do Navio na viagem antecedente, e tendo visto então ao acareante com elle acareado, e que era vikinho do Doutor Ouvidor desta Comarca, jul-

gou o mesmo Capitão, que trazendo as ditas cartas separadas, e dando-as a elle acareado, lhe fazia algum obzequio, para que elle podesse entrega-las aos seus amigos, tanto o acareante, como o Doutor Ouvidor da Comarca; Declarava mais, que emquanto dizer o acareante que no dia des, em que lhe levara as sobreditas cartas, que lhe havia dado o dito Capitão do Navio, chamado Pedra, que elle acareante o levara para huma janella da caza, em que estava, quando lhe entregou as ditas cartas, em quanto as lia, que era verdade, mas que fora para outra janella differente, daquella em que o mesmo acareante estava lendo as ditas cartas; Declarou mais, pello que respeita a dizer o acareante, que naquella mesma manhá, em que lhe entregou as ditas cartas, lhe perguntara, quem lhas havia dado, e que elle acareado respondera, que lhas havia dado o Capitão do Navio; que não nega, que assim pudesse ser; mas que lhe não lembra absolutamente para o affirmar, so sim está certo, em que dice ao acareante, que as cartas, que lhe entregava, erão de Lisboa; e tambem está certo, que no mesmo dia a noite o acareante lhe perguntara em caza delle acareado, quem lhe tinha dado aquellas cartas; e que elle acareado lhe respondera, que tinha sido o Capitão do Navio; com estas declaraçoens está por tudo o mais conforme com o acareante; o que sendo ouvido pello acareado conveio nas declaraçoens do acareado, e somente declarou, que não conserva lembrança, se o acareado se retirou para outra janella na occazião, que elle acareante esteve lendo as cartas em razão de ficar logo perturbado com a leitura da que participou, e entregou ao mesmo Conselheiro, guardando-a immediatamente na algibeira do calção, até a entregar effectivamente ao mesmo Conselheiro. E por esta forma houve o dito Conselheiro esta acareação por feita, a qual, sendo lhes por mim lida acharão estar conforme, com o que respondido tinhão; e debaixo do juramento deferido declararão ter dito a verdade, pello que tocava a terceiro; e de tudo mandou o dito Conselheiro fazer este auto, que assignou com o acareante, e acareado, e Ministro Escrivão assistente; e Eu Dezembargador Francisco Luis Alvares da Rocha, Escrivão da Commissão o escrevi e assignei

(rubrica ilegivel)

Fran.[co] Luis Alvares da Rocha
Joze Ant[o] Val.[te]
D.[r] Balthazar da Silva Lisboa
Jeronimo Teix.[ra] Lobo

Auto de perguntas feitas a Caetano Alberto de Moraes

Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jezus Christo de mil sete centos e noventa e tres aos dezeseis dias do mes de Janeiro nesta Cidade do Rio de Janeiro e Cazas de Rezidencia do Dezembargador Conselheiro Sebastião Xavier de Vasconcellos Coutinho do Conselho de Sua Magestade e do da Sua Real Fazenda, Chanceller da Rellação desta Cidade e Juis da Commissão expedida contra os Reos da Conjuração formada em Minas Geraes, aonde Eu Escrivão ao diante nomiado vim e o Doutor Jože Antonio Valente, Ouvidor desta Comarca Escrivão assistente, para effeito de se fazerem perguntas a Caetano de tal, official do Navio Pedra sobre o objecto da carta autuada; e sendo ahi mandou vir o mesmo Conselheiro a sua prezença o dito Caetano e lhe fes perguntas pella maneira seguinte.

Foi perguntado como se chamava, donde era natural, que estado; e idade tinha, do que vivia e se tinha algumas ordens.

Respondeo, que se chamava Caetano Alberto de Moraes, natural de Lisboa, solteiro, filho de Bento Luis de Moraes, de idade de vinte e dous para vinte e tres annos, que vive de andar embarcado, e que não tinha ordens algumas.

E por ser o mesmo Respondente de menor idade mandou o mesmo Conselheiro vir a sua prezença ao Doutor Joze de Oliveira Fagundes para ser Curador do dito menor e debaixo do juramento, que lhe deferio, requerer por parte do mesmo tudo, o que lhe competisse de Direito.

Foi perguntado, que occupação, ou exercicio tinha no Navio, em que andava embarcado.

Respondeo, que era naquelle Navio, em que veio para esta Cidade, Praticante de Piloto.

Foi perguntado, se com este mesmo exercicio, e occupação veio agora para esta Cidade, e em que Navio veio.

Respondeo, que veio no Navio Pedra, ha poucos dias chegado a esta Cidade, e que nesta viagem teve no dito Navio o exercicio de Praticante de Piloto.

Foi perguntado, quando entrou o Patrão mor a bordo do dito Navio, e quando sahio.

Respondeo, que o Patrão mor entrou no dito Navio, quando vinha embocando a barra; e que sahio antes q̃ o Navio chegasse ao ancoradouro, e desse fundo.

Foi perguntado, se depois do Navio entrar da barra para dentro, no mesmo dia antes de sahir o Capitão e dar as suas entradas tinha hido alguma pessoa a bórdo do dito Navio e fallado com alguem.

Respondeo, que depois do Navio entrar a barra antes de dar fundo fallou a gente de hum saveiro para o Navio, porem que não chegou atracar, e foi de passagem; e depois que o Navio deo fundo, foi logo hum Catraio do Navio Luzitana, que atracou ao Navio Pedra, e no dito Catraio hia Amaro Velho, aquem vem dirigido o mesmo Navio Pedra, e Jeronimo Teixeira Lobo, e o Capitão do Navio Luzitana, aos quaes unicamente elle Respondente conheceo, porem que nenhum delles subio ao Navio.

Foi perguntado, se o Patrão mor, quando sahio do Navio, trouce comsigo o saco das cartas, que vinhão no mesmo Navio.

Respondeo, que o Patrão mor, quando sahio do Navio trouce comsigo o saco das cartas, que nelle vinhão.

Foi perguntado, se alem das cartas, que vierão no saco, ficarão mais algumas cartas para algumas pessoas conhecidas, para se entregarem em mão propria; e se elle Respondente trouce alguma.

Respondeo, que elle Respondente troucera a sua parte fora do saco duas cartas, huma para hum ourives, de quem lhe não lembra o nome, outra para Manoel Rodrigues Basto, as quaes entregou; e fora estas cartas, — que trouce no seu poder, sabe que no mesmo Navio ficarão mais algumas cartas para se entregarem a pessoas particulares.

Foi perguntado, se alem das ditas duas cartas, que entregou, e tinha trazido de Lisboa, fora do saco, elle Respondente deo mais alguma carta a alguma pessoa, ainda que a não tivesse trazido de Lisboa, mas por lha darem no dito Navio.

Respondeo, que alem das ditas cartas, que tem declarado, entregou mais huma carta com huma bocetinha pequena, que lhe parece ser para o Juis de Fora desta Cidade, do que não tem certeza, a qual entregou, depois que sahio para terra na propria caza da pessoa, a quem se dirigia, a qual não sabe, de quem era, e lha tinha dado para entregar o filho do Capitão do Navio; que entregou mais duas cartas ao Capitão Jeronimo Teixeira Lobo, as quaes lhe deo a bordo, quando o dito Jeronimo Teixeira ahi foi, como tem declarado, as quaes tambem não sabe, de quem erão; mas que lhas entregou tambem o filho do Capitão; e tem certeza, que huma era para o dito Jeronimo Teixeira Lobo, e a outra não tem certeza, se era para o Doutor Ouvidor desta Comarca, ou para Antonio Martins Basto; que mais deo outra carta a hum marinheiro do Navio Avoador para entregar ao Capitão desse mesmo Navio, a qual entregou ja em terra por ordem do seu Capitão.

Foi perguntado se as cartas, que entregou a bórdo ao Capitão Jeronimo Teixeira Lobo forão soltas, ou se lhas deo atadas com algum fio.

Respondeo que as duas cartas, que entregou a bordo ao Capitão Jeronimo Teixeira Lobo, lhas tinha dado o filho do Capitão do seu Navio, soltas, e que elle Respondente assim mesmo soltas as entregou ao dito Jeronimo Teixeira.

Foi instado, que dicesse a verdade, porquanto constava, que entregara mais hum masso de cartas, atado com hum fio a certa pessoa a bordo, lançado o dito masso do portaló, a tempo, que o Capitão do Navio descia para vir a terra dar as suas entradas, o que agora elle Respondente devia declarar com sinceridade.

Respondeo, que não lhe lembra, que tivesse obrado o facto declarado na instancia, nem sabe fosse praticado por outra alguma pessoa do Navio, e que esta era a pura verdade.

E por ora lhe não fes o dito Conselheiro mais perguntas, as quaes sendo-lhe lidas, achou estarem conformes, com que respondido tinha, e debaixo do juramento dos Santos Evangelhos, que lhe foi deferido, declarou ter dito tambem a verdade pello que respeitava a terceiro; e com o Ministro Escrivão assistente declaro, que neste acto esteve o Respondente livre de ferros; e de tudo mandou o mesmo Conselheiro fazer este Auto; que assignou com o Respondente, Curador nomeado, e Ministro Escrivão assistente; e eu o Dezembargador Francisco Luis Alvares da Rocha, Escrivão da Commissão, que o escrevi e assignei.

(rubrica ilegivel)

Fran.co Luis Alvares da Rocha
Joze Antº Val.te
Caetano Alberto de Moraes
Joze de Oliurª Fagundes

E logo no mesmo dia de tarde atras declarado mandou vir outra ves á sua prezença o mesmo Respondente Caetano Alberto de Moraes, e lhe fes mais as perguntas seguintes.

Foi perguntado se veio a terra no mesmo dia, em que o Navio deo fundo neste porto.

Respondeo, que no dia, em que o Navio deo fundo não veio a terra, e que na manhá do dia seguinte se occupara em conduzir a polvora, e a primeira ves, que veio a terra foi na tarde desse dia.

Foi perguntado, se nessa mesma tarde, em que veio a terra foi quando entregou a carta com a bocetinha, que declarou nas suas repostas.

Respondeo, que nessa primeira tarde, em que veio a terra não entregou carta alguma ; e que a dita carta e bocetinha, que declarou nas suas repostas a entregou na tarde do dia sabbado, que foi tres dias depois da chegada do Navio.

E lhe não fes o dito Conselheiro mais perguntas, as quaes sendo lidas achou estarem conformes, com o que respondido tinha ; e debaixo do juramento dos Santos Evangelhos que lhe foi deferido declarou ter dito a verdade pello que pertence a terceiro ; e disto tudo mandou o mesmo Conselheiro fazer este Auto, que assignou com o Respondente, Curador, e Ministro Escrivão assistente e eu Francisco Luis Alvares da Rocha, Escrivão da Commissão, o escrevi e assignei.

(rubrica ilegivel)

Fran.[co] Luis Alvares da Rocha
Joze Ant[o] Val.[te]
Caetano Alberto de Moraes
Joze de Oliur[a] Fagundes

Auto de perguntas a Antonio Lucas Marujo do Navio Pedra

Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jezus Christo de mil sete centos e noventa e tres aos dezaseis dias do mes de Janeiro nesta Cidade do Rio de Janeiro e Cazas da Rezidencia do Dezembargador Conselheiro Sebastião Xavier de Vasconcellos Coutinho do Conselho de Sua Magestade, e do da Sua Real Fazenda Chanceller da Rellação desta Cid.[e], e Juis da Commissão expedida contra os Reos da Conjuração formada em Minas Geraes, aonde eu Escrivão ao diante nomiado vim com o Doutor Joze Antonio Valente, Escrivão assistente para effeito de se fazerem perguntas a Antonio Lucas Marujo do Navio Pedra sobre o objeto da carta autuada ; e tendo o mesmo Conselheiro mandado vir á sua prezença o dito Antonio Lucas lhe fes as perguntas seguintes.

Foi perguntado como se chamava, donde era natural, que estado, e idade tinha, de que vivia, e se tinha algumas ordens.

Respondeo, que se chamava Antonio Lucas, natural de Lisboa, solteiro, filho de Francisco Mendes, de idade de dezanove annos, que vive de andar embarcado, e que não tinha ordens algumas.

E por ser o Respondente de menor idade lhe nomiou o dito Conselheiro ao Advogado Joze de Oliveira Fagundes, para que debaixo

do juramento, que lhe deferio, fosse Curador do Respondente; e por elle podesse requerer, o que fosse de direito.

Foi perguntado, se havia muito tempo, que tinha chegado a esta Cidade, em que Navio tinha vindo, e que occupação ou exercicio tinha nelle.

Respondeo, que tinha chegado a esta Cidade, ha oito dias, que tinha vindo no Navio, chamado Pedra; e que a sua occupação, e exercicio, que nelle tinha, era escrever nos livros da carga.

Foi perguntado, se quando o Patrão mor foi a bordo estava o Navio ja da barra para dentro, ou não?

Respondeo, que quando o Patrão mor foi a bórdo estava ja o Navio da barra para dentro.

Foi perguntado, se o Patrão mor tinha trazido o saco das cartas antes de darem fundo.

Respondeo, que o Patrão mor trouce para terra o saco das cartas, ainda antes de darem fundo no ancoradouro.

Foi perguntado se o Patrão mor trouce para terra no saco todas as cartas, que vinhão no Navio, ou se antes de entrarem a barra se separarão algumas para se entregarem em mão propria a pessoas conhecidas do capitão, ou de outros officiais do Navio.

Respondeo, que não sabe mais do que ter trazido o Patrão mor o saco das cartas; porem se antes se tinhão separado algumas elle Respondente o ignora.

Foi instado, que dicesse a verdade, porquanto constava, que ainda no Mar antes que o Navio entrasse para dentro da barra, fora o saco das cartas para sima da tolda, e ahi o Capitão com elle Respondente separara algumas cartas, que vinhão para pessoas conhecidas desta Cidade, e tod, digo e que juntas todas aquellas, que vinhão para a mesma pessoa, tinhão sido atadas com hum fio, e que alguns destes massos ficarão fora do saco para serem entregues as pessoas, a quem pertencião?

Respondeo que era verdade ter o Capitão do Navio chamado a elle Respondente asima da tolda, e ahi vio, que estavão espalhadas muitas cartas, e isto antes de entrarem a barra para dentro, o mesmo Capitão lhe ordenou que amarrasse com hum fio algumas daquellas cartas em massos, o que elle Respondente fes, e se foi embora tratar, do que tinha para fazer, e não soube se todas as ditas cartas em massos se deitarão no saco, que depois trouce o Patrão mor para terra, ou se com effeito ficarão alguns massos, ou cartas de fora para serem entregues por mão de alguma pessoa particular.

Foi perguntado pella razão, que teve para negar, que se tivessem separado algumas cartas, quando agora confessa, que elle mesmo fora,

quem separou algumas, e as amarrou com hum fio por mandado do Capitão do Navio.

Respondeo, que julgou que a pergunta que primeiramente se lhe tinha feito, se se tinhão separado cartas de hum saco para outros, e *nesta inteligencia respondeo, que o ignorava ; porem que a verdade era,* o que tinha respondido á instancia, porque por ella percebeo milhor, qual era a pergunta.

Foi perguntado se lhe lembrava para quem erão alguns dos massos das cartas, que amarrou com hum fio, porque como elle Respondente foi quem as apartou para se ajuntarem, e se atarem, devia precizamente ler os nomes das pessoas, a quem se dirigião.

Respondeo, que supposto lesse os nomes das pessoas, para quem a cartas erão, para haver de as separar, ou ajuntar em massos, comtudo como não tem conhecimentos nesta terra não fes aprehensão dos nomes, para agora se lembrar delles ; e so se lembra, que algumas atou com hum fio para Ministros desta Cidade.

Foi perguntado se sabia, que algum dos massos de cartas, que atou, ficarão fora do saco, que trouce o Patrão mor, ou se vierão todas no dito saco.

Respondeo, que depois, que separou, e atou os massos das ditas cartas, desceu logo a trátar da sua obrigação, e não vio, nem sabe, o que mais depois se seguio a respeito dos mesmos massos de cartas.

Foi perguntado, se tinha trazido á sua conta alguma carta para entregar nesta cidade a algumas pessoas, e quem ellas erão ?

Respondeo, que trouce duas cartas para entregar nesta cidade ; huma para hum Carpenteiiro da Nao Belem, que cá ficou, e esta trabalhando actualmente por Mestre da Ribeira das Naos, cuja carta entregou, e lha deo em Lisboa huma irmã do dito Carpenteiro ; outra para hum primo delle Respondente chamado João Francisco de Aguiar Caixeiro de hum Mercador na Rua dos Pescadores, a qual tambem entregou, e lhe deo em Lisboa huma Tia delle Respondente, e que alem destas não trouce mais carta alguma.

E por ora lhe não fes o dito Conselheiro mais perguntas as quaes sendo lhe lidas achou estarem conforme, com que respondido tinha, e tendolhe deferido juramento dos Santos Evangelhos pello que respeita a terceiro debaixo delle declarou ter dito a verdade ; e com o Min.º escrivão assistente declaro, que neste acto esteve o Rspondente livre de ferros ; e de tudo mandou o mesmo Conselheiro fazer este auto, que assignou com o Respondente, se Curador nomeado, e Ministro Es-

crivão assistente, e eu Francisco Luis Alvares da Rocha, que o escrevi e assignei

(rubrica ilegivel) Fran.co Luis Alvares da Rocha
Joze Antº Val.te
An.to Lucas
Joze de Oliurª Fagundes

Auto de perguntas feitas a Amaro Velho da Silva, e ao Capitão do Navio Luzitana

Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jezus Christo de mil sete centos e noventa e tres aos dezoito dias do mes de Janeiro nesta Cidade do Rio de Janeiro e Cazas de Rezidencia do Dezembargador Conselheiro Sebastião Xavier de Vasconcellos Coutinho do Conselho de Sua Magestade e do da Sua Real Fazenda Chanceller da Rellação desta Cidade e Juis da Commissão expedida contra os Reos da Conjuração formada em Minas Geraes, aonde eu Escrivão ao diante nomiado vim com o Doutor Joze Antonio Valente Ouvidor desta Comarca, Escrivão assistente para effeito de se fazerem perguntas a Amaro Velho da Silva; e sendo ahi mandou o mesmo Conselheiro vir a sua prezença o dito Amaro Velho e lhe fes perguntas pella maneira seguinte.

Foi perguntado como se chamava, donde era natural, que estado e idade tinha, do que vivia e se tinha algumas ordens.

Respondeo que se chamava Amaro Velho da Silva, natural da Cidade do Porto, solteiro, filho de Antonio Velho de idade de cincoenta annos, que vive de seu negocio, não tem ordens algumas.

Foi perguntado se conhece Jeronimo Teixeira Lobo.

Respondeo, que o conhece muito bem, e com elle tem amizade.

Foi perguntado, se conhece tambem o Capitão do Navio chamado Pedra.

Respondeo, que tambem conhece o Capitão no Navio Pedra, por ter interesse no mesmo Navio.

Foi perguntado, quando o mesmo Navio chegou a esta Cidade na prezente viage.

Respondeo, que chegou no dia nove deste mes de tarde.

Foi perguntado se elle Respondente foi a bordo do dito Navio, em que dia, com quem fallou no mesmo Navio, e se foi na companhia de alguem.

Respondeo, que na mesma tarde, em que chegou o Navio Pedra foi elle Respondente a bordo, isto he á falla, atracandosse ao dito Na-

vio, a tempo que elle dava fundo; que foi em companhia do Capitão do Navio Luzitana, que he delle Respondente, e Jero, digo Respondente; e tambem hia na sua companhia Jeronimo Teixeira Lobo, e hum menino sobrinho delle Respondente; e ahi fallou com o Capitão, e com a mais gente, que chegou á falla, e o Capitão veio com elle Respondente no mesmo bote para dar as suas entradas.

Foi perguntado, se nessa ocazião trouce elle Respondente algumas cartas para terra, que viessem no dito Navio, ou se vio, que alguem as troucesse.

Respondeo, que nessa occazião descendo o Capitão do Navio para vir com elle Respondente, vio que trazia na mão algumas cartas, e que trazia na copa do chapeo, segundo sua lembrança o livro da carga, o qual recebeo elle Respondente, e logo principiou a examina-lo para ver, o que nelle se continha, respectivo aos seus interesses, que he, o que lhe importava; e ouvio neste tempo, que Jeronimo Teixeira Lobo perguntava ao Capitão, se vinha o filho do Basto, ao que o Capitão respondeo, que não; e como se esperava, e a elle Respondente fes tambem estranheza, que não viesse, olhou então, perguntando a razão, porque não vinha, e então vio, que Jeronimo Teixeira Lobo vinha lendo os sobrescriptos de algumas cartas, as quaes nem elle Respondente sabe quantas erão, nem de quem o mesmo Jeronimo Teixeira Lobo tinha recebido as mesmas cartas; e que nada mais vio, porque vinha muito intertido com o exame do livro da carga, em que tinha bastante. que examinar a respeito dos seus interesses, e que elle não trouce outras algumas.

Foi perguntado, se vio, ou lhe consta, que nessa mesma occazião, se lançasse do bórdo do Navio algum masso de cartas, que recebesse o dito Jeronimo Teixeira.

Respondeo, que não vio, nem sabe, que se lançasse masso algum de cartas do bordo do Navio, pella razão, que ja dice de vir muito occupado no exame do livro de carga.

Foi perguntado, se reparou, e lhe lembra serem as cartas, que o Capitão do Navio trazia na mão, quando desceo, soltas, ou se era algum masso atado com fio.

Respondeo, que não reparou, se as cartas erão soltas, ou atadas, porque nem lhe importava, nem era coiza, que lhe parecesse, tinha circunstancia; e por vir ocupado em coiza, que mais o interessava.

Foi perguntado, se ao depois chegou a ver, quantas cartas trouce o dito Jeronimo Teixeira, e se erão soltas, ou atadas.

Respondeo, que nem naquella occazião, nem depois soube, quantas cartas tinha trazido de bórdo o dito Jeronimo Teixeira Lobo, nem se erão soltas, ou atadas.

E sendo lhe aprezentada a carta autuada e a sobre carta da mesma, foi perguntado, se conhecia a letra da mesma carta, ou se tinha visto alguma letra semelhante.

Respondeo, que nem conhece a letra, nem tem idea alguma de ter visto letra; que se lhe assemelhe.

E não fes o dito Conselheiro mais perguntas ao Respondente, as quaes sendolhe lidas achou estarem conformes, com o que respondido tinha; e debaixo do juramento, que lhe foi deferido, pello que respeitava a terceiro, declarou ter dito a verdade; e de tudo mandou o mesmo Conselheiro fazer este Auto, em que assignou com o Respondente, e Ministro Escrivão assistente; e Eu o Dezembargador Francisco Luis Alvares da Rocha Escrivão da Commissão; o escrevi e assignei.

(rubrica ilegivel) Fran.co Luis Alvares da Rocha
Joze Antº Val.te
Amaro Velho da Sa

E logo no mesmo dia mes, e anno mandou o dito Conselheiro vir á sua prezença o Capitão do Navio Luzitana para lhe fazer tambem perguntas sobre o mesmo objecto; e sendo ahi lhe fes o mesmo Conselheiro perguntas pella forma seguinte.

Foi perguntado, como se chamava, donde era natural; que estado, e idade tinha, do que vivia, e se tinha algumas ordens.

Respondeo, que se chamava Bento Ferreira dos Santos, natural de São João da Fóz do Porto solteiro, filho de Francisco dos Santos, ja defuncto, de idade de trinta e sete annos, vive de ser Capitão de Navio, ou Piloto de Mar alto, e que não tinha ordens algumas;

Foi perguntado, em que Navio andava actualmente, que vezes tinha vindo a esta Cidade, e para que porto do Reyno costumava navegar.

Respondeo, que andava actualmente no Navio, chamado Luzitana, que a esta Cidade tem vindo seis vezes, e que costuma navegar para a Cidade do Porto.

Foi perguntado, de quem he o dito Navio, e a quem veio dirigido nesta Cidade.

Respondeo, que no Porto, quem governa o dito Navio he Thomas da Rocha Pinto, e nesta Cidade Amaro Velho da Silva, e Manoel Velho da Silva.

Foi perguntado, se conhece o Capitão do Navio Pedra.

Respondeo, que conhece o capitão do Navio Pedra chamado Antonio de Oliveira Guedes.

Foi perguntado, se fallou ao mesmo Capitão depois que elle chegou na prezente viage a esta Cidade.

Respondeo, que fallou ao Capitão do dito Navio Pedra no mesmo dia, em que elle chegou a esta Cidade.

Foi perguntado, aonde lhe fallou, e se estava na companhia de alguem.

Respondeo, que fallou ao dito Capitão no mesmo, que chegou, hindo á falla do dito Navio Pedra em companhia de Amaro Velho, e de Jeronimo Teixeira Lobo.

Foi perguntado, se a elle Respondente derão algumas cartas, que viessem no dito Navio para entregar em terra a algumas pessoas.

Respondeo, que não trouce cartas para terra para entregar, nem lhe derão cartas algumas.

Foi perguntado, se nessa occazião vio, que alguma das pessoas, que hia na sua companhia, troucesse cartas para terra.

Respondeo, que só vio, que descendo o Capitão para vir no mesmo bote com elle Respondente para terra para dar as suas entradas, entregou algumas cartas a Jeronimo Teixeira Lobo, e o livro da carga ao dito Amaro Velho da Silva.

Foi perguntado, se vio, ou sabe quantas cartas trouce o dito Jeronimo Teixeira Lobo, quem lhas entregou, e se as mesmas cartas erão soltas, ou atadas em algum masso.

Respondeo, que não vio, nem sabe quantas cartas trouce o dito Jeronimo Teixeira, nem se erão soltas, ou atadas, por estar por detras do Capitão do dito Navio Pedra; depois que elle desceo para o Catraio em que estavão; e só ouvio dizer o dito capitão a Jeronimo Teixeira = ahi estão essas cartas, que são para os seus vizinhos = e nada mais vio, por ser naquella occazião, em que se dá fundo grande barulho de lida, e gritaria a bordo do Navio.

Foi perguntado, se vio que de sima do portaló se lançasse algum masso de cartas no Catraio, em que elle Respondente estava.

Respondeo, que não vio, que do portaló se deitasse masso algum de cartas para o Catraio, em que elle Respondente estava.

Foi perguntado, se seria possivel, que se lançasse do portaló para o Catraio, em que elle Respondente estava, algum masso de cartas sem que elle visse.

Respondeo, que não era facil lançar se do portaló no Catraio, em que elle Respondente estava, sem que elle visse; porque o Catraio não estava unido, e atracado ao Navio, mas sim ao escaler do Navio, que estava entre o Catraio, e o mesmo Navio; mas que podia deitar-se do

portaló algum masso de cartas ao escaler, e passar se de mão em mão para o Catraio, em que elle Respondente estava; porem que isto não vio, nem percebeo, que se fizesse.

Foi perguntado, se depois tornou ver o dito Jeronimo Teixeira.

Respondeo, que desde esse dia, em que foi á falla do Navio Pedra, depois que dezembarcou na rampa do Palacio, nunca mais tornou ver o dito Jeronimo Teixeira.

E sendo lhe mostrada a sobrecarta da carta autuada; e perguntado se conhecia aquella letra, ou se tinha visto outra semelhante.

Respondeo, que nem conhece a dita letra, nem tem lembrança de ter visto alguma semelhante.

E lhe não fes o dito Conselheiro mais perguntas, as quaes sendolhe lidas achou estarem conformes, com o que respondido tinha; e debaixo do juramento, que lhe foi deferido, declarou ter dito verdade tambem pello que pertence a terceiro; e de tudo mandou o mesmo Conselheiro fazer este Auto, em que assignou com o Respondente, e Ministro Escrivão assistente, e Eu Francisco Luis Alvares da Rocha Escrivão da Commissão o escrevi, e assignei.

(rubrica ilegivel) Fran.co Luis Alvares da Rocha
Joze Antº Val.te
Bento Ferrª dos Santos

Auto de perguntas feitas a Antonio Ribeiro de Paiva, e Antonio José Lopes

Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jezus Christo de mil sete centos e noventa e tres aos dezanove dias do mes de Janeiro nesta Cidade do Rio deJaneiro e Cazas de Rezidencia do Dezembargador Conselheiro Sebastião Xavier de Vasconcellos Coutinho do Conselho de Sua Magestade e do da Sua Real Fazenda Chanceler da Rellação desta Cidade, e Juis da Commissão expedida contra os Reos da Conjuração, formada em Minas Geraes, aonde eu Escrivão ao diante nomiado vim com o Doutor Joze Antonio Valente, Ouvidor desta Comarca, Escrivão assistente, para effeito de se fazerem perguntas a Antonio Ribeiro de Paiva, sobre o objecto da carta autuada; e sendo ahi, mandou o dito Conselheiro vir á sua prezença o dito Antonio Ribeiro, e lhe fes perguntas na forma seguinte.

Foi perguntado, como se chamava, donde era natural, que estado e idade tinha, do que vivia, e se tinha algumas ordens.

Respondeo, que se chamava Antonio Ribeiro de Paiva, natural de Penamacor, viuvo, de idade de satenta e dous annos, que vive do seu officio de Boticario, e que não tinha ordens algumas.

Foi perguntado se conhece Jeronimo Teixeira Lobo, e quando foi a ultima ves, que o vio.

Respondeo, que conhece Jeronimo Teixeira Lobo, e que a ultima ves, que o vio, foi em caza do Doutor Juis de Fora desta Cidade, e que supposto lhe não lembra o dia certo, comtudo sabe, que foi depois da chegada do Navio Pedra, a esta Cidade, ou no mesmo dia, ou logo no seguinte.

Foi perguntado, se estava ja em caza do Doutor Juis de Fora, quando Jeronimo Teixeira entrou, ou se elle Respondente foi, depois de lá estar o dito Jeronimo Teixeira.

Respondeo, que Jeronimo Teixeira entrou em caza do Doutor Juis de Fora logo de manhá, a tempo que elle Respondente estava com o dito Ministro em huma caza interior tomando chá, e com elles estava tambem Antonio Joze Lopes, que assiste em caza do dito Doutor Juis de Fora.

Foi perguntado, se sabe, que o dito Jeronimo Teixeira Lobo foi a caza do Doutor Juis de Fora, simplesmente de vizita, ou com algum negocio.

Respondeo, que não sabe, se o dito Jeronimo Teixeira foi a caza do Doutor Juis de Fora naquella manhã de vizita somente, ou com algum negocio; porque o dito Jeronimo Teixeira chamou da Sala pello dito Ministro, e elle sahio para fora para a dita Sala, ficando elle Respondente com o dito Antonio Joze Lopes na caza interior, em que estavão.

Foi perguntado, se o dito Jeronimo Teixeira com o Doutor Juis de Fora, entrarão ambos para a caza, em que elle Respondente estava, ou se elle Respondente sahio para a Salla logo, ou mediando algum tempo.

Respondeo que o dito Jeronimo Teixeira com o Juis de Fora ficarão na Sala de fora, e que elle Respondente, mediando algum tempo, ainda que pouco, sahio para a mesma Sala, em que elles estavão conversando, e elle Respondente ahi se demorou pouco tempo, porque se despedio e se foi embora.

Foi perguntado, quando sahio de dentro da caza interior, em que estava para a Sala de fora, em que estavão conversando os ditos Jeronimo Teixeira, o Doutor Juis de Fora, se ouvio, ou percebeo a materia, em que fallavão continuarão a fallar na mesma materia, em que estavão, ou se com a chegada delle Respondente mudarão de pratica.

Respondeo, que quando sahio para a caza de fora aonde estavão

os ditos Jeronimo Teixeira e o Doutor Juis de Fora ambos se callarão: e o tempo, que elle Respondente ahi se demorou, foi pouco, fallarão em coizas indifferentes, que lhe não lembrão.

Foi perguntado, se quando sahio para a Sala, em que estavão os ditos Jeronimo Teixeira, e o Doutor Juis de Fora, achou algum delles com cartas, ou papeis na mão.

Respondeo, que quando sahio para a dita Sala de fora, não vio, que algum dos ditos Jeronimo Teixeira, e Doutor Juis de Fora tivesse cartas, ou papeis na mão.

Foi perguntado, se não obstante o não ter visto que algum delles tivesse cartas, ou papeis na mão, se sabe que nessa occazião levara o dito Jeronimo Teixeira ao Doutor Juis de Fora algumas cartas, e quantas serião.

Respondeo, que não sabe, se naquella occazião levou o dito Jeronimo Teixeira algumas cartas ao Doutor Juis de Fora, mas que sabe, que nessa occazião estavão algumas sobrecartas deitadas no chão na dita Sala; supposto que não reparou, em quantas erão; e que tambem sabe pella frequencia, com que entra em caza do Doutor Juis de Fora, que elle costuma, quando recebe algumas cartas arrecada-las, e deitar os sobrescriptos no chão.

E não fes o dito Conselheiro mais perguntas ao Respondente, as quaes sendolhe lidas achou estarem conformes, com o que respondido tinha, e debaixo do juramento, que recebido tinha, declarou ter dito verdade tambem pello tocava a terceiro; e de tudo mandou o mesmo Conselheiro fazer este Auto, em que assignou com o Respondente, e Ministro Escrivão assistente; e eu o Dezembargador Francisco Luis Alvares da Rocha, Escrivão da Commissão, que o escrevi e assignei.

(rubrica ilegivel) Fran.co Luis Alvares da Rocha
Joze Antº Val.te
Antº Ribrº de Paiva

Perguntas feitas a An.to Joze Lopes

E logo no mesmo dia, mes, e anno assima declarado mandou o dito Conselheiro vir tambem a sua prezença Antonio Joze Lopes, para sobre o mesmo objecto lhe fazer perguntas; e sendo ahi ahi o dito Antonio Joze Lopes lhe fes perguntas pella maneira seguinte.

Foi perguntado, como se chamava, donde era natural, que estado, e idade tinha, de que vivia, e se tinha algumas ordens.

Respondeo, que se chamava Antonio Joze Lopes, natural de Lisboa, solteiro, filho de Joze Lopes, de idade de trinta e oito annos, viveo ate agora do officio de ourives, e prezentemente vive em caza do Doutor Juis de Fora desta Cidade, e que não tinha ordens algumas.

Foi perguntado, se sabe, ou suspeita, para que aqui foi chamado.

Respondeo, que não sabia, nem suspeitava para que era chamado aqui.

Foi perguntado, se conhece Jeronimo Teixeira Lobo, e se sabe, aonde elle está.

Respondeo, que conhece Jeronimo Teixeira Lobo, e tem ouvido dizer, que está prezo.

Foi perguntado se sabe, ou tem ouvido dizer a cauza da sua prizão.

Respondeo, que nem sabe, nem ouvio dizer a cauza da sua prizão.

Foi perguntado, se o dito Jeronimo Teixeira Lobo tinha amizade particular com o Doutor Juis de Fora desta Cidade; e se hia frequentemente a sua caza.

Respondeo, que o dito Jeronimo Teixeira tem amizade com o Doutor Juis de Fora, porem que não sabe, nem tem motivo para julgar, que essa amizade seja muito particular; que vai algumas vezes a caza do dito Ministro, supposto, que não seja com a maior frequencia; e que ordinariamente, quando o dito Jeronimo Teixeira vai a caza do Doutor Juis de Fora he levar lhe algumas cartas, que vem da Bahia, remettidas ao dito Jeronimo Teixeira para entregar ao dito Ministro. as quaes cartas vem da caza de seu Pay.

Foi perguntado, visto saber das correspondencias do Doutor Juis de Fora, se não sabe, que tenha mais cartas algumas.

Respondeo, que não sabe, que tenha mais cartas algumas.

Foi perguntado, quando foi a ultima ves, que Jeronimo Teixeira Lobo foi a caza do Doutor Juis de Fora, que elle Respondente soubesse.

Respondeo, que a ultima ves, que sabe ter hido Jeronimo Teixeira a Caza do Doutor Juis de Fora, foi a semana passada, no dia seguinte pellas nove para as dés horas da manhá, depois que o Navio Pedra chegou a esta Cidade.

Foi perguntado, se sabe que o dito Jeronimo Teixeira foi a caza do dito Doutor Juis de Fora naquella manhá a algum negocio, ou somente de vizita.

Respondeo, que não sabe, se o dito Jeronimo Teixeira foi naquella manhá a caza do Doutor Juis de Fora a algum negocio, ou se foi somente de vizita; porque elle Respondente estava em huma caza interior com o dito Ministro, e com Antonio Ribeiro de Paiva, e ouvindose na Sala huma vos, que procurava pello Doutor Juis de Fora, este Ministro se levantou, e sahio para fora, ficando elle Respondente só com o dito

Antonio Ribeiro; e passado algum espaço de tempo, em que elle Respondente sahio para a Sala, então he que achou o Doutor Juis de Fora com Jeronimo Teixeira a huma janela conversando.

Foi perguntado, se quando sahio para a Sala, percebeo a materia, em que o Doutor Juis de Fora conversava com o dito Jeronimo Teixeira.

Respondeo, que não percebeo a materia, em que conversavão; porque se demorou na dita Sala, só emquanto a porta entregava ás partes algumas petiçoens despachadas, e que depois desceo para baixo para outro andar das cazas.

Foi perguntado, se sabe, que o dito Jeronimo Teixeira entregou na dita manhã algumas cartas ao Doutor Juis de Fora, e quantas erão.

Respondeo, que não vio, que o dito Jeronimo Teixeira entregasse algumas cartas naquella manhã ao Doutor Juis de Fora, porem ouvio dizer ao Doutor Juis de Fora, que o dito Jeronimo Teixeira naquella manhá lhe tinha trazido algumas cartas de Lisboa; mas que não sabe, nem ouvio dizer quantas erão, nem de quem e só o que elle Respondente vio, foi que na caza, em que estava o Doutor Juis de Fora com o dito Jeronimo Teixeira, estavão algumas sobre cartas no chão, as quaes levantou hum preto, que andava lavando a caza, e as pós sobre huma commoda em huma caza mais para dentro; e que elle Respondente não sabe, quantas erão as ditas sobrecartas.

Foi perguntado, se as ditas sobrecartas estavão ja no chão naquella Sala, antes q̃ entrasse o dito Jeronimo Teixeira Lobo.

Respondeo, que antes de entrar para a dita Sala Jeronimo Teixeira Lobo não estavão sobrecartas algumas no chão na mesma Sala.

Foi instado, que dicesse a verdade; porquanto, sendo familiar da caza do Doutor Juis de Fora, he natural, que assim como sabe, que as cartas, que Jeronimo Teixeira entrega ao Doutor Juis de Fora, vindas da Bahia são do Pay do dito Ministro, assim tambem, como familiar se lhe não occultará as cartas, que o mesmo Jeronimo Teixeira entregou ao Doutor Juis de Fora, vindas de Lisboa, quantas erão, e de quem.

Respondeo, que como não vio, que o dito Jeronimo Teixeira entregasse cartas algumas naquella occazião ao Doutor Juis de Fora, porem digo por essa razão não sabe, se lhe deo algumas, nem quantas fossem, nem de quem erão; e so observou, que depois, que se despedio, e se foi embora o dito Jeronimo Teixeira, lhe pareceo, que o Doutor Juis de Fora estava hum pouco agoniado; e que sahindo tambem para fora depois voltou, e entrou a procurar com grande cuidado as sobrecartas, que o preto, que o preto que lavara a Sala, tinha levantado; e depois, digo levantado, e não achando huma das ditas sobre cartas, fes, que elle Respondente, e juntamente o dito Ministro revolvessem muitos papeis, para ver, se a achavão, andando muito agoniado; cuja sobrecarta,

digo agoniado; cuja sobre carta no dia seguinte apareceo com mais duas na mão de hum cabeleireiro, chamado Jeronimo, que costuma entrar naquella caza, e as tinha levado; e depois que apareceo a dita sobrecarta, ficou o dito Ministro socegado.

Foi perguntado, que signaes deo o dito Doutor Juis de Fora, tanto depois que sahio Jeronimo Teixeira Lobo, como depois quando o dito Ministro voltou a caza, e entrou a procurar a sobrecarta.

Respondeo, que quando, se despedio Jeronimo Teixeira Lobo, pareceu a elle Respondente, que o Doutor Juis de Fora estava agoniado, porque logo se vestio, e sahio para fora; e depois lhe pareceo agoniado pello cuidado, e diligencia, com que procurava a dita sobre carta.

E não fes o dito Conselheiro mais perguntas ao Respondente, as quaes, sendolhe lidas achou estarem conformes, com o que respondido tinha; e debaixo do juramento, que lhe foi deferido, declarou ter dito tambem a verdade, pello que pertencia a terceiro; e de tudo mandou mandou o mesmo Conselheiro fazer este Auto, que assignou com o Respondente, e Ministro Escrivão assistente; e eu o Dezembargador Francisco Luis Alvares da Rocha, Escrivão da Commissão, que o escrevi, e assignei.

(rubrica ilegivel) Fran.co Luis Alvares da Rocha
Joze Antº Val.te
Antonio Joze Lopes

Aos vinte e dous dias do mes de Janeiro do anno de mil e sete centos e noventa e tres nesta Cidade do Rio de Janeiro e Cazas de Rezidencia do Dezembargador Conselheiro Sebastião Xavier de Vasconcellos Coutinho, Juis da Commissão expedida contra os Reos da Conjuração formada em Minas Geraes, aonde eu escrivão ao diante nomeado vim, e o Doutor Joze Antonio Valente Escrivão assistente para effeito de se perguntar Jeronimo de tal sobre hum referimento nelle feito; e sendo mandou ahi chamar o dito Conselheiro o mesmo Jeronimo e lhe fes as perguntas seguintes.

Foi perguntado como se chamava, donde era natural, que estado, e idade tinha, e do que vivia.

Respondeo, que se chamava Jeronimo Joze Machado, natural de Lisboa, cazado, de idade de trinta e cinco anos, que vive de ser criado cabelleireiro do Mestre de Campo Fernando Dias; e que não tinha ordens algumas.

Foi perguntado, se conhece o Doutor Juis de Fora desta Cidade, se costuma hir a sua caza, e entrar nella com liberdade, e confiança.

Respondeo, que conhece o Doutor Juis de Fora desta Cidade, com quem veio embarcado da Corte de Lisboa, que quazi todos os dias vai a sua caza, e que nella entra com confiança, e familiaridade.

Foi perguntado, se lhe lembra, que em alguma occazião pegasse em alguns papeis em caza do dito Ministro, e os levasse comsigo.

Respondeo, que não pega em papeis em caza do Doutor Juis de Fora, porque não sabe ler, nem escrever; e só pega em algum papel velho por se persuadir, que não serve; o que lhe succedeo, havera oito dias pouco mais, ou menos, que entrando em caza do dito Ministro, vendo humas sobrecartas no chão na Sala de sima, pegou em tres sobrecartas, e as levou na algibeira, por lhe lembrar, que lhe podião servir para embrulhar alguma coiza; e passando dous dias, entrando elle Respondente em caza do dito Ministro, e ouvindo, que se fallava em humas sobrecartas, que faltavão, então lembrandose elle Respondente das tres, que tinha levado, e que ainda tinha comsigo na algibeira, tirando por ellas as mostrou, perguntando se serião aquellas as sobrecartas que procuravão, elle Respondente as entregou; e logo mandarão chamar o Doutor Juis de Fora, que não estava em Caza, para lhe dizerem, que tinhão apparecido os sobrescriptos; e com effeito elle veio logo.

E não fes o dito Conselheiro mais perguntas ao Respondente, as quaes sendolhe lidas, achou estarem conformes, com o que respondido tinha, e debaixo do juramento, que lhe foi deferido declarou ter dito verdade, pello que tocava a terceiro; e de tudo mandou o dito Conselheiro fazer este termo, que assignou com Respond.e, e Ministro Escrivão assistente; e Eu o Dezembargador dos Aggravos Francisco Luis Alvares da Rocha, Escrivão da Commissão, que o escrevi, e assignei.

(rubrica ilegivel)

Fran.co Luis Alvares da Rocha
Joze Antº Val.te
Signal de
Jeronimo Joze + Machado

ÍNDICE

ÍNDICE

dos

ANAIS DA BIBLIOTECA NACIONAL DO RIO DE JANEIRO

Vol. III (1877-78). Fasc. 2. — Rezultado dos trabalhos e indagações statisticas da Provincia de Mato-Grosso, por Luiz D'Alincourt (*Cont.*). — Diogo Barbosa Machado (*Cont.*), por B. F. Ramiz Galvão. — Cartas de Anchieta (*Cont.*), por J. A. Teixeira de Mello. — Alexandre Rodrigues Ferreira (*Cont.*), por A. do Valle Cabral. — Laurindo J. da S. Rebello, por J. A. Teixeira de Mello. — Joseph de Alencar, por J. A. Teixeira de Mello. — Indice. (Esg.).

Vol. IV (1877-78). Fascs. 1 e 2. — Catalogo dos manuscriptos da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro. Tomo I. (Esg.).

Vol. V (1878-79). Fascs. 1 e 2. — Catalogo dos manuscriptos da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro. Tomo II. (Esg.).

Vol. VI. (1878-79). Fasc. 1. — Manuscripto guarani sobre a primitiva catechese dos Indios das Missões. Obra composta em castelhano pelo p. Antonio Ruiz Montoya, vertida para guarani por outro padre jesuita, e agora publicada com a traducção portugueza, notas e um Esbôço grammatical do abanheem pelo Dr. Baptista Caetano de Almeida Nogueira. (Esg.).

Vol. VI (1878-79). Fasc. 2. — Manuscripto guarani sobre a primitiva catechese dos Indios das Missões. Obra composta em castelhano pelo p. Antonio Ruiz Montoya, vertida para guarani por outro padre jesuita, e agora publicada com a traducção portugueza, notas, e um Esbôço grammatical do abanheem pelo Dr. Baptista Caetano de Almeida Nogueira (*Conclusão do texto*). (Esg.).

Vol. VII (1879-80). — Vocabulario guarani pelo Dr. Baptista Caetano de Almeida Nogueira. (Esg.).

Vol. VIII (1880-81). — Memoria sobre o exemplar dos Lusiadas da bibliotheca particular de S. M. o Imperador, por J. F. de Castilho. — Rezultado dos trabalhos e indagações statisticas da provincia de Mato-Grosso, por Luiz D'Alincourt (*Conclusão*). — Bibliographia da lingua tupi ou guarani, por A. do Valle Cabral. — Etymologias brazilicas. III, pelo mesmo. — Diogo Barbosa Machado. III. Catalogo de suas collecções, por B. F. Ramiz Galvão. (*Cont.*). (Esg.).

Vol. IX. (1881-82). I. Catalogo da Exposição de Historia do Brazil. Tomo I. — (Esg.).

Vol. IX. (1881-82). II. Catalogo da Exposição de Historia do Brazil. Tomo II. — (Esg.).

Vol. IX. (1881-82). III. Suplemento ao Catalogo da Exposição de Historia do Brazil. — (Esg.).

Vol. X. (1882-83). — Catalogo dos manuscriptos da Bibliotheca Nacional. Tomo III.

Vol. XI. 1883-84). — Catalogo da Exposição permanente dos cimelios da Bibliotheca Nacional.

Vol. XII. (1884-85). — Fr. Camillo de Monserrate. Estudo biographico pelo Dr. B. F. Ramiz Galvão.

Vol. XII. (1885-86. Fasc. 1. — Historia do Brazil por Fr. Vicente do Salvador. — Diccionario Brazileiro da lingua portugueza pelo Dr. Antonio Joaquim de Macedo Soares.

Vol. XII. (1885-86). Fasc. 2. — Annotações de Drummond á sua biographia.

Vol. XIV. (1886-87). Fasc. 1. — Cartas Andràdinas.

Vol. XIV. (1886-87). Fasc. 2. — Poranduba amazonense ou kochiyma-uara poranduba.

Vol. XV. (1887-88). Fascs. 1 e 2. — Catalogo dos manuscriptos da Bibliotheca Nacional. Tomo IV. Vocabulario indigena.

Vol. XVI. (1889-90). Fasc. 1. — Catalogo dos retratos colligidos por Diogo Barbosa Machado. Tomo I.

Vol. XVI. (1889-90). Fasc. 2. — I. Catalogo dos retratos colligidos por Diogo Barbosa Machado. Tomo II. — Vocabulario indigena com a orthographia correcta (complemento da Poranduba amazonense), por J. Barbosa Rodrigues.

Vol. XVII. (1891-92). Fasc. I — Catalogo por ordem chronologica das biblias, corpos de biblia, concordancias e commentarios existentes na Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro. — Fasc. 2. — I. Catalogo dos retratos colligidos por Diogo Barbosa Machado. Tomo III. — Subsidios existentes na Bibliotheca Nacional para o estudo da questão de limites do Brasil pelo Oyapock.

Vol. XVIII. (1896). — Catalogo dos manuscriptos da Bibliotheca Nacional. (Conclusão do tomo IV). — Catalogo dos retratos colligidos por Diogo Barbosa Machado. Tomo IV. — Iconographia (Estudos). Por R. Villa-Lobos. — Manuel Dias, o romano. Por A. Furtado. — Relatorio do Director.

Vol. XIX. (1897). Introdução. — I. Vida do Padre José de Anchieta, pelo Padre Pedro Rodrigues. — II. Cartas ineditas do Padre José de Anchieta, copiadas do Archivo da Companhia de Jesus. —III. — Historia dos Collegios do Brasil, copiada da Bibliotheca Nacional de Roma. — IV. Carta do P. Reytor do Collegio da Bahia. — V. Cartas do P. Fonseca a respeito de A. Vieira. — VI. Annua da Provincia do Brazil. — VII. Resumo historico. — VIII. Relatorio.

Vol. XX. (1898). — Introducção. — I. Catalogo dos retratos colligidos por Barbosa Machado. Tomo V. — II. Catalogo dos retratos colligidos por Barboza Machado. Tomo VI. — III. Memorias historicas e militares relativas á guerra hollandeza, a ataques dos Francezes ao Rio de Janeiro, &. 1630-1757. — IV. Varias: Carta do p. Pero Rodrigues, 1597. — Memorias sobre as minas de ouro do Brazil. Por Domingos Vandelli. — V. Relatorio do Director. 1897. — Indice alphabetico dos vinte vols. dos annaes publicados.

Vol. XXI. (1899). — Introducção. — I. Catalogo dos retratos colligidos por Barbosa Machado. Tomo VII. — II. Commemoração centenaria do nascimento de Garrett. — III. Marcelino Pereira Cleto. — Dissertação. — IV. Relatorio do Director — 1898.

Vol. XXII. (1900). — I. Historia militar do Brasil. — II. Index da Historia militar do Brasil. — III. Relatorio do Director — 1899.

Vol. XXIII. (1901). — I. Joseph Barbosa de Sá. Relação das povoaçoens do Cuyabá e Mato groso de seos principios thé os prezentes tempos. — II. Moreira de Azevedo. O primeiro bispo do Brasil — Memoria historica. — III. Catalogo dos manuscriptos da Bibliotheca Nacional. Tomo V. — IV. Relatorio do Director. — 1900.

Vol. XXIV. (1902). — I. Introducção. — II. Desaggravos do Brasil e Glorias de Pernambuco. — III. Relatorio do Director — 1901.

Vol. XXV. (1903). — I. — Introducção. — II. Desaggravos do Brasil e Glorias de Pernambuco. (*Conclusão*). — III. Processo de João de Bolés e justificação requerida pelo mesmo. — IV. Relatorio do Director — 1902.

Vol. XXVI. (1904). — Introducção. — I. Catalogo dos retratos por Diogo Barbosa Machado. Tomo VIII. — II. Informação de Martim Soares Moreno sobre o Maranhão. — III. — Relatorio de Alexandre de Moura sobre a expedição á ilha do Maranhão. — IV. Roteiro de Manoel Gonçalves Regeifeiro. — V. Relação do Capitão André Pereira. — VI. Documentos sobre a expedição de

Jeronymo de Albuquerque. — VII. Diversos documentos sobre o Maranhão e o Pará. — VIII. — A Bibliotheca Nacional em 1903. — Relatorio.

Vol. XXVII. (1905). — Introducção — I. Catalogo da collecção Salvador de Mendonça. — II. Documentos relativos a Mem de Sá, Governador Geral do Brasil. — III. Discurso Preliminar, Historico, Introductivo, com natureza de Descripção Economica da Comarca e Cidade da Bahia. — IV. Registo da Folha Geral do Estado do Brasil. — V. A Bibliotheca Nacional em 1904. Relatorio.

Vol. XXVIII. (1906). — Introducção. — I. Estampas gravadas por Guilherme Francisco Lourenço Debrie. Catalogo organizado pelo Dr. José Zephyrino de Menezes Brum. — II. Informação geral da Capitania de Pernambuco. 1749. — III. A Bibliotheca Nacional em 1905. Relatorio.

Vol. XXIX. (1907). — Introducção. — I. Catalogo da collecção servantina com que a Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro concorreu á exposição commemorativa do 3.° centenario do D. Quixote, organisado por Antonio Jansen do Paço. — II. Journaux et nouvelles tirées de la bouche de marins hollandais et portugais de la navigation aux Antilles et sur les côtes du Brésil. Manuscripto de Hessel Gerritsz traduit pour la Bibliothèque Nationale de Rio de Janeiro par E. J. Bondam. — III. Vida do Padre José de Anchieta pelo Padre Pedro Rodrigues, conforme a copia existente na Bibliotheca Nacional de Lisboa. — IV. A Bibliotheca Nacional em 1906. Relatorio.

Vol. XXX. (1908). — Introducção. — I. Historia ou Annaes dos Feitos da Companhia Privilegiada das Indias Occidentaes desde o seu começo, até ao fim do anno de 1636 por Joannes de Laet, Director da mesma Companhia. Traducção dos Drs. José Hygino Duarte Pereira e Pedro Souto Maior. Livros I-IV. — II. "Yñerre" o "Stammvater" dos Indios Maynas. Esboço ethnologico-linguistico de Rodolpho R. Schuller. — III. Memoria sobre o Estado Actual da Capitania de Minas Geraes por José Eloi Ottoni. — IV. *A Bibliotheca Nacional em 1907.* Relatorio.

Vol. XXXI. (1909). — Introducção. — I. Inventario dos documentos relativos ao Brasil existentes no Archivo de Marinha e Ultramar organisado por Eduardo de Castro e Almeida. I. Bahia, 1613-1762. — II. A Bibliotheca Nacional em 1908. Relatorio.

Vol. XXXII. (1910). — I. Inventario dos documentos relativos ao Brasil existentes no Archivo de Marinha e Ultramar, organisado por Eduardo de Castro e Almeida. II. Bahia. 1763-1786. — II. A Bibliotheca Nacional em 1909. Relatorio.

Vol. XXXIII. (1911). — Introducção. — I. Historia ou Annaes dos Feitos da Companhia Privilegiada das Indias Occidentaes desde o seu começo até ao fim do anno de 1636 por Joannes de Laet, Director da mesma Companhia. Traducção dos Drs. José Hygino Duarte Pereira e Pedro Souto Maior. Livros V-VII. — II. Rodolpho R. Schuller. A Nova Gazeta da Terra do Brasil (Newen Zeytung auss Presilig Landt e sua origem mais provavel). — III. Poesias de Evaristo Ferreira da Veiga. — IV. Regulamento da Bibliotheca Nacional: Decreto n. 496, de 1 de Agosto de 1898, e Instrucções de 11 de Junho de 1901. Remessa de obras impressas: Decreto Legislativo n. 1.825, de 20 de Dezembro de 1907 e Instrucções de 1 de Junho de 1908. — V. A Bibliotheca Nacional em 1910. Relatorio.

Vol. XXXIV. (1912). — Introducção. — I. Inventario dos documentos relativos ao Brasil existentes no Archivo de Marinha e Ultramar, organisado por Eduardo de Castro e Almeida, III. Baia, 1796-1798. — II. A Bibliotheca Nacional em 1911. Relatorio.

Vol. XXXV. (1913). — Introducção. — I. Conferencias promovidas pela Bibliotheca Nacional e realisadas em 1912. — I. Idem em 1913. — II. Historisch-

Geographischer Katalog für Brasilien (1500-1908) von Joseph Scherrer. — IV. A Bibliotheca Nacional em 1912. Relatorio.

Vol. XXXVI. (1914). — I. Inventario dos documentos relativos ao Brasil existentes no Archivo de Marinha e Ultramar, organisado por Eduardo de Castro e Almeida, IV. Baía, 1798-1860. — II. A Bibliotheca Nacional em 1913. Relatorio.

Vol. XXXVII. (1915). — I. Inventario dos documentos relativos ao Brasil existentes no Archivo de Marinha e Ultramar, organizado por Eduardo de Castro e Almeida. Baía, 1801-1807. — II. A Bibliotheca Nacional em 1914. Relatorio.

Vol. XXXVIII. (1916). — I. Conferencias promovidas pela Bibliotheca Nacional e realizadas em 1914. — II. Historia ou Annaes dos Feitos da Companhia Privilegiada das Indias Occidentaes desde o seu começo até ao fim do anno de 1636 por Joannes de Laet, Director da mesma Companhia. Traducção dos Drs. José Hygino Duarte Pereira e Pedro Souto Maior. Livros VIII-X. — III. A Bibliotheca Nacional em 1915. Relatorio.

Vol. XXXIX. (1917). — I. Inventario dos documentos relativos ao Brasil existentes no Arquivo de Marinha e Ultramar, organizado por Eduardo de Castro e Almeida. — VI. Rio de Janeiro, 1616-1729. — II. A Biblioteca Nacional em 1916. Relatório.

Vol. XL. (1918). — I. Idéia da população da capitania de Pernambuco e das suas anexas, estensão das suas costa, rios e povoações notaveis, agricultura, número dos engenhos, contratos e rendimentos reais, aumento que este tem tido, & &, desde o ano de 1774 em que tomou posse do governo das mesmas capitanias o Governador e Capitão General José Cezar de Menezes. — II. Conferências promovidas pela Biblioteca Nacional e realizadas em 1915. — III. A Biblioteca Nacional em 1917. Relatório.

Vols. XLI-II. 1919-20). — I. História ou Annais dos Feitos da Companhia das Indias Occidentaes desde o seu começo até ao fim do ano de 1836 por Joannes de Laet. Tradução dos Drs. José Higino Duarte Vieira e Pedro Souto Maior. Livros XI-XIII. — II. Catálogo da Exposição Biblio-Iconoquistica organizada pela Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro e comemorativa do Sexto Centenário de Dante. — III. A Biblioteca Nacional em 1918 e 1919. Relatório.

Vols. XLIII-IV. (1920-21). — Introdução. — II. Memorias sobre o estabelecimento do Império do Brasil no Novo Império Lusitano, pelo bacharel Antônio Luiz de Brito Aragão e Vasconcelos. — III. Idéias gerais sobre a Revolução do Brasil e as suas consequências por Francisco de Serra y Mariscal. — IV. A inconfidência da Baia em 1798. Devassas. Sequestros. — V. A Biblioteca Nacional em 1921 e 1922. Relatório.

Vol. XLV. (1922-23). — I. A Inconfidência da Baia em 1798. — II. A Biblioteca Nacional em 1923. Relatório.

Vol. XLVI. (1924). — I. Inventário dos documentos relativos ao Brasil existentes no Arquivo de Marinha e Ultramar, organizado por Eduardo de Castro e Almeida. — VII. — Rio de Janeiro, 1729-1747.

Vol. XLVII. (1925). — Nobiliarquia Pernambucana por Antônio José Victoriano Borges da Fonseca. — Vol. 1.

Vol. XLVIII. (1926). — Nobiliarquia Pernambucana por Antônio José Victoriano Borges da Fonseca. — Vol. 2.

Vol. XLIX. (1927). — I. História de la Fundación del Collegio de la Capitania de Pernambuco. — II. Antônio Rodrigues, soldado, viajante e jesuita português na América do Sul, no século XVI. — III. Livro de Denunciações do Santo Oficio na Baia. — IV. Actas da Câmara de Vila Rica, 1711-1715. — V. Informações sobre alguns periódicos da Biblioteca Nacional. — VI. Gonzagueana da Biblioteca Nacional.

Vol. L. (1928). — I. Inventário dos documentos relativos ao Brasil existentes no Arquivo de Marinha e Ultramar, organizado por Eduardo de Castro e Almeida. VIII. *Rio de Janeiro, 1747-1755.*

Vol. LI. (1929). — I Catálogo da Exposição Nassoviana. — II. Diário Resumido do Dr. José de Saldanha. — III. — Notas sobre a lingua geral ou tupi moderno do Amazonas, pelo Prof. Ch. Fred. Hartt. — V. Verbetes para a Historia do Brasil.

Vol. LII. (1930). — *Documentos sobre o tratado de 1750.* — Vol. 1.

Vol. LIII. (1931). — Documentos sobre o Tratado de 1750. — Vol. 2.

Vol. LIV. (1932). — Inventário dos documentos históricos da casa imperial do Brasil, no castelo d'Eu, em França. — Vol. 1. — A Biblioteca Nacional em 1932. Relatório.

Vol. LV. (1933). — Inventário dos documentos históricos da casa imperial do Brasil, no castelo d'Eu, em França. — Vol. 2. — A Biblioteca Nacional em 1933. Relatório.

Vol. LVI. (1934). — Cartas de Luís Joaquim dos Santos Marrocos, escritas do Rio de Janeiro à sua família em Lisboa, de 1811 a 1821. — A Biblioteca Nacional em 1934. *Relatório.*

Vol. LVII. (1935). — I. Notícias antigas do Brasil — 1531-1551. — II. Correspondência do Governador D. Diogo de Meneses, 1608-1812. — III. Relação do Dr. Antônio da Silva e Sousa sobre a rebelião de Pernambuco — 1645. — IV. Deposição de Jerónimo de Mendonça Furtado, governador de Pernambuco — 1666. — VI Representação do Governador Antônio Luís Gonçalves da Câmara *Coutinho* — *1692.* — VI. *Informação sobre as minas do Brasil.* — VII. Tombo dos bens pertencentes ao Convento de Nossa Senhora do Carmo, na Capitania do Rio de Janeiro. — VIII. A Biblioteca Nacional em 1936. Relatório da Diretoria.

Vol. LVIII. (1936). — I. Índices das Consultas do Conselho da Fazenda. — II. Índices das Mercês Gerais. — A Biblioteca Nacional em 1936. Relatório da *Diretoria.*

Vol. LIX. (1937). — I. Processo das despesas feitas por Martim de Sá no Rio de Janeiro, 1628-1633. — II. Almanaques da Cidade do Rio de Janeiro para os anos de 1792 e 1794. — A Biblioteca Nacional em 1937. Relatório da Diretoria.

Vol. LX. (1938). — Maria Graham no Brasil: I. Correspondencia entre Maria Graham e a *Imperatriz Dona Leopoldina e cartas anexas.* — II. *Escorço biografico* de Dom Pedro I, com uma noticia do Brasil e do Rio de Janeiro. — Diario do Capelão da Esquadra de Lord Cochrane, Frei Manuel Moreira da Paixão e Dores. — Autos de exame e averiguação sobre o autor de uma carta anônima escrita ao Juiz de Fora do Rio de Janeiro, Dr. Baltazar da Silva Lisboa (1795). — Índice dos Anais da Bibliotheca Nacional. — Relatório da Diretoria.

Os volumes dos *Anais,* de I a IX, foram publicados na administração do Dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão; de X a XIII, na administração do Dr. João de Saldanha da Gama; de XIV a XV, na administração do Dr. F. L. de Bittencourt Sampaio; XVI, na administração do Dr. Francisco Mendes da Rocha; XVII, na administração do Dr. Raul d'Avila Pompeia; de XVIII a XXII, na administração do Dr. José Alexandre Teixeira de Melo; de *XXIII* a XXXVI, na administração do Dr. Manoel Cicero Peregrino da Silva; XXXVII, na administração do Dr. Basilio de Magalhães; de XXXVIII a XXXIX, na administração do Dr. Manuel Cicero Peregrino da Silva; XL, na administração do Dr. Aurélio Lopes de Sousa; de XLI a XLV, na administração do Dr. Mário Behring; de XLVI a LX, na administração do Dr. Rodolfo Garcia.

A BIBLIOTECA NACIONAL

EM 1938

RELATÓRIO

QUE AO

Exmo. Sr. Dr. Gustavo Capanema, Ministro da Educação e Saude, apresentou em Fevereiro de 1939

O DIRETOR

RODOLFO GARCIA

SERVIÇO GRÁFICO DO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAUDE
1940

Sr. Ministro

Em observância da alinea 27 do artigo 9.º do Regulamento desta Repartição, e nos termos da Circular G-288, de 10 de Novembro de 1936, tenho a honra de apresentar a V. Ex. o relatório das ocorrências verificadas e atividades realizadas durante o período de 1 de Janeiro a 31 de Dezembro do ano próximo findo, dos serviços a cargo da Biblioteca Nacional.

PESSOAL

NOMEAÇÃO

Maria Antonieta Mesquita de Barros, nomeada Bibliotecária da classe "E", por decreto de 15 de Agosto, de acordo com os artigos 40 e 41, da Lei n. 284, de 28 de Outubro de 1936, tomou posse a 18 e entrou em exercício a 19 do mesmo mês.

PROMOÇÃO

Adolfo Camara da Mota, bibliotecário da classe "J", promovido por decreto de 17 de Maio, de acordo com o artigo 33, da Lei n. 284, de Outubro de 1936, a bibliotecário da classe "K":

CONTRATADOS

José Balbino Pinheiro, José Francisco Maurício e Djalma Pinto, contratados para o serviço de conservação de livros, em virtude do decreto número 18.088, de 27 de Janeiro de 1928, exerceram suas funções com regularidade durante todo o ano. O ajudante técnico de 5.ª classe, Arcilio de Moura Estevão Júnior, contratado por portaria número 2.905, de 26

de Julho de 1937, do Sr. Ministro da Educação e Saude, trabalhou até 31 de Dezembro.

DESIGNAÇÃO DE SERVIÇO INTERNO

Foram lavradas portarias de serviço interno, designando:

O bibliotecário, Diretor da 2.ª secção, bacharel José Bartolo da Silva, para substituir o Diretor nos seus impedimentos ocasionais, em 5 de Janeiro.

O servente da classe "E", Waldemar de Carvalho Costa, para substituir o chefe da portaria, na 3.ª turma de serviço de domingos, em 5 de Março.

O bibliotecário da classe "G", Otávio Calasans Rodrigues, para lecionar a cadeira de Iconografia e Cartografia, no impedimento do substituto do chefe da 3.ª secção, em 28 de Março.

O bibliotecário, Diretor da 1.ª secção, Emanuel Eduardo Gaudie Ley, para lecionar a cadeira de História Literária, com aplicação à bibliografia, em 30 de Março

O bibliotecário da classe "J", Floriano Bicudo Teixeira, para lecionar a cadeira de Iconografia e Cartografia, em virtude de ter terminado o período de licença especial em que se achava, em 30 de Maio.

A bibliotecária da classe "E", Maria Antonieta Mesquita de Barros, para servir na 2.ª secção (manuscritos), em 19 de Agosto.

TRANSFERÊNCIAS

Por portaria desta Diretoria foram feitas as seguintes transferências :

A bibliotecária da classe "G", Celuta de Hannequim Gomes da 2.ª secção para a primeira secção (turma do dia), em 13 de Junho.

O bibliotecário da classe "F", José Nunes Vieira, da Secretaria (Permutas) para a 4.ª secção (turma do dia) em 14 de Outubro.

LICENÇAS

Por portarias desta Diretoria foram concedidas as seguintes licenças :

Ao servente da classe "C", Rafael Lopes Ferraz, foram

concedidos trinta dias de licença para tratamento de saude, em 17 de Fevereiro.

Ao bibliotecário da classe "F", Paulo de Toledo Castro, foram concedidos trinta dias de licença para tratamento de saude, em 2 de Abril.

À bibliotecária da classe "G", Celuta de Hannequim Gomes, foram concedidos trinta dias, para tratamento de saúde, em 26 de Novembro.

Por portaria do Sr. Diretor do Pessoal desse Ministério, foram concedidas as seguintes licenças :

À bibliotecária da classe "G", Alzira Cabral Barreira Cravo, foram concedidos três mêses de licença, para tratamento de saude, em 29 de Março.

Ao servente da classe "C", Rafael Lopes Ferraz, foram concedidos três mêses de licença, sem vencimentos, nos termos do artigo 16 do Decreto n. 14.663, de 1.° de Fevereiro de 1921, em 19 de Maio.

A bibliotecária da classe "G", Vera Barbosa de Oliveira, foram concedidos três meses de licença para tratamento de saude, em 5 de Julho.

Ao servente da classe "E", Américo Rodrigues da Silva, foram concedidos seis mèses de licença especial, nos termos do art. 1° do Decreto 42, de 15 de Abril de 1935, em 8 de Agosto.

Ao servente da classe "E", Pedro Vieira de Carvalho, foram concedidos seis meses de licença especial, nos termos do art. 1.° do Decreto 42, de 15 de Setembro de 1935, em 1.° de Setembro.

Ao bibliotecário da classe "I", Paulo Copertino do Amaral, foi concedido um ano de licença especial, nos termos do artigo 1.° do Decreto n. 42, de 15 de Abril de 1935, em 6 de Outubro.

Ao bibliotecário da classe "F", João Lacerda Pinto, foram concedidos seis meses de licença especial, nos termos do artigo 1.° do Decreto 42, de 15 de Abril de 1935, em 15 de Outubro.

Ao bibliotecário da classe "G", Jorge Leitão Bandeira, foram concedidos seis meses de licença especial, nos termos do artigo 1.° do Decreto 42, de 15 de Abril de 1935, em 27 de Outubro.

À bibliotecária da classe "G", Vera Barbosa de Oliveira, foram concedidos três meses de licença, para tratamento de saude, em prorrogação, em 22 de Outubro.

Ao bibliotecário da classe "I", Luiz Gonzaga de Siqueira Cavalcanti, foram concedidos seis meses de licença especial, nos termos do artigo 1.º do Decreto 42, de 15 de Abril de 1935, m 17 de Dezembro.

Ao bibliotecário da classe "K", Adolfo Camara da Mota, foram concedidos seis meses de licença especial, nos termos do art. 1.º do Decreto n.º 42, de 15 de Abril de 1935, em 27 de Dezembro.

APOSENTADORIAS

Por decretos do Sr. Presidente da República foram aposentados os funcionários seguintes :

O bibliotecário da classe "F", Antônio Luiz da Rosa, aposentado nos termos da legislação em vigor, em 3 de Março.

O servente da classe "D", Rufino Martins dos Santos, aposentado nos termos do artigo 156, letra *f* da Constituição, em 4 de Maio.

O servente da classe "C", Domingos Gonçalves, aposentado nos termos do artigo 156, letra *d* da Constituição, em 6 de Dezembro.

O eletricista da classe "F", Alvaro Pinho da Silva, aposentado nos termos da legislação em vigor, em 6 de Dezembro.

FALECIMENTOS

Faleceu no dia 24 de Março o bibliotecário da classe "L", Manoel Cassius Berlink, Chefe da 4.ª secção (jornais e revistas).

Faleceu no dia 6 de Junho o servente da classe "E", Augusto Cruz Machado.

COMISSÕES

O bibliotecário da classe "I", Pedro Rodrigues da Cunha, requisitado para ter exercício na Biblioteca desse Ministério, por ofício n. 39, do Gabinete da Secretaria de Estado do Ministério da Educação e Saude.

O servente da classe "D", Vitor Léo Römer, foi des-

tacado para trabalhar na Divisão do Ensino Secundário, de conformidade com o ofício n. 49, de 6 de Abril de 1937, do Gabinete do Sr. Ministro da Educação e Saude.

O bibliotecário da classe "J", bacharel Moisés de Almeida e Albuquerque, posto à disposição do Ministério da Justiça e Negócios Interiores para servir no Tribunal de Segurança Nacional, sem prejuizo de seus vencimentos, de acordo com o despacho do Sr. Presidente da República, de 24 de Maio.

CONCURRÊNCIA PÚBLICA

Realizou-se no dia 25 de Março a concurrência pública para a instalação do serviço de café e restaurante desta Biblioteca, a qual concorreram 3 candidatos, cujo processo foi remetido a esse Ministério na mesma data.

Realizou-se no dia 14 de Novembro a concurrência pública do serviço extraordinário de encadernação fora da repartição, de acordo com a publicação feita no *Diário Oficial* de 3 de Novembro, não tendo se apresentado concorrente algum. O processo foi remetido a esse Ministério na mesma data.

FERIAS

Sem prejuizo para o serviço, os funcionários desta Repartição, à exceção do Sr. Diretor, do Secretário e do Encarregado da Contabilidade, gozaram as férias regulamentares, de 8 de Outubro a 31 de Dezembro.

DIREITOS AUTORAIS

Foram lavrados, para garantia da propriedade literária e científica, de acordo com a lei vigente, 158 termos de registro de números 5.966 a 6.123, que assim se classificam:

ENCADERNAÇÃO

História	16
Ciências	24
Literatura	22
Didáticas	32
Músicas	1
Peças teatrais	9
Religião	1
Diversos	53
Total	158

Requereram registro 137 autores e editores-proprietários e 13 cessionários.

SERVIÇO DE PERMUTAÇÕES INTERNACIONAIS

Durante o ano findo manteve o serviço de permutações internacionais o intercâmbio bibliográfico com 204 bibliotecas estrangeiras e 107 bibliotecas e repartições nacionais.

Foram extrídas 207 guias para várias remessas sendo: 173 guias para as bibliotecas nacionais e destinatários do interior do país, constando de 666 postais, 235 cartas, 18 ofícios. 1.163 amarrados com 3.874 pacotes, na importância de dois contos, duzentos e quarenta e um mil réis (2:241$000) e 34 guias para requisição de selos na importância de quinze contos, quatrocentos e setenta e cinco mil e trezentos réis ... (15:475$300), para a remessa às bibliotecas estrangeiras e destinatários do exterior do país de 83 postais, 48 cartas, 27 ofícios, 3.774 pacotes com 34.956 exemplares de publicações.

Entraram e foram registradas 84 publicações em 62.625 exemplares, procedentes dos ministérios.

Por doação entraram 150 obras em 1.129 exemplares.

Para remessa especial a 26 bibliotecas americanas foram adquiridas 26 obras em 702 volumes.

Entraram e foram registrados 134 pacotes de publicações procedentes: 117 da Alemanha, 1 do Canadá, 3 da Holanda, 5 da Letonia e 8 da Suiça.

Além das publicações remetidas por via postal saíram mais 64 publicações com 779 exemplares para diversos destinatários e 1.363 amarrados com 1.660 pacotes, entregues diretamente a seus destinatários.

Foram abertas 50 caixas procedentes: 1 da Alemanha, 3 da Belgica, 1 do Ceará, 1 do Chile, 28 dos Estados Unidos da America do Norte, 7 da França, 3 da Itália, 1 da Polonia, 1 da Holanda e 4 da Suiça.

São os seguintes os paises que enviaram à Biblioteca Nacional caixas e encomendas postais durante o ano próximo findo:

PAISES	Caixas	Encomendas
Alemanha	4	117
Bélgica	6	—
Canadá	—	1
Chile	1	—
Estados Unidos	45	—
França	8	—
Holanda	—	3
Hungria	2	—
Itália	5	—
Letônia	—	5
Polônia	1	—
Portugal	3	—
Suiça	—	8
	75	134

CONTRIBUIÇÃO LEGAL

Entraram no ano de 1938, por contribuição legal, 8.144 obras em 10.876 volumes, 769 peças musicais e jornais e revistas no total de 51.312.

CONSULTA PÚBLICA

Durante o ano de 1938 obtiveram na Secretaria cartões de frequência 3.892 leitores.

Consultaram os vários salões de leitura 74.206 leitores, assim discriminados, mês a mês :

Janeiro	4.771	leitores
Fevereiro	4.025	"
Março	5.179	"
Abril	5.509	"
Maio	7.101	"
Junho	6.043	"
Julho	6.477	"
Agosto	7.252	"
Setembro	6.566	"
Outubro	6.667	"
Novembro	5.052	"
Dezembro	5.292	"
Sala de Trabalho	4.272	"
	74.206	"

A Biblioteca funcionou durante 348 dias.

A primeira secção (impressos) foi frequentada por ... 59.387 leitores, que consultaram 121.303 obras em 134.076 volumes, obras essas que em relação aos assuntos assim se classificam :

SECÇÃO DE IMPRESSOS

Estatistica da consulta durante o ano de 1938

CLASSES E LINGUAS	CONSULTA NA BIBLIOTECA	
	Obras	Volumes
Agricultura, comércio e indústria	3.528	3.793
Belas artes	1.566	1.682
Bibliografia	266	356
Corografia e história do Brasil	3.504	3.938
Direito, legislação e jurisprudência	8.936	10.126
Economia política	2.961	3.159
Enciclopédia e poligrafia	2.245	2.781
Geografia	2.377	2.609
História	6.207	7.215
Jogos e esportes	512	552
Literatura	20.796	22.887
Literatura brasileira	13.832	14.498
Ocultismo, teosofia e espiritismo	1.165	1.215
Pedagogia	1.258	1.311
Filologia e linguística	10.034	11.166
Filosofia	4.338	4.658
Física e química	7.029	8.083
Política e administração	1.881	1.968
Religião	1.272	1.442
Ciências matemáticas	8.646	9.338
Ciências médicas	12.535	14.171
Ciências naturais	5.608	6.259
Sociologia	807	869
	121.303	134.076
Sendo em :		
Alemão	529	632
Francês	16.708	19.511
Grego	3	3
Espanhol	2.216	2.541
Inglês	2.632	2.932
Italiano	1.222	1.363
Latim	225	249
Português	97.706	106.783
Esperanto	60	60
Polonês	1	1
Rumaico	1	1
	121.303	134.076
Consultantes	59.387	

A segunda secção (manuscritos) foi frequentada por 615 leitores, os quais consultaram 562 códices, contendo ... 80.501 documentos e 10.459 manuscritos avulsos, e bem assim 212 obras impressas em 267 volumes e 92 avulsos.

Os códices avulsos eram escritos nas seguintes línguas :

	Códices	Numero de documentos neles contidos	Avulsos
Alemão	1	1	—
Espanhol	9	282	450
Francês	10	88	53
Inglês	1	1	176
Italiano	1	11	—
Latim	6	6	—
Tupí	1	2	—
Português	533	80.110	9.780
	562	80.501	10.459

As 212 obras em 267 volumes bem como os 92 avulsos eram escritos nas seguintes línguas :

	Obras	Volumes	Avulsos
Alemão	8	8	—
Espanhol	7	12	—
Francês	109	119	—
Inglês	19	23	—
Italiano	11	11	—
Latim	3	4	—
Português	55	90	92
	212	267	92

Quanto aos assuntos, assim se classificam os códices consultados :

CLASSES E LINGUAS	Códices	Nº. de documentos	Avulsos
CLASSES			
Administração	37	7.530	224
Amazonas	3	64	3
América	1	1	—
Autógrafos	1	103	5
Baía	—	—	269
Bibliogfafia	1	1	—
Biografias	13	499	289
Brasil em geral	2	2	4.409
Ceará	—	—	1
Colônia do Sacramento	5	317	19
Colonização	4	4	—
Corografia	1	225	1
Costumes do Brasil	2	2	—
Diplomática	1	1	—
Direito Civil Português	2	2	--
Discursos	—	—	2
Documentos Biográficos	3	124	91
Epistografia	24	12.60	279
Escravidão	23	1.117	53
Estudos Botanicos	16	16	—
Filosofia	1	1	—
Goiáz	1	83	—
Genealogia	18	289	3
História da América	3	3	—
História do Brasil	53	2.713	362
História Eclesiastica Brasileira	1	9	—
História Militar Brasileira	1	78	--
História do Paraguái	2	42	60
História de Portugal	6	28	—
Imigração	4	172	—
Imprensa Periódica	1	1	—
Indios do Brasil	3	105	36
Indios do Pará	3	10	—
Instrução Pública	11	266	—
Inventários	1	315	2
Jesuítas	9	940	2
Limites	30	2.845	14
Língua Brasílica	1	1	—
Língua Geral	4	4	1.
Língua Tupí	3	3	—
Linguística	1	2	—
Literatura	1	1	2
Madeiras	—	—	42
A transportar	297	19.179	6.169

CLASSES E LINGUAS	Códices	N.º de documentos	Avulsos
Transporte	297	19.179	6.169
Mapas Corográficos do Brasil	2	3	—
Maranhão	4	114	5
Mato Grosso	1	1	—
Metais	2	2	—
Minas	11	240	2
Minas Gerais	9	166	76
Mineração	1	7	—
Música	2	24	1
Navegação	6	101	308
Nobiliarquia	4	124	—
Ordens Religiosas	2	7	—
Pará	10	334	17
Paraguái	—	—	882
Parlamento Brasileiro	5	63	—
Pernambuco	3	2.212	5
Pintura	—	—	1
Poesia	3	88	—
Política	44	3.487	1.065
Portugal	4	78	—
Potamografia Brasileira	10	18	3
Província Cisplatina	—	—	1.561
Religião	10	5	3
Rio Grande do Sul	103	53.256	343
Rio de Janeiro (cidade)	—	—	8
Rio da Prata	1	7	—
Rodovias	1	106	—
São Paulo	1	160	3
Sergipe	—	—	3
Sesmarias	3	530	1
Teatro	3	3	—
Telégrafos	2	55	—
Viagens	18	131	3
Total	562	80.501	10.459
LINGUAS			
Alemão	1	1	—
Espanhol	9	282	450
Francês	10	88	53
Inglês	1	1	176
Italiano	1	11	—
Latim	6	4	—
Tupí	1	2	—
Português	533	80.112	9.780
Total	562	80.501	10.459

OBRAS IMPRESSAS

	Obras	Volumes	Avulsos
Anais	22	23	—
Autógrafos	1	2	—
Bibliografia	23	51	—
Cronologia	6	9	—
Diplomática	8	9	—
Escrita Hieroglífica	4	4	—
Etnografia	1	1	—
Geografia	4	9	—
Linguística	7	12	—
Miniatura	4	4	—
Nobiliarquia	1	1	—
Paleografia	131	142	92
Total	212	267	92

CLASSES E LINGUAS	Códices	Nº. de documentos	Avulsos
LINGUAS			
Alemão	8	8	—
Espanhol	7	12	—
Francês	109	119	—
Inglês	19	23	—
Italiano	11	11	—
Latim	3	4	92
Português	55	90	—
Total	212	267	92

A terceira secção (estampas e cartas geográficas) foi frequentada por 334 consultantes, que manusearam 7 estampas avulsas e 237 coleções com 34.732 peças. Consultaram 569 mapas avulsos, 72 atlas com 5.674 mapas e 171 obras especiais em 248 volumes, assim classificados quanto aos idiomas:

Português	48	obras	em	63	volumes
Francês	78	"	"	123	"
Inglês	7	"	"	9	"
Alemão	11	"	"	22	"
Italiano	16	"	"	18	"
Espanhol	11	"	"	13	"
	171	"	"	248	"

A quarta secção (jornais e revistas) foi frequentada por 9.402 leitores, que consultaram 20.806 volumes e 190.605 avulsos, assim discriminados quanto aos assuntos :

Almanaques	1.173			
Anais	1.405			
Jornais	9.775	e	176.625	avulsos
Leis, decretos, etc.	3.670			
Mensagens	892			
Relatórios	1.400			
Revistas	2.491	"	13.980	"
	20.806	"	190.605	"

Quanto aos idiomas assim se classificam :

Alemão	129
Francês	458
Espanhol	99
Inglês	104
Italiano	111
Português	19.905
	20.806

Foram encadernados pelo Serviço Gráfico do Ministério da Educação e Saude 1.732 volumes.

DOAÇÕES

No correr do ano passado a Biblioteca Nacional recebeu várias doações, entre as quais podemos mencionar as seguintes :

Do Sr. General Alexandre Leal recebeu esta Biblioteca os números 16 a 36 da revista — "Brasil Pilatélico".

Da Senhora Nancy Holt, 15 volumes encadernados da revista "Bem-te-ví", referentes aos anos de 1923 a 1937.

Do Governo Francês, por intermédio do Sr. Embaixador de França no Rio de Janeiro, foi feita à Biblioteca uma valiosa oferta de 241 obras em 553 volumes, 45 peças musicais e 3 mapas.

Da Biblioteca do Ministério da Educação e Saude recebeu esta Repartição 596 obras em 921 volumes.

Do Excelentíssimo Sr. Presidente da República recebeu esta Biblioteca um album relativo às primeiras edificações na cidade de Goiânia, com o respectivo estojo de madeira.

Do Sr. Ministro Plenipotenciário, Jeronimo A. Figueira de Melo, constante de 12 códices e 54 cópias de documentos do Arquivo Colonial de Lisboa.

Do Sr. Carlos Osório Marcarenhas, recebeu esta Biblioteca 184 volumes de obras médicas, que participaram da biblioteca de seu respeitavel pai.

De D. Adelaide Gallon recebeu esta repartição 45 obras para cegos.

Do comissariado Geral de Exposição Internacional de París, de 1937, e por intermédio do Sr. Pinto da Silva, comissário do Governo brasileiro, recebeu a Biblioteca Nacional um suntuoso album, contendo 10 gravuras evocadoras das principais festas realisadas durante o grande certamen, de execução de ilustres artistas franceses a expensas do Duque de Valençay.

Do ilustre historiador Sr. Tobias Monteiro recebeu esta Biblioteca a doação de 5 obras, em edições raras e estimadas.

Do Dr. Antônio Carneiro Leão recebeu esta repartição 15 obras de sua autoria.

Pelo Bristish Council, de Londres, e por intermédio do Sr. Embaixador Britânico nesta Capital, foi oferecido à Biblioteca um exemplar da obra *Britain and the Independence of Latin America*, 1812-1830, em 2 volumes, editada pelo Professor C. K. Webster.

CATALOGAÇÃO

No correr do ano findo, foram extraídas 14.391 fichas de autores e de assuntos, para os catálogos das diferentes secções, sendo todas elas colocadas nos respectivos fichários à disposição do público.

BOLETIM BIBLIOGRÁFICO

Durante o ano foram extraídos 1.664 verbetes de obras entradas por contribuição legal.

SECRETARIA E CONTABILIDADE

Além do registro de direitos autorais e do serviço de permutações internacionais expediu a Secretaria às diversas

secções, 768 guias, sendo 318 de contribuição legal, 77 de compra, 179 de permutas internacionais e 194 de doações.

Quanto à correspondência expedida constou de 412 ofícios, 175 cartas, 12 guias de recolhimento de renda à Tesouraria Geral do Ministério da Educação e Saude, 9 portarias, 108 comunicações aos jornais e foram extraídas 259 certidões, sendo 76 de teôr, 25 de relatório e 158 de direitos autorais e 25 editais.

A Contabilidade incumbiu-se de todo seu expediente, dando andamento aos vários processos, folhas de pagamento, folha de auxílio para fardamento ao pessoal subalterno, requisição de pagamento do auxílio para aluguel de casa ao chefe de portaria.

Foram processadas 119 faturas em 3 vias cada uma.

O Encarregado da Contabilidade, recebeu na Tesouraria Geral do Tesouro Nacional, dois adeantamentos de sessenta contos de réis, (60:000$000) cada um, por conta da consignação "Livros, cartas geográficas, etc.

O Chefe de Portaria da classe "G", João Gomes Brasil, tambem recebeu na Tesouraria Geral do Tesouro Nacional, dois adeantamentos, sendo um de três contos de réis ...... (3:000$000) e o outro de quatro contos de quinhentos mil réis (4:500$000), o primeiro para pagamento de despesas miudas e de pronto pagamento e o segundo para aquisição de artigos de desinfeção, etc.

O Encarregado da Contabilidade recolheu à Tesouraria Geral do Ministério da Educação e Saude a importância total de quatro contos, cento e sessenta e seis mil e oitocentos réis (4:166$800), em 12 guias mensais, sob números 1 a 12, e correspondentes aos recibos ns. 1 a 150, inclusive, de acordo com o art. 148 — Renda da Biblioteca Nacional — do anexo I — Diversas Rendas — do Decreto Lei n.º 107, de 27 de Dezembro de 1937.

CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

Durante o ano findo o Curso de Biblioteconomia funcionou com toda a regularidade. As aulas começaram a 4 de Abril e foram encerradas a 2 de Dezembro.

Lecionaram ás quatro cadeiras, do que consta o Curso, os Srs.: Emanuel Eduardo Gaudie Ley, as cadeiras de Biblio-

grafia e História Literária, com aplicação a Bibliografia: Bacharel José Bartolo da Silva, a cadeira de Paleografia e Diplomática e Floriano Bicudo Teixeira, a cadeira de Iconografia e Cartografia.

Matricularam-se no primeiro ano 24 alunos, a saber:

1 — Nylce Burlamaqui Stallone
2 — Helyette Celia Brant
3 — Ione Jobin Saldanha
4 — Gilka Jobin Crespo
5 — Alarico Velasco de Azevedo
6 — Aurea Iracilda de Vasconcelos
7 — Maria Lygia Barreira da Fonseca
8 — Haydéa Madei Martins
9 — Liette Cravo de Matos
10 — Isabel de Sousa Ennes
11 — Arthur Pimenta Valente
12 — Hilton Calasans Rodrigues
13 — Abdon Walter Guimarães
14 — Maria Corrêa Vallim
15 — Flavio José Marques
16 — Stäel Alves Pequeno
17 — Maria Helena Couto Duarte
18 — Paulo Poppe de Figueiredo
19 — Vera Fontainha
20 — Lourenço Luiz Lacombe
21 — Luiza America Marcondes de Almeida
22 — Vera Maria Porto d'Ave
23 — Ruy Tavares Drummond
24 — Fausto de Carvalho Mendes.

Desses 24 alunos somente 19 se submeteram às provas

parciais das duas cadeiras do primeiro ano, obtendo as seguintes médias nas respectivas matérias :

NOMES	Iconografia e cartografia	História Literária (com aplicação á bibliografia)
Alarico Velasco de Azevedo	4	4
Arthur Pimenta Valente	6	4,5
Aurea Iracilda Vasconcellos	7	7
Fausto de Carvalho Mendes	7	5
Flávio José Marques	4	5
Haydéa Madeia Martins	6,5	5
Helyette Celia Brant	4,5	5
Hilton Calasans Rodrigues	7	6
Isabel de Souza Ennes	5	4
Lourenço Luiz Lacombe	6	6
Luiza América Marcondes de Almeida	8	9
Liette Cravo de Mattos	7	5
Maria Corrêa Vallim	5	4
Maria Helena Couto Duarte	8	9
Maria Lygia Barreira da Fonseca	6	5
Paulo Poppe de Figueiredo	8	9
Stael Alves Pequeno	8	7
Vera Fontainha	6,5	4
Vera Maria Porto d'Ave	6	7

Os demais alunos deixaram de comparecer às aulas e às provas.

* * *

Matricularam-se no segundo ano 11 alunos, a saber :

1 — Maria de Lourdes Araujo Pereira
2 — Eduardo Valdetaro da Fonseca
3 — João de Sousa da Fonseca Costa Couto
4 — Heloisa Leite Soares de Azevedo
5 — Elza Abrantes Del Vecchio
6 — Ruth Libano Villela
7 — Dora Cardoso Del Vecchio
8 — Christiana Ottoni Vieira
9 — Francy Portugal
10 — Ruy de Gouvêa Nobre
11 — Jorge Duarte Ribeiro.

Desses 11 alunos somente 5 terminaram o curso, sendo considerados aprovados com as seguintes médias :

NOMES	Bibliografia	Paleografia e Diplomática
Francy Portugal	8,5	6
Heloisa Soares de Azevedo	8	5
Maria de Lourdes Araujo Pereira	7	5
Ruy de Gouvêa Nobre	7	4
Christiana Ottoni Vieira	6,5	4

Os alunos Eduardo Valdetaro da Fonseca, João de Sousa da Fonseca Costa Couto e Dora Cardoso Del Vecchio, foram aprovados na cadeira de Bibliografia com as médias seguintes : o primeiro com média 9 ; o segundo com média 4 e o terceiro com média 4. Os referidos alunos não obtiveram médias suficientes para serem considerados aprovados na cadeira de Paleografia e Diplomática, motivo pelo qual ainda não concluiram o Curso de Biblioteconomia.

A aluna do segundo ano, Francy Portugal, requereu retificação de nome para Francisca Marcondes Portugal juntando justificação judicial passada pelo Juizo da Primeira Pretoria Civel do Distrito Federal.

Exposição Comemorativa do Primeiro Centenário da Morte de José Bonifácio de Andrada e Silva — 1838-1938

Para essa Exposição promovida pelo Ministério da Educação e Saude e realizada no Museu Nacional em Abril próximo findo, a Biblioteca concorreu com 2 códices e 230 documentos avulsos, 31 obras em 31 volumes, 8 estampas e diversos periódicos, constantes do catálogo impresso organisado pelo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

AQUISIÇÃO DE LIVROS

No ano de 1938 adquiriu esta Biblioteca para a 1.ª secção (impressos) 3.906 obras em 5.047 volumes, sendo por contribuição legal 1.785 obras em 2.213 volumes ; por compra

886 obras em 1.085 volumes; por doação 651 obras em 1.081 volumes; por permuta internacional 584 obras em 668 volumes.

Para a 2.ª secção (manuscritos) entraram 51 códices e 89 manuscritos avulsos, 33 obras impressas de referência e 4 impressos avulsos contendo 48 volumes, 14 folhetos e 4 avulsos, assim classificados quanto à procedência:

CÓDICES E MANUSCRITOS AVULSOS

	Códices	Manuscritos avulsos
Compra	6	28
Doação	14	58
Remessa da Secretaria	31	3
	51	89

OBRAS IMPRESSAS DE REFERÊNCIA

	Obras	Volumes	Folhetos	Avulsos
Compra	14	15	—	—
Doação	9	33	—	3
Permuta internacional	8	—	8	—
Contribuição legal	2	—	2	—
Remessa da Secretaria	—	—	—	1
	33	48	10	4

Para a 3.ª ecção (estampas e cartas geográficas) adquiriu esta Biblioteca 121 estampas e 10 coleções iconográficas com 462 peças, sendo :

Por compra	65	peças
" doação	39	"
" contribuição legal	17	"
	121	"

Quanto à nacionalidade, brasileiras 32 peças e estrangeiras 89.

Distribuidas essas 121 peças em relação aos processos artísticos, assim se classificam :

Fotografia	11	peças
Gravura a buril	16	"
Xilografia	5	"
Litografia	19	"
Aquarela	62	"
Desenho	8	"
	121	"

Coleções

Considerados os meios de aquisição :

Doação	2	vols.	com	89	estampas
Contribuição legal	5	"	"	291	"
Serviço de permutas	2	"	"	44	"
Transferência de Secção	1	"	"	38	"
	10	"	"	462	"

Quanto ao processo

Fotografia	4	vols.	com	259	estampas
Fotogravura	2	"	"	44	"
Litografia	4	"	"	159	"
	10	"	"	462	"

Quanto à nacionalidade :

Brasileiras	6	vols.	com	370	estampas
Estrangeiras	4	"	"	92	"
	10	"	"	462	"

Entraram tambem para a secção 55 obras ilustradas em 64 volumes com 7.419 ilustrações, que foram adquiridas :

Por compras	30	obras	em	35	vols.	com	3.852	ilustrações
" doação	18	"	"	21	"	"	3.278	"
" contribuição legal	5	"	"	6	"	"	173	"
" Serviço de permutas	2	"	"	2	"	"	116	"
	55	"	"	64	"	"	7.419	"

BIBLIOTECA NACIONAL

1ª SECÇÃO

AQUISIÇÕES — CONTRIBUIÇÃO LEGAL

MESES	Distrito Federal		Alagoas		Amazonas		Baia		Ceará		Espirito Santo		Maranhão		Mato Grosso		Minas Gerais		Pará		Paraiba		Paraná	
	O	V	O	V	O	V	O	V	O	V	O	V	O	V	O	V	O	V	O	V	O	V	O	V
Janeiro	53	56	—	—	—	1	1	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1	1	—	—	—	—	—	—
Fevereiro	103	104	—	—	—	—	2	2	—	—	—	—	—	—	—	—	6	6	—	—	—	—	6	6
Março	121	137	—	—	—	—	2	2	—	—	—	—	1	1	1	1	1	1	—	—	—	—	1	1
Abril	48	49	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Maio	28	28	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Junho	91	100	—	—	—	—	1	1	1	1	—	—	—	—	—	—	7	7	—	—	—	—	1	1
Julho	50	57	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Agosto	163	180	—	—	—	—	3	3	3	3	1	1	—	—	1	1	3	3	1	1	1	—	13	3
Setembro	38	253	—	—	1	1	2	2	1	1	—	—	1	1	—	—	5	5	—	—	—	—	2	2
Outubro	48	48	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Novembro	68	141	—	—	—	—	1	2	2	2	—	—	1	1	—	—	3	3	—	—	—	—	—	—
Dezembro	255	313	1	1	—	—	2	22	—	—	—	—	—	—	—	—	12	13	—	—	—	—	13	13
Total	1.066	1.466	1	1	1	1	14	15	7	7	1	1	3	3	1	1	38	39	1	1	1	1	26	26

MESES	Pernambuco		Piaui		Rio de Janeiro		Rio Grande do Norte		Rio Grande do Sul		Santa Catarina		São Paulo		Sergipe		Total da contribuição legal		Compra		Doação		Permuta		Total geral	
	O	V	O	V	O	V	O	V	O	V	O	V	O	V	O	V	O	V	O	V	O	V	O	V	O	V
Janeiro	3	3	—	—	3	3	—	—	1	1	—	—	51	52	—	—	113	117	—	—	11	17	58	64	182	198
Fevereiro	5	5	—	—	—	—	2	2	1	1	—	—	47	50	—	—	172	176	2	2	3	7	45	50	222	235
Março	6	7	1	1	9	10	—	—	17	17	—	—	52	54	1	1	212	232	—	—	56	33	23	27	281	312
Abril	1	1	—	—	1	1	—	—	—	—	—	—	30	30	—	—	80	81	54	56	3	3	6	6	143	146
Maio	—	—	—	—	—	—	—	—	2	2	—	—	17	17	—	—	47	47	140	152	175	442	—	—	362	641
Junho	4	4	—	—	10	10	—	—	2	2	—	—	26	26	—	—	143	152	106	135	116	132	—	—	365	419
Julho	—	—	—	—	10	10	—	—	8	8	—	—	15	16	—	—	83	91	159	172	99	118	235	290	576	671
Agosto	3	3	—	—	4	4	—	—	21	26	2	2	49	62	—	—	263	293	1	4	15	22	40	45	319	364
Setembro	2	2	1	1	2	2	—	—	1	1	—	—	17	17	—	—	73	288	37	55	106	188	27	27	243	558
Outubro	—	—	—	—	—	—	1	1	—	—	—	—	5	6	—	—	54	55	346	460	15	16	101	101	516	631
Novembro	2	2	—	—	13	13	—	—	—	—	—	—	50	51	—	—	140	215	32	40	15	26	13	15	200	296
Dezembro	2	2	—	—	11	11	—	—	32	32	—	—	77	79	—	—	405	466	9	9	47	58	36	43	497	576
Total	28	29	2	2	63	64	3	3	90	90	2	2	436	460	1	1	1.785	2.213	886	1.085	651	1.081	584	668	3.906	5.047

Quanto à nacionalidade :

Brasileiras	6	obras	em	8	vols. com	428	ilustrações
Estrangeiros	49	"	"	56	" "	6.991	"
	55	"	"	64	" "	7.419	"

Obras Especiais :

Foram adquiridas 78 obras especiais em 88 volumes do seguinte modo :

Por compra	33	obras	em	34	volumes
" doação	39	"	"	47	"
" contribuição legal	2	"	"	2	"
" serviço de permutas	3	"	"	3	"
" transferência de secção	1	"	"	2	"
	78	"	"	88	"

Cartas Geográficas :

Durante o ano foram adquiridas 29 cartas geográficas e 17 atlas com 1.043 peças.

Considerados os meios de aquisição :

Por compra	1	carta
" doação	2	cartas
" contribuição legal	22	"
" serviço de permutas	4	"
Total	29	"

Quanto à nacionalidade :

Brasileiras	24	cartas
Estrangeiras	5	"
Total	29	"

Atlas

Considerados os meios de aquisição :

Por compra	10	atlas	com	465	peças
" doação	3	"	"	409	"
" serviço de permutas	4	"	"	169	"
	17	"	"	1.043	"

Quanto à nacionalidade são todos estrangeiros.

Para a 4.ª secção (jornais e revistas) entraram jornais, almanaques, mensagens, relatórios, leis, decretos e outras publicações, tanto nacionais como estrangeiras, elevando-se o número no correr do ano a 64.762.

PRINCIPAIS AQUISIÇÕES

Entre as aquisições feitas pela Biblioteca durante o ano devemos destacar as seguintes :

W. Raleigh. The Historie of the World. Londres. 1614.

K. Loffler und Kirchner — Lexikon des gesamten Buchwesens. Leipzig, 1935-1937. 3 vols.

Les plus belles reliures de la réunion de bibliothéques nationales. París, s/d.

E. de Grauzat — La reliure français. 1900-1925. París, s/d. 2 vols.

W. H. Ukers. All about tea. New York, 1935 — 2 vols.

W. H. Ukers. All about coffée. New York, 1935.

Encyclopédie Française. París. s/d. Tomos I, V e VIII.

Deutscher Gesamtkatalog. Berlin. 1937. Vols. X, XI, XII.

M. Cantor Geschichte der Mathematik. Berlin, 1922-1924. 4 volumes.

C. Barlaeus. Epistolarum Liber. Amsterdam, 1667.

The Lincoln Library of essential information. New York. 2 vols.

Glenn G. Munn — Encyclopedia of Banking & Finance. New York. 1937.

G. Prampolini — Storia Universale della Litteratura. Torino, 1933. 5 volumes.

Ducange — Glossarium mediae inifimæ latinotatis. Paris, 1937-1938 — 5 volumes.

F. Godefroy. Dictionnaire de l'ancienne langue française. Paris, 1937-1938.

Flavius Josephus. Sammtliche Werke. Tübingen, 1735.

M. d'Amelio & A. Azara. Nuovo digesto italiano. Torino, 1937-38. 5 volumes.

A. Sauvageot-Dictionnaire générale français. Longrois & Longrois-français. Budapest, 1937. 2 volumes.

Ensiclopedia italiana. Roma, 1935-1937. Volumes XXVIII a XXXV. 8 volumes.

Handbuch der Altertumswissenshaft. M ünchen, 1920--1938. 35 volumes.

Outra aquisição importante foi a de 62 aquarelas de Maria Graham, sobre assuntos brasileiros.

Outras aquisições dignas de menção :

O lote adquirido do Snr. Samuel Soares de Almeida, por ordem do Sr. Ministro, constando de 3 códices e 28 folhas avulsas, contendo documentos biográficos relativos à Conspiração de Tiradentes.

Dois códices intitulados : "Biografia de D. Pedro Imperador do Brasil", por Maria Graham (inédito). "Correspondência de Maria Graham", depois Lady Calcott, com a imperatriz do Brasil, Maria Leopoldina, com Charles Stuart, com Lord Gordon e Mareshal (inédito), 1825-1826.

PUBLICAÇÕES

Das publicações a cargo da Biblioteca saíram os volumes LI a LIII dos *Anais da Biblioteca Nacional*.

O volume LI, correspondente ao ano de 1929, contem a seguinte matéria :

Catalogo da Exposição Nassoviana, realizada em Janeiro de 1937 ; Diário resumido da primeira Divisão de Demarcação da America Meridional em 1786-87, pelo Dr. José de Saldanha ; Notas sobre a língua geral ou Tupi moderno do Amazonas, pelo professor Charles F. Hartt ; e Verbetes para a História do Brasil.

Os volumes LII e LIII, correspondentes aos anos de 1930 e 1931. Contêm esses dois volumes matéria da mais alta importância histórica, como seja a documentação proveniente do Arquivo Geral de Simancas, relativa à frustrada execução do Tratado celebrado em 13 de Janeiro de 1750, entre as coroas de Madrid e Lisboa para a delimitação das conquistas sul-americanas. O volume LII traz o mapa em fac-simile dos contornos do Brasil, para servir às negociações dos limites, datado de 1749.

Ao volume LIII acompanha o mapa *Paraquariæ Provinciæ Soc. Jesu*, levantado pelos Missionários Jesuitas e gravados em Roma no ano de 1732.

Dos *Documentos Históricos*, saíram os vols. XXXIX e XL, que contem a correspondência dos Governadores Gerais do Brasil de 1698 a 1714.

Dos autos de *Devassa da Inconfidência Mineira*, saiu o volume VII, que é o último da serie documental do Arquivo e da Biblioteca Nacional.

* * *

São estas, Sr. Ministro, as informações que devo prestar a V. Ex. ao dar conta das ocorrências verificadas e dos serviços realisados nesta Repartição durante o ano de 1938.

Saude e Fraternidade.

O Diretor.

RODOLFO GARCIA

A S. Ex. o Sr. Dr. Gustavo Capanema,

M. D. Ministro da Educação e Saude.